

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

OLGA MARMORI DE MORAIS

**“A TELEVISÃO NÃO É ÚTIL”:**  
SEU USO SOCIAL SOB A PERSPECTIVA DE UMA SOCIEDADE DE DESEMPENHO

Porto Alegre

2022

### CIP - Catalogação na Publicação

Morais, Olga

A televisão não é útil: seu uso social sob a perspectiva de uma sociedade de desempenho / Olga  
Morais. -- 2022.

188 f.

Orientadora: Nilda Jacks.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e  
Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação,  
Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Etnografia. 2. Consumo midiático. 3. Desempenho.  
4. Televisão. 5. Tempo livre. I. Jacks, Nilda, orient.  
II. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

OLGA MARMORI DE MORAIS

**A TELEVISÃO NÃO É ÚTIL:**  
SEU USO SOCIAL SOB A PERSPECTIVA DE UMA SOCIEDADE DE DESEMPENHO

Dissertação de Mestrado apresentado à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do título de Mestre (a) em Comunicação.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Nilda Aparecida Jacks

Porto Alegre

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

OLGA MARMORI DE MORAIS

**A TELEVISÃO NÃO É ÚTIL:**  
SEU USO SOCIAL SOB A PERSPECTIVA DE UMA SOCIEDADE DE DESEMPENHO

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Nilda Aparecida Jacks (Orientadora)

---

Profa. Dra. Elisa Reinhardt Piedras

---

Profa. Dra. Lírian Sifuentes dos Santos

---

Prof. Dr. Rafael do Nascimento Grohmann

---

Prof. Dr. Guilherme Barbacovi Libardi (Suplente)

Porto Alegre

2022

*Chegamos ao fim do dia  
Chegamos, quem diria?  
Ninguém é bastante lúcido  
Pra andar tão rápido.*

*Chegamos ao fim do século  
Voltamos enfim ao início  
Quando se anda em círculos  
Nunca se é bastante rápido.*

*(GESSINGER, 1987)*

## AGRADECIMENTOS

À minha família e seu esforço desmedido para me enviar até Porto Alegre, para tranquilizar minha ansiedade, para inculcar-me de confiança e para alimentar meu ânimo com docinhos e fofocas. Ao meu pai por apresentar-me a vida acadêmica e à minha mãe por apresentar-me a literatura. Para mim, uma não seria possível sem a outra.

Aos meus amigos, ouvintes pacientes e compreensivos que me fizeram tanta falta no isolamento. Principalmente à Bárbara e ao Rodrigo, fiéis escudeiros para todo tipo de situação e que têm uma fé quase suspeita em mim (e eu também tenho em vocês). Na segurança da vacina podemos, enfim, beber juntos mais um tanto de vezes.

Aos sujeitos participantes dessa pesquisa, amigos e colegas de vários anos que se dispuseram a compartilhar parte de suas vidas comigo, não poderei, jamais, esquecer-los.

À minha querida orientadora, Nilda Jacks, por quem nutro profunda admiração. Agradeço sua sensibilidade com nossa saúde e nossa cabeça, sua atenção e tempo com meu trabalho, suas concessões e seus tensionamentos.

Aos colegas do Núcleo de Pesquisa Cultura e Recepção Midiática pela paciência com meus descuidos e o incentivo às minhas pequenas vitórias.

## RESUMO

O objetivo dessa dissertação é compreender o uso do tempo livre por estudantes de pós-graduação no contexto produtivista relativo às práticas de desempenho, através da análise do uso social a que é alocado o consumo de televisão. Para isso, me apoio na perspectiva de “sociedade de desempenho” empreendida pelo filósofo contemporâneo Byung-Chul Han (2015, 2018, 2019, 2021a) que prevê um neoliberalismo pautado na auto coerção de produtividade e aprimoramento pessoal, no qual o sujeito age como seu próprio opressor, ludibriando-se com a falsa agência de uma liberdade individual. Conjugo essas premissas com a teoria de “cultura plural” de Michel De Certeau (2016, 2018) para pensar nas potências antihegemônicas possíveis dentro desse modelo social. Empreendo, então, uma etnografia adaptada ao contexto pandêmico, pautada no argumento de que o fazer etnográfico diz respeito mais à habilidade literária e de convencimento, à autoria e à intenção do que ao uso de técnicas canônicas e tradicionais. Desse modo, analiso a produção de diários gerados pelos sujeitos no campo, emulando a observação participante em tempos de isolamento social. Enfim, atravesso esses dados pelos pontos centrais da bibliografia de Han (2015, 2018, 2019, 2021a), o que resulta num retrato menos fatalista, maçante e homogêneo da sociedade, ainda que o individualismo e o aprimoramento pessoal se façam presentes e absurdamente visíveis. No qual a televisão é ferramenta tanto ao que se submete quanto ao que se rebela, reservando seus usos e distinções.

**Palavras-chave:** Etnografia, consumo midiático, desempenho, televisão, tempo livre, uso social.

## ABSTRACT

The objective of this dissertation is to understand the use of free time by graduate students in the productivist context in relation to performance practices, through the analysis of the social use to which television consumption is allocated. For this, I rely on the perspective of “performance society” undertaken by the contemporary philosopher Byung-Chul Han (2015, 2018, 2019, 2021a) who foresees a neoliberalism based on the self-coercion of productivity and personal improvement, in which the subject acts as their own oppressor, deceiving themselves with the false agency of individual freedom. I combine these premises with the theory of “plural culture” by Michel De Certeau (2016, 2018) to think about the possible anti-hegemonic powers within this social model. I then employ an ethnography adapted to the pandemic context, in which I analyze the production of diaries generated by subjects in the field, emulating participant observation in times of social isolation. Finally, I go through these data through the central points of Han's bibliography (2015, 2018, 2019, 2021a), which results in a less fatalistic, dull and homogeneous portrait of society, even though individualism and personal improvement are present and absurdly visible. Result in which television is a tool for both those who submit and those who rebel, reserving its uses and distinctions.

**Keywords:** Ethnography, media consumption, performance, television, free time, social use.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Eugênio na (talvez sua) mesa. ....	70
Figura 2 - O quarto e a mesa: o trabalho e o sono. ....	70
Figura 3 - A sala: o lugar da família, a televisão de Elisa. ....	71
Figura 4 - Um dos trabalhos. ....	71
Figura 5 - Seu local preferido no apartamento, em que reúne alguns de seus interesses: plantas, exercício físico, arte etc. Ele diz: “acho chique ter livros espalhados pela casa, mesmo nunca tendo lido vários deles”. ....	86
Figura 6 - Sua cama, onde, teoricamente, costuma assistir tevê por meio do <i>notebook</i> . ....	86
Figura 7 - Mesa de trabalho. ....	86
Figura 8 - Do seu apartamento em Lavras, sua escrivaninha de trabalho (que também serve para assistir televisão) e seus livros com os quais nutre relações dúbias. ....	100
Figura 9 - Seu espaço preferido em seu apartamento que reúne música e vinho. ....	100
Figura 10 - Screenshot do canal sobre BBB no aplicativo Telegram que Júlia verifica todas as manhãs. ....	112
Figura 11 - Televisão e Cajuzinho que foi adotado na pandemia. ....	112
Figura 12 - <i>CS GO</i> . ....	112
Figura 13 - <i>Home office</i> . ....	112
Figura 14 - Seu local de trabalho. ....	128
Figura 15 - Onde assiste "tevê". ....	128
Figura 16 - Seu quarto, onde perde a hora de acordar. ....	128
Figura 17 - Barraca que montou na garagem de sua antiga república e que morou durante alguns meses. Ao lado, sua mesa de trabalho de estudos. ....	142
Figura 18 - Sala de televisão na casa dos seus pais (visão voltada para a tevê). ....	142
Figura 19 - Sala de televisão na casa dos seus pais (visão voltada para os sofás). ....	142
Figura 20 - Área externa da casa dos seus pais e suas argolas que usa frequentemente para se exercitar. ....	142

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Recorrências do desempenho .....	153
Quadro 2 - Cultura plural.....	162

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO: “A VIDA NÃO É ÚTIL”</b> .....	<b>13</b>
<b>1. BAIXA TEORIA</b> .....	<b>21</b>
1.1 A Sociedade de desempenho e a intervenção da cultura plural.....	22
1.2 Tempo (livre) como tempo de consumo.....	35
1.3 Televisão, entretenimento e qualidade: categorias de partida .....	44
1.4 Publicar ou perecer: produtivismo, desempenho e utilitarismo acadêmico .....	52
<b>2. “BAIXA METODOLOGIA”: ETNOGRAFANDO NA PANDEMIA</b> .....	<b>57</b>
2.1 Reconhecendo os sujeitos.....	67
<b>3. “EU JÁ ESTAVA CONSUMIDA...”: ELISA, A TELEVISÃO COMO DISTRAÇÃO DO BURNOUT</b> .....	<b>69</b>
3.1 Reconhecendo Elisa.....	70
3.2 Consumir-se, adoecer e esquecer: a narrativa do <i>burnout</i> .....	76
3.3 Dilemas de assistir televisão entre o tempo livre e o desempenho.....	78
3.4 Epílogo .....	82
<b>4. “NORDESTINO, LEONINO E MESTRANDO.”: LORENZO, A NÃO-TELEVISÃO COMO DISTINÇÃO NO USO DO TEMPO LIVRE</b> .....	<b>84</b>
4.1 Reconhecendo Lorenzo .....	85
4.2 Leonino e mestrando: a relação entre a produção acadêmica e a autoimagem .....	91
4.3 O consumo de televisão como um furo do roteiro de si mesmo.....	94
4.4 Epílogo .....	98
<b>5. “CLARO QUE EU VI, MINHA FILHA, VOCÊ ACHA QUE EU PERCO?”: JUAREZ, ENTRE O SUJEITO DE DESEMPENHO E O SUJEITO AFETIVO</b> .....	<b>99</b>
5.1 Reconhecendo Juarez .....	100
5.2 Pandemia e trabalho: o produtivismo como norma .....	104
5.3 Casa de mãe: compartilhar afeto, televisão e tempo .....	107

5.4	Epílogo .....	109
<b>6.</b>	<b>“O QUE É TEMPO LIVRE?”: JÚLIA, O EMPREENDEDORISMO DE SI E O LAZER COMO PROJETO.....</b>	<b>110</b>
6.1	Reconhecendo Júlia .....	111
6.2	Entre o público, o privado e a universidade: uma narrativa sobre carreira, maternidade e utilidade .....	117
6.3	Tentativas de controlar a televisão (e o tempo).....	121
6.4	Epílogo .....	125
<b>7.</b>	<b>“AQUELE TEMPO ALI É DIREITO CONQUISTADO!”: RITA, A AUTOPERCEPÇÃO DO DESEMPENHO E O MANEJO DA CULPA.....</b>	<b>126</b>
7.1	Reconhecendo Rita .....	127
7.2	A inadequação acadêmica: oscilação entre autocrítica e autocompreensão.....	133
7.3	“Eu quero ver o que eles querem que a gente veja”: televisão como <i>hobby</i> .....	136
7.4	Epílogo .....	138
<b>8.</b>	<b>“PARECE QUE FOI FEITA PARA MIM..”: ÍCARO, A TELEVISÃO NOSTÁLGICA (TRABALHO E TEMPO EM SEGUNDO PLANO) .....</b>	<b>140</b>
8.1	Reconhecendo Ícaro .....	141
8.2	Trabalho?.....	147
8.3	Televisão: o clássico, o nostálgico e o <i>camp</i> .....	148
8.4	Epílogo .....	152
<b>9.</b>	<b>ANÁLISES E ATRAVESSAMENTOS: O ALCANCE E RECORRÊNCIA DO DESEMPENHO.....</b>	<b>153</b>
9.1	Aspectos subjetivos .....	158
9.2	Relativos ao tempo e à televisão.....	159
9.3	Cultura plural: (tentativa de) corrupção do desempenho.....	161
<b>10.</b>	<b>BREVE EXERCÍCIO AUTORREFLEXIVO: O PESO DA AUTORIA, DO AFETO E DA ACADEMIA .....</b>	<b>169</b>

**CONCLUSÃO: A TELEVISÃO TAMBÉM, NÃO.....172**

**REFERÊNCIAS .....177**

## INTRODUÇÃO: “A vida não é útil”

“E o caminho é o progresso: essa ideia prospectiva de que estamos indo para algum lugar.” (KRENAK, 2020, p. 10)

Estava no aeroporto andando distraída, envolvida nos pensamentos e leituras dessa dissertação, culpada pelo que seria meu período de “férias” para o qual eu julgava não ter tempo e, por isso, preparei uma mala com meus diários de campo e livros para consulta que meus pais gentilmente levariam até a casa de meus avós, no interior, onde passaríamos o natal e o ano novo. No dia seguinte, me dei conta de que enquanto meus pais não chegassem (já que eles estavam indo de carro), não teria o que fazer (nem mesmo meu *notebook* estava comigo), o sinal da internet é ruim no quarto que me acomodo e, também, não há televisão nele. Me restava o livro que comprei no aeroporto acreditando ser útil para meu trabalho, na tentativa de aliviar um pouco da culpa de não me manter produtiva nas 48 horas que separavam a minha chegada na cidade da dos meus pais. Adquiri “*A vida não é útil*” de Ailton Krenak (2020) por um preço bastante camarada considerando a localização da livraria e me diverti pela ironia das minhas intenções em contraste com seu título. É um livro tão curto e de capa tão colorida quanto os de Byung-Chul Han (2015, 2018, 2019, 2021a) que deixei no porta-malas dos meus pais (uma tendência dos filósofos contemporâneos, talvez?). Logo terminei sua leitura e sabia que o título de meu trabalho teria essa inspiração. Lembrei-me de Peirano (2014) e sua ideia de que somos refém de uma ciência que nos pega desprevenida e pode acontecer a qualquer momento durante a vida vivida (e que nem sempre acabam por serem contadas no papel).

Depois de tanto refinar, lapidar, recortar e “academizar” minha escrita e meu trabalho, o livro de Krenak (2020), sem meias palavras ou qualquer intenção de amortecer a realidade e as responsabilidades, me serviu, finalmente, para amarrar tudo isso da forma mais didática e direta que eu poderia querer por meio desse título e do ritmo que se segue ao longo do texto. Assim, num apelo militante e pouco otimista, Krenak (2020) reflete sobre a postura utilitarista do branco diante da própria vida, que, para ele, é completamente despropositada, sem objetivo, enfim, inútil e, portanto, não há um fim a ser alcançado ou um projeto a ser executado, a vida, por si só, não quer dizer coisa alguma e nossa necessidade de galgar uma existência útil ou de nos “desenvolver” é a própria mazela do mundo. Assim, Krenak (2020) se aproxima da teoria da “sociedade de desempenho” de Han (2000, 2015) (ou, melhor, eu os aproximo) quando afirma que:

“O pensamento vazio dos brancos não consegue conviver com a ideia de viver à toa no mundo, acham que o trabalho é a razão da existência. Eles escravizam tanto os outros que agora precisam escravizar a si mesmos.” (KRENAK, 2020, p. 113)

Esses processos auto coercitivos parecem nos atravessar sem menção de, no meu caso, respeitar nem mesmo o feriado natalino! Indigno-me, mas, seria melhor dizer que eu que me atravesso e anseio por me manter ocupada (o fantasma dos “prazos” baforando em meu cangote). Apesar disso, o tom que assumo no decorrer da pesquisa a seguir é bem menos fatalista que o de Krenak (2020) (e que o de Han (2015, 2018) também, porém isso é assunto para depois), mas, mesmo assim, tomo emprestado seu manifesto de inutilidade para dar título ao meu trabalho e dizer que “*A televisão não é útil*”, menos como uma proposição final, e mais como uma possibilidade de que, talvez, algumas coisas (momentos ou pessoas) possam escapar do utilitarismo produtivista tão característico da sociedade de desempenho, afinal, é isso que, de alguma forma, eu quero descobrir. Depois de lê-lo, só fui abrir meu *notebook* quando deixamos 2021 (ainda um tanto culpada).

Nesses entrelaces de tempo, produtividade e lazer, que remetem à antes mesmo do episódio no aeroporto ou da minha entrada no mestrado, foi que surgiram minhas primeiras questões relativas ao tema dessa pesquisa. Creio que me acompanhavam há alguns anos, já que evocam a vida acadêmica (e suas inescapáveis expectativas), o tempo e a televisão (da qual estou sempre falando nos bares e encontros com meus amigos, mas, também, escrevendo desde a graduação) e, finalmente, pude organizá-las e projetá-las com seus devidos recortes e grafias científicas. Assim, tão pessoal quanto poderia ser, considerando essa breve narrativa e as primeiras palavras ditas nessa dissertação, o presente trabalho tem por objetivo compreender o uso do tempo livre por estudantes de pós-graduação no contexto produtivista relativo às práticas de desempenho, através da análise do uso social a que é alocado o consumo de televisão. Para tal, me aproprio principalmente de dois conceitos: a dita sociedade de desempenho, que é delineada e teorizada pelo filósofo Byung-Chul Han (2015, 2018), com o qual tento conjurar uma percepção menos objetiva e determinista por meio das ideias de Michel De Certeau (2014 [1990], 2016 [1993]). É através do entrelaçamento desses dois autores, somado à pesquisa empírica, que pretendo verificar a definição de tempo livre e produtividade, além do momento do consumo de televisão dentro das categorias de uso do tempo e, por fim, registrar narrativas elaboradas sobre o conteúdo que é consumido e seus significados.

Assimilar o tempo livre juntamente da televisão é a forma que encontrei para analisar a organização social vigente da sociedade de desempenho que se trata, justamente, de acordo com Han (2015, 2018), de uma sociedade neoliberal pautada na busca incessante de desempenho que nunca pode ser satisfeita, mas, que, ao mesmo tempo, nunca é abandonada. A teoria de Han (2015, 2018) prescreve um fim (ou, ainda, a falta dele) trágico em que o resultado é o esgotamento do indivíduo, seguido de frustração e adoecimento causados pela sede de produtividade e aprimoramento, é o fim do ócio e do que é inútil ao progresso. Desse modo, sendo a televisão um espaço de construção de subjetividade, acredito que posso entender a recepção e a reinterpretção dos produtos exibidos por parte da audiência afim de verificar as narrativas e a alocação do uso social que estes recebem quando o indivíduo é confrontando socialmente com a utilização de seu tempo livre diante da “televisão” e como isso se relaciona com os principais conceitos da sociedade de desempenho. Afinal, diante da televisão, encontram-se meios de transformar o tempo livre em usos sociais que marque socialmente o seu lugar em um mundo que valoriza o indivíduo que está buscando seu aprimoramento constante. E, assim, “entender o porquê da popularidade de certas produções pode elucidar o meio social em que elas nascem e circulam, podendo, portanto, levar-nos a perceber o que está acontecendo nas sociedades e nas culturas contemporâneas.” (KELLNER, 2001, p. 14). Essa relação entre desempenho, cultura, tempo e televisão será explorada e destrinchada no capítulo 1, na tentativa de tecê-los e laçá-los numa maneira que ousar dizer pode ser menos ortodoxa que o costume.

Para tal, me utilizo do método etnográfico (ou é pelo menos isso que argumento), em maneiras também pouco convencionais do que se entende e se caracteriza a etnografia. Deve-se considerar (e explorarei isso com mais atenção e detalhe na última parte dessa introdução) que esse trabalho foi elaborado, levado a campo e redigido no período da pandemia de Covid-19 que nos mobilizou em escala mundial e interferiu diretamente nos planejamentos e, conseqüentemente, nas práticas acadêmicas e seus cânones metodológicos (e acredito que até mesmo temáticos e teóricos, mas isso ainda iremos descobrir), assim, aquela etnografia de recepção, tão confortável e até imprescindível (enquanto eu não me dava conta da gravidade e da longura do que estamos passando) ficou apenas nos meus rascunhos de projeto. Portanto, coloco-me, no capítulo 2, que numa nova apropriação do termo de Jack Halbertasm (2020), chamo de “Baixa metodologia”, à prova e defendo que uma etnografia de técnicas menos populares tenha de se pôr em prática, mesmo que corra o risco de se descaracterizar como tal e se apoie, principalmente, na autoria do etnógrafo e sua habilidade de contação de história.

Assim, utilizo, em grande parte, a ferramenta de diários escritos pelos próprios sujeitos da minha pesquisa, semelhante ao trabalho dos etnógrafos Zimmerman e Wieder (1977) acrescida de eventuais entrevistas abertas. Também proponho um exercício autorreflexivo, já que essas categorias me impregnam tanto quanto aos meus sujeitos, numa tentativa de não camuflar a subjetividade das relações representadas ao longo desse trabalho.

A seguir, elaboro uma série de capítulos que vão tratar justamente das pessoas que trouxe para essa dissertação. O recorte proposto é o de estudantes de pós-graduação e todos estes sobre os quais narro são, também, parte do meu círculo de amizade, como explicarei ainda no capítulo 2, na sessão “Reconhecendo os sujeitos”, que introduz brevemente a complexidade que irá se desenrolar em cada um dos capítulos seguintes, somando-se, no total, seis indivíduos.

No capítulo 3, escrevo sobre Elisa e sua experiência de *burnout* (um dos adoecimentos previstos por Han (2015) na sociedade de desempenho) cujo tratamento interfere diretamente no seu tempo “livre” e a maneira como assiste tevê. No capítulo 4, escrevo sobre Lorenzo e suas tentativas de tomar o controle sob o próprio tempo e trabalho, além de seu desgosto pela mídia pouco “qualificada”. No capítulo 5, escrevo sobre Juarez e seu produtivismo acelerado que acaba por determinar, também, seu lazer (exceto quando está na casa de sua mãe). No capítulo 6, escrevo sobre Júlia com sua autoadministração empreendedora e seu manejo minucioso do tempo. No capítulo 7, escrevo sobre Rita e sua trajetória em busca de retirar o sentimento de culpa e frustração de si mesma, principalmente quando se trata de trabalho e tempo, trançando limites e respeitando seus interesses e *hobbys*. No capítulo 8, escrevo sobre Ícaro com sua maneira distintiva e nostálgica de assistir tevê e seu estilo de vida que visa gastar a menor quantidade de tempo e dinheiro possível com aquilo que não lhe dá prazer. Por fim, tento fisgar nesse mar de informações e vidas vividas, um tanto de coisas comuns que possam me dar alguma dica do quebra-cabeça macrossocial do desempenho.

Aproveito para introduzir, também, o contexto da feitura de todo o texto a seguir, já que estamos (estivemos?) em um período atípico para a produção de pesquisas e reflexões culturais. O mundo se encontra dominado por uma pandemia que ativou diversos gatilhos e reorganizou práticas sociais. Não há como ignorar suas consequências no consumo de mídia, na produção científica e nas metodologias de campo. A pandemia desnudou e potencializou os efeitos degradantes do modelo societário em que vivemos. Como escreve Krenak (2020):

“O melão-de-são-caetano continua a crescer aqui do lado de casa. A natureza segue. O vírus não mata pássaros, ursos, nenhum outro ser, apenas humanos.

Quem está em pânico são os povos humanos e seu mundo artificial, seu modo de funcionamento que entrou em crise.” (KRENAK, 2020, p. 81)

Do universo macro ao micro, estamos comprometidos. As novas práticas impostas pelo vírus mudaram a televisão, os sujeitos que pretendo pesquisar e, como não poderia deixar de ser, eu mesma enquanto pesquisadora (além do impacto na produtividade dos pesquisadores, como, por exemplo, a queda de publicações por mulheres (CANDIDO; CAMPOS, 2020)). Tudo isso torna a escrita sob a pandemia, um projeto desafiador. O ineditismo e a insegurança quanto ao futuro são, portanto, partes integrantes da minha escrita e das escolhas envolvidas nela. Ainda sem resposta para várias perguntas que permeiam o futuro, o que pretendo oferecer nessa breve sessão, por meio de alguns artigos jornalísticos e dados de terceiros com uma ousada conexão teórica, é refletir sobre a relação do público com a tevê no contexto da pandemia e esse aparente estreitamento do laço entre audiência e televisão.

A trajetória do vírus causador da pandemia (Sars-Cov-2, comumente chamado de Covid-19 ou Coronavírus pela mídia) no Brasil é marcada por grandes turbulências políticas, sociais e desconformidade com o padrão internacional de enfrentamento da doença. O primeiro paciente a ser diagnosticado com a doença no país foi em 25 de fevereiro de 2020 (LEMOS, 2020), por ser uma enfermidade respiratória altamente contagiosa e, até então, pouco conhecida no país (e, conseqüentemente, suas formas de contágio e prevenção), o número de doentes e mortos começou a crescer de maneira alarmante, o que gerou a primeira tentativa de “isolamento social”. O tal isolamento foi iniciado por volta da segunda metade de março do mesmo ano e liderado pelos governos estaduais (PERÍODO de isolamento começa a valer nesta terça em SP e outros estados, 2020) em que diversas atividades cotidianas foram restringidas, como escolas, escritórios, igrejas, shoppings, cinemas etc., e se manteve apenas o que era “essencial”: mercados, hospitais e farmácias. Ou seja, o cotidiano, antes composto pelo trânsito na rua, pelo trabalho, o lazer e os eventos sociais que nos obrigavam a desenhar trajetórias pela cidade e até a gastar horas do dia no rotineiro vai e vem, passou a habitar o espaço residencial e a comportar o lazer, o estudo e o trabalho nos mesmos metros quadrados com as mesmas vestimentas e as mesmas companhias, a instrução era de que só poderíamos sair para fazer compras de comida e higiene, remédio e ir até o hospital. E, mais do que nunca, isolados nesse espaço que agora é obrigatoriamente multifuncional, “o fim do expediente nunca foi a liberdade do lazer” (MORETZSOHN, 2000, p. 13).

O conceito de isolamento social e a definição do que é essencial foram bastante manipulados no contexto brasileiro. O isolamento passou a comportar idas a restaurantes

17

(BRASIL, 2020b), visitas de dia das mães e dia dos namorados, viagens ao litoral com direito à praia, enquanto o essencial se expandiu para academias e salões de beleza (BRASIL, 2020a), por exemplo. Conforme esse período do dito isolamento se estendia indefinidamente, passamos a conviver com uma faceta quase que ridícula: uma doença trazida por meio de viagens internacionais (LEMOS, 2020) que carrega em si um forte valor elitista e que, em acordo com essa característica, seguiu os padrões de isolamento e luto europeu, chorou e se isolou nas primeiras semanas enquanto a Itália era o epicentro de contaminação e mortes e voltou às ruas quando estas chegaram ao Brasil<sup>1</sup>.

É necessário compreender os desdobramentos desse pseudo-isolamento<sup>2</sup> para chegar a um ponto da política nacional que talvez tenha sido determinante para impulsionar a relação entre audiência e televisão: a reação do governo federal ao período pandêmico e suas consequências. A postura do presidente é marcada por um negacionismo da gravidade do coronavírus (chegando a chama-lo de “gripezinha” em um dos seus poucos pronunciamentos à nação) e uma indiferença com relação às vítimas (BARRUCHO, 2020), entre as trocas constantes de ministros da saúde, as declarações hostis com relação aos governadores e até a ocultação de dados e a formação de complôs que exploram o tempo que a mídia dedica a cobertura da doença, o que se consolida, ao meu ver, é um enorme vácuo político que não se impôs como uma liderança combativa da doença e sua propagação por meio de informação, campanhas e legitimação da necessidade de isolamento e outras medidas de proteção como o uso de equipamentos de proteção individual (EPI) (CANZIAN, 2020).

Diante dessa omissão federal, as emissoras, e aqui me refiro principalmente à Rede Globo, protagonizaram o movimento de mobilização da população em relação à Covid-19. A Globo, que tem sua programação tradicionalmente composta por jornais e novelas de forma intercalada, fechou seus estúdios de filmagem e interrompeu suas telenovelas pela metade, passando a exibir reprises editadas de alguns sucessos de audiência em seus respectivos

---

<sup>1</sup> O pico de casos de coronavírus diagnosticados (6557 em apenas um dia) na Itália ocorreu no dia 21 de março de 2020 (EPIDEMIA de coronavírus dá sinais de desaceleração na Itália e Espanha, 2020), sendo que o maior percentual de isolamento em média no Brasil, de acordo com a plataforma Inloco (2020) que traz um Mapa Brasileiro da Covid-19 e produz dados de isolamento baseado nos gps dos celulares, ocorreu no dia 22 de março. Nesse mesmo dia, o Brasil possuía 1604 casos em todo seu território (CASOS de coronavírus no Brasil em 22 de março, 2020).

<sup>2</sup> De acordo com o monitoramento da plataforma Inloco (2020), o Brasil nunca atingiu o percentual de isolamento recomendado pela Organização Mundial da Saúde (ISOLAMENTO no Pará é o melhor do Brasil mas segue abaixo do recomendado; Belém chegou 60%, 2020).

horários, assim como suspendeu a maioria dos programas ao vivo de auditório e que são tão emblemáticos na programação da emissora aos finais de semana. Inicialmente, as manhãs foram ocupadas por um programa que atualizava as informações em relação a doença, tirava dúvidas dos telespectadores e passava as instruções mais recentes sobre prevenção. Posteriormente, esse saiu do ar e foi substituído por versões modificadas dos programas matutinos tradicionais que, naquele momento, passaram a seguir várias recomendações de segurança que alteraram seus formatos. Diante desse contexto conflituoso entre política, mídia, pandemia, isolamento, informação e consumo, a audiência da Rede Globo aumentou significativamente em todos os principais horários (PACHECO, 2020).

Dito isso, utilizo a análise de Dominique Wolton (1996) em *Elogio ao Grande Público* para pensar a televisão como laço social e dialogar com a nova realidade imposta pela pandemia. Para Wolton (1996), o laço social é possível por meio da televisão porque diversas pessoas, “um público potencialmente imenso e anônimo” (ibid., p. 124), assistem simultaneamente o mesmo produto gerando um sentimento de pertencimento em uma comunidade e compartilhamento de códigos comuns, ou seja, quando eu ligo a televisão na novela das 21 horas, eu sei que outras pessoas estão fazendo isso nesse mesmo horário e canal e assistindo às mesmas cenas que eu. Um sentimento que provavelmente se tornou mais importante na realidade de confinamento e restrição. Apesar da atuação do laço social, é importante lembrar que estamos em uma sociedade individualista e que, como o autor pontua, todos assistem ao mesmo programa, mas cada um assiste sozinho em sua casa (materializando a ação contraditória de homogeneização e atomização) e que cabe a esse indivíduo optar livremente por participar desse ritual ou não (ibid., p. 133). Não é mais apenas a individualização da tela, agora vivemos a individualização do espaço em todas as atividades do dia a dia, falta a socialização e o compartilhamento (coisa que ficará bastante evidente nos capítulos dedicados ao campo). Não nos encontramos mais no ônibus, na sala de aula ou no escritório, não nos reunimos nos bares para assistir ao futebol. Nessas circunstâncias, a televisão é um ponto comum de socialização e que, por meio da segunda tela<sup>3</sup>, permite algum tipo de satisfação do dinamismo da conversa.

---

3 Mesmo não sendo o foco do trabalho como um todo, é importante lembrar que, em conjunto com a televisão e sua característica de socialização, se sobrepõe o fenômeno da segunda tela. Ou seja, diante desse contexto de isolamento social e fechamento de diversos espaços, as telas passaram a dominar e a mediar as interações, as relações familiares e de amizade, as reuniões religiosas, escolares, as programações de lazer e quase tudo aquilo que antes se fazia no “cara a cara” (inclusive todo o processo da minha pós-graduação e, em especial, essa pesquisa

Ainda no que diz respeito à análise de Wolton (1996), é importante pontuar que o laço social produzido pela televisão é ténue em relação àqueles produzidos por outras instituições como a igreja e a escola que tem suas práticas sociais já consolidadas no imaginário da comunidade. Entretanto, esses são espaços que fecharam as portas nesse período de grande contaminação da Covid-19 e que, portanto, não atuam na mesma potência de antes. A questão é se isso significa que a televisão se tornou, não apenas mais relevante e presente na rotina dos brasileiros, mas mais significativa na manutenção desse laço (questão que ficará para outros).

Apesar de reconhecer esse laço social, Han (2020) acredita que isso não signifique coesão social ou alguma força capaz de mobilizar qualquer tipo de revolução. O vírus não é revolucionário. Segundo Han (2021b), a pandemia nos esgota por meio da “solidão envolvida, o interminável sentar-se de pijama na frente do computador” (ibid., n.p.). A ausência do convívio social e dos rituais que marcavam o ritmo do tempo quando não estamos confinados em casa nos exaurem e potencializam a atenção que dedicamos ao nosso próprio ego e, conseqüentemente, nosso trabalho. E é sob essas condições que elaboro minha pesquisa, meus métodos e é daqui (do auge da pandemia) que escrevo.

---

em seu âmbito metodológico). As chamadas por vídeo, as mensagens virtuais e as redes sociais foram as alternativas encontradas para superar a individualização espacial contínua imposta pela pandemia. De acordo com a síntese elaborada por Fábio Canatta (2014) em relação ao arranjo da televisão com a segunda tela: “A combinação da internet, em especial dos sites de rede social, com a televisão significa, a partir dos usos, a potencialização da característica social da TV. O uso combinado dos sites de rede social com televisão tem origem no fato da experiência coletiva estar enraizada na natureza da televisão. O fator socializante da TV encontrou nas redes uma possibilidade de expansão da experiência” (ibid., p. 9).

## 1. BAIXA TEORIA

Stuart Hall (2003) defende que Gramsci, ao contrário do que dizem seus críticos, não errou ao elaborar uma teoria, profundamente marxista, que somente se aplica ao mundo concreto e específico. Hall (2003) acredita que Gramsci nunca teve a intenção de se dedicar a abstrações teóricas de nível mais alto que poderiam descrever as bases gerais do capitalismo. Na verdade, Gramsci teria se apropriado dos conceitos de Marx e descido do nível da abstração para torná-la parte do mundo concreto e analisar conjunturas específicas da política vigente, isso porque Gramsci não era um teórico das leis sociais gerais, mas um ativista interessado nas questões específicas e palpáveis do seu contexto. Esse movimento da escrita de Gramsci e caracterizado por Hall é recuperado por Jack Halberstam (2020) que o chama de “baixa teoria”, um oposto binário da consagrada “alta teoria”. A baixa teoria, então é um “modelo teórico que voa fora do alcance do radar, que é formulada a partir de textos e exemplos excêntricos e que se recusa a confirmar as hierarquias do saber que mantêm o alto em alta teoria” (HALBERSTAM, 2020, p. 39). Hall (2003) defende a produção teórica que age de forma ativista e pontua a relevância de Gramsci e sua “baixa teoria”, já que, “ortodoxia é um luxo que não nos cabe ter” (HALBERSTAM, 2020, p. 40)<sup>4</sup>.

Ademais, me inspiro nos juízos da antropóloga Fabiene Gama (2016) de que nem sempre os quadros teóricos serão capazes de responder à questão “Onde está escrito?”, afinal, “referências multidisciplinares frequentemente produzem conhecimentos não encontrados em uma autora ou texto específico” (ibid., p. 120) e que, ao mesmo tempo, é essa multidisciplinaridade criativa que nos permite uma escrita descentralizada, ou seja, a produção de uma “baixa teoria”. E é dessa forma que pretendo tramar autores e conceitos a seguir para que esse quadro teórico possa atuar na “ligação do contexto da prova e da descoberta” (LOPES, 1990, p. 108), ou seja, como a Maria Immacolata Vassalo de Lopes (1990) determina em seu livro *Pesquisa em Comunicação*, almejo que essa baixa teoria a ser apropriada nas próximas páginas seja capaz de ilustrar e explicar meu ponto de partida.

---

<sup>4</sup> A baixa teoria é uma ideia oportuna para descrever o que vem a seguir também pela razão de que não sou capaz de realizar plenamente um “estado da arte” ao tratar do tema que me proponho e de que não estou totalmente segura de que o que escrevo ao longo dessa dissertação está embutido de uma cientificidade tradicional e direta. A ambição do meu tema e objeto me obrigam a tecer retalhos para ilustrar minha questão, já que, tão obstinada e presunçosamente me impus um interesse bastante específico nessa pesquisa. Tudo isso, em junção aos motivos descritos no texto, faz da ideia de “baixa teoria” a melhor descrição para o mosaico teórico que resultou da minha tentativa de compreender o que está acontecendo nesse exato momento.

Dito isso, essas são as categorias que pretendo explorar ao longo dessa sessão: primeiro, a sociedade de desempenho como pano de fundo das minhas elaborações teóricas e metodológicas. Segundo, o tempo que, na minha escrita, abarca o ócio e o produtivismo (já que eu desassocio o produtivismo de uma prática intrinsecamente relacionada ao trabalho formal e a defino como um “estilo de vida” parte de uma sociedade voltada para o desempenho) apresentando características próprias na maneira como é experienciado na contemporaneidade, principalmente, na minha tentativa de definir o “tempo livre” em associação ao consumo. Terceiro, a televisão como produto a ser consumido no tempo livre e seu aspecto distintivo e, por último, o recorte de sujeitos envolvidos com a carreira acadêmica (e a própria prática da universidade) como receptores da televisão e a influência do capital escolar na construção do gosto e no consumo.

### **1.1 A Sociedade de desempenho e a intervenção da cultura plural**

A sociedade de desempenho é um conceito que adotei de Byung-Chul Han (2015), filósofo coreano e professor de estudos culturais<sup>5</sup> que, de forma crua e curta, escreve suas obras em crítica ao neoliberalismo. Han é um autor contemporâneo e, a meu ver, sociologicamente fatalista. É também o teórico ao qual decidi me apegar para compreender o uso do tempo livre por estudantes de pós-graduação no contexto produtivista relativo às práticas de desempenho e, para isso, reúno algumas justificativas. Han se popularizou com suas obras sucintas e sua denúncia ao sistema econômico e político vigente, ao buscar seu nome entre as notícias utilizando o buscador do *Google*, chego em 38.600 resultados<sup>6</sup> (contra 22.600 de Pierre Bourdieu e 2.290 de Michel De Certeau, apenas para citar algum dos autores sob os quais elaboro as principais premissas desse capítulo), esse é um parâmetro um tanto quanto leviano, mas, mesmo assim, posso encontrar títulos e textos que o tratam como “pensador da moda” (TRIGO, 2019), “fenômeno no Brasil” (VIRTURINO, 2021), “*superventas*” (JÁUREGUI, 2021), “uma das estrelas do pensamento atual” ou “*rockstar* da filosofia” (FANJUL, 2021), enfim, “Byung-Chul Han, anotem esse nome” (CARNEIRO, 2020). O que os jornalistas podem afirmar com alguma liberdade, não se aplica à produção científica, e, por isso, não quero parecer que reconheço indubitavelmente esse caráter *pop* de Han, afinal, uma afirmação dessas implica

---

<sup>5</sup> Na Universidade de Berlim.

<sup>6</sup> Consulta realizada em 28 de nov. de 2021, a partir do nome “Byung-Chul Han”, mesmo procedimento para os demais autores.

uma pesquisa e um levantamento de dados mais aprofundados e comprometido do que apenas digitar alguns nomes em uma barra de pesquisa online. Entretanto, não posso ignorar que Han é o nome que vai ao encontro dos interesses e objetivos que guiam essa dissertação. Han é reconhecível e de certa forma popular e acessível, se compararmos com as obras que se tornaram raras, caras, sem formato digitalizado e, principalmente, longas. Talvez Han seja, de fato, um dos *rockstars* da filosofia nesse momento. Mas, o que me interessa, é que a maneira como Han se estendeu além dos muros da universidade e causou algum tipo de reconhecimento, despertou um grande interesse e, assim, como Geertz (2009) diz que o etnográfico se trata de “estar lá” (no campo) e depois “estar aqui” (na universidade), Han se tornou parte do “estar lá” e um chamado a algum tipo de resistência ou epifania que parece ter captado atenção, por isso, tive a necessidade de trazê-lo para cá, juntamente com as outras coisas que só posso justificar a partir da minha própria experiência transformada em ciência e, por fim, dissecar e pôr a prova sua descrição da sociedade contemporânea que, ao que parece, tem merecido tanta credibilidade. Deixo ao futuro o julgamento do real valor científico de Han (se é que podemos valorar ciência), e inicio minha costura de baixa teoria movida pela curiosidade.

Assim, a busca por desempenho é o cenário sob o qual construirei as narrativas e as reflexões dessa pesquisa e, nessa sessão, pretendo explorar a compreensão de Han (2015, 2018) relacionando-o a autores que elaboraram pressupostos semelhantes a estes, principalmente no contexto nacional. Dito isso, é por meio das premissas do desempenho que organizo o uso do tempo (livre) e, conseqüentemente, da televisão. Enfim, a sociedade de desempenho é a noção geral e imaterial que determina as condições da minha análise. É um local de partida (que talvez não seja o local de chegada).

Extraí esse conceito do livro *A Sociedade do Cansaço*, em que Han (2015) dedica suas 136 páginas quase que exclusivamente para demonstrar e descrever a sociedade de desempenho, essa ideia o acompanha desde *Psicopolítica* (2018 [2000]) e irá se estender por grande parte da sua produção. Ela é uma crítica ao modelo social contemporâneo que, segundo Han (2015), sobrecarrega e adoce o indivíduo com seu exagero de positividade. Para Han (2015), a sociedade disciplinar (pautada pela negatividade e pelo dever imposto por agentes externos ao indivíduo) foi substituída pela sociedade de desempenho no século XXI, ele acredita que nem mesmo a “sociedade de controle” descrita por Deleuze (1992)<sup>7</sup> é capaz de

---

<sup>7</sup> Ainda que algumas ideias pareçam coincidir entre a sociedade de controle e a de desempenho, como, por exemplo, a aceleração e inquietação do sujeito de controle que nunca termina nada e, também, seu caráter dividual. Tudo isso imerso num contexto de competitividade.

compreender o momento atual. Ainda de acordo com Han (2015), vivemos agora em um modelo que preza pelo aperfeiçoamento pessoal através de um sujeito que atue como empresário de si mesmo. É a sociedade do “*Yes, we can*” (ibid., p. 15), que instiga imperativos de felicidade, autonomia, empreendedorismo pessoal e sobrecarrega o indivíduo com seu excesso de estímulos. A potência da positividade é o sujeito constantemente ativo<sup>8</sup>. Nessa sociedade descrita por Han (2015, 2018), opera, portanto, um “inconsciente social” em prol do modelo neoliberal de maximização da produção e da eficiência, cujo resultado são o cansaço e esgotamento excessivos.

Com inspirações, assumidamente, marxistas e foucaultianas, Han (2018) argumenta que a ideia de liberdade individual é uma armadilha do próprio capital, para ele, só haveria liberdade em comunidade (ibid., p. 12). Esse é um dos principais fatores que contribuem para o “sucesso” da sociedade de desempenho: a ideia de que há liberdade nessas práticas (em oposição ao controle da sociedade disciplinar). Entretanto, “o sujeito de desempenho se entrega à liberdade coercitiva ou à livre coerção de maximizar o desempenho” (HAN, 2015, p. 18). A suposta liberdade é o que impulsiona a ilusão de que a organização social segue modelos meritocráticos e corporativistas, ou seja, tudo recai no sujeito que deve ser seu próprio empresário, deve ser flexível e expandir suas especialidades, deve estar ativo e engajado com múltiplas atividades. Assim, em busca dessa liberdade solitária, competimos (HAN, 2018, p. 13). Esse individualismo da contemporaneidade também é descrito por Ferraz (2014), ela acredita que adentramos, enquanto sociedade, na era do “homem avaliado”. Para Ferraz (2014), nos submetemos a técnicas de avaliações constantes que controlam nossos corpos, nossa saúde, nosso desempenho e que, pautado por uma glorificação da autonomia que responsabiliza o próprio sujeito pressionando-o a uma autogestão de otimização. Isso quer dizer que “essa mensuração exige parâmetros comparativos que implicam, por sua vez, modelos de corpo e de vida” (ibid., p. 3) instigados pela ideia de “superação” em busca de sempre melhorar a si

---

<sup>8</sup> Esse poder coercitivo da positividade associada ao sucesso nos moldes neoliberais também aparece na produção de João Freire Filho (2010, 2013). Ele descreve a ascensão de uma “psicologia positiva” e seu imperativo de felicidade como instrumento para a otimização do indivíduo e sua produtividade, emulando a fórmula para o sucesso pessoal. A ideia é de que a felicidade atua como um “capital psicológico positivo” (FREIRE FILHO, 2010, p. 50) que pode ser acumulado e investido. Dessa forma, a psicologia positiva crê que “querer é poder” (ibid., p. 63), semelhante aos estímulos da sociedade de desempenho de Han (2015) em que o sujeito é instigado a crer que tudo é possível e que, portanto, o fracasso é uma responsabilidade individual, uma incompetência na administração da própria autonomia, exclui-se, desse modo, qualquer fator externo e responsabiliza os indivíduos por seu próprio adoecimento e ressentimento.

mesmo, nunca desistir, nunca parar ou se acomodar. Ferraz (2014) defende que esse modelo de vida se aproxima dos valores empreendedores, assim, seríamos um projeto em constante elaboração, pois o ideal de corpo e vida nunca se concretizam. O caráter individualista dessas práticas nos tornaria indefesos enquanto sociedade, já que “a lógica da avaliação faz com que os indivíduos, em vez de identificarem e discutirem esse mesmo sistema, o incorporem e naturalizem” (ibid., p. 6).

O sujeito enquanto projeto (incapaz de ser concluído), segundo Han (2015), é reflexo de um sistema que não tolera o tédio e, por isso, acumula atividades e informações, sem se comprometer ou se demorar em nenhuma delas, para que o tempo nunca seja ocupado pelo ócio contemplativo. Sentir-se livre faz parte do processo de auto coerção produtivista, isso porque não reconheceríamos a violência em nós mesmos, apenas quando ela vem do “outro”, mas, na sociedade de desempenho de Han (2015, 2018), não há o outro. O sujeito concorre com si mesmo, ele não se submete a ninguém além de si e, assim, se torna um projeto a ser concretizado e trabalhado. “É uma ilusão acreditar que quanto mais ativos nos tornamos tanto mais livre seríamos” (HAN, 2015, p. 32). Han (2015) acredita que há uma violência neuronal para o qual a sociedade não apresenta nenhuma resposta imunológica, pois ela não se pauta na negatividade disciplinar que advém do outro, mas, sim, em uma positividade “livre” e otimista que advém de si mesmo. Essa violência, então, se integra ao sistema e não há mais distinção entre o violentado e o violentador.

Han (2018), em sua própria análise, se distancia de Marx quando diz que a revolução comunista não é capaz de superar as contradições do capital, ele seria, na verdade, insuperável. Para Han (2018), a sociedade de desempenho aboliu a exploração de classes ao adotar a auto coerção. Birman (2010) traz uma análise mais condizente com o cenário nacional, esse imperativo auto coercitivo de positividade seria um projeto da classe média e da elite que, cada vez mais individualizadas, não compreendem a felicidade (ou a revolução) como algo comunitário e dependente da relação com o outro. A felicidade passou a ser reivindicada como um direito essencial da sociedade democratizada e (supostamente) igualitária, felicidade essa que não se concretiza. Com a supressão cada vez maior do Estado, o indivíduo passar a agir como empresário de si na busca pela sobrevivência e, assim, a autonomia, como na análise de Ferraz (2014), acende ao status de valor supremo da contemporaneidade. Ainda segundo Birman (2010), a performance da individualidade, impulsionada pela autonomia, é caracterizada pela busca da qualidade de vida e autoestima, ambas narcisistas. A consequência disso para Birman (2010) é a mesma que para Han (2015) e Ferraz (2014): o adoecimento.

“O que causa a depressão do esgotamento não é o imperativo de obedecer apenas a si mesmo, mas a pressão de desempenho. Vista a partir daqui, a Síndrome de *Burnout*<sup>9</sup> não expressa o si mesmo esgotado, mas antes a alma consumida. (...) O que torna doente, na realidade, não é o excesso de responsabilidade e iniciativa, mas o imperativo do desempenho como um novo mandato da sociedade pós-moderna” (HAN, 2015, p. 17).

Assim, o sujeito depressivo agiria coercitivamente sob si mesmo em busca do aprimoramento constante, num ato de autoagressão que provoca esgotamento. “A lamúria do indivíduo depressivo de que nada é possível só se torna possível numa sociedade que crê que nada é impossível.” (ibid., p. 18). A depressão associada ao desempenho e à positividade é uma relação também esquematizada por outros autores, por exemplo, Alain Ehrenberg (2010), em *O culto à performance*, escreve sobre a ascensão da psicoterapia em função de possibilitar a existência do trabalhador autônomo e incansável, segundo ele, a figura do empreendedor se transforma em herói e o indivíduo passa a buscar maneiras de emular essa realização pessoal que jamais se concretiza, afinal,

“faltam frequentemente os reparos e os meios institucionais que permitiriam a qualquer um enfrentá-la [a sociedade], não causa espanto ver a obrigação de ganhar vir acompanhada de uma crise de identidade maior, e uma depressão nervosa apoderar-se de uma boa parte de nossos compatriotas” (ibid., p. 14)

Diante de tudo isso, o fracasso seria inerente. Se estamos, de fato, em uma sociedade que nos impele a competir em busca de um indivíduo ideal neoliberal inalcançável e repleto de positividade, estamos fadados ao fracasso. A sociedade de desempenho produz sujeitos depressivos e fracassados. Isto é,

“O sentimento de ter alcançado uma meta não é ‘evitado’ deliberadamente. Ao contrário, o sentimento de ter alcançado uma meta definitiva jamais se instaura. Não é que o sujeito narcisista não queira chegar a alcançar a meta.

---

<sup>9</sup> Mary Sandra Carlotto (2002) em sua pesquisa que discorre sobre a Síndrome de *Burnout* e o trabalho docente, a define como “um tipo de estresse ocupacional que acomete profissionais envolvidos com qualquer tipo de cuidado em uma relação de atenção direta, contínua e altamente emocional” (ibid., p. 23).

Ao contrário, não é capaz de chegar à conclusão. A coação de desempenho força-o a produzir cada vez mais. Assim, jamais alcança um ponto de repouso da gratificação. Vive constantemente num sentimento de carência e de culpa. E visto que, em última instância, está concorrendo consigo mesmo, procura superar a si mesmo até sucumbir. Sofre um colapso psíquico, que se chama *burnout* (esgotamento). O sujeito do desempenho se realiza na morte. Realizar-se e autodestruir-se, aqui coincidem.” (HAN, 2015., p. 52)

Sem poder alcançar o objetivo ideal de aprimoramento, o indivíduo anseia por adiar a morte, pois sempre há o que possa ser feito e melhorado e a morte encerra o desempenho, é uma coerção para a vida sadia. “Frente à atomização da sociedade e à erosão do social, sobra apenas o corpo do eu, que deve ser mantido sadio a qualquer preço (...) A saúde torna-se autorreferenciável e se esvazia num expediente sem meta.” (ibid., p. 65). Não se trata de uma saúde tradicional, mas de uma saúde do desempenho em que ser sadio é, também, um mecanismo neoliberal de controle dos corpos. “Nós nos transformamos em zumbis saudáveis e fitness, zumbis do desempenho e do *botox*. Assim hoje, estamos por demais mortos para viver, e por demais vivos para morrer”<sup>10</sup> (ibid., p. 71). Instaurar-se-ia, por fim, a ditadura do capital.

Han (2015) encerra sua obra, *A Sociedade do Cansaço*, com a sugestão de que deveríamos enfrentar a sociedade do desempenho por meio da celebração, ele acredita que quando festejamos nos aproximamos dos deuses relaxados que não produzem e não trabalham e, assim, devemos “profanar o trabalho, a produção, o capital, o tempo de trabalho, transformando-os em tempo de jogo e de festa” (ibid., p. 73).

A sociedade de desempenho, portanto, se apoiaria no esgotamento causado pelo produtivismo que impede que o sujeito possa fazer um uso ocioso do tempo e, a partir dele, corromper o sistema. Tudo isso seria sustentado por uma falsa liberdade que nos impele a carregar em nós mesmos o peso da eficiência neoliberal como se essa fosse uma característica (e uma responsabilidade) natural do indivíduo. Por esse motivo, a forma como marcamos e usamos o tempo (livre) é parte da compreensão de uma sociedade de desempenho, principalmente se expandirmos esses valores para o nosso lazer. Essa é parte da premissa sob a qual organizei meu trabalho. Han (2015, 2018) é categórico em suas afirmações e vai até mesmo

---

<sup>10</sup> Essa prática encontra respaldo, também, na psicologia da positividade que defende os procedimentos estéticos de “rejuvenescimento” como a plástica e o *botox* para eliminar os traços de tristeza na face que são acentuados pela velhice (FREIRE FILHO, 2010, p. 67).

ao ponto de insinuar uma passividade no sujeito contemporâneo, principalmente na sua prática como consumidor, assim, ele retira qualquer potência do indivíduo de desempenho e o condena a uma repetição sem fim em um sistema do qual ele jamais toma consciência. Essa percepção é onde acredito que resida o pecado de Han (2015, 2018).

A fim de colocar os pressupostos de Han à prova (2015, 2018) é necessário, também, discorrer onde, de antemão, vejo seus maiores problemas e limitações que, certamente, não posso ignorar e apenas refletir na minha leitura do campo. Em primeiro lugar, o que Han (2015, 2018) pretende com esses argumentos é descrever o modelo hegemônico da sociedade contemporânea, conseqüente de virtudes e preceitos neoliberais, globalizante, homogeneizante, impenetrável, repetitivo, do qual somos reféns e algozes, tornando-a, também, inescapável. O que ele ignora é justamente a potência antihegemônica do popular, afinal, onde há normatividade, sempre haverá uma movimentação antinormativa. O cotidiano é composto de mais do que apenas repetições cronometradas e naturalizadas de práticas irremediavelmente iguais, sendo a cultura uma fonte inesgotável de mutações e adaptações. Assim, assumo que o que Han (2015, 2018) tenta nos demonstrar e teorizar é apenas o dominante e não o todo, pois não compartilho dessa concepção de cultura singular. Ele não reconhece, em suas obras, as manipulações dos sujeitos sob as práticas e, portanto, inspirada por Michel De Certeau<sup>11</sup> (2014, 2016), estou mais inclinada a perceber a sociedade contemporânea como um processo em que as duas narrativas (o hegemônico e antihegemônico) estão em constante conflito e ajustamento atuando na realidade dos indivíduos. Segundo De Certeau (2014), são os sujeitos que constroem e inventam seu próprio cotidiano em um ato de antidisdisciplina que subverte essas narrativas. É por meio da reapropriação e experimentação, que o indivíduo é capaz de transformar uma cultura preexistente, a fim de torná-la comum à sua própria vida ordinária e relações sociais. Ou seja, a maneira como Han (2015, 2018) pensa essa cultura como única e imutável que parte da elite (global, intelectual ou econômica) e se espalha em migalhas até a base da hierarquia social, atando a todos nós nessa fatalista totalização do desempenho e composto por uma só ideologia e práticas sociais desprovidas de qualquer criatividade, é algo que De Certeau (2016)

---

<sup>11</sup> Daniela Schimtz (2013) vê em De Certeau, associado à análise que Martín-Barbero (1997) faz do filósofo francês, uma lente bastante “útil” para a leitura dos usos sociais, isso porque “além de focar as processualidades do consumo, trabalha com a noção de ação dos sujeitos sobre o que é consumido” (p. 103). Assim, De Certeau, contemplado em *Dos Meios às Mediações* (1997), me pareceu uma escolha razoável para reorganizar a passividade e impossibilidade implícitas na escrita de Han (2015, 2018). Seu uso (de De Certeau) na Comunicação (AVRELLA, 2021; SOUSA, 2017; VALIATI, 2018; etc.) está atrelado justamente a isso: as manipulações, rearranjos e interpretações do cotidiano.

já rejeitou. Debiasi (2018), em sua análise acerca do uso da teoria de De Certeau nos estudos de consumo e recepção televisiva, enfatiza o que parece ser sua ideia principal: o jogo constante entre o que é esperado e o que é inesperado, ou seja, a ênfase no cotidiano enquanto local do “inesperado” é o que sustenta minha percepção não totalitária de realidade. Em *A cultura no plural*, De Certeau (2016) defende a ideia de que não existe apenas uma só cultura, mas, sim, diversas culturas que convivem e interagem entre si num processo que resulta e prevê a criatividade. Assim, não há uma cultura ou política totalizante e plenamente assimilada, na verdade, o que ocorre são apropriações e interpretações que manipulam o hegemônico resultando em novas formas de culturas que, ainda segundo De Certeau (2016), possuem suas próprias finalidades e funcionalidades e são, também, igualmente importantes na composição da teia sociocultural. O que De Certeau (2016) quer dizer é que a sociedade se constitui justamente nas negociações e respostas com relação a pontos de referência, trata-se, exatamente, da circulação de significados e, por último, da própria tentativa de controlar, modificar, atualizar, manipular ou rejeitar tais pontos de referência.

De Certeau (2016) percebe sua contemporaneidade como um momento em que a sociedade “aprende que a felicidade não se identifica com o desenvolvimento” (ibid., p. 42), justamente pelo contexto de conquista de férias e jornadas reduzidas (do qual falarei mais à frente), o tempo livre e as suas possibilidades parecem cada vez mais aludir à felicidade. Entretanto, De Certeau (2016) diz que isso não passa de desejo ou sonho, a espera do fim do expediente ou das férias nos torna expectadores da própria vida e, passivamente, aguardamos a felicidade que está por vir, deixando com o que o trabalho nos entedia e, ao invés de viver, assistimos à vida na ficção e na publicidade. Para De Certeau (2016), essa é a mitologia moderna, a do desejo convertido em ficção.

Assim, a felicidade seria produto, algo a ser conquistado oriundo dessas imagens que geram desejo,

“poderíamos dizer que nossa época de comunicação de massa transforma a sociedade em um ‘público’ (uma palavra-chave que substitui a de ‘povo’), que ele aloja a felicidade nos ícones dos objetos oferecidos ao consumo e que ele movimentava o verbo nem direção a recusa” (ibid., p. 52).

Essa é a hierarquia da cultura que De Certeau (2016) acredita ser passível de mudança, pois é incapaz de manter o monopólio da organização social. Isso porque, De Certeau (2016) também indica a festa como forma de transgressão. Assim, se colocarmos, até aqui, suas ideias

em comparação com as de Han (2015, 2018), vejo duas discordâncias (sendo uma delas a de que os sujeitos são, sim, capazes de compreender a felicidade e a realização fora do trabalho, apesar de ainda a conceberem em esferas inalcançáveis) e uma concordância: a de que a festa é uma ferramenta de emancipação. A outra discordância é a que mais me interessa, portanto, é a de que “fazer a festa” é possível para De Certeau (2016).

Se pensarmos a ideia de festa como Han (2015) a organiza, de forma mitológica e folclórica, acabaremos por cair em jargões de autenticidade cultural, afinal, não somos capazes de recuperar a ode às festas e deuses de maneira cristalina e completamente preservada. A cultura não se repete, não se exorciza e nem se “purifica”. Por isso, creio que a profanação do desempenho é muito menos uma resistência pautada numa vida pré-neoliberalismo, e, muito mais, uma consequência do cotidiano e das construções de identidade. É desse modo que De Certeau (2016) acredita que os espectadores se tornam sujeitos de agência: pelo consumo dito como inconsequente, pela improdutividade emocionada e desprivilegiada. É uma festa tal que não se submete aos falsos discursos meritocráticos e aos dogmas da intelectualidade. Para De Certeau (2016), o investimento naquilo que se perde (como ao fazer festa) é a escolha do risco e este seria revolucionário ao não fetichizar a felicidade conservadora do que não se pode ter em função das hierarquias produtivas e econômicas.

“Porquanto não se pode haver felicidade senão onde o outro é a condição do ser, onde se faz a festa, onde a conservação dos bens é alterada por um dispêndio feito em nome de outrem, de um outro lugar ou do outro, onde se interpõe a festa de uma generosidade comunicativa, de uma aventura científica, de uma fundação política ou de uma fé.” (ibid., p. 54)

Assim, à revelia do que De Certeau (2016) chama de “tecnocracia produtivista” que é propagandeada pela elite e seus mecanismos, a festa efêmera corrompe os discursos e “faz aflorar a cólera naqueles que se alojam num sistema de produção” (ibid., p. 95), na tentativa de parir uma violência marginalizada e revolucionária em que não reinariam os anonimatos homogeneizantes da cidade e do trabalho, nem mesmo a alienação. Porém, essa cólera está cada vez menos tolerada socialmente, a revolta oriunda da própria festa se transforma em expressão ao invés de ação: um indicativo de mudança, “abre possibilidade (...), mas não cria” (ibid., p. 96). Para De Certeau (2016), a elite tenta monopolizar os mecanismos de mudanças sociais, incentivando, cada vez mais, um processo passivo de consumo e assimilação do (e no) lazer. Assim, as emoções e a criatividade que atraem os consumidores se tornam populares justamente

por não estarem mais disponíveis na vida real. Mas para De Certeau (2016), e é justamente nesse ponto que me interessa para analisar o fatalismo de Han (2015, 2018), a cultura não é um ponto fixo e incorruptível, a partir da coletividade (não institucionalizada, pois essas já teriam provado seu fracasso) é possível intervir culturalmente e fazer com que a sociedade não seja tratada como uma massa unívoca e sem face, mas, sim, uma pluralidade que, ativamente, sobrevive à hegemonia. Dito isso, em retorno à festa:

“Há tanto em uma festa quanto em uma criação artística, algo que não é um meio, mas que basta a si próprio: a descoberta de possibilidades, a invenção de achados, a experiência de outros ‘pontos de partida’, à falta dos quais o ar se torna irrespirável e a seriedade nada são além de tédio em uma sociedade. (...) Porém, enquanto a festa estiver sob o domínio dos exclusivistas que expulsam os participantes ou eliminam formas diferentes, ou lhes subtraem as articulações necessárias com a vida cotidiana, ainda permanece a questão política.” (DE CERTEAU, 2016, p. 214)

A política, nesse caso, é definida como o mecanismo sob o qual se criam (ou se esgotam) possibilidades, ela é um mecanismo de poder que não pertence àqueles que buscam a cólera festiva antihegemônica e, por isso, “a ação cultural se choca com as interdições silenciosamente postas pelos poderes” (ibid.). Desse modo, De Certeau (2016) reflete que a solução é a tomada dos meios de comunicação e produção cultural por essa elite, a fim de evitar os seus embates com a políticas e suas normas. Isso porque ele entende que:

“A política realmente praticada é subtraída à linguagem (parlamentar, ideológica, cultural); seu discurso oficial é a repetição de generalidades sobre a felicidade nacional e sobre a nova sociedade, mas seus verdadeiros princípios são imperceptíveis, ocultos na lógica anônima de um funcionamento produtivista e tecnocrático.” (ibid., p. 217)

Em resumo,

“não existe ‘política cultural’ sem que situações socioculturais possam ser articuladas em termos de forças que se defrontam e de oposições reconhecidas. Trata-se de saber se os membros de uma sociedade, atualmente afogados no anonimato de discursos que não são mais os seus e submetidos a monopólios

cujo controle lhes foge, encontrarão, com o poder de se situar em algum lugar em um jogo de forças confessas, a capacidade de se eximir.” (ibid., p. 218)

Essa é a questão de De Certeau (2016): como mudar (sair ou, até mesmo, revidar)? A primeira coisa que ele pontua para pensá-la é: “a cultura é o flexível” (ibid., p. 233). Desse modo, não podemos esperar rigidez e monotonia das culturas, elas são manipulações, desvios de caminhos pré-planejados, intervenções e readequações. As culturas são, justamente, os conflitos e a criatividade resultantes da não aceitação do hegemônico em sua totalidade.

“Ocorre o mesmo com as maneiras de viver o tempo, de ler os textos ou de ver as imagens. Aquilo que uma prática faz com signos pré-fabricados, aquilo que estes se tornam para os usuários ou os receptores, eis algo essencial que, no entanto, permanece em grande parte ignorado. (...) A gestão de uma sociedade deixa um enorme ‘resto’. Em nossos mapas, isso se chama cultura, fluxo e refluxo de murmúrios nas regiões avançadas da planificação.” (ibid., p. 234)

A realocação do que é produzido e sentenciado pelo hegemônico, é onde De Certeau (2016) acredita estar o processo de recepção, pois a cultura não é a assimilação passiva e o público não corresponde exatamente à mensagem e representação que consome, na verdade, os sujeitos inventam, desviam, transgridem e criam significados para adequar tais produtos e discursos ao seu próprio cotidiano e cultura. Assim, eles já não pertencem mais aos seus produtores e, também, não os refletem, sendo a recepção um processo igualmente ativo ao de produção. E essa é a festa de De Certeau (2016), capaz de modificar e corroer as constelações sociais.

“O cotidiano está permeado de maravilhas, espuma tão fascinante, nos ritmos prolongados da língua e da história, quanto a dos escritores ou dos artistas. Sem nome próprio, todas as espécies de linguagens dão origem a essas festas efêmeras que surgem, desaparecem e retornam.” (ibid., p. 245)

É uma resistência, afinal, “a cultura no plural exige incessantemente uma luta” (ibid., p. 242). Assim, o que para Han (2015, 2018) parece uma realidade inevitável, para mim e para o

texto que pretendo elaborar a partir desses conceitos, é apenas o pano de fundo sob o qual estamos tecendo reapropriações e reinterpretações.

Além disso, Han (2015, 2018) parte sempre de uma compreensão europeia dos processos de trabalho e produtividade (uma crítica que já foi, inclusive, elaborada por Žižek (apud. HAN, 2021b, n.p.)), ou seja, desconsidera as organizações culturais do que ele chama de “Terceiro Mundo” e onde a América Latina estaria incluída, aludindo a ideia de uma cultura singular. Não que as experiências estrangeiras sejam totalizantes como Han (2015, 2018) descreve, mas, a realidade da qual trato e pertenço, seu ponto de partida exclui a ideia de cultura como uma categoria plural. Assim, das muitas possibilidades e singularidades que podem surgir da análise dos conceitos de desempenho a partir da cotidianidade de tempo e consumo e suas práticas desviantes no contexto previsto nessa dissertação, penso, por exemplo, que não posso descartar a festa e a celebração. Ou que, pelo menos, possuímos a potência dessa pluralização da cultura. Ainda assim, é importante lembrar que essas categorias binárias (hegemônico vs. antihegemônico) são apenas formas de ilustrar na teoria aquilo que na realidade social se organiza de forma muito mais fluida e menos diferenciada ou antagônica, trata-se menos de “preto no branco” e mais de gradientes cinzentos.

Jesús Martín-Barbero (1997) resume essas concepções de De Certeau (2014, 2016) da seguinte forma:

“Certeau propõe uma teoria dos usos como operadores de apropriação que, sempre em relação a um sistema de práticas mas também a um presente, a um momento e um lugar, instauram uma relação de criatividade dispersa, oculta, sem discurso, a da produção inserida no consumo, a que se faz visível só quando trocamos não as palavras do roteiro, mas o sentido da pergunta: que fazem as pessoas com o que acreditam, com o que compram, com o que leem, com o que veem. Não há uma só lógica que abarque todas as artes do fazer.” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 114)

Ele afirma, ainda, que esses conceitos dizem respeito a cultura popular urbana que é “impura e conflitiva” (ibid., p. 115) que constituem “um estilo, esquema de operações, modo de caminhar pela cidade, habitar a casa, de ver televisão, um estilo de intercâmbio social, de inventividade técnica e resistência moral” (ibid.), assim, me afasto ainda mais da ideia bucólica de Han (2015, 2018) e sua festa. Martín-Barbero (1997) também atribui à festa, a potência de ritmar o tempo nas culturas populares e a maneira pela qual o sentido do cotidiano se renova.

Desse modo, ao pensar esses conceitos especificamente associados à recepção, que é o que constitui meu interesse de pesquisa, Martín-Barbero (1997), também inspirado por De Certeau (2016), percebe justamente no melodrama tipicamente latino-americano uma das ferramentas que atuam na fabricação dessa festa colérica, citando, inclusive o exemplo do episódio da morte de Tancredo e, por fim, “fazendo política a partir da festa” (ibid., p. 321). Então, se a alienação faz parte do processo de recepção, também o faz o reconhecimento enquanto indivíduo. Para Martín-Barbero (1997),

“as transformações operadas pelo capitalismo no âmbito do trabalho e do ócio, a mercantilização do tempo da rua e da casa e até das relações mais primárias, pareceriam ter abolido aquela sociabilidade [de comunidade, capaz de mobilizar culturas marginalizadas]. Na verdade, não fizeram mais do que torná-la anacrônica. Mas esse anacronismo é precioso, é ele que hoje, em ‘última instância’, dá sentido ao melodrama na América Latina (...) o que permite mediar entre o tempo da vida, isto é, de uma sociabilidade negada, economicamente desvalorizada e politicamente desconhecida, mas culturalmente viva, e o tempo da narrativa que a afirma e permite que as classes populares se reconheçam nela. E que a partir dela, melodramatizando tudo, vinguem-se à sua maneira, secretamente da abstração imposta à vida pela mercantilização, da exclusão política e da desposseção cultural.” (p. 306)

Assim, se incorporamos as premissas neoliberais vigentes, a incorporamos sob nossos próprios signos, a manipulamos, conformamos seus preceitos (e fomos conformados por eles) num processo que não é apenas reprodução, mas, também, produção. Acredito que o desempenho não é um artifício completamente inconsciente, estamos operando-o e reconhecendo-o, (como poderíamos estar totalmente alienados em relação a ele e ainda colocar Han em listas de *best-seller*?) desse modo, a anacronia da sociabilidade argumentada por Martín-Barbero (1997) pode ser a forma como ritmamos o tempo fragmentado do desempenho, como evocamos celebrações e festa que pairam fora do radar do desempenho e não se submetam ao individualismo e, principalmente, à nostalgia de Han (2015, 2018) (que não nos pertence). Se o melodrama continua a ser a chave com a qual acionamos a abstração da mercantilização do tempo e da vida na recepção, isso ainda há de ser visto na minha pesquisa de campo, porém, a maneira como o massivo urbano, em sua dimensão cultural, nos mobiliza de forma disruptiva,

é o que Han (2015, 2018) não previu em sua análise ensaística macrosocial. E aí fica uma questão nas entrelinhas: operamos a tevê e sua recepção para o desempenho ou para a festa?

Entre a festa e o desempenho, algo que da maneira como coloquei parecem opostos em que a existência de um exclui a do outro, na verdade são apenas pontos ideais de uma realidade que se conjuga em diversas nuances e matizes que habitam entre esses polos. Para Nancy Fraser (2019), por exemplo, o neoliberalismo é capaz de absorver até o mais progressista dos discursos e isso, inclusive, serve para manter a hegemonia que já não se sustenta enquanto ideologia intelectual, mas que ainda subjuga os movimentos sociais. O que quero dizer é que essa possibilidade de interpretação abarca realidades menos óbvias do que a teoria pode prever. Com essas reflexões em mente, reservo a sessão seguinte para elaborar o que seria a ideia de um tempo (livre) e do consumo se os pautarmos pelo juízo do desempenho. Afinal, quando me proponho a verificar o quanto as práticas de desempenho atuam na recepção midiática, em especial na recepção televisiva, estou partindo de uma ideia impositiva de sociedade, pois é justamente a potência dessa configuração societária que me interessa. O que vem a seguir, são encadeamentos de enunciados e conceitos organizados sob a égide da sociedade de desempenho, entretanto, como Lopes (1990) argumenta, é apenas meu contexto da prova, ou seja, aquele em que formulo minhas perguntas e construo premissas refutáveis. Estes servem como ligação para o contexto da descoberta, mas não são capazes de concretizá-lo plenamente: falta o campo. Quando poderei, finalmente, verificar o uso do tempo livre no contexto produtivista relativo às práticas de desempenho.

## **1.2 Tempo (livre) como tempo de consumo**

O tempo, sua passagem e a forma como nos apropriamos dele, é um dos pilares desse trabalho e das noções de desempenho que acredito fazerem parte da organização das nossas práticas enquanto indivíduos urbanos (ou brancos, se opto por retomar Krenak (2020)). É inevitável pensar o tempo como um domínio de construção de subjetividade. Administramo-lo constantemente e o preenchemos com escolhas de consumo, de tédio, de lazer, de trabalho, acionamos despertadores, cronometramos reuniões, planejamos nossas jornadas laborais e as vezes, propositalmente, tentamos nos esquecer do tempo. O uso do tempo é um marcador social e, por isso, acredito que o tempo junto à tevê também o é. Portanto, nessa sessão busco compreender o tempo na contemporaneidade e suas implicações em relação ao consumo.

Como dito anteriormente, a sociedade de desempenho e a forma como ela é manipulada nas práticas cotidianas é o que perpassa todos os aspectos dessa pesquisa, do tema à metodologia. Assim sendo, não poderia ignorar as definições (igualmente duras, pessimistas e apocalípticas) de tempo que Han (2021a) elaborou para complementar sua ideia de sociedade. Para ele, o tempo, no mundo contemporâneo, está fragmentado. Segundo Han (2021a), algo só produz sentido se possuir ritmo e compasso, por isso, aquilo que se acelera (ou é acelerado por nós) não se conclui, “o inquietante na experiência de tempo atual não é a aceleração como tal, mas sim a conclusão faltante, ou seja, a falta de ritmo e do compasso das coisas” (ibid., p. 15).<sup>12</sup> A conclusão seria silêncio, ausência de barulho e de inquietude que permitem fechar os olhos e encerrar. Han (2021a) entende que na agitação descompensada do tempo e das imagens, os olhos se mantêm abertos. Nessa concepção, o imediatismo e a desconexão dos fragmentos temporais desordenados fazem parte do processo que alimenta a busca infrutífera pelo indivíduo ideal e inalcançável, isso porque o sujeito de desempenho jamais conclui ou encerra (HAN, 2021a, p. 30). A questão é que, novamente, não haveria plenitude sem contemplação e reflexão, vivemos uma descontinuidade temporal que, sem o ócio, nos submete ao tempo do capital (HAN, 2016 apud. SOUSA, 2019). Ao levar em consideração essa complementaridade da sociedade de desempenho através do tempo que Han (2021a) elabora, é possível pensar que o tempo (livre), e aqui o trago entre parênteses, pois não sei se é exatamente sobre liberdade que irei falar, passa pelas premissas neoliberais. Entretanto, mais uma vez, Han (2021a) ignora a possibilidade de que a sociedade de desempenho não seja uma realidade plena e completamente opressora, ou seja, ele ignora o fato de que ao construirmos subjetividade através da apropriação do tempo, podemos corromper as premissas do desempenho. O tempo, em suas variadas formas, é cotidianamente experienciado e organizado, o fracasso no manejo do tempo de desempenho pode ser, por si só, um ato de antidisciplina. O que quero dizer é que o tempo fragmentado de Han (2021a) é uma probabilidade (ou um ponto de partida), mas o que ele significa no mundo real e palpável ainda há de ser descoberto e teorizado.

Dito isso, faço alguns caminhos improváveis nessa tentativa de baixa teoria sobre o tempo (livre) que vem a seguir. Se pretendo verificar a potência das práticas de desempenho, então partirei de conceitos que me parecem encontrar respaldo na ideia macro de Han (2015,

---

<sup>12</sup> Como dito anteriormente, segundo Han (2021b), essa ausência de ritmo do tempo é potencializada na pandemia, pois perdemos parte dos nossos processos ritualísticos de rotina e convivência social. Para ele, isso, conseqüentemente, agravaria e reforçaria a sociedade de desempenho e suas características já discutidas na sessão anterior.

2018, 2021a) e promovo, pois, um apanhado teórico que possibilita acrescentar alguma concretude às ideias de Han (ibid.) e, ao mesmo tempo, que me permite um detalhamento daquilo que o campo poderá vir a confirmar ou refutar por meio das análises dos sujeitos. É nesse movimento que destaco, como contexto da prova, a ideia de uso do tempo (livre) para Han (2018):

“O ócio como tempo para atividades mais elevadas transforma seu possuidor em outro sujeito, que possui mais força produtiva do que o sujeito que apenas trabalha. O tempo livre como tempo para desenvolvimento pleno do indivíduo colabora para a produção de capital fixo. Assim, o conhecimento é capitalizado. Para usar termos atuais, o aumento do tempo de ócio multiplica o capital humano. O ócio que possibilitaria uma atividade casual e sem finalidade, é tomado pelo capital.” (HAN, 2018, p. 71)

Existe, para Han (2018), uma maneira coagida de uso do tempo livre que reflete o domínio neoliberal, isto é, o uso de um tempo que ainda estaria subjugado pelo trabalho e pela ideia de otimização do indivíduo. Desse modo, o jeito como nos apropriamos do tempo refletiria o sucesso de opressão plena da sociedade de desempenho, sucesso esse que desconheço como ponto final e imutável. O que me resta, portanto, é compreender que lógica de tempo é essa com a qual estou lidando e refletindo.

Segundo Corbin (2001) a ideia de um lazer distintivo, enobrecedor e útil tem sua origem no século XIX no Ocidente. É na Grã-Bretanha que ocorre a emergência da reivindicação por um tempo de não-trabalho e é, também, onde a repulsa pela ociosidade contemplativa e sem propósito vai se estabelecer através do controle do lazer popular. Porter (2001) atribui esse pioneirismo de uso do tempo no Reino Unido a uma consequência da revolução industrial, num contexto em que as classes mais altas possuíam um tempo livre ilimitado enquanto que a ociosidade era vista de forma pejorativa para as classes mais baixas. Ou seja, o uso do tempo (livre) evocava distinção:

“com o desenvolvimento das formas de produção capitalistas e com as campanhas a favor da ‘respeitabilidade’, pregadores, patrões e magistrados exprimiam abundantemente a sua hostilidade à ‘preguiça’ dos pobres e às ‘desordens’ das suas saturnais, explosões de embriaguez e de violência a que se seguiam nascimentos ilegítimos.” (PORTER, 2001, p. 24)

Estabelecia-se um controle moral dos operários em oposição ao lazer autorregulado da aristocracia. Além disso, por volta do séc. XVIII, já havia começado a se propagar uma noção utilitarista do descanso: ele, na verdade, seria uma ferramenta de aumento da produtividade. (ibid., p. 25) e, assim, se inicia as reivindicações por um tempo (livre) do trabalhador com jornadas reduzidas e, posteriormente, férias. Após esse período, ainda de acordo com Porter (2001), começa a busca por um tempo (livre) sadio em que se populariza as viagens às termas e às montanhas para curar e até rejuvenescer o corpo.

Enquanto o Reino Unido protagonizou o tempo (livre) da era industrial, é na França que esse uso vai assumir a ideia de um lazer culto, o *otium cum dignitate* e, em seguida, do lazer ostentatório (CORBIN, 2001, p. 59). Com a herança do Iluminismo e a ascensão da ideia meritocrática, há uma valorização por se manter constantemente ativo, “a partir do final do século XVIII, anuncia-se o progressivo desaparecimento dos ociosos” (CORBIN, 2001, p. 61) e o ócio é associado ao fracasso. Entretanto, a humanidade não poderia ser resumida ao trabalho, daí a ideia e a necessidade de um ócio produtivo e útil. “Tais considerações deixam entrever a complexidade da noção de lazer aqui concebida como liberdade de usar o tempo e não como sequência temporal sem trabalho” (ibid., p. 62).

O tempo (livre) do operário, passa a despertar o interesse da elite que elabora maneiras de controlá-lo e direcioná-lo. O que se faz no lazer, deve ser enobrecedor e, principalmente, distanciar o operário da vadiagem e dos vícios que eram tidos consequências diretas do tédio e da ignorância. Também no séc. XIX ascendem os lazeres de massa que se somam a essa percepção pejorativa do lazer popular.

“Entregues a si próprios, os proletários são portanto propensos a dar-se sistematicamente a lazeres estuprificantes e aviltantes que os rebaixam até à bestialidade e são a causa das suas misérias. A leitura, quando se torna prática de massas, é abundantemente vilipendiada. Só é reabilitada quando se desenvolve um novo lazer popular, o cinema, que se torna objeto de vigorosas condenações com base nas mesmas metáforas do veneno aniquilador das faculdades humanas. Será por sua vez revalorizado quando a televisão se torna o lazer de massas modernos.” (THIESSE, 2001, p. 368)

Esse desenrolar histórico do tempo (livre), da maneira como é narrado, demonstra o tempo como um marcador social que favorece uma organização hierárquica de classes e

sujeitos, refletindo, também, o universo do trabalho. A ascensão do lazer ostentatório e, posteriormente, do que é chamado pela historiadora cultural Anne-Marie Thiesse (2001) de “lazer de massa”, me provoca a percepção do tempo (livre) também como um tempo de consumo. Os bens e os produtos da indústria cultural são perpassados por dimensões simbólicas e agem como comunicadores de categorias sociais. Desse modo, o que é consumido diz algo sobre o sujeito que o consome e marca seu lugar no mundo, gerando pertencimento e distinção. Assim, eles carregam em si, também, valores de competitividade e luta de poder que acabam por materializar hierarquias. É por meio do consumo que as pessoas se atrelam a grupos ou classes sociais. "A escolha dos bens cria continuamente certos padrões de discriminação, superando ou reforçando outros. Os bens são, portanto, a parte visível da cultura" (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2004, p. 111). Também por isso, o consumo está intrincado nas relações sociais e são consequência de pressões sociais e expectativas dos outros. Freire Filho (2003) argumenta que estamos todos envolvidos na construção de um estilo que demonstre quem somos nós e onde nos encaixamos socialmente. Isso quer dizer,

“(...) temos consciência de que nossas disposições corporais, a maneira como articulamos nosso discurso, nossas opções de férias e lazer, nossas preferências em termos de música, cinema, TV, roupa, comida, qualquer objeto ou expressão cultural submetido a julgamento de gosto, serão avaliados como principais indicadores de nossa personalidade, de nossa individualidade.” (FREIRE FILHO, 2003, p. 72)

Assim, o consumo passa a representar uma relevância cada vez maior no status social (e individualista). O que é consumido age como marcador social e comunicadores de informação, pois dizem algo sobre o sujeito e sobre sua posição social, portanto, "são acessórios rituais; o consumo é um processo ritual cuja função primária é dar sentido ao fluxo incompleto dos acontecimentos" (DOUGLAS, ISHERWOOD, 2004, p. 110). Se o consumo e o que é consumido são portadores de informação e de identidade, Douglas e Isherwood (2004) argumentam que, mais importante do que comunicar apenas informação, é poder controlá-la. Isso porque é necessária afirmação social para pertencer a (e mudar de) categorias sociais. O julgamento alheio determina a "adequação" de escolha do que é consumido. E, não por acaso, "Os grandes consumidores de informação são também os grandes produtores dos bens de informação" (ibid., p. 244) e, então, "isso leva ao segundo ponto, que a competência para julgar os bens de informação é uma qualificação de acesso à renda mais elevada" (ibid., p. 245). O

consumo e controle da informação implica um exaustivo uso do tempo, já que isso envolve aperfeiçoamento, constante adequação, uma vida social e cultural, enfim, significa estar inserido em atividades que demandam tempo.

Assim, se penso o consumo como parte dos usos do tempo (livre), inclusive daquele tempo condenado por Han (2018) no início dessa sessão, estes possivelmente assumiriam formas de desempenho (ou, pelo menos, da busca dele) pois expressam distinções que podem, ou não, serem adequados e validados aos moldes da avaliação e do utilitarismo. Sobre isso, Freire Filho (2013) identifica a busca pelo sucesso como uma linha significativa das produções do mercado editorial nacional, nela é promovida a ideia de que não podemos perder tempo se quisermos alcançar o auge de nosso desempenho. Freire Filho (2013) assume que o alvo desse discurso são indivíduos inquietos, ambiciosos e ocupados que, assim como prevê Han (2015), se culpam pelo seu fracasso iminente. No que tange ao uso do tempo, essas matérias e publicações repetitivas de autoajuda analisadas por Freire Filho (2013) sugerem maneiras de reprimir o tempo (livre): o sujeito de sucesso deve estar constantemente ocupado. Ou seja,

“Como antecipam os títulos reiterativos, a finalidade daquelas obras é orientar um planejamento racional do uso do tempo que permita a realização de quantidades crescentes de tarefas, sem afetar o cultivo de relações íntimas reconfortantes. Não são apontados defeitos no padrão de conduta ultradinâmico valorizado no ambiente corporativo; tampouco são criticados os imperativos estruturais de velocidade e flexibilidade que presidem, de modo mais abrangente, a sociedade contemporânea. A intenção dos especialistas é auxiliar o leitor a adequar seus hábitos e sua personalidade aos exorbitantes horizontes temporais impostos socialmente.” (ibid., p. 8)

Manter-se-ia a ideia do lazer culto e útil, ele é um tempo de não trabalho, mas não de liberdade (ou, então, um tempo de liberdade auto coercitiva, como diz Han (2015)). Hirschman (1973) argumenta que há um conjunto de atividades dedicado ao aperfeiçoamento pessoal, busca por prestígio e poder e manutenção da vida social e política. As pessoas acabariam se dedicando de forma intensiva a essas atividades (chamadas de “aperfeiçoamento do obituário”), isso porque, em primeiro lugar, Hirschman (1973) diz que elas são viciantes e acabam invadindo o tempo de trabalho e de consumo essencial (no qual ele inclui o lazer) e, em segundo lugar, elas demandam um tempo muito maior do que aparentam. O resultado disso seriam sujeitos sobrecarregados e atormentados pelo uso desproporcional do tempo. Esse desenrolar histórico

e teórico demonstra um tempo (livre) de consumo que é manipulado à eficiência e obediência das lógicas do capital e da hegemonia.

Para Jonathan Crary (2014), o que ocorre, em assimilação a todos os conceitos explorados até aqui, é uma organização “24/7” da sociedade. Crary (2014) argumenta que há uma automação da sociedade e que ela está em discrepância com a natureza humana, pois se trata de uma sociedade onde o consumo e a produção não cessam e nunca são satisfeitos, há sempre o novo, o desejo pelo novo e, conseqüentemente, uma substituição sem fim. Ao mesmo tempo que a ordem “24/7” cria no indivíduo uma ânsia de possuir, competir e se aprimorar, ela também esvazia de significado tais demandas ao homogeneizar suas ações e, em decorrência da “luz” constante que não permite um tempo de repouso, diminuir suas capacidades mentais, fazendo com que o indivíduo perca sua identidade.

A nomenclatura “24/7” vem justamente da abolição do descanso e do sono. Um mundo que não dorme, deve ser habitado por indivíduos que não dormem. Segundo esse autor, “o sono é uma interrupção sem concessões no roubo de nosso tempo pelo capitalismo” (ibid. p. 127), ou seja, ele interfere no esforço produtivo e consumista “24/7” capitalista, pois é um momento de repouso em que não ocorrem transações lucrativas, estímulos contínuos de consumo e produtividade e, principalmente, que não pode (ainda) ser excluído da própria existência humana, não importa o quanto este esteja em desacordo com a lógica ininterrupta do capitalismo “24/7”<sup>13</sup>. O sono, outrora um mecanismo de elucidação da realidade e organização de memória e vivência (RIBEIRO, 2019, p. 17), passa a esse lugar de desprestígio. Vê-se, portanto, uma sociedade que não repousa, que está sempre “iluminada” (seja pelo sol, seja pelas luzes nas ruas, nas fábricas e nas casas que impedem que a oposição entre dia e noite se

---

<sup>13</sup> Ainda que o sono não seja o ponto central dessa escrita, destaco a relação dele como um ato anticapitalista de uso do tempo. Em uma entrevista (#NAJANELAFESTIVAL, 2021) feita com dois autores cujo objetivo foi refletir sobre a realidade pandêmica e os rumos da humanidade a partir dos principais tópicos de suas mais recentes obras que são: *Ideias para adiar o fim do mundo* de Ailton Krenak (2019) e o *O Oráculo da noite* de Sidarta Ribeiro (2019), o resultado foi uma conversa focalizada na premissa de “sonhos para adiar o fim do mundo”. Assim, eles argumentam que o sonho é mais do que apenas saberes tradicionais ou cientificistas, ele é um local de afeto e um mecanismo de organização e compreensão do cotidiano, capaz de prover reflexões para a construção de um futuro melhor. Ambos criticam o capitalismo predatório vigente na sociedade e argumentam que esse modelo econômico é um dos principais culpados pelo abandono do sonho, além de ser movido por uma lógica antropocentrista que ignora a subjetividade para além do ser humano. Ou seja, o capitalismo esgota não apenas o indivíduo, mas o próprio planeta que por ser considerado como desprovido de subjetividade, é descartável.

concretize completamente) e que acaba por desfazer a separação entre trabalho e descanso e entre público e privado.

A ordem “24/7” não permite que se vejam possibilidades além dela, não há espaço para criatividade, para novas formas de vida ou anseios que não sejam consumistas, em acordo com a própria ideia de Han (2015) em que é justamente a repetição e produtividade acelerada que esgota as possibilidades do novo. Prevalece uma apatia com relação ao mundo ecológico como se o ser humano já não pertencesse mais a ele e fosse apenas uma extensão dos produtos e conteúdos que consome. Outras formas de organização social são difamadas e, por fim, promove-se uma homogeneização indiferente do indivíduo<sup>14</sup>.

Ao contrário de Crary (2014), Han (2015) acredita que não há passividade no indivíduo produtivista enquanto sujeito que trabalha,

“A sociedade laboral individualizou-se numa sociedade de desempenho e numa sociedade ativa. O *animal laborans* pós-moderno é provido do ego ao ponto de quase dilacerar-se. Ele pode ser tudo, menos passivo.” (HAN, 2015, p. 27).

Ou seja, para Han (2015), a hiperatividade não é um movimento de inércia, mas uma agitação nervosa sem fim (quase que uma contradição à passividade do sujeito consumidor também descrito por Han (2018)). O fato é que tanto a hiperatividade de Han (2015) quanto a inércia produtiva de Crary (2014) se apoiam no esgotamento do indivíduo que não repousa. Falta-lhe ócio. “Pura inquietação não gera nada de novo. Reproduz e acelera o já existente” (Han, 2015, p. 21).

Diante dessas considerações de tempo pautadas pelo desempenho, me resta pensar sobre o ócio e a contemplação (também a festa inútil que, decorrente destes, renova o sentido da

---

<sup>14</sup> Krenak (2019) explora preceitos semelhantes em “*Ideias para adiar o fim do mundo*” onde argumenta que a percepção hegemônica do que significa “humanidade” está não apenas inviabilizando culturas não globalizantes e não homogeneizantes de atuarem como estilos de vida legítimos, mas, também, está nos colocando em direção ao fim do mundo. Essa concepção de humanidade é aquela que se caracteriza como exploratória, individualista (principalmente no sentido de separar o humano da Terra como se esses não se conectassem) e global. Apesar de ser uma concepção reforçada e perpetuada pelas instituições mundiais, essa “humanidade” é excludente e vexatória, organizada em prol da estrutura capitalista de dominação e esgotamento. Assim, mais uma vez, tendo como uma de suas principais ferramentas a retirada de subjetividade de tudo que não é humano, corroborando a ideia de que o resto é descartável.

cotidianidade (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 130) como ferramentas de antidisciplina na sociedade de desempenho e seu produtivismo hiperativo e utilitarista que tentam incorporar até mesmo (e principalmente) o que foge ao horário do expediente. Para Martín-Barbero (1997),

“Abstrato, o tempo da produção desvaloriza socialmente os tempos dos sujeitos – individuais ou coletivos – e institui um tempo único e homogêneo – o dos objetos – fragmentável mecanicamente, tempo puro. E irreversível, pois se produz como ‘tempo geral da sociedade’ e da história, uma história cujo ‘segredo’ está na dinâmica da acumulação indefinida e cuja razão suprime toda alteridade ou a torna anacrônica.” (ibid., p. 132)

Ou seja, perde-se o sentido de ciclos que se encerram para, depois, se renovar. Perde-se, também, as tentativas de se opor a essa única lógica dominante de tempo que solapa o caráter coletivo do ócio e da festa. Resgato, por fim, o manifesto marxista de Paul Lafargue de 1880, *O Direito à Preguiça* (2003), em que o jornalista franco-cubano argumenta que o amor ao trabalho e a anulação da preguiça seria uma loucura que esgota o indivíduo e possibilita a manutenção do modo de produção capitalista. A preguiça é revolucionária (necessária para a emancipação do trabalhador), enquanto o trabalho é alienador. Ou seja, o ócio é uma prática antidisciplinar e, por isso, anticapitalista. Retomando Krenak (2020), a preguiça seria, justamente, a compreensão da inutilidade da vida.

Para Han (2016 apud. SOUSA, 2019), o ócio pode ser a solução para a descontinuidade temporal do mundo contemporâneo, é por meio da contemplação ociosa que a efemeridade e o culto à produtividade podem ser vistos como agressões e limitadores do sujeito. Isso quer dizer que,

“[é] preciso revolucionar o uso do tempo, uma vez que ‘a aceleração atual diminui a capacidade de permanecer’. Precisamos, por isso, de um tempo próprio, livre, que o sistema produtivo não nos deixa ter, que signifique ficar parado, sem nada produtivo a fazer, ‘mas que não deve ser confundido com um tempo de recuperação para continuar trabalhando; o tempo trabalhado é tempo perdido, não é um tempo para nós’” (2018, apud. SOUSA, 2019, p. 285).

Em conclusão aos sentidos do tempo e do consumo que explorei aqui partindo das ideias de Han (2015, 2018, 2021a), penso que as apropriações do tempo são variadas e as oscilações entre ócio e produtividade são possíveis. O hegemônico produtivista está sendo costurado em junção ao antihegemônico da preguiça e da festa. O tricotar do tempo é marcado pela manipulação dessas categorias que nos oprimem e pela nossa auto coação do que é um tempo de qualidade, ao mesmo tempo, tentamos nos rebelar com o tempo, manejar nossos descansos e, às vezes, nos presentear com a “folga”. Se nosso tempo (livre) é, de fato, uma reprodução da sociedade de desempenho, cabe ao campo responder.

### **1.3 Televisão, entretenimento e qualidade: categorias de partida**

Han (2019) também formula uma metateoria sobre o entretenimento. Após explorar suas concepções de sociedade, de consumo e de tempo, não poderia ignorar aquilo que ele acredita ser justamente o resultado da diferenciação entre trabalho e tempo (livre) (que começa a ocorrer no século XVIII): o entretenimento. Em *Bom entretenimento*, Han (2019) faz um trajeto histórico e teórico sobre as práticas do entretenimento, suas funções e sua relação com as paixões humana para, ao fim, defender sua tese de que “a realidade se apresenta ela mesma como um efeito especial do entretenimento” (ibid., p. 8). Assim, Han (2019) inicia seu caminho trazendo a dicotomia entre as produções culturais que entretêm e aquelas que são “sérias” e, por isso, são verdadeiramente arte. Han (2019) percebe a perjorativa daquilo que diverte, pois esses são produtos que buscam conquistar um público, enquanto que a arte seria um fim em si mesma, ela não necessita de plateia, pois sua agência não é massificada. Ao mesmo tempo, Han (2019) também defende a ideia de que o entretenimento é uma ferramenta poderosa e, de certa forma, até mais livre que a “arte” que não busca entreter, isso porque ela não se restringe aos padrões consolidadores da arte erudita, ela se destina apenas a agradar e, portanto, “o poder que entretém é, certamente, mais poderoso do que o poder que trabalha com a coação” (ibid., p. 28), pois pairaria abaixo do radar das categorias distintas.

O entretenimento proporcionado pela mídia é, ainda se tratando da perspectiva de Han (2019), a forma de estabilizar o modelo social vigente por meio de narrativas, que agiriam, então, como um canal de conforto para o indivíduo, um local de validação dos modelos de vida hegemônicos. Ele acredita que “o entretenimento é um desenfardo do ser, que, além disso, produz prazer” (ibid., p. 79). Han (2019) se apropria de Heidegger ao analisar que esse é um processo intrinsecamente relacionado ao trabalho, pois é no tempo de não-trabalho, o tempo

(livre), que buscamos entretenimento assistindo aquilo que nos conforta: imagens e narrativas de um mundo que é o nosso próprio. Simples e categórico como este costuma ser.

Seguindo a metateoria que Han (2019) propõe, o entretenimento, em sua profunda relação com trabalho e tempo (livre), acabar por agir na manutenção da sociedade de desempenho. Ele diz que é na ubiquidade do entretenimento que se suspende a separação entre trabalho e tempo (livre), isso porque a qualidade de entreter passa a ocupar todas as esferas e práticas sociais. Tudo deve nos entreter e nos distrair, até mesmo o trabalho.

“O entretenimento escapa, agora, àquela limitação temporal e funcional. Ele não é mais ‘episódico’, mas sim se torna, por assim dizer, *crônico* [destaque do autor]. Isto é, ele parece não mais dizer respeito apenas ao tempo livre, mas também ao próprio tempo. (...) Por trás da ubiquidade do entretenimento se esconde, possivelmente, a sua totalização sorrateira.” (ibid., p. 111)

A hiperatividade do sujeito de desempenho de Han (2015), que como consumidor se torna passivo, também está presente nas suas noções de entretenimento:

“Assistir seria, desse modo, um ‘entregar-se ao mundo’ passivo; consomem-se apenas imagens. O ver curioso que não se demora correspondente ao zapear. O ser-aí zapeia pelo mundo. O zapear como ‘não-se demorar’ é traduzido em ontologiquês, o modo inautêntico de ser-no-mundo. O zapear entendido ontologicamente distrai o ser-aí, levando-o a uma existência inautêntica.” (HAN, 2019, p. 82)

Essa concepção Heideggeriana que transborda para a televisão, é a maneira como Han (2019) argumenta que a mídia nos distrai do mundo, nos torna omissos e, ao mesmo tempo, pertencentes aos moldes de desempenho do neoliberalismo. Ou seja, “mídias tornam os humanos cegos. Elas produzem um mundo sem qualquer testemunho da realidade. Elas falsificam e espelham falsamente o mundo” (ibid., p. 89). Na contemporaneidade, Han (2019) afirma que a realidade “real” e ficcional, em consequência à ubiquidade do entretenimento, se tornam cada vez mais indistinguíveis, para o filósofo sul-coreano, isso significa que o mundo real passa a ser aquele (ou aquilo) que é capaz de entreter.

“O entretenimento se eleva a um novo paradigma, a uma nova fórmula de mundo e de ser. Para ser, para pertencer ao mundo, é preciso ser algo que entretém. Apenas aquilo que entretém é real e efetivo. Não é mais relevante a distinção entre mundo fictício e mundo real (...). A própria realidade parece ser um efeito do entretenimento.” (ibid., p. 112)

Mais uma vez, Han (2019) proclama práticas totalizantes que, em função da sociedade de desempenho, nos aprisiona e nos aliena (numa ideia que me parece bastante marxista da própria alienação<sup>15</sup>). Desconfio, mais uma vez, da maneira como Han (2019) descreve o entretenimento e a televisão, ainda que sem desconsiderá-lo completamente, reluto em conduzir essa pesquisa e minha escrita numa perspectiva tão apática de consumo de mídia que, a meu ver, está superada e não deveria ser tratada nesses termos. Martín-Barbero (1997) relembra que Caclini nos ensinou que devemos prestar atenção na “trama”:

“que nem toda assimilação do hegemônico pelo subalterno é signo de submissão, assim como a mera recusa não é de resistência, e que nem tudo que vem ‘de cima’ são valores da classe dominante, pois há coisas que vindo de lá respondem a outras lógicas que não são as da dominação.” (ibid., p. 107)

Assim, creio que o mecanismo de desempenho, quando se trata de entretenimento, não pode ter apenas um fim e uma única percepção. Aplanar a recepção dessa forma beira a uma ingenuidade. Em seguida, Han (2019) estabelece uma ideia de “qualidade” ainda que não se aproprie diretamente dessa palavra e da teoria acoplada a esta quando tratamos de televisão, afinal, se há a arte e o “entretenimento” enquanto categorias opostas, então, não posso deixar de notar que se estabelece aí um eco da distinção de Bourdieu (2007). Além disso, Han (2019) afirma que a mídia nos torna míopes às amarras do desempenho, afinal, estamos entretidos e é justamente na totalização do entretenimento que nos tornamos um *homo ludens* distraídos dos nossos próprios atos auto coercitivos, aqui, novamente, me questiono: se há o que nos distrai do desempenho, então isso não interrompe nossa produtividade e enfrenta essa opressão de si? Quando nos distraímos, não estamos, finalmente, a contemplar? Como fazer a festa de outra

---

15 “do ponto de vista da reflexão de Marx sobre as alienações referentes ao gênero humano, é possível perceber que está solidificado no estranhamento do trabalho o conjunto das determinações que dizem respeito àquilo que, de maneira geral, é entendido por alienação: a privação, o alheamento, a insuficiência sóciohistórica das expectativas pessoais” (RANIERI, 2006, p. 3).

forma que não seja nos distraindo da produtividade? Faço essas perguntas para as quais não encontro respostas em sua bibliografia, pois Han (2019) não crê em uma saída possível. Assim, ao me propor verificar o quanto as práticas de desempenho atuam na recepção midiática, em especial na recepção televisiva, estou buscando a potência da relação entre desempenho e mídia a partir da maneira como nos apropriamos da televisão e realizamos sua recepção. Ou seja, ao contrário de Han (2019), penso que se a sociedade de desempenho parte de premissas individualistas e da ideia de que somos nossos próprios algozes da opressão neoliberal, então nossas apropriações da indústria cultural também irão refletir a maneira como reproduzimos ou, mais ainda, como corrompemos a sociedade de desempenho.

Dito isso, inicialmente, é a partir da inspiração de *Horas Furtadas* escrito pelo antropólogo Antonio Augusto Arantes (1993) que me guio por entre as ideias de tempo livre e televisão. Arantes (1993) realiza uma análise ensaística sobre o tempo (livre) e consumo de bens culturais, utilizando como aporte uma pesquisa exploratória na cidade de São Paulo composta por entrevistas em que os interlocutores foram questionados sobre quais atividades eles praticavam no tempo de “lazer” (ou de “não-trabalho”), como, por exemplo, ler um livro, frequentar bares, assistir televisão e outros. O autor distribui essas atividades e elabora categorias comparativas a partir de recortes de gênero e classe social. Apesar desse ensaio contemplar dados de 1989, algumas premissas de Arantes (1993) me direcionaram na reflexão do tempo livre e da televisão na contemporaneidade, por esse motivo resgato *Horas Furtadas*.

Arantes (1993) parte do princípio de que as escolhas do tempo (livre) remetem a práticas culturais pautadas por marcações de gênero, de idade e de posição social.

“Essas diferenças e desigualdades ganham expressão cultural particular nas interfaces entre a lógica do mercado e as motivações do consumidor e entre as decisões a nível da esfera pública e os estilos de vida que são constantemente gerados e transformados pelos grupos sociais.” (ARANTES, 1993, p. 24)

É por meio dessas categorias que ele define os grupos a serem analisados e comparados. O resultado da pesquisa demonstra que determinadas atividades são mais (ou menos) populares em grupos específicos, por exemplo, a leitura predomina entre os mais ricos enquanto festas e visitas predominam entre os jovens mais pobres. Assim, Arantes (1993) conclui que as escolhas feitas no uso do tempo (livre) perpassam todas essas categorias identitárias e é resultado da sobreposição delas. Entretanto, a atividade de assistir televisão chama atenção, pois os dados não demonstram uma grande variedade de distribuição ou uma predominância de determinado

grupo, na verdade, a televisão seria um ponto comum dentre essas categorias distintivas. É por esse motivo que Arantes (1993) argumenta que, nesse caso, talvez o que ele devesse buscar saber é quais programas e canais esses grupos assistem, mapeando suas preferências e usos, e que, aí sim, seria capaz de encontrar informações relevantes para tratar de gosto em relação a marcadores sociais nas práticas do tempo (livre).

Assim, compreendo que o consumo da televisão por si só não me diz muita coisa sobre o tempo (livre). É necessário saber o que se consome e, indo além da proposta de Arantes (1993), quando se consome, como se consome e o uso que se faz do que é consumido para, enfim, localizar essas práticas sob a ótica do desempenho que desenvolvi nas últimas sessões, explorando, possivelmente, as categorias distintivas de qualidade já que, estas sim, compartilho das noções de Han (2019) e pretendo levá-las a campo como um tensionamento do tempo (livre) produtivo e útil.

Ainda que não seja o momento de entrar no conceito de “qualidade” da televisão, pois isso seria antecipar algumas categorias do campo, é justamente por meio da alocação deste adjetivo (e da sua insinuação) que me parece ocorrer um dos processos distintivos do tempo (livre). Enquanto a Rede Globo põe em prática seu processo de *rebranding* que busca recategorizar as novelas para que sejam identificadas como produtos de qualidade cultural compatível com sua qualidade técnica (TONDATO; BACCEGA, et al., 2019, p. 226), a *HBO*, por exemplo, se apropria do discurso de uma “tevé arte” desde sua origem (CASTELLANO; MEIMARIDIS, 2016, p.196). São exemplos de como a televisão, em suas categorias expandidas, discursa sobre si mesma como detentora de um caráter distintivo. Estamos diante de valores culturais e midiáticos que delimitam a ideia do que é legítimo enquanto produção artística. Segundo Bourdieu (2004),

“Os conflitos propriamente estéticos sobre a visão legítima do mundo, ou seja, em última análise, sobre o que merece ser representado e sobre a maneira correta de fazer tal representação, são conflitos políticos (supremamente eufemizados) pela imposição da definição dominante da realidade e, em particular, da realidade social.” (p. 69)

Isto é, existe uma lógica de distinção e dominação que habita o consumo e a noção de legitimidade no julgamento do que é uma produção de qualidade e o que a define como tal. Essa distinção compõe uma organização hierárquica de consumo e, por isso, podem integrar, também, os usos sociais produtivistas.

É a partir da década de 90 que essa especificidade da televisão de qualidade começa a ocorrer (MUANIS, 2020, p. 43), impulsionada, justamente, pela *HBO* que distingue seus programas para tentar alcançar audiências específicas e “qualificadas”. Felipe de Castro Muanis (2020) problematiza essa ideia de “qualidade” para tratar da televisão, afinal, ela é uma invenção relativamente recente (o que não significa dizer que nos anos 80 e 70 não havia tevê de qualidade e, sim, que este é um conceito contextual) que expressa as artimanhas de distinção características de uma estrutura social hierárquica e submetida ao consumo. Desse mesmo modo, Muanis (2020) argumenta que se deve tratar a própria ideia de televisão de qualidade como um conceito local. Ou seja, o que é uma televisão de qualidade no Brasil, especificamente, já que “contextos distintos pedem televisões diferentes, que, por sua vez, têm juízos particulares de qualidade que não são necessariamente tributários das definições [estadunidenses]” (ibid., p. 44).

Muanis (2020) define sua própria ideia do que seria uma tevê brasileira de qualidade, mas essa definição já está sendo reinterpretada pela maior emissora do país: a Rede Globo, que criou seu slogan “padrão Globo de qualidade” para refletir a infraestrutura e o refinamento das suas produções em comparação aos outros canais da tevê aberta. Além disso, Muanis (2020) relembra produções da Globo que evocam valores regionais, folclóricos e literários<sup>16</sup> que se distinguem por buscarem a audiência intelectualizada, ele acredita que é justamente nesse valor cultural agregado à tais obras que reside o tal padrão Globo. Em termos de percepção de qualidade, Muanis (2020) resume da seguinte forma:

“Para ele [Luiz Fernando Carvalho, diretor de várias dessas peças culturais promovidas pela emissora], a qualidade não está nas telenovelas. Para o grande público, por sua vez, as telenovelas têm qualidade e, por isso, do ponto de vista quantitativo, atraem um público maior. Já para a emissora, a qualidade está tanto na telenovela quanto nas séries de Carvalho.” (p. 46)

Esse é um dos movimentos analíticos realizado por Muanis (2020) na escrita de seu livro *Convergências audiovisuais* e que me interessa explorar nesse quadro teórico. Centrado na análise das imagens audiovisuais e seu conteúdo, Muanis (2020) se apropria da ideia de “qualidade” da televisão (um conceito que ascende na teoria estadunidense) e a relativiza para

---

<sup>16</sup> Muanis (2020) destaca principalmente as obras de Luiz Fernando Carvalho, por exemplo, *Hoje é dia de Maria* (2005), *A pedra do reino* (2007) e *Capitu* (2008).

o contexto nacional. Ele parte das reflexões de Thompson (que pensa sob o binarismo da televisão de arte e a de *blockbuster*) para caracterizar essa tevê de qualidade, dizendo que é mais fácil definir o que ela não é, pois, a tevê de qualidade seria justamente isso: diferente do que se vê comumente. Ela é, portanto, menos conservadora e se apropria de um apanhado de distinções técnicas e artísticas que buscam um público seletivo possuidor de um capital escolar e cultural.

“É uma TV autoconsciente e autorreferente, com alusões à alta cultura e à cultura popular, com elencos numerosos, que permite múltiplos *plots* e diversos pontos de vistas de interpretação por parte dos espectadores, o que a torna aclamada pela crítica e pelo público mais seletivo. Tomando essas como as características do gênero televisão de qualidade, seu leitor implicado seria, então o leitor da modernidade.” (ibid., p. 41)

O segundo movimento realizado por Muanis (2020) no livro em questão, e que destacarei, é a forma como devo tratar a própria noção de tevê de qualidade na minha análise. Partir do programa e seu conteúdo para pensar qualidade parece um passo um tanto quanto óbvio para Muanis (2020), mas não deve ser tratado como a base central da investigação, pois “a televisão é um meio em que, mais importante do que o que ela veicula, é o que se fala dela e de sua programação” (ibid., p. 48). O que ele quer dizer, e que é uma das premissas teóricas e metodológicas que me orientam, é que o processo cíclico de comunicação e, principalmente, a recepção é o que manipula a ideia de qualidade nas práticas sociais e no cotidiano. A análise de Muanis (2020) parece se encontrar em alguns pontos com a metateoria de entretenimento de Han (2019). A sociedade capitalista e seu enforcamento do tempo ocioso é, para Muanis (2020), um dos fatores que impulsiona a busca por um entretenimento composto por imagens e narrativas que possa atuar numa forma de recepção desatenta. Assim,

“A questão do programa de má qualidade surge como a possibilidade mais simples: uma combinação de necessidade de ócio misturado a um referencial cultural mais estreito, uma escolha que ocorre entre o passeio por um leque mais amplo de canais, por outros programas ditos mais cultos ou refinados.” (ibid., p. 28)

Apesar de Muanis (2020) defender que essa é um modo legítimo de recepção, fica evidente, em acordo às argumentações de Han (2019), a forma pejorativa com que essa prática é vista. Muanis (2020) diz, ainda, que essa maneira de assistir televisão “não colabora para o enriquecimento crítico do espectador” (ibid., p. 29) o que me remete às premissas de desempenho e, também, ao próprio capital escolar enquanto definidor de gosto, de acordo com as análises de Bourdieu (2007). O que me interessa aqui é perceber que há uma televisão com propósito que agrega ao sujeito que a consome e há uma televisão que distrai e é inútil e essas podem ser medidas pela “qualidade” que lhes são atribuídas. Entretanto, Muanis (2020) diz que não é apenas o programa em si que dita o valor de “enriquecimento crítico” do sujeito, já que o telespectador culto assiste criticamente tanto a televisão de qualidade ruim quanto aquela de qualidade boa, afinal, “consumir uma mídia não significa total adesão a ela, justamente porque o seu conteúdo é interpretado por um espectador que se relaciona com um contexto social, que percebe e lê sua realidade de forma singular” (ibid., p. 33) (ao contrário de Han (2019) que atribui ao entretenimento uma natureza própria e invariável). Freire Filho (2003) elabora algo semelhante, a partir das reflexões de Sontag (1964), porém argumentando que essa adesão pode ser *camp*<sup>17</sup>, isto é, uma forma de consumi-las e classificá-las que se origina de um narcisismo auto afirmativo que, ao mesmo tempo, tem necessidade de desafiar as hierarquias culturais, sem, no entanto, renunciar ao próprio status intelectualizado de quem julga e define os preceitos de qualidade. Enfim,

“A tese central do ensaio de Sontag é que (embora existam objetos que convidam, com variados graus de discrição, a uma abordagem *camp*) o prazer mais intenso diante deste universo extravagante depende, primordialmente, do olhar escolado do observador, moldado por uma visão paródica do mundo.”  
(FREIRE FILHO, 2003, p. 86)

Ou seja, remete ao manejo de um capital cultural “descoladas o bastante de antigos preconceitos de classe para desfrutar de produtos e formas culturais de origem plebeia” (FREIRE FILHO, 2003, p. 86) e, então, poderiam usufruir dos entretenimentos da massa, mas, como dito, sem perder sua posição de “de criador, legitimador e supervisor dos cânones do

---

<sup>17</sup> “Estratégia de leitura do mundo em termos de estetização e estilo; predileção pelo exagero e artifício; hedonismo audacioso que sucede ao bom gosto.” (SONTAG, 1964, apud., FREIRE FILHO, 2003, p. 85)

gosto”. (FREIRE FILHO, 2003, p. 86). Segundo esse autor, é dessa forma que “o brega de hoje pode ser o *cult* de amanhã” (FREIRE FILHO, 2003, p. 84).

Assim, talvez o que Arantes (1993) buscase na análise distintiva do uso do tempo livre no que diz respeito a televisão, fosse um dado um pouco mais subjetivo do que aqueles que compõem o *Horas Furtadas*. A “qualidade”, esse conceito problemático e inexato, se apresenta como uma possibilidade de compreender o uso da televisão sob a égide do desempenho. O que quero dizer é que a recepção e as narrativas dos sujeitos trabalham como linha e agulhas tricotando a ideia do indivíduo do desempenho e seu consumo midiático. O resultado, possivelmente, não reflete a totalização de Han (2015, 2018, 2019), mas, talvez a potência da sociedade de desempenho seja capaz de coabitar os domínios do lazer, do tempo (livre) e da televisão.

#### **1.4 Publicar ou perecer: produtivismo, desempenho e utilitarismo acadêmico**

Enfim, trago algumas referências que justificam a escolha do meu recorte. Parto, primeiramente, da análise de Ferraz (2014), em que a autora argumenta que a auto coerção de desempenho pautada pelos instrumentos da avaliação atravessa, também, a vida acadêmica, tornando-a mais produtivista e regida por uma lógica empresarial. Ferraz (2014) acredita que surgem cada vez mais instrumentos de avaliação e quantificação da produção científica, o ideal a ser alcançado se torna extremamente subjetivo e impossível, afinal, “não havendo uma meta fixa e estável, sempre se estará aquém” (ibid., p. 7). Uma das consequências desse processo, para Ferraz (2014), é a maneira como a pesquisa acadêmica é tratada de forma utilitarista, sendo que essa utilidade é medida por padrões quantitativos<sup>18</sup>. Isso excluiria os aspectos subjetivos de inspirações acadêmicas relevantes que nem sempre ocorre de forma direta como citações mensuráveis, além disso, “quando a qualidade se torna uma simples propriedade emergente da quantidade, não se pode tampouco avaliar a originalidade de uma pesquisa” (ibid., p. 10). Para De Certeau (2016), o utilitarismo desmascara uma insistência da universidade em se manter, de certa forma, elitista, pois, a relevância de um estudo seria, antes de qualquer coisa, “um interesse, um significado, que estão ligados, relacionados com aqueles que os fazem, e isso de modo aparente, manifesto e evidente” (PROST, 1970, apud., DE CERTEAU, 2016, p. 105), ou seja, deve fazer sentido para quem o produz. De Certeau (2016) acredita que isso é uma

---

<sup>18</sup> Por exemplo: se uma pesquisa é mais citada do que outras, ela aparecerá em primeiro lugar nas buscas em plataformas como o Google Acadêmico e, dessa forma, ela corresponderá a resposta mais “útil” à sua pesquisa.

propriedade da massificação da universidade e a conseqüente heterogeneidade de sua composição e produção e que, por isso, não podem (ou, pelo menos, não deveriam) mais perpetuar ou se submeter a transmitir uma cultura intelectualizada de elite cujo caráter “útil” não reflete as pertinências que importam aos próprios discentes.

Desse modo, assim como Martín-Barbero (1997) utiliza as ideias de De Certeau para complementar e criticar a reprodutibilidade do *habitus* definida por Bourdieu, pretendo fazer algo semelhante. Creio que nos termos em que escrevo essa pesquisa, não poderia ignorar, ao realizar meu recorte, a própria noção de capital escolar que atravessa a escrita de Bourdieu (2007), reverbera em produções infinitas e que me é muito cara na reflexão sobre o universo acadêmico e a recepção. Segundo Bourdieu (2007),

“quanto maior for o reconhecimento das competências avaliadas pelo sistema escolar, e quanto mais ‘escolares’ forem as técnicas utilizadas para avaliá-las, tanto mais forte será a relação entre o desempenho e o diploma que, ao servir de indicador mais ou menos adequado ao número de anos de inculcação escolar, garante o capital escolar, quase completamente, conforme ele é herdado da família ou adquirido na escola.” (p. 19)

Assim, o capital escolar, por meio do diploma, legitima a propriedade, de quem o possui, para “apreciar” os domínios mais legítimos e, conseqüentemente, produzir símbolos de distinção através do gosto pelas obras contidas nesses domínios, distinção essa que, creio, poderia assumir um caráter competitivo e auto coercitivo de desempenho. Para Bourdieu (2007), a escola é um espaço de reprodução que perpetua a hierarquia do gosto e os seus usos, fazendo com que os sujeitos portadores de seus diplomas que legitimam seus pretensos conhecimentos e julgamentos, continuem a administrar esse consumo como uma ferramenta de distinção (e, portanto, opressão). Isso vale para além dos domínios escolares, são reproduções que permeiam a arte, a comida, a sociabilidade, o comportamento, o vestuário etc., ou seja, é uma manipulação das aspirações e exigências que extravasa o ambiente escolar, movimentando-as em prol da manutenção de uma distinção de classe. Quer dizer,

“Esse efeito de alocação – e o efeito de atribuição estatutária implicado nele – contribui, sem dúvida, em grande parte, para fazer com que a instituição escolar consiga impor práticas culturais que ela não inculca, nem sequer exige expressamente, mas que estão incluídos nos *atributos estatutariamente*

*associados* [destaque do autor] às posições que ela concede, aos diplomas que confere e às posições sociais, cujo acesso é obtido por esses diplomas.” (BOURDIEU, 2007, p. 29)

A conformidade às expectativas escolares não ditas, é o que compõe o prestígio do dito “homem culto” e valida a posse de todos os conhecimentos do tempo que um diploma, implicitamente, representa (quanto mais conceituado for o título, maior é a expressão e conformidade com essa hierarquia). São conhecimentos e gostos, adquiridos, muitas vezes, de forma impensada, supostamente “desinteressada” e naturalizada que atribui qualidades intrínsecas ao que é consumindo e, desse modo, dissimula a hierarquia socialmente construída (e apoiada escolarmente) do gosto, construindo, dessa forma, a ideia de que essa é a norma padrão e geral de se compreender e relacionar com o mundo. Ainda de acordo com Bourdieu (2007), essa dicotomia entre dominantes e dominados faz com que os primeiros interpretem sua relação com os segundos através de dualismos como “o sério e o frívolo, o útil e o fútil, o responsável e o irresponsável, o realismo e o irrealismo” (ibid., p. 90), enfim, compreensões de distinção que só fazem sentido na naturalização narcisista desse mundo, pretensamente, homogêneo.

Enfim, a aquisição do capital escolar acontece de forma rígida e rara, atravessada por tantos outros marcadores como origem social, classe, gênero etc. Não pretendo me aprofundar nessas questões, mas a reprodução desses valores escolares tão unificados poderia encontrar algum enfrentamento na defesa pela massificação da universidade proposta por De Certeau (2016), já que, primeiramente,

“A relação da cultura com a sociedade modificou-se: a cultura não está mais reservada a um grupo social; ela não mais constitui uma propriedade particular de certas especialidades profissionais (docentes, profissionais liberais); ela não é mais estável e definida por um código aceito por todos.” (ibid., p. 103-104)

Isto é, De Certeau (2016) prevê estudantes que não se reconhecem mais nessa cultura escolar e no que é proveniente dela, e, ao invés de reproduzir suas hierarquias e gerar apenas o mesmo incessantemente, buscam forma de transpor seus mestres para tratar de suas próprias

questões e desmembrar a homogeneidade do *habitus*<sup>19</sup>, valorizando e abrindo espaço para a “enorme heterogeneidade entre os estudantes, em virtude de suas origens familiares, seus meios sociais, suas leituras e suas experiências culturais” (ibid., p. 110). Afinal, “a exigência de uniformidade paralisa as iniciativas” (ibid., p. 108). Essa solução sugerida por De Certeau (2016) preza por uma vulgarização da pesquisa e a manutenção da algazarra estudantil que façam agir sua criatividade experimental para manipular os conhecimentos e a universidade para, enfim, produzir algo que não seja igual e apenas uma reprodução dos cânones. Ele acredita que, apesar dos esforços em se manter nas mesmas configurações excludentes e conservadoras, “a polivalência da sociedade penetra nas escolas (...) e é o mar da cultura de massa que inunda os pântanos universitários” (ibid., p. 110).

Desse modo, entre Bourdieu (2011) e De Certeau (2014) (e ainda passando pelas reflexões iniciais de Ferraz (2014)), há muito o que considerar sobre a prática acadêmica e sua relação com a recepção e uso social da televisão (que implicam em tempo (livre), consumo e lazer) e o recorte que proponho. Se a sociedade de desempenho representa uma competitividade e uma noção única e utilitarista do que é “o melhor” de alguma forma, creio que ela está intimamente ligada com o acúmulo desses capitais e, ao mesmo, desafiada por aquilo que tenta corromper seus dogmas.

Além disso, não posso ignorar os valores empreendedores com que o universo acadêmico está se fundindo e se baseando ao privilegiar noções de utilidade e quantidade que agem na manutenção de hierarquias e na precarização das pesquisas e dos pesquisadores. Em *Imaging Knowledge: Visual Anthropology, Storytelling and the Slow Path Toward Wisdom*, Stoller (2020) sintetiza a crítica elaborada por Berg e Seeber no livro *The Slow Professor* (2016 apud. STOLLER, 2020, p. 18) ao produtivismo acelerado da universidade.

*“the corporatization of higher education has diverted our attention from the principal missions of colleges and universities: (1) supporting scholarship that enhances our comprehension of the world; and (2) training students to think critically and write clearly so they can become engaged and productive citizens. Berg and Seeber in fact, claim that the culture of speed in higher*

---

<sup>19</sup> É “o produto da interiorização dos princípios de um expediente cultural, capaz de perpetuar nas práticas os princípios do expediente interiorizado” (BOURDIEU; PASSERON, 1970, p. 47, apud., MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 111).

*education has created so much tedious 'make-work' that professors and students have little time to read, think or write.” (ibid.)*

Assim, esses autores defendem que a produção acadêmica se encontra fragmentada e permeada por distrações, e que a pesquisa feita de forma lenta é um ato de resistência ao modelo corporativista que vem movimentando a ciência (ibid.). Ferraz (2014) também propõe uma maneira de subverter esse sistema ao escrever seu texto autorreflexivo da prática acadêmica e docente e exaltar a potência ativista da própria escrita científica. Ferraz (2014) se aproxima de Han (2015) e De Certau (2016) ao dizer que a celebração, a festa e a alegria no fazer acadêmico seria capaz de profanar o endurecimento do produtivismo e das avaliações que o sustentam. Ou seja, reencontrar (ou talvez encontrá-lo pela primeira vez?) o prazer da ciência e da passagem do tempo.

“A riqueza do pensar, pesquisar e ensinar diz respeito ao que passa pelos docentes, os deixa, segue além, e por vezes retorna, em um diálogo enriquecedor que festeja silenciosamente o tempo de vida e os acasos de nossa presença simultânea, contemporânea no mundo.” (FERRAZ, 2014, p. 12)

Mas, enfim, cabe ao campo responder o que tudo isso significa nesse instante presente. Em resumo, esse recorte me pareceu oportuno, pois parto de um grupo que, teoricamente, está submetido às práticas de desempenho e, também, possivelmente, está se apropriando do uso de capital escolar e cultural em seu cotidiano e hábitos de consumo. São premissas que parecem confortáveis e alinhadas com meu desenhar teórico e metodológico. Entendo, portanto, que é hora de minha própria escrita reflexiva da prática acadêmica, na expectativa de que ela possa ser alguma forma de algazarra.

## 2. “BAIXA METODOLOGIA”: Etnografando na pandemia

A metodologia talvez seja uma das etapas mais delicadas do meu trabalho. Ao adentrar o programa de mestrado, me propus a realizar uma etnografia de recepção como aquelas de Heloísa Buarque de Almeida (2001) e Ondina Fachel Leal (1983) cujos trabalhos me inspiraram desde o princípio da minha graduação. Foi na conclusão do meu bacharel em Antropologia Social que escrevi, ainda que de forma um tanto amadora, meu primeiro diário de campo composto por uma etnografia de recepção que focava, acima de tudo, no próprio método (e, talvez, em um objeto pouco delineado). Por muito meses estive completamente imersa em meus trajetos e meu diário, todos os dias, com a mochila nos ombros, eu saía de casa na empolgação de quem vai redescobrir a própria recepção. O que não deixa de ter alguma verdade nisso, afinal, toda etnografia escreve algo de novo sobre aquilo que se revisita, ela é sempre resultado de um universo contextual e da subjetividade de atores específicos e, portanto, não pode ser integralmente refeita. Assim, o que me faltava em maturidade científica, me sobrava em confiança e entusiasmo. Eu dei o pretensioso e irônico título de *Não sou noveleiro*, em 2017, ao trabalho final que escrevi com as maiores e melhores ambições do mundo e hoje o percebo como um projeto que representa meu vínculo afetivo com a etnografia e a televisão. Essa monografia, ainda que pouco lapidada pela experiência e aprofundamento teórico e metodológico (que só seria capaz de adquirir com o tempo), representou o desfecho de cinco anos dedicados ao aprimoramento do meu olhar etnográfico, um tempo bastante significativo na minha formação acadêmica e que me caracteriza como profissional. Afinal, é em nossa graduação que damos o primeiro passo para aquilo que nos define nas apresentações formais e nos círculos sociais, enfim, digo-me antropóloga.

Conto essa pequena história para ilustrar o impacto da pandemia na minha produção acadêmica: já não podemos mais sair de casa e, menos ainda, ir até a casa das pessoas. E, portanto, a técnica da observação participante, canônica na metodologia etnográfica, é comprometida. Para Delgado e Gutiérrez (1995) essa técnica está intimamente associada à prática dos antropólogos, afinal foi a antropologia que sistematizou e mais contribuiu com ela. Para esses autores, tal relação é tão essencial, entre a observação participante e a etnografia, que eles determinam a primeira como uma premissa da segunda<sup>20</sup>. Essa não é uma ideia pouca

---

<sup>20</sup> Entretanto, é importante ressaltar que há, também, etnografia sem observação participante, como traz Angrosino (2009) em *Etnografia e Observação Participante*, ainda que, fora da observação participante, se estabeleçam relações formais de pesquisador e pesquisado, enquanto que, por meio da observação participante, o pesquisador

difundida (apesar de ser questionável) e, desse modo, não pude contar com aquilo que seria, inegavelmente, uma etnografia.

Em resumo, me frustrei com a perspectiva de utilizar o método que eu naturalizei na minha vida acadêmica e que me impulsionou a retornar para a universidade. O que me pareceu um fracasso a princípio, logo se mostrou como possibilidade (tento ser otimista ou quase isso). Talvez eu tenha finalmente chegado no momento de amadurecimento metodológico e, também, de evocar uma criatividade inédita à minha escrita. O cenário pandêmico atravessará esse momento científico e não há o que fazer além de dar conta dele. Entretanto, isso me desperta questões ainda mais profundas e autorreflexivas, sem a etnografia tradicional, quem eu sou enquanto pesquisadora? Deixei de ser antropóloga para me tornar algo novo? Tornei-me um híbrido? E de onde vem essas categorizações tão endurecidas da produção acadêmica? Onde contribuo com minha multidisciplinaridade se tenho de escolher entre estar lá ou aqui? Nenhuma dessas questões devem ser respondidas nessa dissertação, são divagações pessoais que me paralisaram diante da escolha metodológica no contexto pandêmico. Desconsiderando aquilo que devo levar para a consulta com minha terapeuta, resta responder: O que me proponho a fazer a seguir ainda é, metodologicamente, etnografia? Talvez se tivesse escolhido minha pós-graduação na Antropologia Social, essa questão não seria levantada e minha pesquisa seria naturalmente uma etnografia não rendida aos dogmas dos sentidos de observar presencialmente o tal “nativo”. Mas por quê? Urpi Montoya Uriarte (2012) escreve, a partir de sua síntese de Geertz, que a antropologia passou a ser definida pela prática etnográfica, ou seja, o antropólogo é, por definição, também um etnógrafo. O “ir a campo” e a forma como o pesquisador se porta e reporta a ele, seja lá onde está esse campo (uma cidade, um lugar, imagens, cheiros, sons etc.) constitui a antropologia e a representa academicamente, “nos definimos em termos de um estilo de pesquisa, não em termos daquilo que estudamos” (ibid., p. 172). Isso me leva a crer que, estando na Antropologia Social, eu seria, também etnógrafa. Mas não estou.

É a partir das ideias de Geertz (2009) que Uriarte (2012) constrói sua percepção de etnografia. O trabalho de Geertz (2009) se posiciona, justamente, em oposição ao “realismo etnográfico” em que, baseado nessas técnicas e metodologias, pressupõem-se que somente o pesquisador é capaz de mediar (e até, talvez, traduzir) as organizações socioculturais de uma comunidade, ou seja, escreve-se como se o etnógrafo não fosse um sujeito constituído por subjetividade e que, portanto, possui a legitimidade científica para produzir efeitos de verdade

---

é aceito como um membro ou um amigo daquela comunidade (ibid., p. 33), algo com o qual eu, dado o recorte escolhido, não preciso me preocupar tanto.

estanques e últimas sobre os pesquisados (DELGADO & GUTIERREZ, 1995, p. 147). Essa ideia é consequência da própria origem da antropologia quando se acreditava que a ciência social havia encontrado seu reflexo metodológico das ciências exatas e, por isso, o pesquisador, enquanto indivíduo, deveria ser omitido do produto final para se adequar ao senso comum de cientificidade (ANGROSINO, 2009, p. 17). Assim, para Geertz (2009), a etnografia é, antes de tudo (antes, inclusive, da observação participante), um estilo de escrita que se equilibra entre o literário e o científico com o qual o etnógrafo convence seus leitores de que a pesquisa em questão é legítima. Assim, Geertz (2009) valoriza o poder de persuasão literária da etnografia como fator essencial dessa prática. Para ele, não são as descrições minuciosas, a “substancialidade factual” (ibid., p. 13), a abundância de tempo, de dados ou de escritas que definem a credibilidade etnográfica. Ou seja, não basta apenas haver quantidade e seguir rigidamente uma cartilha, é preciso saber convencer.

“A capacidade dos antropólogos de nos fazer levar a sério o que dizem tem menos a ver com uma aparência factual, ou com um ar de elegância conceitual, do que com sua capacidade de nos convencer de que o que eles dizem resulta de haverem realmente penetrado numa outra forma de vida (ou, se você preferir, de terem sido penetrados por ela) – de realmente haverem, de um modo ou de outro, ‘estado lá’. E é aí, ao nos convencer de que esse milagre dos bastidores ocorreu, que entra a escrita.” (ibid., p. 15)

Assim, o “estar lá” seria antes uma propriedade da escrita do que o resultado do uso rigoroso de determinada técnica, é desse modo que o pesquisador se imprime na pesquisa e sua autoria se torna indissociável dos dados, recortes e técnicas que são pautadas, na maioria das vezes, por experiências biográficas. Em resumo, “os etnógrafos precisam convencer-nos (...) não apenas de que eles mesmos realmente ‘estiveram lá’, mas ainda (...) de que, se houvéssemos estado lá, teríamos visto o que viram, sentido o que sentiram e concluído o que concluíram” (ibid., p. 29).

Além disso, Geertz (2009) argumenta que, sendo um método inteiramente contextual, a etnografia se faz dentro daquilo que é possível (as dificuldades não são do campo, mas, sim, do discurso) e seu resultado é irrecuperável, isso significa que a potência literária dessa escrita traz em si um caráter de “é pegar ou largar” (ibid., p. 16). A prisão do fascínio pelo campo deve ser substituída pelo fascínio da escrita, segundo Geertz (2009), e aí, então, seremos capazes de, de fato, “estar lá”.

Após o “estar lá”, Geertz (2009) afirma que é necessário “estar aqui”, isto é, estar na universidade entre pares para que o texto, enfim, se aloque nas engrenagens do fazer científico. No meu caso, o lá e o aqui parecem se misturar. Eu estou buscando maneiras de justificar minha etnografia, argumentando formas não convencionais de observação participante. Mas a verdade é que eu observo e participo em demasia. Eu vivo e reflito sobre o campo: parto dele e retorno para ele. E, assim, eu estive lá: nos rituais sociais e de recepção pandêmicos, nos rituais acadêmicos, na tela do notebook e em frente à televisão. E agora estou aqui. Essa personalidade, para Geertz (2009), é indissociável da escrita etnográfica, ela deve se manifestar sem timidez, em oposição à retórica científica descritiva tradicional.

As ideias de Geertz (2009) podem parecer indulgentes, munindo o etnógrafo de uma legitimidade e uma liberdade quase românticas, porém, é justamente no pressuposto de que seria inútil tentar modular a etnografia às métricas científicas do mundo acadêmico, pois ela é autoral, criativa, literária e situacional, que residiria a maior problemática da etnografia: o peso maçante da autoria. Assim,

“Uma vez que se começa a olhar *para* [destaque do autor] os textos de etnografia, além de olhar através deles, e se percebe que eles são construídos, e construídos para persuadir, aqueles que os produzem passam a ter muito mais por que responder.” (ibid., p. 181)

E a conquista desse crédito autoral não é, de maneira alguma, uma tarefa fácil. E este não pode ser, simplesmente, depositado no método (ibid., p. 182). Desse modo, nem tanto relatório e nem tanto literatura, a etnografia é um uso de linguagem arriscado, suscetível à descrença e, ainda assim, necessário. Enfim, “seja a etnografia o que mais for (...), ela é, acima de tudo, uma apresentação do real, uma verbalização da vitalidade” (ibid., p. 186), ela é o convencimento do estar lá “em algum ponto específico da linha vital do mundo” (ibid.). E, por tudo isso, Geertz (2009) diz, ainda, que uma etnografia só pode ser julgada após ter sido concluída.

De forma um pouco mais ousada, Mariza Peirano (2014) defende, também, que etnografia não é método, é teoria vivida. Isso porque toda etnografia é, também, teoria. A etnografia não se repete ou replica, ela não se conforma às ditaduras intelectuais e, principalmente, ela é um domínio de criatividade sempre renovada. Peirano (2014) enfatiza essa potência do próprio antropólogo em manipular a etnografia de forma antidisciplinar e contribuir para novos questionamentos teóricos. Para essa antropóloga é a não conformidade e

os desvios acadêmicos que permite o avanço científico. Uriarte (2012) defende ideia semelhante ao atrelar a etnografia com a teoria: para ser capaz de realizar, de fato, uma etnografia é necessário estar formado intelectualmente na teoria da própria disciplina antropológica. A etnografia é resultado de uma prática treinada, de um olhar condicionado à abordagem etnográfica do estranhamento. Assim como Peirano (2014) narra sua jornada cotidiana transformada em objeto da análise, o antropólogo parece estar sempre refém de iniciar sua etnografia a qualquer momento, tudo é capaz de engatilhar aquilo que ele aprendeu a ser profissionalmente, justamente porque a etnografia está no ordinário, no pesquisador e no diálogo que ele estabelece com os sujeitos.

Não quero por meio dessa breve (e até um pouco, admito, exotérica) análise argumentar que tudo que minhas mãos escrevem é, inevitavelmente, etnografia. Mas, modestamente, reconheço que meu olhar etnográfico e minha bagagem acadêmica definida, principalmente, por essa teoria vivida não pode ser ignorada ou neutralizada. Insisto que é dessa forma que me projeto na coleta de dados e na escrita posterior. Se poderei, algum dia, chamar minha prática nessa dissertação de (integralmente) etnográfica, deixo para o futuro. Pois nesse momento me utilizo das técnicas possíveis durante a pandemia, é um tempo de limitações e adaptações, não só dentro da universidade, pois essa impossibilidade de ir até os sujeitos não é apenas metodológica, estou confinada para além dos métodos e o contato virtual que proponho a seguir é, também, um reflexo da minha vida social atual. Nesse contexto, Miller (2020) e Pink (2020) trouxeram algumas instruções (e muitas palavras tranquilizadoras) quanto à realização de etnografias durante a pandemia, já que a adequação de técnicas é um processo inevitável.

Para Miller (2020), o ofício do antropólogo está no confessional e isto não é perdido mesmo que as condições de pesquisa nesse momento não sejam ideais. Ele afirma que, pelo menos na antropologia, não há necessidade de um rigor metodológico e, por isso, as adaptações são possíveis de serem feitas sem prejudicar o método em si. Ou seja, não se trata apenas de aumentar e intensificar as entrevistas online (uma técnica que imagino estar em alta nesse período), mas buscar maneiras únicas de observar. Pink (2020), por sua vez, argumenta que o vídeo serve como forma de aprofundamento metodológico e age como ferramenta de introdução do pesquisador ao cotidiano do pesquisado. Assim, me levo a pensar que a própria entrevista aberta remota é uma maneira de documentação da prática de sociabilidade pandêmica, afinal, procuramos as telas e as plataformas de videochamadas para conversar com parentes e amigos. Desse modo, mais do que registro de entrevistas, o vídeo é a representação da cotidianidade da tela. Pink (2020) diz, assim como Miller (2020), que a interação online permite outras formas

de acesso aos interlocutores, formas essas que talvez não seriam possíveis pessoalmente, por exemplo, podemos explorar novas materialidade e sentimentos de “casa” (lar), já que o sujeito, na maioria das vezes, é quem tem traduzido os espaços para o etnógrafo que o visita apenas por meio do cenário no vídeo. Pink (2020) vê as limitações do momento pandêmico como uma oportunidade (inoportuna) de nos concentrar em aspectos mais performativos de espaço e sujeito.

Assim, apesar do empecilho do isolamento, imagino que fomos impelidos (ou obrigados) a explorar novas possibilidades técnicas (e, por consequência, metodológicas), realizando um exercício de percepção e de criatividade, o que pode nos levar a explorar aspectos que talvez antes se tornassem apenas notas de rodapé. Isto é, abalar a hierarquia da coleta de dados. É necessário buscar novas formas de se integrar no universo que se pretende estudar. E essa é minha teoria vivida das readequações. Almejo a seguir me apropriar de uma “baixa metodologia” e trilhar alguns desvios aos cânones metodológicos da observação participante. Não temo o caminho da não-ortodoxia, temo, antes, a perda do exercício da minha escrita etnográfica. E é por essa teimosia de minha parte que tomei a liberdade de nomear esse capítulo de “*Baixa Metodologia*” em referência a baixa teoria de Halberstam (2020) que expressa uma não conformidade (e talvez um pouco da minha soberba).

Primeiramente, será por meio da utilização de entrevistas abertas (de forma online, obviamente) que terão como guia a produção de diários pessoais pelos sujeitos da análise. Explico: o que proponho, influenciada principalmente por Sarah Pink (2013) e sua compreensão de que o fazer científico é uma prática colaborativa de produção de conhecimento em que todas as parte envolvidas contribuem ativamente, é, em primeiro lugar, selecionar seis sujeitos que se encaixem no meu recorte (e com os quais eu possua intimidade suficiente para que o contato apenas virtual não seja um grande empecilho no aprofundamento da intimidade e da confiança), tais sujeitos produzirão um diário pessoal cada, a ser compartilhado comigo.

Fernanda Chocron Miranda (2019) sintetiza a definição de diário como “um tipo registro regular, ininterrupto e feito diariamente sobre algum fato e/ou ação ocorrida, seja ela relevante na leitura de quem a registra, que não pode ser esquecida ou que precisa ser monitorada” (p. 84). Miranda (2019) aponta que o diário é uma ferramenta que possibilita autonomia e alguma espontaneidade para os sujeitos investigados e seus relatos, pois pode ser escrito no ambiente em que o indivíduo se sente à vontade e, também, é contemporâneo aos fatos ocorridos no cotidiano. O distanciamento entre pesquisador e sujeitos causado pelo diário como fonte de dados, não é uma condição final, já que o diário pode ser associado a outras técnicas como

pretendo fazer com a entrevista. Para Zimmerman e Wieder (1977), a junção dessas duas técnicas (diário e entrevista) é uma possibilidade bastante frutífera quando a observação participante não é possível e, para mim, veio a calhar durante a pandemia. Para esses autores, os diários emulam a técnica da observação participante, pois aquele que o escreve não apenas participa dos eventos que pretendem ser estudados como, também, observa a si mesmo. Sendo assim, o sujeito pesquisado se tornaria, de algum modo, um pesquisador, isto é, “*diarists thus served as adjunct ethnographers of their own circumstances*” (ibid., p 484). No que diz respeito a entrevista como processo posterior à produção do diário e inspirado por ele, Zimmerman e Wieder (1977) acreditam que esse é o momento do aprofundamento de dados, direcionamento de foco para solucionar sua questão de pesquisa e confronto de fatos e opiniões. Enfim, a entrevista é o momento em que o campo se concretiza. Tanto Zimmerman e Wieder (1977), quanto Miranda (2019) elaboram algumas orientações da dinâmica do diário, pois essa depende do engajamento dos sujeitos (o que nem sempre ocorre), confesso que em meu planejamento, conto apenas com a relação construída com tais pessoas (e até uma empatia acadêmica) para dar conta desse processo. Tanto as entrevistas quanto os diários têm seu sucesso atrelado à relação entre pesquisado e pesquisador.

Dito isso, em termos práticos, os diários são produzidos e compartilhados por meio da ferramenta do *Google Drive*, nela há uma pasta com as iniciais do participante e que apenas eu e a referida pessoa temos acesso por meio de um *link* gerado e compartilhado com esse propósito. Essa pasta arquiva seu diário por meio de um documento do *Drive* que eu mesma adicionei para determinar o local da escrita, com apenas uma primeira folha em branco e nenhum registro de datas ou orientações, o que resultou em tipos e formatos variados de registros (a serem descritos nos capítulos seguintes, respectivamente). Ela também comporta os meus próprios arquivos referentes àquela pessoa, como, por exemplo, gravações de vídeo e áudios, que ficaram acessíveis aos sujeitos durante todo o período do campo. A pasta é livre para ser ocupada da maneira que a pessoa quiser (uma das primeiras instruções que dei e enfatizei), assim como o diário, podendo ser criadas novas pastas ou anexadas outros tipos de mídias (no geral, algumas pessoas adicionaram pastas para compartilhar fotografias e a maioria se utilizou de *links* para ilustrar e exemplificar algumas mídias). Não estabeleci regras ou objetivos, essa produção compartilhada é tão pessoal quanto fui capaz de projetá-la. É a partir desses diários que eles puderam, ativamente, narrar, refletir e registrar aquilo que consideram essencial sobre si e suas práticas cotidianas. E é a partir da leitura desses diários que elaborei as entrevistas posteriores ao conhecê-los intimamente. Assim, minha perspectiva sempre parte

de um olhar de si como ferramenta metodológica. Por fim, as entrevistas servem como um movimento de revisitar, refletir e aprofundar aquilo sobre o qual os sujeitos escreveram em seus respectivos diários e que me interessam na investigação do tema proposto.

No que tange às entrevistas recupero a análise de Francisco Sierra (2019), e pretendo seguir sua orientação de um planejamento de tópicos (ao contrário de Zimmerman e Wieder (1977) que utilizam perguntas concretas e diretas quase como um questionário) necessários à conversação (inspirada pelos diários), já que esta parece uma das poucas orientações práticas que não se perderam nos web encontros (até mesmo a habilidade de saber quando falar e quando escutar se perde e se atravessam nas conexões e nos *delays*). Segundo Sierra (2019), é a partir da década de 30 que a entrevista passa a incorporar o escopo da pesquisa nas ciências sociais<sup>21</sup>, o autor também define a entrevista como um processo de conversação verbal mediado por interrogações (que é justamente o que a diferencia de uma conversa comum) com o objetivo de “[obter] informação sobre um objeto definido [tradução minha]” (ibid., p. 304), assim, o entrevistado deve estar ciente da finalidade do trabalho e, portanto, se estabelece um acordo mútuo que favorece a coleta de dados por meio da colaboração do indivíduo que possui o relato de interesse. Nesse texto, em específico, trataremos principalmente da entrevista como técnica qualitativa e aberta por ser uma prática atrelada ao campo etnográfico e, por isso, de grande valor ao estudo das ciências sociais.

Sierra (2019) aponta para os aspectos subjetivos da técnica de entrevista: é necessário criar mecanismos que permitam adentrar na intimidade do entrevistado, fazendo-o se sentir à vontade, inspirando confiança, respeitando sua individualidade e se adequando ao contexto social e cultural do sujeito. Ou seja, cabe ao pesquisador se adaptar às necessidades e especificidades do pesquisado. A comunicação, ainda de acordo com Sierra (2019), é um processo repleto de ruídos e sinais não-verbais, isso faz parte da entrevista e não devem ser postos de lado em função de uma elaboração excessivamente objetiva de dados, essa seria sua principal qualidade e, ao mesmo tempo, sua principal limitação (ALONSO, 1995, p. 226). Desse modo, além de adentrar o universo íntimo do entrevistado, o entrevistador deve, também, ser capaz de compreender os aspectos mais sutis do processo de entrevista.

*“Luego, más allá de los convencionales reduccionismos sociológicos, la entrevista cualitativa debe tratar a las personas y a las situaciones en que se*

---

<sup>21</sup> Ainda que de forma bastante restrita e regulada devido à ideia de cientificismo que vigorava na época (muito atrelada, ainda, às ciências exatas).

*desenvuelven conversacionalmente esas personas como experiencias únicas e intransferibles que exigen una retroalimentación permanente durante el proceso mismo de la investigación.” (SIERRA, 2019, p. 330)*

Retomando Peirano (2014), é justamente nesse processo de captar os detalhes e traduzi-los cientificamente que habita uma das riquezas e sutilezas da escrita, pois,

“palavras fazem coisas, trazem consequências, realizam tarefas, comunicam e produzem resultados. E palavras não são o único meio de comunicação: silêncios comunicam. Da mesma maneira, os outros sentidos (olfato, visão, espaço, tato) têm implicações que é necessário avaliar e analisar. Dito de outra forma, é preciso colocar no texto – em palavras sequenciais, em frases que se seguem umas às outras, em parágrafos e capítulos – o que foi ação vivida.” (ibid., p. 386)

Nesse caso, a ação vivida é a própria entrevista, o relato cotidiano mediado pela escrita do diário, pela mídia, pelo contexto e pelos nossos diálogos. Finalmente, desejo (e me esforço para) que esse aparato metodológico da entrevista como técnica etnográfica e a produção autorreflexiva de diários atue como prevê Luis Jesús Galindo Cáceres (1997) em *Metodología cualitativa en investigación social*:

*“Su objetivo [da etnografia] es obtener una descripción lo más detallada posible de la vida e y la historia de los actores sociales. Su práctica se define por obtener esta información y además compartir la impresión y el proceso con el llamado informante, formando en éste un sentido antropológico de observación y de análisis de su propia vida, para ser usado con el propósito de mejorar sus condiciones de vida objetivas y subjetivas.” (p. 174)*

Em segundo lugar, nesse momento, encontro-me escrevendo uma pesquisa que ao mesmo tempo me cativa e me desafia pela minha própria escolha de recortar grupos dos quais eu pertencço e atuo e, assim, me percebi como o próprio sujeito da minha análise, uma estudante de pós-graduação que, por consequência das minhas próprias premissas, estaria envolta nessa sociedade de desempenho, submetida a avaliações constantes e, principalmente, movida pela lógica de “publicar ou perecer”, privada de vivenciar meu próprio luto pandêmico. Além disso, me entendo como audiência, também. A televisão habita meu cotidiano, às vezes diretamente

e às vezes como pano de fundo (literalmente, como o barulho que vem de outro cômodo ou figurativamente, como o assunto do meu grupo social). Essa bagagem e esse posicionamento me engajam em determinadas expectativas para o campo, afinal, eu tenho minhas próprias narrativas sobre desempenho e televisão, eu os aloco no meu cotidiano e, como espelhos que se posicionam um na frente do outro, me coloco no centro desse sujeito que estuda o próprio sujeito. Portanto, refletir sobre meus atravessamentos pela televisão, desempenho, tempo livre e universidade se tornou uma necessidade (mas não o foco). Assim, almejo poder refletir e analisar o meu uso do tempo academicista, pandêmico, utilitarista e autorreferencial, na esperança de poder “[advogar] contra determinadas invisibilidades e silenciamentos” (GRANT, 2014, apud., GAMA, 2020, p. 190) e, desse modo, estabelecer conexões da forma menos leviana possível com os sujeitos envolvidos na minha pesquisa. Não quero tornar esse texto uma viagem egóica, porém, não existe conversa sobre desempenho que não seja individualista. Devo confessar que se não fossem minhas próprias análises psicologizantes de mim mesma, minha culpa, minha frustração, minha produtividade, meu cansaço, meus amigos (sujeitos da pesquisa de campo), meu fracasso, minha insatisfação, minha falta de tempo, minhas maratonas de séries, minha tevê (que de canal só tem a Globo e parece suficiente), meu luto, minha raiva e meu isolamento, nada disso estaria escrito. Pois eu, consequência dessa disputa incessante de currículos e de sujeitos, ajo no mais individualista dos termos e escrevo para resolver meus próprios problemas e analisar minha própria sociedade e, quem sabe, aprimorar a mim mesma com títulos úteis ao mercado (acrescido de justificativas para poder, enfim, ter férias e o tempo (livre) que procrastinei para trabalhar).

Pensando nisso, ambiciono a elaboração de um exercício autorreflexivo inspirado em alguns preceitos da autoetnografia, porém sem pretender se qualificar como tal já que isso exigiria muito mais do que um breve textículo que me localiza em minha própria pesquisa. Tentarei me guiar pelas características principais dessa técnica que Fabiene Gama (2020) emprega em seu artigo *A autoetnografia como método criativo* a partir do livro *Handbook of Autoethnography* de Holman-Jones, Adams e Ellis (2013):

“1) visibilidades para o si (a pesquisadora se torna visível no processo, em relação com ambiente, as pessoas etc.); 2) fortes reflexividades; 3) engajamentos (‘em contraste com a pesquisa positivista que assume a necessidade de separação e objetividade, a autoetnografia clama pelo engajamento pessoal como meio para entender e comunicar uma visão crítica da realidade’); 4) vulnerabilidades (explora fraquezas, forças e ambivalências

da pesquisadora); 5) rejeita conclusões (“é concebida como algo relacional, processual e mutável”)(p. 191)

Essa escrita serve, ainda, como exercício empático e reflexivo (nas questões subjetivas que envolvem, por exemplo, isolamento, trabalho acadêmico e frustração) e realçam fatores comuns e compartilhados entre mim e os demais sujeitos envolvidos na minha produção.

## **2.1 Reconhecendo os sujeitos**

“Na hora de escrever sobre as pessoas e suas vidas, tanto disso [a vida vivida] fica diminuído, tanta vida (e morte) desaparece diante dos problemas e questões teóricas, da crescente bibliografia, do arranjo lógico de um argumento, um texto, uma tese.” (ALMEIDA, 2002, p. 76)

Como dito na sessão anterior, aqueles que participam da minha pesquisa são pessoas que eu já conhecia e com os quais eu já possuía alguma intimidade, assim, tive de passar por um processo de “conhecê-los novamente”, afinal, de que adiantaria todo esse processo se eu apenas imprimisse minhas próprias ideias acumuladas ao longo de anos sobre essas pessoas? Desse modo, quase que como um processo de estranhamento dos mais clássicos, tive de articular as vantagens e desvantagens de conhecê-los e reconhecê-los. Foi por meio dessa trajetória que se materializou intrincadas relações entre diários, encontros e a construção contínua do que se é e do que se quer ser (ou não quer ser), além da minha própria vontade do que eu quero ver (e não quero ver). O que apresento a seguir é o resultado coeso e emaranhado (digo emaranhado, pois não seria capaz de desfazer os nós e junções que compuseram meus dados ao ponto de dissecá-los minuciosamente e separadamente) da torrente de informações que o campo apresentou. Deixo para a conclusão as reflexões mais profundas dessa composição, mas, por ora, é importante ressaltar que narro sobre amigos: pessoas por quem eu já nutria relações e opiniões, com brigas, saudades e afetos e que, também, já haviam delineado a maneira como eles gostariam de ser vistos por mim e eu, reciprocamente, já havia me acostumado a vê-los (e até descrevê-los e apresentá-los) sob a égide de um ponto de vista construído por alguns anos (alguns mais do que outros) de convivência.

Reconhecê-los, portanto, se tratou de um novo processo: um demorado ajuntamento de informações periféricas, coisas que eu desconhecia ou ignorava, um novo olhar de intimidade e confessionalidade entre palavras que só poderiam ser ditas de forma escrita e outras de forma falada, uma oscilação constante entre amiga e pesquisadora e todos os matizes que possam existir entre essas duas figuras que deveriam fazer um malabarismo entre o academicismo e a confiança afetuosa que me foi depositada. Dito isso, reservo a sessão seguinte para descrevê-los, e descrever, também, seus hábitos e aspectos subjetivos (dentro das minhas próprias limitações enquanto pesquisadora) para, a seguir, traçar seus encontros e desencontros no que diz respeito ao uso e às práticas de consumo de televisão por estudantes de pós-graduação no tempo livre.

### 3. “EU JÁ ESTAVA CONSUMIDA...”: Elisa, a televisão como distração do *burnout*

*“Slow down you crazy child. You're so ambitious for a juvenile. But then if you're so smart tell me, why are you still so afraid? Where's the fire, what's the hurry about? You better cool it off before you burn it out. You got so much to do and only so many hours in a day.”*  
(JOEL, 1977)

“Eu já estava consumida...” foi o que Elisa<sup>22</sup> me disse quando questionei sobre o porquê de não se orgulhar da sua tese. Aparentemente, ela não trabalhou o suficiente ou não se dedicou como deveria. Ela havia sido consumida, como um recurso que se esgota. Repeti essa sua fala em meu diário de campo com um destaque diferente, me chamou atenção que de todos os consumos que previ tratar ao longo dessa dissertação, nunca me ocorreu que poderíamos, nós, pessoas, sermos as coisas consumidas. Elisa não foi capaz de explicar exatamente o que a consumia, ou de dar um rosto ao seu algoz, mas eu tenho bons palpites. Na tentativa de estender si mesma enquanto recurso, Elisa teve de elaborar estratégias. Seu relato se inscreve ao redor da relação de seu adoecimento e o tempo (livre).

Recordando minha construção introdutória dessa dissertação, o que eu pretendo é compreender o uso do tempo (livre) por estudantes de pós-graduação por meio do consumo de televisão. E entre suas estratégias, e até extrapolando-as, Elisa demarcou um tempo (livre) bem ajustado a sua rotina completamente determinado pela televisão. Entre sua hesitação e até um pouco de constrangimento em admitir o entranhamento da tevê em seu cotidiano, Elisa a introduziu na sua ideia de tratamento para combater seu *burnout* e, finalmente, estendeu-se até o fim de sua tese, o recurso de si mesma. Não posso afirmar que a televisão impacta sua saúde mental e desempenho, mas, o que importa, é que Elisa acredita que sim (e eu também). Entretanto, antes de apresentar essa relação em profundidade, é necessário conhecer minha amiga e tentar delinear quem (ou o que) a consome para, somente então, introduzir a televisão como parte do seu plano de enfrentamento a isso tudo, desse modo, optei por dividir esse capítulo, justamente, nessas três categorias: reconhecê-la, narrar sua depressão nervosa e, por

---

<sup>22</sup> Todos os nomes dos sujeitos participantes foram alterados para garantir sua privacidade. Do mesmo modo, alguns nomes de empresas, instituições, familiares, amigos e professores serão omitidos.

fim, as maneiras de assistir tevê e a análise decorrente da relação entre todas essas coisas para tentar responder minha questão norteadora<sup>23</sup>. E, assim, apresento Elisa e me torno mais uma a consumi-la para um fim acadêmico.

### 3.1 Reconhecendo Elisa

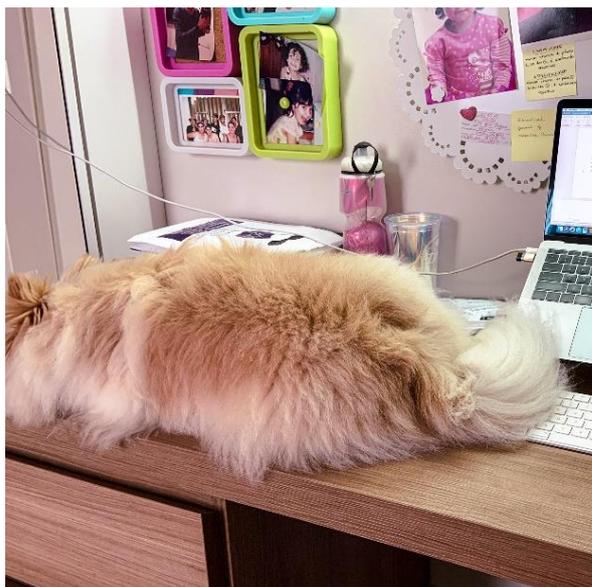


Figura 1 - Eugênio na (talvez sua) mesa.<sup>24</sup>



Figura 2 - O quarto e a mesa: o trabalho e o sono.

---

<sup>23</sup> Nem todos os sujeitos terão seus capítulos divididos da mesma forma, apesar do meu esforço de conjugar algum tipo de modelo de análise e escrita. O fato é que o trabalho acadêmico, a televisão e o tempo (livre) se tornaram processos ainda mais individuais e solitários na pandemia e vejo isso se refletir na minha pesquisa com respostas e propostas que, muitas vezes, foram despadronizadas ao longo do campo e que agora me exigem um exercício de flexibilidade na formatação da análise.

<sup>24</sup> Todas as fotografias e imagens que serão apresentadas ao longo dessa dissertação, são de autoria dos próprios sujeitos e foram anexadas aos seus diários ou encaminhadas a mim por e-mail ou outro aplicativo dentre os vários que utilizamos para nos comunicar rapidamente (como o *Whatsapp* e o *Telegram*), a curadoria (elas não correspondem a totalidade de imagens produzidas e disponibilizadas), no entanto, é de minha autoria, assim como, a edição das fotos (como correção de cor e nitidez e o recorte para que não expusesse o sujeito e seus familiares e amigos).

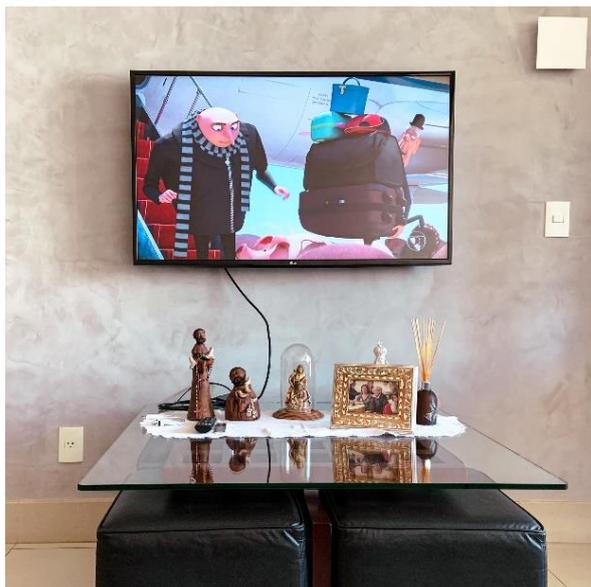


Figura 3 - A sala: o lugar da família, a televisão de Elisa.



Figura 4 - Um dos trabalhos.

Conheço Elisa há alguns anos, estudamos na mesma escola (não na mesma classe, já que é dois anos mais velha que eu), mas apenas nos tornamos amigas muito tempo depois por meio das redes sociais. Nessa época, enquanto eu me debatia em dúvidas na graduação, ela estava no mestrado. De lá para cá, construí uma imagem bastante acadêmica sobre Elisa (motivo pelo qual eu imagino que seu nome tenha surgido em minha mente para essa dissertação), determinada e, principalmente, responsável. Esse esquema de valores que eu uso para defini-la se reflete no seu comprometimento com sua pesquisa, na maneira como atende às expectativas de seus professores e familiares, nos seus horários regrados, nas solicitações com seus pais e, também, no seu trabalho profissional durante a pandemia. Uma espécie de responsabilidade ortodoxa que ocupa grande parte do seu tempo. Consequentemente, seus outros interesses pessoais se espremam nas brechas do tempo ou, quando nem ali cabem, são adiados para um futuro indeterminado.

Sempre conversamos em seu quarto, um cômodo bem enfeitado que reflete a passagem dos anos e o acúmulo de decorações que dizem respeito às várias fases de sua vida, ali é onde Elisa tem mais privacidade em toda a casa, ainda que em alguns momentos tenha que sussurrar para garantir que sua mãe não escute alguma opinião que possa ser considerada “controversa” e, assim, inicie qualquer tipo de briga. Seu quarto é também parte do seu local de trabalho: onde escreve sua tese, em uma escrivaninha bem arrumada com seu notebook posicionado ao centro dela (Figura 1). No espaço da parede branca logo acima da escrivaninha, Elisa a preenche com

fotografias de si mesma e seus amigos (os mesmos desde seu ensino médio) e pequenos *post-its* coloridos contendo lembretes, como, por exemplo, uma consulta médica ou informações necessárias aos seus artigos. Há também uma parede roxa enfeitada com desenho de flores brancas e que se encontra perpendicular a da escrivania, apoiada nela há uma penteadeira branca repleta de cosméticos e um espelho anexo que é emoldurado por várias lâmpadas, essa parede é também onde se apoia a cabeceira de sua cama de solteiro com um enorme retrato de seu aniversário de 15 anos acima dela (Figura 2). Seu rosto ainda é muito parecido com o da fotografia, como se tivesse envelhecido apenas o suficiente para beber uma taça de espumante *rosé* sem precisar mostrar a identidade e nem um ano a mais. Eu não a conhecia nessa época, mas imagino que já era bastante alta e aluna destaque (talvez até tenha sido representante de classe). Entretanto, o cabelo longo e liso de debutante é muito diferente das mechas curtas e enroladas que tem hoje. Elisa é a única pessoa não-branca nessa pesquisa<sup>25</sup>, ela é parda, herdou os cabelos escuros e cacheados da família do pai que veio do Maranhão (ela tenta se lembrar da cidade, mas não consegue), cabelos esses que integram a sua identidade. Quando era pequena, Elisa pediu a sua mãe que cortasse seu cabelo e a resposta que recebeu foi que cabelos cacheados não possuem corte, isso a incomodou profundamente, afinal de contas, a Elisa, pequena e perspicaz, não entendia como poderiam as pessoas cacheadas simplesmente viverem uma vida toda e não cortarem o cabelo. Assim, eles foram alisados com a desculpa de “facilitar” os cuidados para sua mãe que não sabia o que fazer com eles e, também, com a desculpa de deixá-la mais “bonita”. A transição veio no final da faculdade, enquanto seus cabelos passavam o dia inteiro amarrados em um rabo de cavalo para suas idas constantes ao laboratório de pesquisa e, desse modo, Elisa foi se livrando da textura alisada e danificada pela química, pelo tempo e pelas agressões. Isso se deu quando já estava adulta e dava seus primeiros grandes passos emancipatórios.

Elisa tem hoje 29 anos (28 quando comecei o campo) e adquiriu seu título de doutora no segundo semestre de 2021. É graduada em Biomedicina em uma faculdade particular de Brasília, mestra em Ciências da Saúde e especialista em Análise Clínica na Universidade de Brasília e (à época da escrita dos diários, agora já concluída) doutoranda também em Ciências da Saúde na mesma universidade. Filha e neta mais velha de sua família, Elisa divide um apartamento em uma RA do Distrito Federal com sua mãe, seu pai, seu irmão mais novo e o Eugênio (Figura 1), seu pequeno lulu-da-pomerânia que a acompanha em todos os lugares que

---

<sup>25</sup> Uma observação bastante crítica ao meu próprio círculo social.

forem permitido. Elisa também namora há cinco anos e, como dito, cultiva os mesmos amigos desde os tempos de colégio.

Apesar de ter escolhido a Biomedicina com o sonho de um dia atuar como perita da polícia, ela trabalha há quatro anos em um laboratório particular de exame e diagnóstico (Figura 4) (o laboratório que eu mesma utilizo, o que nos rendeu conversas sobre meu estado clínico ao longo dos meses que se deram essa pesquisa de campo) na área de autoimunidade, alergias, doenças infecciosas e controle de qualidade no laboratório químico. Por esse motivo, Elisa se manteve trabalhando presencialmente ao longo da pandemia e, como era de se esperar, com aumento de demanda e, não só por isso, realiza horas extras quase que rotineiramente, mesmo que interfira na sua organização metódica de tempo dividida entre dois trabalhos (o acadêmico e o do laboratório), tarefas domésticas e obrigações sociais. As horas extras combinam com o tipo de funcionária que Elisa é: sua postura cordial e responsável transparecem nesse ambiente em que ela acaba tomando conta e resolvendo problemas de todo seu setor, parece acaso que tudo recaia nas mãos de Elisa (até mesmo lidar com pacientes nervosos ou concertar equipamentos, o que certamente não fazem parte do seu escopo de tarefas oficiais) ou apenas uma infelicidade do destino... O fato é que Elisa sempre opta por atender a todas as demandas que forem apresentadas a ela e, com isso, oferecer um nível impecável de entrega e comprometimento. No final do ano, ela recebe uma avaliação positiva de seu chefe em um formulário como recompensa e reconhecimento. A ideia de receber apenas essa avaliação como gratificação pelo seu trabalho que ultrapassa o devido, parece pouco, mas é suficiente para Elisa. Ela está ciente dos seus próprios feitos, do seu esforço e da responsabilidade que é depositada nela (por ela mesma e pelos outros) e Elisa só quer que os demais percebam e a respeitem por essa dedicação. Quando isso não acontece, ela é inundada por um sentimento de frustração e às vezes até raiva, como quando sua avó materna se recusa a tomar a vacina contra a Covid-19, mesmo se Elisa, que, para lembrar, é biomédica e possui um *lattes* extenso e encorpado, afirma que a tal vacina é segura. Para sua avó, existem pessoas que estudaram mais e que, por isso, sabem mais que sua neta, uma *reles* doutora (com doutorado, mas sem o “doutora” de médica). A paciência e o bom humor tão característicos de Elisa se estilhaçam quando seus anos de dedicação acadêmica não são suficientes para que ela seja levada à sério, dentro de casa ou dentro da universidade. Apesar disso, sua impaciência é guardada para si, pois ela não busca conflito. Posso imaginar o reconhecimento que não vem de boa vontade se tornando um bolo de frustração e mágoa em sua garganta que ela prefere engolir.

A natureza de seu trabalho no laboratório fez, ainda, com que ela se isolasse a maior parte do tempo, tendo contato apenas com aqueles que dividiam a casa com ela (e, curiosamente, a tal avó materna que, munida de uma autoridade de matriarca da família e bastante ceticismo com relação à covid-19 e sua severidade, tinha carta branca e porta sempre aberta na casa de Elisa) e, também pelo mesmo motivo, ela foi a primeira entre todos os sujeitos da pesquisa a se vacinar.

Elisa possui muitos *hobbys* e, com o fim do doutorado, ela pretende se dedicar a eles da maneira que idealizou inúmeras vezes. Um desses *hobbys* é a leitura, que ela acredita ter sido capturada e esgotada por sua necessidade acadêmica. Assim como a culinária, que ficou restrita a datas comemorativas e que ela desejaria poder estudar e aprimorar. O que ela considera *hobby* são sempre habilidade ou hábitos que devem ser cultivados e aprimorados, como pequenos projetos. No que diz respeito ao consumo midiático, ele se dá principalmente por meio da escuta: músicas e, mais ainda, podcasts (geralmente daqueles que narram histórias ou trazem curiosidades de crimes, o gênero *true crime*, e outros que tratam da cultura pop e dos famosos). Elisa os consome enquanto realiza suas atividades e obrigações do cotidiano como dirigir até o seu local de trabalho ou, aos finais de semana que são costumeiramente dedicados à faxina em sua casa, enquanto lava as louças e o banheiro.

Apesar de seu maior consumo ser por meio das mídias que mencionei anteriormente, Elisa sempre pontua que ama séries e filmes e se orgulha de dizer que possui um largo repertório, dando ênfase aos gêneros de comédia, terror, suspense e drama. Isso a torna bastante crítica e exigente com o que consome, tudo é avaliado em termos de criatividade, roteiro, refinamento, enfim, qualidade. Aquilo que não a surpreende ou não é complexo o suficiente para adentrar o seu *hall* de preferências, recebe duras críticas de Elisa. Seu repertório é quase que uma coleção que ela alimenta, valora e cataloga mentalmente com frequência, incluindo sempre os últimos lançamentos nas plataformas de *streaming* e as recomendações de seus podcasts. O *hobby*, portanto, não é desproposital, exige tempo, análise e as vezes se assemelha a um capital que Elisa acumulou e “enciclopediou” em uma estante (tão organizada quanto seu quarto) dentro de sua própria cabeça, sempre à mão para iniciar novas conversas que o contemple.

Entretanto, esse tal repertório diz respeito especificamente a esses produtos: filmes e séries, exclui-se, obviamente, grande parte do que Elisa consome quase todos os dias como jornais, a novela das 9 e *realitys* (principalmente o *Big Brother Brasil*). Desse modo, ainda que assista a tevê todos os dias pela noite, ela diz que não possui tempo para se dedicar a expandir

seu repertório como gostaria, isso porque a tevê exige dela um comprometimento maior de tempo e atenção, não sendo tão bem conjugada com suas responsabilidades como os podcasts. Ou seja, coabitam duas formas distintas de tevê no cotidiano de Elisa e para as quais ela utiliza, também, duas medidas distintas na hora de pesar o tempo investido.

Elisa também tem um gosto especial pelo que ela chama de “cultura fútil e inútil”, seu “*guilty pleasure*”<sup>26</sup> como ela diz. Essa tal “cultura fútil e inútil” trata de fofocas e especulações sobre famosos e, principalmente, sobre a família real britânica, que se tornou um tema recorrente entre nós duas e que por muitas vezes assumia ares de *true crime* quando especulávamos sobre os possíveis crimes que a vastidão da internet atribui a cada um deles. Essa cultura é fútil e inútil para Elisa pois não a enriquece culturalmente ou intelectualmente, não acrescenta repertório e, teoricamente, não é um conhecimento que possa ser remanejado para algum fim que ela considere útil (diferente da ideia do *camp*). A cultura fútil e inútil apenas a diverte e isso não parece ser razão suficiente para consumi-la sem justificar ou reconhecer que se trata de produtos e informações de segunda categoria. Essas ideias irão pairar sob sua relação com a televisão.

Esse metodismo no controle do próprio tempo e rotina, faz com que Elisa tenha dias muito semelhantes entre si durante a semana: acordar, verificar os últimos acontecimentos na casa do *Big Brother Brasil* por meio de um canal informativo do *Telegram* e também as notícias gerais em seus respectivos sites, tomar café da manhã, dirigir até o trabalho ouvindo música (algumas vezes sendo até os lançamentos pós-BBB da ex-participante Manu Gavassi) ou algum podcast, trabalhar no laboratório, lutar por uma mesa no refeitório (que diminuíram em quantidade devido à pandemia e se tornaram bastante disputadas) para almoçar enquanto se atualiza mais uma vez do BBB e confere as redes sociais e os perfis de fofoca para alimentar o dito *guilty pleasure*, então trabalhar novamente até depois do seu horário de saída, finalmente dirigir para casa ou resolver pendências (como, por exemplo, alguma consulta médica), jantar com a família enquanto assistem ao Jornal Nacional, trabalhar em seus artigos e espiar a novela das 9 (ou pelo menos acompanhá-la pelo som que vem da sala e chega até seu quarto) e, por fim, religiosamente, assistir ao BBB com seu pai e seu irmão (sua mãe não gosta dessas

---

<sup>26</sup> A tradução literal para *guilty pleasure* seria algo como “prazer culposo” ou “prazer culpado”, nesse caso se trata do consumo daquilo que é considerado pouco prestigioso, quase como uma vergonha, mas que, ainda assim, é gostado e consumido pelo sujeito. A culpa embutida nesse consumo, uma culpa que serve mais para pontuar a percepção da qualidade da “cultura fútil e inútil” do que para, de fato, agir como remorso ou arrependimento, é justamente aquilo que o autoriza.

“bobajadas” e por isso nunca compartilha esse momento com o restante da família) antes de dormir. Aos finais de semana ficam guardadas as faxinas da casa, grande parte do trabalho de produção acadêmica e, principalmente, sua indulgência maior: assistir a um filme ou série e alimentar seu repertório, obviamente, seguido de muita culpa por não ter dedicado essas horas ao seu doutorado. E então, tudo se repete. Elisa não expressa incômodo com a repetição, a rotina parece confortá-la, já que são as mudanças e os acasos que a fazem perder o controle do rumo dos acontecimentos e que, portanto, identifica como parte significativa da sua ansiedade, o que a impede de levar a cabo planos ousados como sair do país para trabalhar ou estudar.

Dito isso, Elisa possui uma última particularidade que desejo expor antes de seguir com essa análise, e essa particularidade se dá na maneira que ela narra suas histórias: às vezes Elisa se esquece de dias inteiros por causa de uma perda de memória recorrente causada pelo seu quadro depressivo consequente de um *burnout* sofrido ao longo do doutorado. Elisa responsabiliza as cobranças acadêmicas e as pressões sofrida por seus professores pelo seu adoecimento e, ao longo de todo esse campo, ela tenta sempre reorganizar sua vida para se adequar ao tratamento recomendado que consiste em medicações, terapia, prática de atividade física e momentos de lazer, esse processo de reorganização é constante como uma busca que nunca se encerra, Elisa acredita que sempre há algo que poderia mudar para se adequar ainda mais ao plano do seu tratamento. Assim, seus relatos possuem buracos, esquecimentos que criam vazios tão significantes quanto suas memórias.

### **3.2 Consumir-se, adoecer e esquecer: a narrativa do *burnout***

Foi há dois anos do final de sua tese que ela percebeu que havia atingido algum tipo de limite que nem mesmo ela sabia que existia, estava consumida, afinal. Esse limite era consequente de um cansaço mental e emocional, que também se traduzia em cansaço físico. Elisa se sentia pressionada por parte de seus professores para realizar procedimentos e experimentos que ela não tinha tempo hábil para concluir e seu impulso de satisfazer até as mais altas expectativas de si mesma, a consumiu. Assim, como uma luz que apaga quase imediatamente ao se tocar no interruptor, Elisa se desligou emocionalmente.

A escrita direta de Elisa, apesar de retratar e refletir seu cotidiano de forma objetiva e honesta, esconde as histórias que a trouxeram até ali, e foi apenas pelas conversas que fui capaz de compreendê-la plenamente (até onde é possível se conhecer e entender outra pessoa,

obviamente)<sup>27</sup>. Seus relatos começam sempre pela data sublinhada e se seguem na forma de tópicos que narram de maneira sucinta e cronológica os eventos do seu dia que ela considera relevante e, em grande parte, que ela acredita que eu considere relevante. Ela começa um tanto quanto mecânica, seus tópicos são diretos e descritivos, assemelhando seu diário a um relatório. Mas conforme suas expectativas começam a se alinhar com minha metodologia, seus relatos escorrem, sua formalidade se desfaz e suas ideias de gosto e tempo emergem de sua escrita compacta. Já nossas conversas, elas se dão de forma fluida, com longas e detalhadas histórias, memórias compartilhadas e o tom confessional e íntimo de um relacionamento que levamos tantos anos para construir e do qual eu usufruo a facilidade e a confiança de poder retratá-lo aqui com minúcias que talvez não fossem possíveis em outra situação. É dessa forma que recuperei o processo envolvido na construção do que viria a se tornar “dra. Elisa” e seu adoecimento ao ser consumida.

Como dito anteriormente, é quando Elisa percebe ter chegado a um limite que ela começa a se esquivar dos seus professores e sua orientadora, sempre com uma desculpa para abandonar o laboratório e seus relatórios, não escrevia e estava completamente paralisada. No começo, ela ia até o laboratório, conversava com seus colegas, às vezes falava com sua orientadora, se distraía com a falta de algum reagente ou coisa que o valha, recusava qualquer ajuda e rapidamente ia embora para sua casa com a certeza de que não havia nada que ela poderia fazer por seu trabalho naquele dia, depois ela passou a sequer sair de casa para reafirmar sua impossibilidade de trabalhar. Levou seis meses para que Elisa percebesse que havia algo de “errado”, suas distrações e desculpas já não se sustentavam para si mesma e a necessidade de concluir seu doutorado a desesperou ao perceber o tempo que havia se passado, tempo esse que se embarçou nos esquecimentos de Elisa e seis meses pareciam apenas uma semana longa e confusa.

Queria saber o que a consumiu ou o que a desligou dessa forma. Elisa também quis. Na busca por saída, foi ao psiquiatra que a diagnosticou com depressão e ansiedade, engatilhadas por algo que ele nomeou como “síndrome de perfeição”, um *burnout* causado pela busca incessante do alto desempenho. Era o diagnóstico de que Elisa consumia-se.

Elisa pontua o início de tudo quando, pela primeira vez, não foi capaz de concretizar os experimentos que sua orientadora insistia que ela fizesse, apesar da memória prejudicada, ela

---

<sup>27</sup> Digo isso pois nem todos os sujeitos reagiram e contribuíram da mesma forma com relação ao diário e aos encontros. Tratarei essas especificidades metodológicas e analíticas com mais cuidado na sessão final desse trabalho.

ainda se lembra que tal professora justifica a ela que essa cobrança e pressão depositada em Elisa daquela forma só ocorria porque ela era uma das melhores e sempre dava conta de entregar. A frustração de não ser capaz de atingir o patamar posto por sua própria orientadora, a revelou imperfeita. Elisa sabia que os pedidos de sua orientadora eram descabidos para o tempo que ela tinha e, mais ainda, sabia que não eram o melhor caminho para sua tese e, ainda por cima, ela avisou tudo isso diversas vezes. Sua orientadora continuou a insistir em sua própria ideia e, nesse embate, Elisa foi, aos poucos, se ausentando dos espaços acadêmicos, frustrada com seu descrédito, seus limites, sua tese e sua realização de que, afinal de contas, não era perfeita e a tristeza depressiva que a fazia se esquecer dos dias tomou conta do que restava a ser consumido.

Junto ao psiquiatra, foi quando Elisa começou a traçar suas estratégias de sobrevivência ao doutorado e ao próprio adoecimento. Mesmo sabendo que sua busca incessante por aprovação e excelência a havia guiado até ali, Elisa não saberia lidar com a desistência do doutorado e decidiu-se por continuar com a desculpa de que já era tarde demais para desistir, segundo um parâmetro criado por ela mesma (que ainda parecia querer satisfazer alguma ideia de sucesso). Seu médico deu fim ao embate acadêmico redigindo um laudo que afirmava o adoecimento de Elisa e sua impossibilidade em dar seguimento ao experimento proposto por sua orientadora. E, então, se inicia seu processo de tratamento que se baseava em quatro pilares: medicação, terapia, atividade física e tempo livre.

Mas antes que esse tempo livre possa significar o retomar de sua vida social, somos surpreendidos pela pandemia. E Elisa consegue até mesmo ver um lado “positivo” no período pandêmico e a necessidade de isolar-se: ela se sente livre de suas obrigações sociais, não precisa elaborar desculpas para não ver seu namorado e amigos e, também, não precisa comparecer aos eventos de família e até sua ida à igreja<sup>28</sup> diminuiu. O que ela chama de liberdade, são apenas horas a mais para se dedicar a sua tese. Essa realidade pandêmica a poupou de ter que escolher entre seu trabalho no laboratório, sua tese e sua vida social, a Covid-19 escolheu por ela o que deveria ser sacrificado para que as horas do seu dia fossem suficientes. E, desse modo, Elisa não precisaria se justificar. É nesse momento que a televisão integra seu processo de tratar-se.

### **3.3 Dilemas de assistir televisão entre o tempo livre e o desempenho**

---

<sup>28</sup> Elisa vem de uma família tipicamente católica e até bastante envolvida nos rituais e grupos da própria igreja.

Elisa precisa de tempo livre, com direito a diagnóstico e tudo: ócio e festa (nos sentidos explorados anteriormente) para corromper sua produtividade compulsiva. O engraçado é que esse tempo livre não é possível por si só, ele só ocorre por meio de um aval formal de que o mesmo é uma condição obrigatória para que ela continue a produzir. Mas, afinal, quão livre pode ser um tempo que ainda serve a otimizar sua força produtiva? Parar para continuar? Isso são nossos modos de sobrevivência contemporânea ou apenas a sociedade de desempenho absorvendo nossas ferramentas de corrupção da produtividade para seu próprio fim? Quanto do “distrair-se” é submisso ou disruptivo ao desempenho?

A realidade nunca é nem tanto ao céu e nem tanto à terra e essas questões parecem irrespondíveis se eu levar em consideração a subjetividade envolvida nesse processo de compreender e narrar a vida vivida, mas isso não as impede de borbulhar em minha cabeça igual água em ponto de fervura quando penso em Elisa. O fato é que ela exprime em si mesma essa auto coerção produtiva, mas não sem receber os incentivos dos demais: seus professores, chefes e colegas de trabalho, sua família... Somos todos cúmplices do processo da “síndrome de perfeição”, ninguém espera menos do que a proatividade de Elisa em ser a melhor possível em tudo que faz. Ela também não é inconsciente desse processo, o reconhecimento está ali na busca interminável por solução, no adoecimento justificado, nos entraves em seus trabalhos, Elisa percebe a todo momento seu esgotamento e sua incapacidade de parar, pelo menos até ser parada pela própria doença.

Enfim, Elisa se vê diante de uma problemática muito bem amarrada: como ter tempo livre se não há tempo nem para fazer o que ela de fato precisa (precisa?) fazer? A televisão então vira seu ponto de apoio, seu cronômetro apertado de tempo livre e passa a fazer parte da rigorosa rotina, ela marca o momento em que se inicia e termina seu rígido intervalo de descanso, um intervalo que possui o aval médico de merecimento, é importante não esquecer.

Elisa decide que seu tempo livre será a uma única hora (ela acredita que é uma hora, mas o programa dura em média duas horas e, várias vezes, até mais) que passa o BBB todas as noites no canal da Globo. Como dito, esse é um momento incorruptível, um compromisso inabalável. Todas as noites, Elisa se senta na sala para assistir ao programa com seu pai e seu irmão enquanto conversa sobre o que acontece e, mais raramente, adiciona a segunda tela e acompanha a reação das pessoas pelas redes sociais. Seu pai, assim como ela, também busca e consome as fofocas e informações extras sobre os participantes que aparecem na internet (o que eles faziam da vida, as prévias das votações, que a ex-BBB Sarah não dormiu depois de ser eliminada porque passou a noite inteira recebendo tratamentos estéticos para ir ao programa

Mais Você no dia seguinte etc.) e tudo isso é levado para o momento em que passam juntos em frente a tevê e, então, podem discutir e conjecturar sobre os próximos acontecimentos.

Assistir ao *Big Brother Brasil* passou a significar muitas coisas. A primeira delas é, justamente, o fato de que esse momento é, talvez, a maior coisa que Elisa compartilha com seu pai e irmão em termos de relação e interesses comuns. Não apenas isso, como é, também, um momento que comumente gira em torno de Elisa, isso porque sua família a considera a pessoa mais instruída nas pautas sociais abordadas no programa e, por isso, a consultam constantemente para validar ou rever suas próprias opiniões. Isso não a incomoda profundamente, mas (semelhante a postura de alguns participantes do próprio BBB que argumentam não ter de explicar e ensinar tudo para todos o tempo todo) ela não acredita que possua a autoridade correta para tratar ou dar a palavra final em determinados assuntos que ela nunca estudou e militou a respeito e chega até a expressar um pouco de constrangimento. Elisa se vê apenas como uma pessoa que tenta ser justa e boa (como o básico para conviver com pessoas sem perpetuar violências) e isso não significa ser uma referência em pautas sociais, ainda assim, ela crê que talvez a fonte mais acessível desse tipo de informação para os homens de sua casa seja ela mesma. O seu tempo (livre) é atravessado pela responsabilidade de educá-los, quando assim o é solicitada. Ela até vê algo de bom em tudo isso: um programa de alta audiência tratando de questões como racismo, misoginia, LGBTfobia etc. e que pode inserir representatividade e debate dentro de várias casas como insere na sua. Sem paternalismo e prevendo que há coisas que ela mesma precisa aprender e aprofundar como todo mundo, Elisa crê que às vezes é apenas isso que falta, o pontapé inicial (com uma tomada de responsabilidade por parte da mídia). Assim, apesar de consumir vários filmes e séries que tratam desses mesmos temas, é durante o BBB num episódio de racismo sofrido pelo participante João que tem seu cabelo crespo comparado ao de um “homem das cavernas”, que Elisa se lembra (ou pelo menos decide falar sobre) o dia em que, ainda menina e antes dos seus procedimentos estéticos de alisamento, ela leva uma pequena televisão portátil para a sala de aula para poder assistir e acompanhar aos principais jogos das Olimpíadas naquele dia com o resto da turma, todos movem suas carteiras e se ajeitam ao redor da minúscula tevê na expectativa de fazê-la funcionar. É quando, ao perceber que o sinal da antena estava ruim, um de seus “colegas” grita para que usem uma madeixa do cabelo de Elisa como uma palha de aço para ajudar na estática. Vários riem, mas ela, não. E eu escuto essa história pela primeira vez.

A segunda coisa, no que diz respeito a recepção desse programa, é que o momento do *Big Brother Brasil* é quando Elisa explode em sentimentos. Ela torce para uma participante que,

assumidamente, ela não saberia conviver ou gostar no dia a dia, mas isso não importa: ela se emociona e chora com suas vitórias, grita com a televisão, vibra, xinga os demais participantes, se choca e se apaixona profundamente pelo espetáculo apresentado e por todos os seus desdobramentos no restante da programação, o reverberar nas redes sociais, os boatos de bastidores, as interpretações que a própria produção da Globo dá aos diálogos e acontecimentos, os conluios sobre as dinâmicas dos participantes, enfim, tudo que for “inútil” e complementar ao programa desperta sua alegria, sua revolta ou seu interesse conspiracionista. Tudo vira debate no dia seguinte, vira cumplicidade com seu pai e irmão e vira distração do pragmatismo acadêmico. Algumas vezes, escreve no diário sobre o ódio e o amor por determinado evento do BBB e quando a questiono sobre o que a fez se sentir daquela forma, não se lembra... Não importa mais, é efêmero. Diferente do esquecimento frustrante do *burnout*, esse ocorre de forma despreocupada e até bem-humorada, afinal, a memória é para coisas importantes e sua paixão inútil é para ser apenas sentida e não racionalizada. O que acontece entre ela e sua televisão nessa pequena faixa de horas do seu dia é visceral e pertence apenas a ela. É sua festa particular na inutilidade de tudo aquilo, se não serve a nada, não há necessidade de se engajar profundamente como nos engajamos em nossa vida profissional ou acadêmica e, no caso de Elisa, na maneira como assiste e cataloga filmes e séries para seu repertório (dos quais ela nunca se esquece).

Mas há limites. Elisa tem em sua mente um parâmetro do quanto ela pode aderir ao programa sem se deixar alienar completamente por ele, ou seja, a partir de um determinado momento, não seria mais “tempo livre” e passaria a ser “perda de tempo” (e quem é que pode perder tempo? Esse valor arbitrário que nós mesmos criamos e adoramos). Uma colega de sua pós-graduação pergunta como é que Elisa pode assistir e acompanhar o BBB se ela está completamente atrasada e já até ultrapassou seu prazo inicial para a defesa da tese, Elisa responde que: “Não é 1 hora do meu dia todas as noites que vai me fazer defender mais rápido! Eu mereço isso.”. Porém, não é apenas uma hora, como disse, somente o programa em si ao vivo tem o dobro desse tempo, fora os minutos e horas que Elisa usa para consultar e se atualizar sobre o que está acontecendo no *Big Brother Brasil* enquanto ela não está assistindo. Me questiono, então, por que essa insistência na medida de apenas uma hora? Talvez, se falássemos sobre todas as horas que são dedicadas a esse despropositado e improdutivo uso do tempo livre, Elisa já não poderia justificá-lo, pois há um limite (que fique claro que o limite é para o tempo livre e não para o trabalho) que seu merecimento pode resguardar antes de ela ser vista apenas como irresponsável e incompetente. Tal limite também vale para participar ativamente do jogo,

como votar nos paredões ou qualquer outra dinâmica que envolva a audiência diretamente, é necessário saber quando a festa ou a distração acaba, quando o entretenimento vira alienação e não corresponde mais à pessoa que acreditamos que somos. Além disso, não é todo mundo que pode saber do tempo livre de Elisa, ela tem receio do que pode ser comentado caso sua orientadora descubra que dedica essas horas ao programa e não a sua tese e artigos, por isso não manifesta sua torcida publicamente nas redes sociais ou sua opinião sobre os principais eventos.

Há regras e condições para que Elisa se permita viver esse momento de cólera e paixão. Ainda que de forma contida, a televisão virou seu escape e seu segredo consigo mesma: nesse momento não há trabalho, discernimento ou culpa. E não é necessário que ninguém saiba ou valide sua escolha (apesar dos malabarismos que faça para justificá-lo e das imposições e limites que coloca para si mesma, ela não está disposta a abrir mão ou negociar esse tempo), é sua indulgência e sua maneira de “sobreviver”. Mesmo que a sala seja compartilhada com seu pai e seu irmão (e suas questões), Elisa assiste a outro BBB, em que os motes sociais fazem parte do melodrama da narrativa e, também, se transformam em espetáculo que, como narrei, a mobilizam emocionalmente, causam identificação e a fazem se sentir contemplada, mas, ao mesmo tempo, podem ser resolvidas ali mesmo por meio dos “paredões”<sup>29</sup> com desfechos que parecem apenas pairar sob o mundo real.

Esse modo de assistir ao *Big Brother Brasil* é bastante singular já que difere completamente da maneira que Elisa assiste a qualquer outra coisa (com exceção do Jornal Nacional e da novela das 9, ambos na Globo, que ocupam sua atenção periférica). As séries e filmes tão caras ao seu repertório são consumidas sob o signo da culpa e da frustração por não estar dedicando aquele tempo à sua tese, principalmente aos finais de semana. Elisa não as deixa de assistir e até as comenta e qualifica com detalhes (elas, sim, merecem esse tipo de cuidado, pois são úteis à sua coleção), mas ela paga um preço por emocional por não trabalhar. Decepciona-se consigo mesma.

Ainda assim, posso afirmar, que essa tevê útil para Elisa é descartável (e até foi mesmo em algumas semanas), mas a tevê inútil não é.

### 3.4 Epílogo

Muitos meses após encerrar o diário, envio uma mensagem perguntando como ela está, se seus planos para depois do doutorado deram certo e se sua família está bem nessa onda mais

---

<sup>29</sup> Dinâmica de eliminação dos participantes por meio da votação do público no site oficial do *Big Brother Brasil*.

recente de Covid-19, ela me responde que estão todos bem, mas que não conseguiu fazer nada que havia planejado para o fim do doutorado... Ela não tem tempo e, na verdade, não entende como teve tempo para a tese todos esses anos, hoje isso parece uma verdadeira loucura para Elisa! Mas que, mesmo assim, talvez ela volte para a vida acadêmica.

#### 4. “NORDESTINO, LEONINO E MESTRANDO.”: Lorenzo, a não-televisão como distinção no uso do tempo livre

“Foi libertador poder me enxergar depois que desliguei a lanterna da culpa. E vi meu reflexo se desintegrar virando uma serpente segurando uma fruta.” (BARDO; NASCIM, 2018)

“Nordestino, leonino e mestrando” foi como Lorenzo se apresentou em sua primeira página do diário<sup>30</sup>, quando eu pedi para que ele se descrevesse para mim. É uma escolha interessante de palavras, talvez Lorenzo considere essas suas características principais. Afinal, você nasce nordestino e nasce leonino, mas mestrando é algo escolhemos (ou somos escolhidos) para ser. Essa é uma descrição simples que abarca uma complexidade de significados e objetivos e um deles é, certamente, entrelaçar seu próprio humor ácido com a necessidade de defender e fazer ver as poéticas que considera não apenas importantes, mas, também, uma responsabilidade. São, ainda, as três palavras que o definem em seu perfil do *Tinder*<sup>31</sup>, que eu imagino ser o aplicativo que ele usava no celular enquanto estava na privada em seu apartamento, em uma das minhas passagens preferidas de seu diário, quando, já com o papel higiênico na mão, foi surpreendido pela ligação de sua orientadora. E assim ficou Lorenzo por algumas horas: o papel em uma mão, o celular na outra e preso dentro de seu próprio banheiro sem poder sair dali enquanto discutiam sua dissertação. A luta constante de Lorenzo para definir os limites de sua orientadora em sua vida e em suas decisões (de trabalho, de tempo e de prioridades) foi perdida naquele dia. Mas sempre há outros dias para lutar.

Esse entrave com sua orientadora por autonomia e até algum crédito em suas ideias e construções acadêmica (algo que ele atribui, em grande parte, a sua natureza leonina) parece ser o cerne desse período de sua biografia. Lorenzo procurou terapia para diminuir a importância que a orientadora assumiu em sua vida com o mestrado e para diminuir, também, a pressão que ela exercia sob ele e que acabava por esmagar as horas do seu dia: não havia

---

<sup>30</sup> Com uma pequena nota de rodapé no final do documento do diário, Lorenzo se apresenta formalmente como se assinasse um artigo, lê-se: “Museólogo pela Universidade de Brasília (2018), mestrando em Arquitetura no PPGFau – UnB. Produz juntos aos grupos de pesquisa do CNPQ ‘[informação omitida por mim]’ e ‘[idem]’ em Brasília, Distrito Federal, Brasil. Atua como curador independente desde 2015. [seu e-mail]”. Temos apreço por marcar nossa autoria.

<sup>31</sup> Aplicativo de relacionamento.

liberdade, apenas um tempo inconcluso de ansiedade e receios em que todas as atividades instigavam uma culpa profunda por gastar aquelas horas (ou dias) em atividades consideradas não-produtivas. Assim, ele passou a limitar sua influência e a excluí-la de processos significantes (como sua qualificação e até mudanças de percurso na pesquisa) e, como consequência desse processo iniciado durante a terapia, obteve um tempo dito livre, somente para ele e intocado pelo academicismo, mas que, na verdade, me parecia mais uma tentativa pessoal de insultar a professora que o oprimia (o que, por si só, já seria uma influência direta da universidade em seu tempo).

Lorenzo me avisa logo em nosso primeiro encontro que não possui uma televisão (o aparelho) em sua casa e que tudo é assistido pelo *notebook* e quando eu digo “tudo”, quero dizer “nada”. Ainda que compreenda os imperativos de desempenho e utilidade que permeiam o mundo acadêmico, Lorenzo preza, também, por um tempo livre útil e replica percepções que, eu particularmente, chamaria de ultrapassada para pensar qualidade e televisão. A tevê não lhe é útil e, por isso, não desperta seu interesse. Ela o entedia, mesmo quando as poucas menções a algum tipo de consumo de televisão visem filmes considerados “*cults*” ou séries obscuras já há muito canceladas (com apenas uma exceção). Ouso dizer que não assistir televisão é uma ferramenta de distinção do uso do tempo livre para Lorenzo. E esse tempo é reservado para desenvolver habilidades e ouvir músicas fortemente associadas à sua origem natalense. Assim, destino esse capítulo para narrar e refletir sua identidade, sua relação de ego, tempo e produtividade durante a pós-graduação e a pandemia, por fim, os (poucos e disfarçados) usos da tevê dentro desse lazer utilitarista. E, então, apresento-o a seguir, tentando me valer dessas categorias que ele mesmo estabeleceu.

#### **4.1 Reconhecendo Lorenzo**

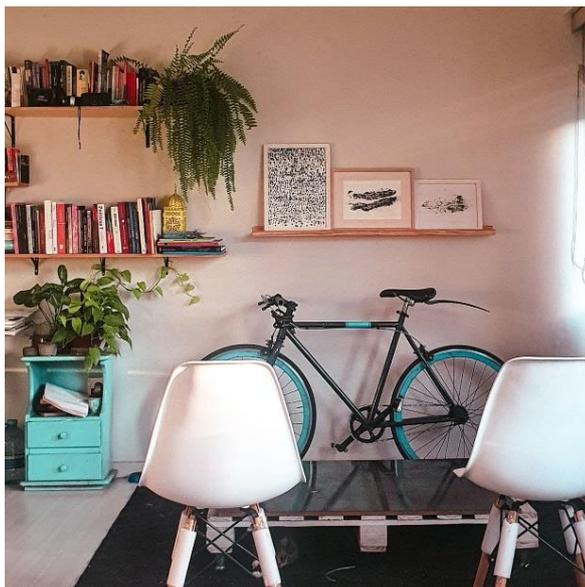


Figura 5 - Seu local preferido no apartamento, em que reúne alguns de seus interesses: plantas, exercício físico, arte etc. Ele diz: “acho chique ter livros espalhados pela casa, mesmo nunca tendo lido vários deles”.

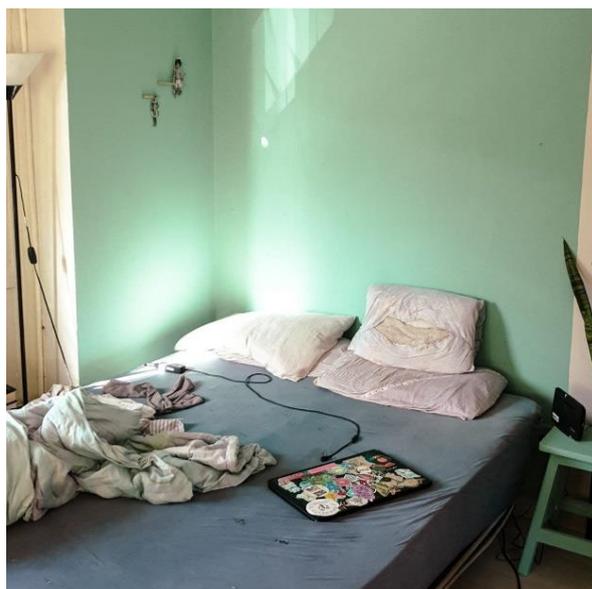


Figura 6 - Sua cama, onde, teoricamente, costuma assistir tevê por meio do *notebook*.



Figura 7 - Mesa de trabalho.

Conheci Lorenzo quando cursava o primeiro ano da faculdade de Ciências Sociais, minha melhor amiga na época havia acabado de ser aprovada no curso de Museologia onde conheceu Lorenzo, que também era calouro, e, então, ela nos apresentou. Eu gostei dele rapidamente, pela maneira bem resolvida como tratava as coisas da vida e a obstinação em se fazer acontecer nesse mundo (talvez até um pouco pretensioso), eu não era, e não sou, tão assertiva (ou tão determinada) quanto ele. Passávamos algum tempo juntos na universidade, às

vezes pegávamos o mesmo ônibus e, quase sempre, íamos as mesmas festas. A cidade era quase tão nova para nós quanto era para ele, afinal, crescemos, eu e minha amiga, na periferia do Distrito Federal (Taguatinga) e talvez, por isso, tenhamos compartilhado uma certa empolgação ao explorar, juntos, o que a maioria no Plano Piloto<sup>32</sup> poderia nos oferecer. Apesar disso, nos separamos. Minha amiga já não estava mais nas mesmas turmas de Lorenzo e eu mal o via pela universidade. Perdemos contato direto e passamos a nos assistir pelo *Instagram*, “curtindo” uma postagem ou outra e talvez trocando algumas poucas mensagens. Anos depois, nos reencontramos durante o treinamento para trabalhar em uma exposição de arte e, por isso, passamos juntos os meus últimos meses morando no DF, nos vendo todos os dias durante o trabalho e também nos intervalos de almoço com as filas para esquentar a marmita e assinar o ponto, foi assim que nos conhecemos novamente. Lorenzo, agora já é museólogo formado, deixou os cabelos crescerem até ficarem longos o suficiente para amarrar em um coque com as pontas soltas e queimadas pelo sol que pegava ao andar de bicicleta nos finais de semana, seus braços estão cobertos por novas tatuagens e está fisicamente mais forte, sempre chegava para nosso turno as 8:00 horas da manhã com o sangue quente por ter saído a pouco de seu *crossfit* (uma paixão, por muito tempo, secreta, já que ele não queria ser associado às pessoas que comumente praticam essa atividade). Ele era meu supervisor na época e, na falta de movimento em alguns dias da exposição, conversávamos sobre nossa vida na universidade, nossas ambições de pesquisa e os artigos que estava trabalhando em seu mestrado na Arquitetura... Amadurecemos (ou apenas envelhecemos?) e agora o que nos unia era uma empatia acadêmica. Foi assim que pensei em seu nome para essa pesquisa.

Ele se mudou da capital do Rio Grande do Norte para estudar na UnB em Brasília (mais especificamente, na Asa Norte), deixou sua família para trás e veio com apenas um mês de aluguel garantido em sua nova casa, isso quer dizer que, além de um *lattes* significativo, ele possui diversas experiências profissionais, a maioria em sua área de formação, como montagens

---

<sup>32</sup> O Plano Piloto é quase que uma miragem para quem não mora nele. É ali que se alojam tudo que faz alguém pensar imediatamente em Brasília ou Distrito Federal: o tão celebrado projeto de cidade que habita o imaginário de quem vem de fora. Morar ali é extremamente conveniente, pois é relativamente mais seguro que o resto do Distrito Federal (pelo menos é dessa forma que nos sentimos), perto de tudo que há de “interessante” (comércios, restaurantes, museus e, obviamente, a Universidade de Brasília). Todos querem ir ao Plano, morar ou passear por ele. Entretanto, quem não herda seu imóvel no lugar, é obrigado a desembolsar uma boa quantia com o aluguel, sem contar o custo de vida. Todos crescemos aprendendo que no Plano a vida é cara. Para os demais, restam as “periferias” (que são diversas e bastante segregadas, mas que não cabe a mim descrevê-las nesse momento), algumas com horas de distância do Plano Piloto, ou o “entorno” composto, principalmente, por cidades do Goiás.

de exposição, trabalhos de curadoria, projeto educativos em instituições culturais, enfim, o aluguel tinha de ser pago e ele foi. Hoje, mora em um apartamento sozinho no Plano Piloto<sup>33</sup>, com plantas, livros e artes espalhadas pelo ambiente (Figura 5), quase tudo ali parece ver o sol em algum momento do dia, é um apartamento desnudado com poucos armários e coisas escondidas e, por isso, também é bastante colorido (numa bagunça ou desarranjo que quase parece ensaiada). Penso que os objetos servem não apenas de decoração, mas de cartão de visita: uma breve olhada e você é capaz de capturar seus hobbies e interesses, ou, pelo menos, é capaz de capturar a imagem que Lorenzo faz de si e quer transmitir.

Lorenzo tem uma escrita bastante particular, seus textos são autorreflexivos e pouco explicativos (é necessário conhecer algumas premissas de sua vida para acompanhá-lo), ao mesmo tempo, deixam lacunas que eu inevitavelmente preencho com minha imaginação (sua escrita é atrativa demais para abandoná-la incompleta dessa forma), ele conta histórias e às vezes escreve de forma tão enigmática e breve que penso estar lendo um *haiku*. Ele também nunca agendava nossos encontros, com o argumento de que era impossível conhecer sua agenda com tanta antecedência (geralmente, uma semana antes) e frequentemente perdia o *link* que dava acesso ao próprio diário, tratando seus compromissos com a mesma volatilidade e despreocupação que diz tratar a própria vida afim de não adoecer por conta de preocupações. Lorenzo é irônico, debochado, repleto de referências e opiniões que se dividem entre relatos pessoais e considerações subjetivas e políticas. Acredito que ele me forçou ao maior exercício de compreensão e interpretação, mesmo sem querer, pois, apesar de ser assertivo e sistemático, ele é, ao mesmo tempo, emocionalmente inquieto e, então, suas questões e seu combate incessante com a opressão do seu tempo tornavam suas narrativas tortuosas e, ainda que raramente, até contraditórias. Esse talvez seja, inclusive, seu traço mais marcante no que diz respeito ao tempo: ele gosta de reafirmar sua autonomia e o quanto privilegia a si mesmo em detrimento das responsabilidades profissionais e acadêmicas, sua saúde mental é uma prioridade e ele se nega a sacrificá-la por qualquer coisa que seja, o tempo é apenas seu. Na verdade, isso se assemelha mais a um mantra do que a uma realidade plena, é como um

---

<sup>33</sup> Na verdade, quando o contactei pela primeira vez, ele tinha como companhia seu gato persa, Ivan, que estava sempre com uma feição emburrada e era o protagonista das redes sociais de Lorenzo, mas, antes mesmo que ele começasse a escrever o diário, Ivan faleceu. Foi uma perda bastante dolorosa e inesperada, o que fez com que Lorenzo adiasse sua participação e escrita na minha pesquisa. Nunca conversamos sobre Ivan, sempre senti que ali havia um domínio que eu não deveria me intrometer. Eu adorava ver a cara enfezada de Ivan nas minhas redes sociais.

mecanismo de sobrevivência que o permite abrir os pulmões enquanto ainda é espremido pelos prazos e burocracias. Lorenzo quer acreditar que tudo dará certo e que seu trabalho é bom e suficiente, independente das expectativas depositadas nele por sua orientadora (e, na maioria das vezes, não atendidas). Ainda assim, alguns dias ele se pega sentindo culpa por avaliar que sua dissertação não contém o melhor de si, e que não há mais tempo para remediar suas supostas falhas<sup>34</sup>. Apesar de tudo isso, Lorenzo se percebe capaz de trilhar algum caminho de autoconfiança e independência leonina na sua tentativa de subverter a universidade, suas formalidades e a presença maçante de sua orientadora, como narrarei mais à frente.

Lorenzo tem 26 anos e não esclarece quase nada com relação a suas escolhas acadêmicas e profissionais, o que eu já previa e por isso me parece perfeitamente normal, pois desde os tempos da nossa graduação, ele não era uma pessoa de justificativas e explicações e assim continuou (pelo menos até a ocasião dessa escrita). Sei que, mesmo na Arquitetura, ainda pesquisa assuntos relacionados com a Museologia, como, por exemplo, patrimônio, e que privilegia análises que partem da semiótica (algo que ele tenta aplicar em suas anotações sobre a televisão e, mais especificamente, o BBB). Seu ponto central não é me contar quem é, de onde veio e para onde vai. Lorenzo parece não ter interesse em se tornar dados de uma pesquisa ou de se fazer caber em expectativas que não sejam as suas próprias, ele almeja, de alguma forma, tensionar tudo que lhe é proposto (desde a minha dissertação até seu ambiente de trabalho, ou um algoritmo de aplicativo que insiste em lhe colocar em nichos de conteúdo que lhe parecem fúteis e inúteis), ambiciona subverter o mundo, enfrentar os dogmas e se tornar o menos óbvio possível. Desse modo, compreendo que seu diário me mostra justamente isso que, para ele, é o que merece registro e materialização por meio das minhas palavras: não quem ele é (ou quem ele foi), mas quem ele, numa luta constante, quer ser e o que ele faz para se afirmar num mundo (principalmente numa universidade e cidade) que tentam sufocá-lo e desmotivá-lo. Lorenzo se mune de sua criatividade e sua identidade nordestina e as utiliza como ferramentas para se manter engajado, político e resistente nos meios que o agridem e o exotificam, sua experiência por meio de seu sotaque, seus pontos de vista e até seu consumo de mídia (música, basicamente) que são vistos com estranheza ou com uma curiosidade que o marcam como o “diferente do restante” e que o constroem e agrediam desde que se mudou para o Centro-Oeste, passaram a ser sua forma de afirmação ao atravessar os espaços e as pessoas do Plano Piloto que, para Lorenzo, ainda estão bastante submetido a cultura (e xenofobia) sudestina. Ele não possui o

---

<sup>34</sup> Fico pensando o que seria de nossos trabalhos se prazo não fosse um problema e, principalmente, o que seria de nós.

privilégio de simplesmente despolitizar sua vida e carrega em si uma responsabilidade de prestigiar e defender aqueles que representam, como ele, as regiões que são alvo das mais ferrenhas críticas e mais desumanizantes “admirações” (o “elogio” que disfarça a agressão ao reparar em sua forma de falar e solicitar que ele repita palavras que o diferenciem mais ainda do sotaque dos demais, como um papagaio ou uma atração de circo). Assim, a construção contínua de si que, pelo menos até onde essa pesquisa alcança, não teve fim, e objetiva tudo isso: luta, emancipação, quebra de expectativas, mas, também, uma imagem polida e ideal de um sujeito bem resolvido e pronto para pequenas mudanças e efusivos discursos.

Seu ascendente em capricórnio também faz parte da sua equação quando reflete sobre a própria postura, ele afirma que precisa de organização: uma rotina bem sistematizada que caiba tudo que é essencial para si e para cumprir com suas obrigações irremediáveis. É preciso ter o tempo de se exercitar, uma prática orientada pela sua psicóloga para combater a depressão e a ansiedade agravadas pelo mestrado (Lorenzo adotou a atividade física como uma última tentativa de evitar o uso de medicamentos no seu tratamento), e que, por isso, se tornou algo indispensável nos seus dias, inclusive nos finais de semana quando nem mesmo sua academia de *crossfit* está aberta, obrigando-o a sair para correr ou andar de bicicleta. Ele se diz um viciado em endorfina (e todas as outras “inas”) e, então, ficar parado, para Lorenzo, é como interromper abruptamente uma medicação, deixa-o desnorteado e temperamental, incapaz de socializar ou ser produtivo.

É preciso, também, ter o tempo para cozinhar. Lorenzo não apenas pratica o exercício físico, como segue a dieta necessária para otimizar os efeitos dele em seu corpo, isso porque, na tentativa de dissociar sua imagem com a do “mundo *fitness*”, ele optava por consumir *fastfoods* e comidas processadas, algo que ele identifica, hoje, como uma espécie de autossabotagem (afinal, faz sentido se dedicar para algo se não for para otimizar seu resultado constantemente?) para que, com isso, não caísse nos estereótipos de culto ao corpo, algo que ele combateu tão fortemente ao longo de anos. Superado esse medo de ser diluído na cultura “*fitness*”, Lorenzo passou a testar receitas novas e se alimentar com pratos que ele mesmo cozinha feitos com ingredientes orgânicos que recebe toda semana em sua casa ou que compra no mercado mais próximo com sua *ecobag* no ombro, numa tentativa de não apenas fazer o que é melhor para si, mas, também, o que considera o melhor para a sociedade por meio das suas pequenas mudanças de consumo com o objetivo de se adequar a um modo de vida “sustentável”, ainda que dentro da lógica capitalista. Esse ritual tem estima na sua rotina, até a maneira como ele dispõe a comida em seu prato se tornou relevante e é feito de forma cuidadosa e afetuosa,

pois, quando tudo dá certo, ele tira uma foto do que preparou e envia para sua mãe (que sempre retribui com uma resposta entusiasmada pedindo para que ele cozinhe o tal prato para ela na próxima vez que se encontrarem). É óbvio que isso não significa que Lorenzo superou todas as suas questões com relação a imagem que quer projetar de si e a caricatura de quem, comumente, frequenta assiduamente a academia ou o *crossfit* e segue dietas ditas saudáveis<sup>35</sup>, ele traça limites bastante restritos sobre o quanto ele quer atravessar (e ser atravessado) por essa cultura e, por isso mesmo, se recusa a postar foto nesses ambientes ou apontar suas nítidas mudanças estéticas, como uma maneira de se diferenciar das demais pessoas com as quais compartilha tais ambientes e práticas.

Deve caber, ainda, em seu dia, o tempo para trabalhar e o tempo para pausar (que é, justamente, o tempo livre). O tempo para trabalhar é sempre uma questão que o faz recitar ultimatums com relação a sua produtividade para impor metas e limites que respeitem a sua disposição mental e emocional para elas. Assim, ele escreve, em média, de uma até duas horas por dia e ponto final. Mais do que isso seria atropelar todos os seus próprios interesses e desconsiderar o seu cansaço de manter uma jornada dupla, afinal, como pagar contas com apenas a bolsa do mestrado (ainda mais no centro de Brasília)? Por isso mesmo, Lorenzo está sempre trabalhando, mesmo que sem vínculo empregatício ou carteira assinada (ele reforça que não aguenta mais ter data para ficar pobre, tudo é temporário e inseguro) e, se a bolsa recebida durante o mestrado não é suficiente para que ele se dedique exclusivamente a sua pesquisa e arque com as despesas básicas da sua vida, então não há nada que respalde a cobrança da pós-graduação de que ele produza por horas a fio.

Eu entendo o que Lorenzo pretende, mas me pergunto, será que podemos ser empresários “progressistas” de nós mesmos e ainda enfrentar a coerção do desempenho? Enfim, seguimos.

#### **4.2 Leonino e mestrando: a relação entre a produção acadêmica e a autoimagem**

“Sísifo, o mais solerte e audacioso dos mortais, conseguiu por duas vezes livrar-se da Morte. Quando Zeus raptou Egina, filha do rio Asopo, foi visto por Sísifo, que, em troca de uma fonte concedida pelo deus-rio, contou-lhe que o raptor da filha fora Zeus. Este, imediatamente, enviou-lhe Tânetos, mas

---

<sup>35</sup> Uma das lacunas deixadas por Lorenzo é a de que, justamente, nunca soube de onde vem a tal dieta que ele segue.

o astuto Sísifo enleou-o de tal maneira, que conseguiu encadeá-lo. Como não morresse mais ninguém, e o rico e sombrio reino de Hades estivesse se empobrecendo, a uma queixa de Plutão, Zeus interveio e libertou Tântatos, cuja primeira vítima foi Sísifo. O astucioso rei de Corinto [Sísifo], no entanto, antes de morrer, pediu à mulher que não lhe prestasse as devidas honras fúnebres. Chegando ao Hades sem o ‘revestimento’ habitual, isto é, sem ser um *eídolon*, Plutão perguntou-lhe o motivo de tamanho sacrilégio. O solerte filho de Éolo mentirosamente culpou a esposa de impiedade e, à força de súplicas, conseguiu permissão para voltar rapidamente à terra, a fim de castigar severamente a companheira. Uma vez em seu reino, o rei de Corinto não mais se preocupou em cumprir a palavra empenhada com Plutão e deixou-se ficar, vivendo até avançada idade. Um dia, porém, Tântatos veio buscá-lo em definitivo e os deuses o castigaram impiedosamente, condenando-o a rolar um bloco de pedra montanha acima. Mal chegado ao cume, o bloco rola montanha abaixo, puxado por seu próprio peso. Sísifo recomeça a tarefa, que há de durar para sempre.” (BRANDÃO, 1986, p. 226)

Lorenzo me narra a história de Sísifo em nosso primeiro encontro, em sua versão contada para mim, o bloco de pedra é derrubado pelo vento do norte, Bóreas (violento e gelado). Ele usa desse mito para explicar o que é o fazer acadêmico: Lorenzo é a pedra e Sísifo ao mesmo tempo, e sua orientadora é Bóreas que o derruba até a base da montanha somente para fazê-lo se carregar até o topo, sem nunca, de fato, chegar à lugar algum ou concretizar qualquer tipo de coisa. É interessante pensar, entretanto, que no trecho acima, a pedra rola pelo seu próprio peso e que o evento é uma punição por conta dos desvios empreendidos pelo protagonista, mas, ainda assim, entendo perfeitamente o que Lorenzo quis me dizer.

Sua relação com a professora que o orienta é uma eterna luta de poder. Para Lorenzo, ela quer aprisioná-lo em suas ideias e maneiras de escrever retrógradas e conservadoras, obrigando-o a atender expectativas que nada tem a ver com seu trabalho e sua maneira de lidar com sua própria poética na escrita acadêmica. O principal episódio que culminou em sua ansiedade e a busca por soluções e tratamento foi o adiamento da sua banca de qualificação que, mesmo com o trabalho pronto, extrapolou todos os prazos. Explico. Em seu programa de pós-graduação, para realizar a banca de qualificação, é necessário passar por uma disciplina que é ofertada exclusivamente pelo professor orientador a seus orientandos, sendo que o trabalho final é, justamente, aquele a ser avaliado na qualificação. Pois bem, Lorenzo cumpriu com a disciplina e seus prazos, mas a orientanda que também estava matriculada para essa

disciplina atrasou sua entrega em mais de seis meses e, por isso, a orientadora deles optou por não encerrar a disciplina até que a outra aluna não concluísse o tal trabalho. Assim, passados mais de um ano, Lorenzo não tinha qualquer resposta sobre quando, de fato, poderia ir para a qualificação e seguir com as etapas da realização de seu mestrado. Como havia estourado todos os prazos possíveis, ele inundava a tal professora com e-mails e mensagens questionando o que fazer e pedindo que ela, por favor, concordasse em marcar sua qualificação. As respostas eram sempre as mesmas: “Não se preocupe, darei um jeito nisso depois”.

A ansiedade de estar à margem das burocracias da universidade, paralisou Lorenzo. Afinal, como não desconfiar de que tudo dará errado e todo o trabalho será descartado quando somos assolados por prazos e processos burocráticos que nem mesmo nossos próprios professores tem conhecimento sobre? É o medo de que a corda arrebente para o lado mais fraco e que, simplesmente, numa dessas danças e contornos feitos ao redor dos regimentos, ele seja descartado ou impedido de seguir em frente.

É nesse momento, no auge do esgotamento emocional, que Lorenzo busca ajuda profissional e inicia sua terapia que, aparentemente, faz com que aflore a independência e autoconfiança que ele atribui à sua natureza leonina. E, portanto, não apenas se desconecta de sua orientadora como, também, desumaniza-a passando a vê-la como apenas mais uma burocracia que o separa do seu título de mestre ou uma ferramenta que o vincula oficialmente à universidade (já que ele diz que não pode se autodeclarar “mestre”). Lorenzo afirma que está determinado a minar os planos (ou o sentimento de insegurança da falta deles) de sua orientadora para seu trabalho e declara, por fim, que, ele mesmo, é seu próprio orientador.

Essas ideias de Lorenzo são reforçadas pelo aval recebido quando, finalmente, ocorre sua banca de qualificação em que as únicas críticas ao seu texto foram direcionadas, justamente, para as partes que receberam maior influência da tal orientadora. Ele me conta que a banca entendeu tudo que ele queria passar com seu trabalho (e que era bastante incompreendido por parte dela) e, com esse fato, foi capaz de se desvencilhar de vez (pelo menos é o que ele acredita e batalha para que seja uma verdade, apesar de não ser capaz de rejeitar sua ligação quando está usando o banheiro). Isso significa que agora ele faz as coisas do jeito dele, como quer e, não menos importante, como dá.

Ele modificou a questão norteadora do seu trabalho com o objetivo de não ficar preso às normativas de progressão textual impostas pela universidade, até porque ele acredita que já fez isso (se submeter ao normativo e dançar conforme a música, durante sua graduação) e agora quer algo diferente e inédito, pois é assim que Lorenzo se vê diante da sua escrita: um artista

(mais especificamente, um escultor) original que não comporta correções e não abre mão até mesmo dos pequenos defeitos que dão forma à sua singularidade e eternizam sua poética e visão de mundo. Assim, ele constrói seu texto por meio de “atravessamentos”, ou seja, questões que o atravessam e, ao mesmo tempo, atravessam o universo conceitual de sua dissertação. Tais “atravessamentos” devem ser organizados pelo próprio (futuro) leitor que escolhe a maneira e a ordem para ler o trabalho de Lorenzo e que, conseqüentemente, acabam por criar um percurso único e não correspondente com a ordem do sumário. Ousado, admito.

Para isso, ele faz coisas como separar temáticas que geralmente são tratadas de forma conjunta e associar outras que costumam aparecer separadas, tudo com o objetivo de, além de carimbar sua digital por meio da escrita, contemplar questões políticas e sociais que se desenham nessa estrutura tão embaralhada quanto desembaralhada (depende de quem o lê), causando o desconforto e a quebra de expectativa que, com sorte, irão gerar reflexão. Lorenzo é extremamente político e desafiador, suas intenções acadêmicas se fundem com sua identidade, tudo é pessoal e íntimo e fala (às vezes até grita) sobre emancipação. Sua escrita é útil (e isso é muito importante para a sequência desse capítulo ensaístico), cumpre um papel no mundo e na universidade e é para isso que ele escreve: por vaidade, por necessidade e por ousadia.

Sobre o que sua orientadora acha de tudo isso, eu nunca cheguei a descobrir. Lorenzo não está interessado na validação dela e, quando a escrita e a fala de si mesmo são minhas fontes, além da sua própria maneira de não dar satisfações, o que não é de seu interesse não chega até mim.

#### **4.3 O consumo de televisão como um furo do roteiro de si mesmo**

Considerando que meu objetivo através dessas análises é compreender o uso do tempo livre por estudantes de pós-graduação por meio do consumo de televisão, chega até a ser um pouco irônico pensar que, provavelmente, este é o assunto que menos o interessa. E que, justamente, é necessário conhecê-lo em suas ambições e construções de si para compreender o porquê de ter tão pouco para falar sobre a tevê (ainda que, mesmo que breve, seja profundamente significativo os argumentos e relatos que pretendo externar a seguir).

Isso se deve ao fato de que, no geral, Lorenzo não assiste à televisão e o deixa de fazer não apenas de caso pensado, mas, também, como um desafio a ser seguido: se afastar das telas que ele acredita serem nocivas de alguma forma, ele se preocupa com a facilidade que a tevê pode manipular as pessoas (sem dizer que pessoas são essas). Para ele, o consumo de televisão

é uma atividade “passiva”, ou seja, que nos distrai e nos influencia e não oferece muito em troca e nem permite que algo seja produzido a partir dela, são proposições bastante ajustadas às de Han (2019). A televisão (no caso, a tela de seu notebook) demanda o comprometimento de parar, se sentar e aconchegar para assistir algo. Essa necessidade de “não-movimento” e “não-produção” no momento de assistir, faz com que se sinta apático e entediado. Além disso, a tevê não o surpreende mais e, aquilo que ele gostou um dia, parece desinteressante hoje. Essas são percepções de si não apoiadas por eventos, afinal, Lorenzo não assistiu um programa, filme ou série sequer durante todo o período da pesquisa. Mesmo tento cogitado alguns: um filme do Woody Allen que já foi seu preferido, mas que agora não consegue reassistir (acha irresponsável de sua parte consumir obras de homens acusados de abuso sexual) e uma série australiana cancelada há poucos anos e que possui apenas seis episódios (o que Lorenzo agradece porque, então, talvez possa consumi-la sem se comprometer ou se distrair demasiadamente). Também as cinco séries iniciadas por ele antes de nos reencontrarmos para essa pesquisa, foram abandonadas e sem nenhum interesse em retomá-las.

Lorenzo sempre reforça sua indiferença pela televisão e o fato de que ele deixou de ser uma pessoa do audiovisual (talvez por não ter muito o que me dizer dentro desse tema, já que não tem afinidade pelo ato de “assistir”), ele atribui tudo isso ao possível início de uma nova fase adulta e mais amadurecida, assim, deixa implícito uma valoração pejorativa da tevê e o ato de assisti-la. Tudo isso faz parte de uma construção refinada de si mesmo, Lorenzo preza apenas por aquilo que parece aprimorá-lo (como, por exemplo, sua tentativa de retomar o hábito de leitura) ou aquilo que pode se alinhar a sua rotina sem comprometê-la, mas, principalmente, sem comprometer seu tempo e sua atenção, como, por exemplo, a música. Ele prefere o dinamismo das canções e a atividade de montar *playlists* que o acompanham durante suas tarefas essenciais do dia. Enquanto isso, a tevê o entendia e o torna passivo...

Esse afastamento da tevê em seu cotidiano como uma marcação de distinção, já que ele não quer ser confundido com as pessoas que se deixam alienar pela tevê, fica ainda mais evidente quando ele, finalmente, me revela o que ele chama de seu “furo de roteiro”: o programa De férias com o ex<sup>36</sup>. É a fuga do consumo idealizado e do roteiro criado e encenado por ele mesmo para aplicar no próprio lazer. Ele não me deixa adentrar nessa pequena rachadura e escreve sobre o programa apenas uma única vez para dizer que breve chegaria uma nova

---

<sup>36</sup> É um reality show focado na convivência entre pessoas. Toda semana, o ex-namorado(a) de um participante é adicionado à casa para morar junto das outras pessoas e, também, para participar das festas e dinâmicas propostas pela produção. Não há vencedores ou perdedores, trata-se apenas de se relacionar e festejar.

temporada. Eu sinto vontade de tocar a rachadura e descascá-la até que se abra uma passagem larga o suficiente para que eu adentre nos bastidores e não tenha mais que me basear apenas no roteiro. Mas isso não acontece. A única coisa que sei é que esse programa o atrai pelo seu “objetivo hedonístico de gozar e ser feliz”, segundo suas próprias palavras.

Uma vez pergunto do *Big Brother Brasil*, afinal, sua fala (aquela falada) é sempre repleta de referências da cultura de massa, principalmente do último BBB, ele solta frases como “qualquer coisa me bota no paredão...” que foi dita pela ex-participante Karol Conká e que reverberou nas redes sociais. Mesmo assim, ele afirma veementemente não ser uma pessoa que acompanha tal programa e que apenas consulta seus amigos sobre e inevitavelmente “esbarra” com ele (o programa e seu conteúdo) pela internet. Lorenzo não sente especial ojeriza pelo *Big Brother Brasil*, inclusive admite haver ali muita qualidade técnica e que é um excelente experimento social (o que eu discordo) atribuindo valores técnicos, científicos (e algumas vezes até sociais) para refletir sobre o programa que prefere não assistir para não ter que encarar a natureza humana, pois isso lhe faz mal. Seus comentários sobre a televisão e suas produções são sempre repletos de um vocabulário prolixo e termos academicistas, pouco fala sobre o que pensa pessoalmente, prefere tecer longos monólogos dissertativos incumbindo-se do papel de analisar criticamente o que é popular, traçando uma distância segura entre ele e o produto. Lorenzo insiste que nada disso significa que ele se ache melhor que o restante das pessoas por não assistir televisão, porém, não deixa de acreditar que a audiência é ingênua, manipulável e apática às questões (e às atividades) que realmente importam e são capazes de aprimorar um sujeito.

Entretanto, ele sente afinidade por alguns participantes do BBB (obviamente, sem participar de qualquer tipo de torcida ou engajando nas atividades do programa direcionadas ao público), inclusive com a Juliette que ganhou a edição de 2021, afinal, ambos são nordestinos e ele entende o que significa uma pessoa do Nordeste ganhar espaço na mídia, principalmente por ela não corresponder ao estereótipo e fetichismo construído pelo resto do Brasil com relação a sua região (ainda que se aproprie de vários de seus signos). Lorenzo expressa um forte sentimento político e engajado com relação à televisão (principalmente a emissora Rede Globo), mesmo não assistindo-a, quando se trata da representatividade, pois ela só é conquistada, na maioria das vezes, quando os artistas se submetem ao esquema que o Sudeste impõe para o reconhecimento da pessoa nordestina. Num desses dias quentes do outono brasileiro, enquanto conversávamos pela manhã entre um barulho e outro da obra do seu vizinho, Lorenzo me perguntou, desafiando-me, quantos *influencers* do Nordeste eu seguia nas

redes sociais. Tive de parar e pensar para responder e me senti constrangida antes mesmo de vocalizar minha resposta: apenas uma, confesso que não sou a maior seguidora de *influencers*, porém, mesmo assim, eu me lembrava de seguir apenas uma (curiosamente, uma natalense como ele). Lorenzo então me disse, num desfecho impactante de nossa conversa, que é isso mesmo: nós, espelho do Sudeste, não conhecemos o Nordeste e suas pessoas, sua música, sua arte e sua mídia. Mesmo com a facilidade da internet de alcançar qualquer região que seja, estamos viciados na cultura sudestina e nas suas normas. “*O Nordeste se retroalimenta*”, ele diz. E, portanto, Lorenzo tem empatia e defende todas as pessoas do Nordeste (e, algumas vezes, do Norte também) que conseguem, com muito custo, se embrenhar na televisão e se fazer caber nos espaços que tentam repeli-las ou estereotipá-las para que o resto do país possa, finalmente, assisti-los, consumi-los e, conseqüentemente, normalizar a cultura de toda essa região. Assim, seu discurso sobre a tevê é bastante político e crítico, mesmo que ele não a prestigie como um espectador direto, vendo-a como um instrumento de educação e pedagogia para seu público passivo.

Nada disso está escrito, sobre o furo de roteiro, sobre o BBB e sobre a importância da grande mídia em reconhecer as pessoas com as quais ele se identifica e pelas quais ele luta. Tudo é dito numa torrente de palavras e assuntos que se encadeiam e não cessam, Lorenzo, quando fala, deixa de ser um *haiku* para virar uma prosa de Saramago sem pausa ou pontuações. E algumas coisas parecem sair quase que sem querer, é como enfiar um olho no pequeno buraco da rachadura. Sua escrita, por outro lado, reflete um gosto muito mais exclusivo. E então é quando me recordo do quanto é necessário levar em consideração que os sujeitos também estão construindo maneiras e recortes de como eles querem ser vistos e registrados por mim. Mas eu acredito que tenha conseguido espiar Lorenzo.

Seria até de se esperar que ele me instigasse um sem-número de questões, mas fico com a mente silenciosa após narrá-lo, afinal, será que posso questionar seu ensaiado desinteresse e seu autoimposto tempo utilitarista quando a tevê (a mídia) ainda se recusa a reconhecer os sujeitos com os quais se identifica e sua própria existência é uma responsabilidade política que atravessa até mesmo os momentos de lazer e consumo? Entendo que Lorenzo atua como um sujeito de desempenho quando almeja se diferenciar dos demais e se aprimorar constantemente dedicando seu tempo a atividades “úteis e edificantes” e, mesmo renunciando ao ócio e à festa, tenta não sucumbir ao adoecimento e esgotamento e, hoje, se considera bem-sucedido nesse sentido. Não é a corrupção do desempenho, mas o manejo minucioso dele, dentro do que ainda o mantém funcional e na corrida incessante de objetivos que nunca concluem, como Sísifo. E a

única pergunta que me vem à cabeça é: Por que aceitar negociar com o, que eu acredito ser, limiar do nosso esgotamento?

#### **4.4 Epílogo**

Lorenzo está escrevendo um artigo sobre o episódio em que Paulo Galo ateou fogo na estátua do Borba Gato na cidade de São Paulo, e que, obviamente, não será corrigido ou apresentado à sua antiga orientadora (ele defendeu sua dissertação e passa bem). Lorenzo ainda quer prosseguir com a carreira acadêmica, dessa vez na USP, que é sua ambição há algum tempo (inclusive foi uma de suas opções para o mestrado). Mas vai esperar. Precisa, primeiro, recuperar o tesão acadêmico perdido ao longo do mestrado. E, obviamente, sem televisão (talvez com algum *reality*, mas não devemos contar para ninguém).

**5. “CLARO QUE EU VI, MINHA FILHA, VOCÊ ACHA QUE EU PERCO?”:  
Juarez, entre o sujeito de desempenho e o sujeito afetivo**

*“Tired of lying in the sunshine. Staying home to watch the rain. You are young and life is long and there is time to kill today” (GILMOUR, MANSON, WATERS, WRIGHT, 1973)*

“Claro que eu vi, minha filha, você acha que eu perco?” foi o que Juarez me disse quando comentávamos sobre alguns eventos do *Big Brother Brasil* que passaram há poucas semanas no programa ao vivo. Nesse momento, ele já estava relaxado e sentava-se com uma postura menos inclinada para a tela do celular e mais apoiada no encosto da cadeira, como se tivesse, lentamente, escorregado por ela durante nossa conversa. Enquanto isso, passava Nutella em uma fatia de pão que depois comia nos seus breves momentos de silêncio. Ele estava sentado à mesa da cozinha da casa de sua mãe e eu me sentia como se estivesse lá também. Juarez é de uma cidade pequena do interior de São Paulo, a mesma cidade da minha família paterna e, por isso, viajo para lá todos os anos e, quase sempre, nos encontramos. A casa de sua mãe talvez seja a única que eu frequento além da dos meus avós, principalmente sua cozinha que é onde Juarez costuma me receber para dividir uma cerveja e contar um ao outro tudo que aconteceu em nossas vidas entre os recessos. Assim, consigo lembrar e descrever facilmente esse cômodo e a disposição dos móveis, é o primeiro que acesso para adentrar a casa propriamente dita após subir as escadas que parte da garagem até uma pequena varanda que tem vista para a igreja que está bem no meio da praça (e que sempre nos parece um tanto assustadora vista dali de cima durante a noite) circundada pelas casas e comércios e, oposta a essa vista, está a porta que leva até a cozinha. E é onde ele se senta para falarmos de coisas que parecem amenidades. Trocamos algumas farpas e provocações sobre nossas torcidas do programa em questão, porém, o mais importante é que Juarez parece tranquilo e sorridente, sua versão com a qual estou acostumada, (considerando que, comumente, só o vejo nas férias).

Mas aquela não é sua casa, deixou de ser há muitos anos quando saiu da sua cidade natal para fazer faculdade. E tão logo marcamos um outro encontro, ele me recebe em seu apartamento em Lavras, interior de Minas Gerais (a história virá a seguir), e de repente tudo mudou. Sua fala arrastada e cheia de suspiros exaustos, sem tempo para a televisão e uma culpa paralisante até mesmo em dedicar esse tempo para falar comigo, quase como se ele fosse o próprio rascunho do sujeito descrito por Han (2015, 2018). A ânsia por desempenho de Juarez

parece estar restrito geograficamente e, assim também, a televisão inútil e afetiva que o conforta na casa de sua mãe. Assim, reservo esse capítulo para tratar dos seus trajetos, separando-os em dois opostos (complementares): o produtivismo com sua ansiedade da administração do tempo e do “lazer” e o descanso quase involuntário da televisão e do afeto. Então, como não poderia deixar de ser, apresento-o.

### 5.1 Reconhecendo Juarez

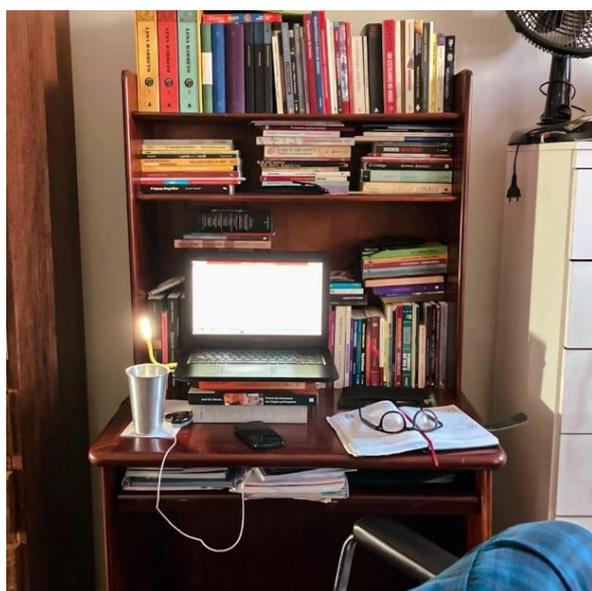


Figura 8 - Do seu apartamento em Lavras, sua escrivaninha de trabalho (que também serve para assistir televisão) e seus livros com os quais nutre relações dúbias.<sup>37</sup>

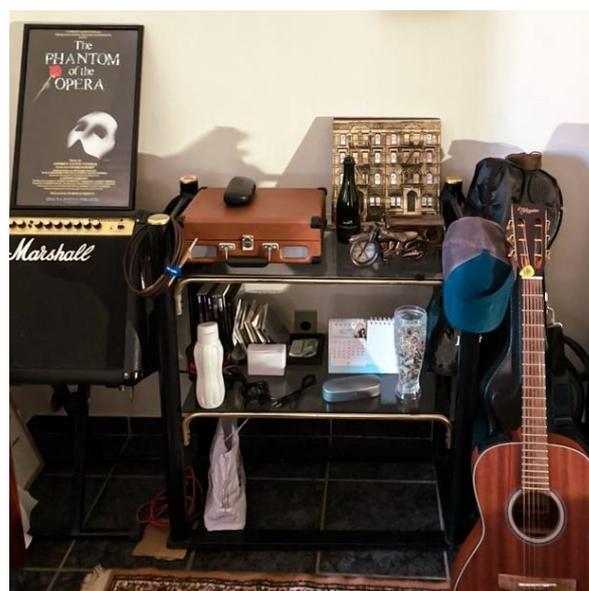


Figura 9 - Seu espaço preferido em seu apartamento que reúne música e vinho.

Juarez, como dito anteriormente em sua breve introdução, nasceu e cresceu no interior do estado de São Paulo, uma cidade pequena com apenas cinco dígitos de habitantes e bastante próxima à divisa com o estado de Minas Geras, seu sotaque reflete essa proximidade e o seu trânsito por esses dois estados que compõem, geograficamente, sua biografia. Ele cresceu próximo ao centro comercial da cidade, numa casa que fica acima da relojoaria que pertence à sua família, com sua mãe, seus irmãos e seus cachorros. É nessa casa, há cinco minutos de caminhada da casa dos meus avós, que está a tal cozinha na qual conversamos.

---

<sup>37</sup> Confesso que gostaria de poder anexar fotografias da casa de sua mãe também, mas Juarez não as fez.

Nos conhecemos há dez anos (quando tínhamos apenas 17), pouco antes de entrarmos na faculdade, mais precisamente nas férias que separavam o fim do nosso ensino médio do início da graduação e, desde então, passamos a nos comunicar por mensagem quando estávamos distantes e a nos ver quando eu viajava ao interior para visitar minha família. Juarez é bastante apegado à sua cidade natal, aos seus amigos que o acompanham desde os primeiros anos de escola, à familiaridade e facilidade que somente uma cidade pequena poderia lhe oferecer, aos seus irmãos e sua família e, principalmente, à sua mãe. Assim, ele frequentemente admite que é por ela, antes de qualquer pessoa, que ele pega sua moto e enfrenta horas de estrada sempre que a oportunidade aparece (o que, antes da pandemia, não ocorria com frequência já que dependia das folgas do seu trabalho), é com ela que ele busca compartilhar a maior quantidade tempo quando está em sua cidade, também é por ela que ele assume uma rotina maçante de trabalho esperando nunca mais depender financeiramente ou incomodá-la de qualquer forma e, obviamente, é por sua adoração a ela que ele alimenta o desejo inegociável de se tornar, ele mesmo, pai, algum dia. Esse apreço pela família também aparece em sua relação com seus avós e demais membros, entretanto, é somente no aconchego da mãe que ele encontra pequenos momentos de alívio e até alguma paz no meio da aceleração nervosa, ansiosa e utilitarista na qual opera sua cabeça. Ela o criou sozinha e, com muito esmero, fez dele o homem mais gentil que já tive o prazer de conhecer, não me lembro de algum dia termos brigado (na verdade não me lembro de vê-lo brigando com qualquer pessoa) e sequer sou capaz de dizer se algum dia já me senti chateada com Juarez. Ele expressa uma cordialidade e consideração pelas pessoas que é difícil de encontrar, nada cavalheiresco ou condescendente, apenas um jeito muito particular de tratar os outros que, a mim, parece uma maneira de apreciar a possibilidade de que todas as pessoas podem ser interessantes de alguma forma. Faz parte de sua personalidade otimista e, na minha opinião, iludida, ainda que se iludir não seja algo tão terrível para ele ao ponto de adotar uma postura minimamente menos simpática, o que fica evidente sempre que o confronto com meu característico pessimismo.

Como vários jovens de sua cidade, Juarez se mudou para estudar, já que ali, onde nasceu e cresceu, não havia universidades públicas. Ele foi para Lavras, no interior de Minas Geras, uma cidade pequena o suficiente para que seu estilo de vida não se modificasse drasticamente, nela ele pode se locomover sem depender do carro (que ele sabe que não terá enquanto não puder pagar por um). Apesar dessa aparente calma interiorana, Lavras possui uma vida universitária agitada com diversas repúblicas de estudantes que cultivam suas próprias tradições e hierarquias bastante específicas. E Juarez foi morar em uma dessas, exclusiva para homens,

dividindo quartos, contas e festas no período em que fez sua graduação em Letras na Ufla. Foi nesse meio tempo que conheceu sua noiva, Clara.

Ao conhecê-la, Clara, na época estudante de Nutrição na mesma universidade e que também havia se mudado para estudar, tornou-se sua companheira nesses trajetos e viagens, acrescentando um novo local no fluxo geográfico de Juarez, dessa vez era a cidade natal de Clara, outro pequeno município no interior de São Paulo só que, nesse caso, mais próximo do mar. Para além das trocas habituais entre um casal, foi com a chegada de Clara que Juarez começou a, de fato, enxergar a concretude de seus planos mais simples e, também, mais profundos: trabalhar, morar juntos e ter filhos. A questão que perdura até hoje é: onde? Mas isso não me interessa (à nível de pesquisa) por enquanto.

Juarez tem, também, uma grande estima pelos livros, principalmente os romances. A escolha de seu curso foi uma tentativa de unir sua vida profissional com a coisa pela qual se diz apaixonado: a literatura e sua potência política e social. Juarez gosta de falar que a leitura é democrática, pois basta um livro e uma luz (que pode ser a do dia claro que é gratuita) para que ela aconteça. É uma perspectiva bastante romântica que desconsidera diversas mazelas e desigualdades sociais, mas não vale à pena listá-las aqui, seria macular suas ideias basilares (ele não é ingênuo, mas de que vale ver tudo de errado no mundo e nas pessoas e deixar de ter alguma fé?) e desviar do foco dessa enxuta descrição que é, justamente, compreender a maneira idealista que Juarez enxerga e interpreta o mundo: tudo parece movido por paixões e filosofias otimistas e, mesmo com a realidade lhe batendo à porta (às vezes até mesmo lhe batendo à face), ele não se abala em seus mantras poéticos e apaixonados pelo que a vida deveria ser.

Isso se estende, portanto, para sua prática profissional. Juarez, ao se formar (e até mesmo antes disso de uma maneira um tanto informal), se muda da república em que morava para um apartamento com apenas mais uma pessoa, e passa a exercer sua profissão de professor, um trabalho que o inspira idealisticamente como os livros e, assessorado e incentivado por seus próprios ideais, ele almeja poder mediar esse mundo sonhado para seus alunos para, de alguma forma, causar pequenos golpes e talvez até algumas rupturas no neoliberalismo dominante que assola sua percepção de sociedade. Ele quer corrompê-lo e, se possível, construir algo que faça mais sentido e que o permita ser mais feliz e satisfeito. Talvez essa paixão seja necessária para sustentá-lo na realidade opressiva que a instituição escolar impõe aos professores, mas disso falaremos mais à frente.

É na ambição por se aprimorar como profissional, se especializar e se realizar academicamente que Juarez adentra no programa de pós-graduação em Teoria Literária e

Crítica da Cultura na UFSJ (adicionando a cidade de São João Del-Rei nesse balaio, apesar de continuar morando em Lavras). Sua motivação e sua realização acadêmica (tão distante da minha, já que tudo que escrevo e leio me parece um parto longo e dolorido) foi o que me fez pensar em seu nome para essa pesquisa. E, no começo do tal mestrado, tudo, realmente, era como ele queria: leituras acadêmicas que lhe causavam prazer, uma orientadora que admirava e o respeitava (da qual virou amigo pessoal, inclusive), algumas aulas que dava (para pagar as contas e se divertir) intercaladas com as que assistia no mestrado, diversos congressos e eventos que participava animadamente, as idas à casa de sua mãe sem qualquer preocupação, sua primeira moto e os finais de semana sagrados e reservados para estar com a Clara... Pelo menos essa é a maneira saudosista que Juarez remonta aqueles primeiros meses o que, se tratando do que vem a seguir, me parecem mais um “a minha grama já foi um dia mais verde” do que a realidade de fato (afinal, quem pode evocar a realidade pela memória? ou evocá-la de qualquer forma que seja?).

Foi com o advento da pandemia que Juarez julga que as coisas saíram dos trilhos, numa tentativa de apontar culpados e materializar inimigos. Clara se formou e voltou para a casa dos pais fora de Lavras, as escolas passaram a adotar o ensino remoto, a ansiedade de Juarez latejava na sua cabeça e ele assumia cada vez mais aulas para suprimir qualquer minuto de tempo que ele passava em casa (em função do isolamento social), dizendo que “se eu sou jovem e tenho energia, então gastarei essa energia trabalhando”, todas em escolas particulares que tinham pouco (diria que até nenhum) compromisso com suas demandas, fazendo com que ele trabalhasse aos sábados sem receber por isso, elaborasse uma prova inteiramente original a cada semana, planejasse e executasse grandes aulas preparatórias para os processos seletivos das universidades e, quase sempre, eram solicitações não previstas e feitas em cima da hora para as quais ele relutava em dizer não, pois acredita no potencial da instituição, dos alunos e, também, na possibilidade de conquistar créditos e uma boa reputação suficiente para que um dia (não disse quando) ele possa fazer algumas exigências e trabalhar de forma mais confortável. No total, Juarez trabalha em quatro escolas diferentes que se distribuem em três cidades diferentes (o que não foi uma condição exclusiva do ensino remoto) e com matérias também diferentes. E, tais escolas, tão logo ele tomou a primeira dose de sua vacina contra a Covid-19 por ser professor e ter alguma prioridade, requisitaram-no a voltar para a sala de aula presencial em 48 horas, antes mesmo do tempo necessário para que seu corpo pudesse ter uma resposta imune eficiente.

Enquanto isso, abarrotado de demandas profissionais, ele escreve sua dissertação ou, pelo menos, tenta, já que, por vários dias, se sente incapaz de abrir seu *notebook* e digitar três páginas sem que tivesse a sensação de que sua cabeça iria rachar e incendiar (sua orientadora insistia que escrevesse pelo menos mais de 100 páginas, Juarez produziu 95 ao final e com muito esforço). A consequência, nesse ponto, já soa como uma obviedade: frustração. De tal modo que tentou manter sua banca final em segredo para não se sentir constrangido com as críticas que previa receber e com seu trabalho que não o satisfazia, “poderia ter sido muito melhor”, ele me diz. Um sujeito de desempenho esculpido e encarnado (“cuspido e escarrado” também serviria). Para aliviar sua angústia (ou tentar se distrair dela), Juarez passa horas rolando a *timeline* do aplicativo *Instagram*, onde sua noiva tem uma grande presença e onde ele se atualiza das ditas “futilidades” que lhe interessam, como, por exemplo, fofocas sobre o *Big Brother Brasil*. Ou, ainda, bebendo muitas taças de vinho para conseguir, de uma forma meio atravessada e melancólica, descansar. Mas nunca se sente descansado e, ainda por cima, começa a apresentar os primeiros sintomas de um vício capaz de enebriá-lo nas noites mais exaustivas e, por conseguinte, tornar seus dias mais arrastados, somatizando sua culpa. Tudo isso é narrado de forma bastante melancólica e com bastante autocensura em seu diário.

Difícil acreditar que vários desses sentimentos já não eram latentes e apenas se tornaram insuportáveis com as circunstâncias enfrentadas por todos nós nos anos de 2020 e 2021, sou cética quanto a descrição de um passado tão nostálgico e quimérico da parte de Juarez, mesmo levando em consideração que nada se compara ao luto coletivo e a histeria produtivista instigada durante a pandemia e a nossa pretensa quarentena. Mas vamos aos fatos e relatos e como a televisão se encaixou em tudo isso.

## **5.2 Pandemia e trabalho: o produtivismo como norma**

Antes de adentrar sua relação com a televisão, proponho aprofundar, ainda mais, sua maneira de interpretar o trabalho e administrar o tempo. Juarez possui um enorme senso de responsabilidade quando se trata da sua vida profissional e acadêmica, assim como outros sujeitos (que já descrevi e, também, que ainda irei descrever), ele preza por sempre atender às expectativas e demandas direcionadas a ele. Tento entender o motivo de tanto trabalho, tantas escolas e tantas aulas, mas não há o que explicar além das necessidades intuitivas de trabalhar: pagar as próprias contas e viver confortavelmente. Às vezes, Juarez parece se surpreender com as minhas perguntas, ele falha em disfarçar o quanto as acha despropositadas e verbaliza sua

relação com o trabalho como se eu não pudesse compreendê-lo, pois não há o que questionar (e, conseqüentemente, o que responder) sobre a obviedade de que todo nosso tempo e energia disponível deve ser direcionado para trabalhar, pelo menos enquanto ainda tivermos saúde para isso, como se essa fosse uma compreensão inata da qual eu nasci sem e faltam-lhe palavras para me explicar o que é evidente e axiomático. Assim, Juarez parece continuamente me contar o óbvio e, por isso, quase sempre comenta sua insegurança de que eu realmente possa tecer um trabalho a partir disso, sua escrita é repleta de reflexões e encadeamentos analíticos como se ele pretendesse fazer o meu trabalho por mim ou dar algum sentido a essa proposta que ele não compreende, reivindicando o controle da análise e suas conclusões para que, aparentemente, o resultado não seja algo imprevisto que o pegue desprevenido. São longas prosas bem escritas e estruturadas que misturam narrativas e pensamentos íntimos para culminar numa percepção de sociedade e, quase sempre, numa culpabilização de si. Juarez se diz amedrontado pelo diário e a perspectiva de encarar com profundidade a si mesmo e seus hábitos. Foge do diário e o “esquece” com bastante frequência para, em seguida, retornar redigindo uma mea-culpa justificada pelo sentimento de que encarar-se, ler-se e descrever-se é maçante e assustador.

Eu também não tenho certeza se posso tecer um trabalho a partir disso (tudo se trata de tentativa), mas acho importante considerar que é dessa maneira que ele narra sua vida.

Bom, Juarez já estava dando aula há algum tempo quando a pandemia nos obrigou a passar para o ensino remoto, ele prontamente vê isso como uma oportunidade de aumentar ainda mais seu número de turmas, afinal, economizaria o tempo e a gasolina gasta para transitar entre as cidades que trabalha, ou seja, mais tempo e energia disponíveis para produzir. Além do que, estaria em casa! Pôde até mesmo ir para a casa de sua mãe, fazer companhia para ela, dar suas aulas e preparar, tranquilamente sua apresentação final da dissertação (a essa altura ela já estava finalizada, revisada e em posse da banca, o que só reforça a minha ideia de que sua angústia data de bem antes da pandemia). Quem sabe assim economizaria um dinheiro, leria os livros que não teve tempo para ler durante a pós-graduação e até mesmo veria alguns filmes (uma ousadia ou uma indulgência que ele se permite vez ou outra), dividiria um vinho com sua mãe e logo tudo voltaria ao normal. Quase como uma pausa que lhe permitiria organizar tudo aquilo que estava desorganizado há alguns anos.

Assim, pega as tais aulas, recebe alta da terapia (que era um de seus portos seguros durante a escrita da dissertação, mesmo tendo certeza de que essa alta é temporária) e vai para a casa de sua mãe. Ele apenas se esquece de que as escolas ainda eram as mesmas que o demandavam de forma inescrupulosa e seu trabalho passa, como era de se esperar (mas, ainda

assim, pega Juarez de forma inesperada) a exigir uma disponibilidade absurda. Agora alunos e pais tem acesso ao número do seu celular e eles não sentem qualquer constrangimento em abordá-lo nos mais variados dias e horários, além disso, toda a estrutura da aula se modifica, é ingênuo pensar que se leciona presencialmente da mesma maneira que virtualmente. Entretanto, seu salário continua o mesmo (que ele estima, em média, ser R\$22,00 por hora/aula) e, mais uma vez, como era de se esperar, desconsidera qualquer minuto gasto fora da “sala de aula”. Juarez admite que errou na equação final do seu minucioso cálculo de tempo, mas, obviamente, ele não recua por isso.

Nos malabares das horas, havia, ainda, a apresentação a ser feita para a banca, o que o deixava especialmente nervoso tendo em vista a frustração que sua pesquisa o trazia e o incessante remoer de ideias sobre o que poderia ter feito diferente. Além disso, era só abrir seu notebook para pensar em começar a montá-la que seu celular pipocava de mensagens de escolas, alunos, diretores, coordenadores, pais... Enfim, duvido muito que a cena seja tão dramática assim, mas se seu celular vibra com notificações durante o dia inteiro, há de parecer que ele vibra nas horas mais inoportunas. Adiar a feitura da apresentação para atender ao trabalho de professor era sempre um momento de ansiedade. O dilema era irônico: deixar de trabalhar (considerando a pós-graduação também como um trabalho) para poder trabalhar, ainda assim é deixar de trabalhar? Mesmo trabalhando, Juarez descrevia um sentimento de insuficiência pois, ao mesmo tempo, deixava de trabalhar e, portanto, nada é concluído como deveria e a sensação de incompletude dos trabalhos que sempre ficavam aquém da sua expectativa, assombrava seus dias e noites.

Desmotivado e cansado, a certa altura, Juarez cogita mudar de ramo. Sempre foi um amante da música e em suas poucas aparições nas redes sociais (apesar de ser um usuário frequente), posta alguns vídeos cantando e tocando violão. Ele lamenta não ter estudado música na graduação, pois hoje talvez fosse mais feliz e menos cansado, poderia ser professor de música numa tentativa de unir sua vida profissional com a coisa pela qual é apaixonado: a música e sua potência política e social. É um *déjà vu* e talvez, por isso, a área em si (da literatura) não seja o erro (se é que há algum). Obviamente, que ele é “ajuizado” demais para uma mudança tão drástica. Juarez gosta de dizer que “nunca é tarde para mudar”, desde que você não seja ele mesmo e não carregue as responsabilidades que ele abarca para si, mas que jamais depositaria em outros (pelo menos não que eu me lembre ou que ele me conte).

Com o tempo submetido ao capital e à produtividade incessante, é difícil podermos conversar com sinceridade sobre tempo livre, lazer e até mesmo sono. Não que Juarez não seja

sincero em suas práticas, mas sua visão de si mesmo é tão estrita que certas coisas só podem ser ditas na cozinha de sua mãe enquanto passa Nutella no pão, porque são coisas que não entram em seu apartamento em Lavras, como, por exemplo, a tevê. Primeiramente, Juarez tem uma noção bastante utilitarista de seu tempo (principalmente, o livre). Assim, quando chega a noite e ele teoricamente encerra seu expediente, prefere se deitar na cama e ler livros, a maioria clássicos, já que os utiliza em sala de aula e, mais uma vez, pode otimizar suas horas chamando isso de “tempo livre”. Por esse motivo, ler o arrebatava com a ansiedade de terminar cada um dos livros o mais breve possível para poder dar uma aula ou simplesmente para poder partir para o próximo, como uma corrida (sem concorrentes ou objetivo final, mas, certamente, competitiva). Ele me mostra a pilha do lado de sua cama com vários deles, todos sendo lidos ao mesmo tempo (por motivos diferentes) e nenhum concluído.

No seu apartamento, como dito, não há televisão, porque Juarez não a considera um item essencial para sua rotina. Ele possui um *notebook* que usa para ver alguns filmes, de preferência, também, clássicos que ele ainda não tenha visto e que, por isso, sente que tem algum tipo de dívida histórica com a sétima arte. Assina apenas ao *streaming* do Telecine que possui um catálogo bem recheado desse tipo e nenhuma série, pois séries demandam um comprometimento de tempo que ele não está disposto a dedicar à televisão nesse momento de sua vida. Para tudo, Juarez resguarda uma função em seu próprio aprimoramento pessoal. O tempo livre é útil e produtivo, pelo menos até ele chegar na casa de sua mãe.

### **5.3 Casa de mãe: compartilhar afeto, televisão e tempo**

Narrei brevemente o tempo livre de Juarez em seu apartamento e agora narro o tempo livre na casa de sua mãe. Enquanto esteve lá, no tempo de pandemia e dessa pesquisa, ao contrário do que seria o normal com suas idas nas férias escolares, ele também trabalhou na mesma rotina com o regime de ensino remoto. Juarez retornou para Lavras apenas quando foi receber sua vacina contra a Covid-19, logo em seguida, as escolas impuseram o ensino híbrido<sup>38</sup>. É importante considerar, ainda, que apesar da minha escrita sucinta e linear, Juarez passa esse período pandêmico transitando, mesmo que de forma bastante espaçada, entre todas

---

<sup>38</sup> Modalidade de ensino adotada principalmente pelas escolas particulares em que parte das atividades é feita de forma remota e a outra parte de forma presencial, o que multiplicou, ainda mais, o trabalho a ser feito pelos professores.

as cidades citadas aqui e inclusive indo até a casa dos pais de sua noiva algumas vezes, embora nunca tenha narrado diretamente sobre.

Feitas as considerações e destrinchado o estado emocional de Juarez, volto ao dia da frase que inicia esse capítulo. Na casa de sua mãe, as coisas são diferentes. A televisão está ligada a todo momento, majoritariamente na Rede Globo e sua mãe a assiste sempre que possível, no mais, ela fica fazendo parte do ambiente preenchendo-o de som e luz, esperando fisgar o próximo telespectador ou apenas servindo de companhia.

Apesar da sua ensaiada indiferença à televisão, Juarez não se incomoda com os hábitos da mãe, pelo contrário: após seu expediente, ele se senta na cama ao lado dela e a acompanha assistindo e comentando às novelas e ao BBB. Passam esse tempo juntos, sem muito controle do relógio e o que as vezes começa no Jornal Nacional, só vai terminar após o *Big Brother Brasil*, o que dá algumas boas horas por dia na frente da famigerada televisão. E ficam ali construindo esse interesse comum e compartilhando de uma mesma rotina. O ritual se repete todas as noites e foi assim que Juarez assistiu integralmente a reprise da novela *Fina estampa*, que ele sequer se lembra de quando passou pela primeira vez, demonstrando zero interesse por qualquer tipo de nostalgia que ela poderia proporcionar. Além disso, ele a considera absurdamente ruim em termos de qualidade, com um roteiro péssimo e atuações espantosamente medíocres para o elenco em questão. Mesmo assim, não consegue evitar de todas as noites se sentar ao lado de sua mãe e consumir avidamente esse enredo que ele considera tão pouco atraente. Mesmo que a prática tenha se iniciado na tentativa de estender ao máximo a convivência com sua mãe (na expectativa da saudade vindoura e inevitável), não se trata mais apenas disso, a novela e o *reality* o conquistaram de alguma forma, ele quer falar sobre eles, quer saber o que acontecerá no dia seguinte e quer odiar o roteiro grosseiro comentando-o com amigos. Para o BBB, ele tem até torcida declarada e a defende como se a participante estivesse indo injustamente à força. Ao mesmo tempo, ele tem um ódio pessoal por alguns competidores e mal pode esperar pelo dia que sairão do programa. Enfim, como Juarez mesmo disse, não perde um dia sequer. E, assim como sua necessidade de trabalhar, ele não consegue me explicar exatamente o que o impulsiona a isso, é algo que eu devo apenas entender e aceitar, pois nem ele mesmo entende: é um tempo inútil, um descanso que não acrescenta em nada (excetuando a companhia de sua mãe) e um tempo que poderia muito bem ser investido num lazer enobrecedor.

É sobre BBB e novela que conversamos de forma relaxada e sobre os quais Juarez expressa opiniões e sentimentos para além das technicalidades do que significa uma televisão de

qualidade e, confesso, que é esse Juarez despreocupado que desperta meu maior afeto e interesse. Apesar disso, ele não acredita que esse seja um tempo gasto para o descanso, para ele, a televisão apenas nos induz a emular uma sensação de relaxamento que nada mais é do que uma distração causada pelos programas pouco complexos e suas luzes e som, algo como a tal recepção desatenta dos programas de má qualidade para Muanis (2020), (cá entre nós, reluto em aceitar essa percepção integralmente) Mais uma vez, se repete entre os sujeitos dessa dissertação, a noção de um espectador passivo e uma televisão que se aproveita das nossa guarda baixa diante de suas seduções espetaculares. Acho que há nisso um tom quase conspiracionista, porém, talvez de fato não seja sobre descansar (o cansaço é algo tão fácil de pontuar enquanto que o descanso escorre pelos dedos antes que possamos agarrá-lo e destrinchá-lo) e seja apenas, mais uma vez, sobre a inutilidade e a futilidade de uma televisão que insiste (ou será que nós que insistimos?) em continuar se espremendo em nossa vida útil e produtiva.

#### **5.4 Epílogo**

Juarez e Clara ainda não decidiram em que cidade vão morar, isso se complicou mais ainda porque ele passou no concurso estadual para professor (porém, antes mesmo que eu pudesse concluir esse texto, já pediu sua exoneração por não achar que o salário valesse a pena). O doutorado não parece uma opção nesse momento (ele até ficou tentado quando seu melhor amigo de infância lhe enviou um edital para que estudassem juntos, depois de tantos anos, no mesmo programa de doutorado na mesma universidade), não há tempo viável e seus planos, a partir de agora, devem incluir Clara neles. Ele continua em Lavras, mas nos encontramos depois do último natal e falamos sobre BBB na cozinha de sua mãe.

## 6. “O QUE É TEMPO LIVRE?”: Júlia, o empreendedorismo de si e o lazer como projeto

“Enquanto arrumava as camas, fazia compras, escolhia o tecido para forrar o sofá, comia sanduíches de pasta de amendoim com as crianças, fazia as vezes de motorista de escoteiros, deitava ao lado do marido à noite... Temia fazer a si mesma a pergunta silenciosa: ‘isso é tudo?’” (FRIEDAN, 2020 [1963], p. 13)

*“Okay, she’s tough, but if Miranda were a man... No one would notice anything about her, except how great she is at her job”* (The devil wears Prada, 2006)

“O que é tempo livre?”, Júlia me perguntou quando conversamos pela primeira vez sobre meu trabalho. Eu sempre fui bastante transparente com relação às minhas ambições de pesquisa, minha metodologia e minhas questões, nunca quis pegar ninguém de surpresa para descobrir coisas ocultas e misteriosas e fazer paralelos imprevistos, pelo contrário. Mesmo assim, na época, eu não tinha uma resposta satisfatória para dar a ela e, honestamente, disse que ainda não sabia e que, com alguma sorte, eu esperava saber no fim disso tudo. Júlia, então, me disse que é porque, do jeito que ela entende “tempo livre”, ela não o possui e, por isso, não poderia ser o sujeito da minha pesquisa, ela afirma “tento ocupar meu ‘tempo livre’ com atividades que possam contribuir para a minha carreira”, para utilizar suas próprias palavras (como um “aperfeiçoamento do obituário”? ). Mas eu acrescentei que não havia problema nenhum nisso.

Quem a conhece, provavelmente, não se surpreenderia com essa pergunta de Júlia, pois pedir algo a ela significa contar com sua total cooperação e atenção para aquilo que é proposto. Sua pergunta (e tantas outras que ela fez antes de iniciar seu diário) são, para mim, o reflexo da sua organização sistemática e objetiva que necessita de instruções diretas e bem definidas. Sobre o que escrever? Qual o nível de detalhe necessário? Qual a regularidade? Quase tudo na mão de Júlia parece se tornar um projeto a ser empreendido para um fim útil e, mais pelo benefício acadêmico do que por nossa amizade (o que me agrada, pois valorizo sua aprovação científica), ela aceita participar desse trabalho. Como disse anteriormente, prezo por uma liberdade e autonomia do sujeito e, no papel de ser uma fonte de dados, a falta de aparatos quantitativos a incomoda, ao mesmo tempo que a provoca e a deixa com uma suspeita do que

virá, consequência de uma curiosidade indisfarçável. E, por isso mesmo, qualquer um sabe que pode contar com Júlia quando é capaz de despertar seu seletto interesse.

Assim, Júlia começa, por ela mesma, a tentar encontrar o tal tempo livre que eu não pude definir e obstinadamente tenta descrevê-lo todos os dias, num compromisso quase inabalável com seu diário. Só para, por fim, concluir que seu tempo livre serve para estudar, trabalhar, cuidar da sua casa (e de seu gato, Cajuzinho, que adotou durante a quarentena) e espremer uma pequena série (com episódios de 20 minutos, uma escolha bastante pensada e elaborada para não comprometer seu desempenho no dia a dia) ou uma partida de *CS*<sup>39</sup> (que joga com um perfil masculino, aconselhada por seu marido, para evitar assédio e provocações) em suas pausas para o almoço ou pouco antes de dormir. Quando diferente, ela chama aquele dia (ou faixa de horário) de “folga”, administrando si mesma como uma empresa e bonificando-se por seu mérito diante do volume de trabalho feito, e libera sua funcionária (ela mesma) para algumas horas de diversão sem culpa. Júlia acredita que todas as pessoas necessitam de objetivos e ambições, faz parte da condição humana e suas folgas são os pequenos incentivos ganhos por atingir metas semanais de trabalho e estudos (o que, segundo Han (2018) seria apenas mais uma ferramenta de otimização do desempenho).

Quanto à televisão, não é um *hobby* que valha a pena levar a sério como Júlia leva o resto de sua vida e seus planos pessoais, principalmente, por ser inútil (ainda que tão atraente e tão cuidadosamente planejado para estar sempre presente). Nesse capítulo pretendo descrever seu idealismo empreendedor (que comumente se choca com seus planos carinhosamente cultivados de viver uma maternidade plena) e seu lazer meticulosamente calculado.

Apresento-a tentando fazer jus a todo o empenho depositado por Júlia na feitura dessa pesquisa.

## 6.1 Reconhecendo Júlia

---

<sup>39</sup> “*Counter Strike (CS)* é um jogo de tiro em primeira pessoa (FPS), lançado pela empresa Valve em 1999 apenas como *mod* de um outro jogo. Foi um dos responsáveis pela massificação das *lan-houses*, dos jogos online e do surgimento do esporte eletrônico. Em sua trajetória foram lançadas 5 versões do jogo: *Counter Strike*; *Counter Strike 1.6*; *Counter Strike Condition-Zero*; *Source*; *Counter Strike:Global Offensive (GO)*. O jogo trata do conflito entre terroristas e contraterroristas. Existem diversos objetivos no game, que variam de acordo com os 5 modos oficiais de jogo: Demolição, Corrida Armada, Mata-mata, Casual e Competitivo. Entretanto, o enredo permanece praticamente o mesmo com pequenas variações, um time composto por contraterroristas entra em batalha com o time de terroristas.” (SILVA, 2017, p. 23)

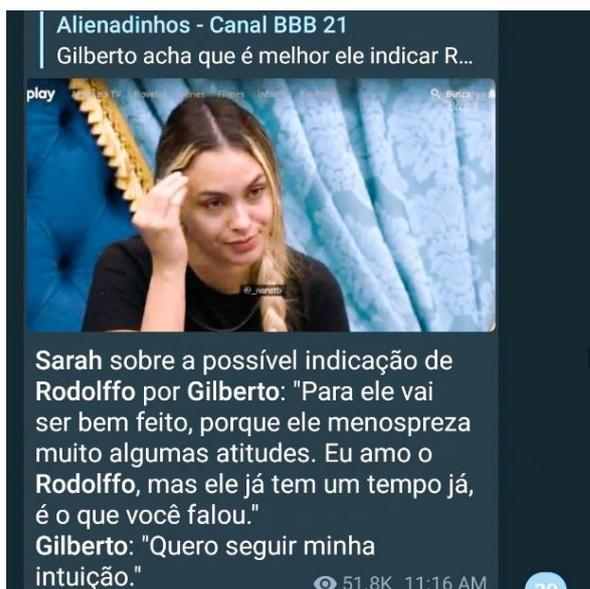


Figura 10 - Screenshot do canal sobre BBB no aplicativo *Telegram* que Júlia verifica todas as manhãs.

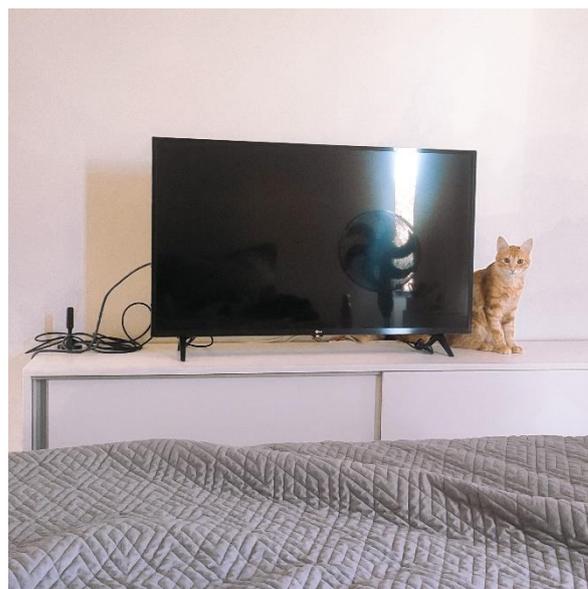


Figura 11 - Televisão e Cajuzinho que foi adotado na pandemia.

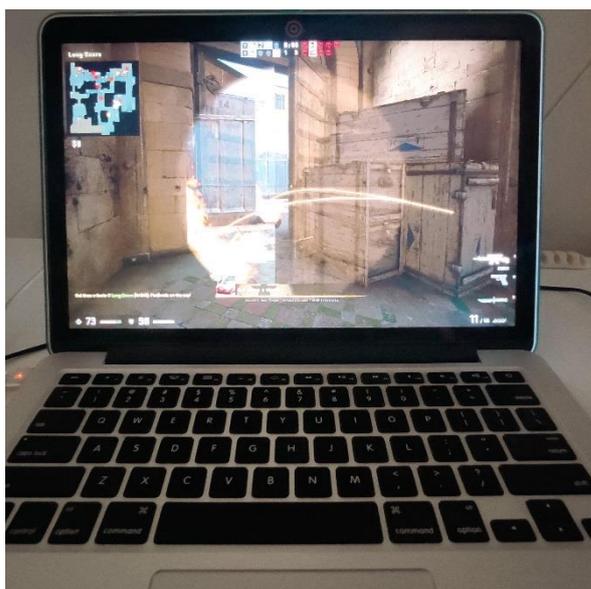


Figura 12 - *CS GO*.

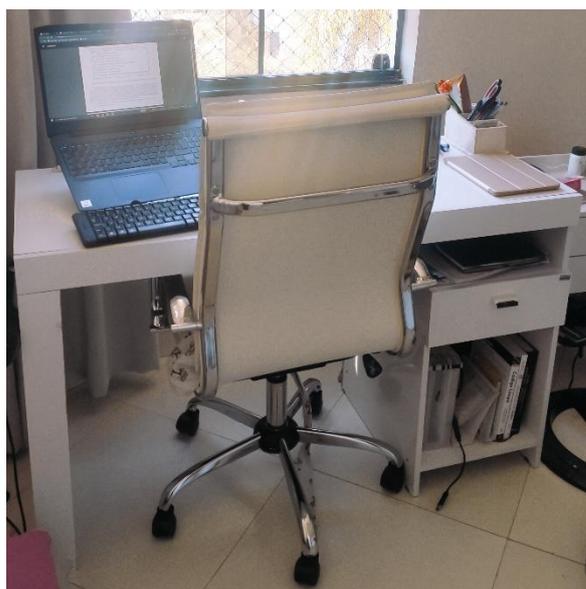


Figura 13 - *Home office*.

Eu e Júlia nos conhecemos quando estávamos no ensino médio, frequentamos a mesma escola, mas não a mesma turma. Acredito que só trocamos nossas primeiras conversas em uma aula de contraturno preparatória para uma “Olimpíadas de química”. Apesar disso, era impossível estudar ali e não conhecer Júlia, pois seu desempenho escolar era assunto para todos nós: alunos e professores. Ela não se intimidava pelas expectativas do restante da escola (ou, pelo menos, não deixava transparecer), todos depositavam nela uma pressão que faz minhas mãos suarem só de imaginar e, também, nunca utilizou de falsa modéstia para amenizar seu

mérito ou seu destaque com relação aos demais, não éramos iguais e Júlia sempre soube disso. Entrou na universidade no mesmo ano que eu, quando, então, nos tornamos amigas através das redes sociais e dos encontros que acabavam ocorrendo no meio de nossas idas e vindas pela extensão do ICC<sup>40</sup>, no começo da faculdade era reconfortante ver um rosto conhecido vez ou outra. Logo trocamos números de celular e passamos a sair juntas para karaokês, para jantar e algumas vezes Júlia me dava caronas da universidade para casa, quando podíamos focar sobre todas as pessoas que conhecemos no nosso ensino médio e compartilhar planos para o futuro ou, no meu caso, lamentar a falta deles (a viagem era longa e o engarrafamento era certo). Ela se graduou em Engenharia Civil na UnB e, três anos depois, concluiu seu mestrado em Transportes também pela UnB, agora, com 26 anos, se prepara para adentrar no doutorado de Computação, mais uma vez pela UnB. Apesar de todo esse tempo, seu rosto ainda é o mesmo de quando entrou na faculdade, assim como o corte de seu cabelo impecavelmente alisado, mudaram apenas suas roupas e a maquiagem. Manteve-se, também, o sorriso que aparece com facilidade e por incontáveis vezes enquanto conversamos.

Em resumo, Júlia sempre foi boa em quase tudo que fez, seu desempenho e destaque não são frutos do acaso ou de alguma habilidade inata, mas de um esforço incessante e um minucioso planejamento para que pudesse sucessivamente ir além das expectativas e das demandas apresentadas a ela por chefes e professores. E para quem duvidasse disso, ela estaria pronta para demonstrar suas competências. Por todos esses motivos, pensei nela para essa pesquisa (acrescido de uma genuína curiosidade, pois sei que pensamos de formas bastante distintas).

Curiosamente, os únicos que não se encantam por seus feitos e suas escolhas, são seus pais que, ainda mais pragmáticos que Júlia, desejavam que ela cursasse algo mais rentável (dizendo eles que nunca viram um “engenheiro” ser bem-sucedido como um advogado ou até um médico) e que ela deveria, o quanto antes, passar num concurso público e assumir um cargo capaz de sustentá-la até o fim da vida. Júlia se sentiu pressionada e impelida por essas ideias que eram repetidas continuamente desde sua adolescência e, após o fim da graduação, enquanto trabalhava por meio período no emprego que conseguiu através de um concurso público, ela estudou para concursos de altos salários. Isso tudo durou um ano inteiro e ela, na época, não foi aprovada em nenhum. Apesar de sua boa classificação em todos esses concursos e sua dedicação fervorosa aos estudos, eram processos seletivos bastante disputados (a maioria tinha

---

<sup>40</sup> Instituto Central de Ciências (Minhocão) na UnB, era comum que esse prédio comportasse as aulas introdutórias dadas aos calouros de vários cursos.

apenas uma única vaga para engenheiro civil) e Júlia chegou à conclusão de que concursos não se tratam apenas de esforço, mas, igualmente, de sorte. É óbvio que se alguém não estudar para a prova, não poderá contar apenas com a “sorte”, mas, afinal, o que a separava dos demais participantes que ficaram na sua frente? Provavelmente, a sorte de que havia mais questões das disciplinas que eles mais estudaram e isso Júlia não podia prever e nem controlar. Esse fracasso a abateu, afinal, cogitar a possibilidade de que seu futuro profissional depende de algo que não seja exclusivamente seu próprio esforço e merecimento é uma injustiça, para ela. Júlia admite que quer estar no controle da situação e que até se sente motivada por uma certa competitividade, mas não pode (numa proibição dela para ela mesma) apostar seu futuro em algo que dependa de “sorte” em alguma medida. E, para desgosto dos seus pais, abandonou sua breve fase “concurseira” e começou a traçar o plano de fuga do serviço público em busca de uma função que valorize seu empenho.

Enfim, como dito na sessão introdutória, ela aplica esse rigor e eficiência na própria escrita do diário, inundando-o não apenas de informações, mas, também, de reflexões. A princípio, Júlia sente um incômodo com essa escrita tão “livre” e chega a dizer que preferiria inserir os dados de sua rotina em uma planilha do Excel para que eu pudesse transformá-los em gráficos de tempo e frequência e compará-los com os dos outros sujeitos. Ou seja, uma pesquisa quantitativa<sup>41</sup>, bem característica da sua trajetória acadêmica. Mas assim que descarto essa possibilidade e a guio pelos primeiros dias de escrita, Júlia, em sua competência ímpar, ruma a ideia do diário e o escreve avidamente. Ali, ela registra, numa prosa bastante direta, todo tipo de coisa: suas insônias, seus problemas conjugais, suas análises do BBB (às vezes bastante emocionadas, às vezes bastante técnicas), a adoção do seu gatinho e o início do seu sonho de formar uma família, a insatisfação com seu emprego, a frustração com seu orientador, as noites de isolamento social em que ela e seu marido passam no *drive-thru* e jantam dentro do carro apenas poder ver o movimento da rua enquanto a chuva escorre pelas janelas e eles compartilham a melancolia íntima e reconhecível do momento em que vivemos. Assim, Júlia deposita uma confiança em mim de narrar despididamente vários de seus sentimentos que não se deixam ver por seu sorriso e bom humor habitual e, de certa forma, me sinto próxima dela e de suas rachaduras. Ela também toma o cuidado (ou a liberdade) de se explicar e refletir sobre quase tudo, preenchendo todos os “porquês” que me veem à cabeça durante a leitura, o que faz com que eu tenha muito pouco para perguntar diretamente quando nos encontramos, o

---

<sup>41</sup> Eu sinceramente vejo graça nisso tudo, pois não saberia como agrupar e analisar as informações dessa forma (estatística), já faz pelo menos dez anos que não produzo um rascunho sequer de coisa que o valha.

que eu adoro, pois, assim, podemos conversar mais livremente (e ela pode me mostrar seu gatinho várias vezes). Mesmo com tudo isso, sua escrita ainda incute um sentido de ordem e organização: sua rotina é absolutamente repetitiva e seus horários são sempre registrados (não há nada como “pela manhã” ou “perto da hora do almoço”) de forma bastante direta, exata e redonda, ela não trabalha com “aproximações” e horas quebradas. Como se seu dia estivesse marcado, impecavelmente, por um cronômetro ou despertador. Sua escrita só falha quando sua ansiedade a paralisa, aí o diário é esquecido juntamente com todas as outras atividades que não são absolutamente essenciais (como seu exercício físico de todo dia, que ela odeia e é a primeira das atividades a ser posta de lado) ou que não lhe trazem um prazer imediato (ou seja, a tevê sempre se mantém, assim como o CS (Figura 12) e o pedido de doces por *delivery*).

Como já foi dito, Júlia tem 26 anos e mora com seu marido, Gustavo, há, pelo menos, um ano e meio, primeiro numa pequena quitinete e, depois, uma semana antes da pandemia mudar nossos regimes de trabalho e estudos, se mudaram para o apartamento atual que é um pouco maior com quarto, escritório e cômodos mais espaçosos e divididos que, inclusive, já está todo mobiliado. Ela até ganhou uma lava e seca dos seus pais quando ela e Gustavo se “amigaram” (ela me lembra que é como dizem na Ceilândia<sup>42</sup> quando duas pessoas passam a morar juntas sem ter se casado oficialmente) e sente bastante ciúme do eletrodoméstico que, como quase tudo em sua vida, tem um cronograma e um sistema correto para ser utilizado da forma mais eficiente (e econômica). Toda segunda-feira, pela manhã, Júlia pega seu *planner* e organiza com muito cuidado a sua semana (incluindo os finais de semana que, geralmente, também são de trabalho ou estudos), ela estabelece metas de produtividade, datas importantes e inclui também alguns afazeres domésticos, como o cardápio da semana e as compras do mercado. Ela possui um cronograma rígido a ser seguido, pois, além de se preparar para o doutorado de Computação (e sendo constantemente desafiada pelo seu possível orientador, como contarei mais adiante) frequentando uma aula da pós-graduação como aluno especial, Júlia ainda é funcionária pública concursada (assumiu esse cargo logo após se formar no ensino superior), responsável por orçamentos de obras e como essa atividade não cessou durante a pandemia, seu trabalho também não. Além disso, Júlia anseia, como sua meta mais urgente, abandonar o serviço público e migrar para a iniciativa privada onde ela acredita que, finalmente, se sentirá útil, desafiada, respeitada e poderá se engajar num ofício mais alinhado com seu idealismo empreendedor e meritocrático (a estabilidade e a ausência de metas de carreira no serviço público a entendiam), portanto, ela também abarrota (quanto mais, melhor) sua semana

---

<sup>42</sup> Periferia do Distrito Federal, fora do Plano Piloto.

com cursos e competições que qualifiquem, ainda mais, seu currículo para esse objetivo. O tempo livre e lazer não são exatamente previstos no planejamento semanal, eles são brechas e margens das atividades principais e se espremem em pequenos horários como o intervalo de almoço e pouco antes de dormir. Ainda assim, o que ela faz e consome nesse tempo é escolhido a dedo para distraí-la e relaxar por poucos minutos sem interferir no restante de sua programação, tudo é bem justificado e pensado com antecedência.

Assim, levanta (nunca cedo o suficiente, segundo seu próprio julgamento, e todo dia tenta acordar mais cedo que no dia anterior, sem satisfazer-se), verifica os últimos acontecimentos do BBB no celular (Figura 10), cuida das necessidades de Cajuzinho (Figura 11) (botar comida, fazer um pouco de carinho, limpar a caixinha de areia se for necessário), toma café da manhã (muitas vezes acompanhada do jornal matinal da Globo), começa a trabalhar (nos dias da aula da pós-graduação, deixa o trabalho de lado por algumas horas) e quase sempre tem que inventar tarefas para si mesma já que seu chefe falha em gerenciar sua sessão, entre esses afazeres lava um pouco de louça e bota algumas roupas na máquina para bater (pequenas atividades domésticas que espreme entre um trabalho e outro), na hora do almoço se senta em frente a tevê e assiste, religiosamente, uma série de comédia que dure apenas 20 minutos e que, preferencialmente, esteja disponível na Netflix (*Modern Family*, *The Good Place*, *Brooklyn 99* etc.), continua trabalhando até o fim do expediente e, então, inicia sua jornada de pendências do doutorado com os requisitos do edital ou as demandas da disciplina que está cursando, às vezes prepara a janta e às vezes pedem algo por *delivery*, também reserva um tempo para seus cursos de aprimoramento do diploma (mas, geralmente, isso fica para o final de semana), vez ou outra assistem a um filme antes de dormir, Júlia lê algumas páginas de *Mulheres que correm com os lobos*, e, então, finalmente, dormem (ou, pelo menos, tenta, já que a insônia e os pesadelos são companheiros recorrentes). Nas suas noites de “folga” costumam assistir algo que dure mais do que apenas 20 minutos, às vezes se divertem fazendo karaokê, mas, quase sempre, ela e seu marido jogam *CS GO*. Essa ideia de que uma rotina pode comportar todas as ambições e atividades, basta organizá-la (e reorganizá-la, e mais uma vez, e outra, e outra...), é um processo que não se encerra.

Júlia também possui planejamentos e metas de longo prazo que interferem no seu cotidiano. A que mais me interessa é seu desejo (tão bem acalentado e determinado) de viver a maternidade, ela pensa no trabalho ideal que a permitiria ser uma mãe presente, na casa e no espaço que deveria ter, nas coisas e atividades que (ansiosamente e sem nenhum arrependimento ou dúvida) abriria mão pelos filhos que ela afetuosamente se prepara para

receber mesmo que daqui dois ou três anos. Pode parecer que isso é um efeito da chegada de Gustavo em sua vida, mas ele pouco tem a ver com esses planos que ela nutre desde muito nova e que pretende botar em prática com ou sem um parceiro (inclusive, imagino que Gustavo nem estaria em sua vida, caso não compartilhasse desse mesmo desejo, mas como são bastante compatíveis nesse sentido, ele também toma decisões pessoais e constrói suas fantasias ao redor dessa vida familiar). Cajuzinho foi adotado como o primeiro passo, assim que ele é levado para casa, Júlia passa a titular seu marido e seu gatinho, como família.

Júlia iniciou tantas empreitadas e planos ao longo do período dessa pesquisa que ousou dizer que qualquer recorte que eu escolha para intentar uma narrativa sobre ela, será injusta e incompleta. Mas, presa em meus próprios prazos e expectativas, vamos ao que interessa: trabalho e televisão.

## **6.2 Entre o público, o privado e a universidade: uma narrativa sobre carreira, maternidade e utilidade**

Se tratando de trabalho na vida de Júlia, me deparo sempre com um cenário bastante intrincado, pois, na ansiedade de encontrar seu lugar no mundo e algo pela qual ela se sinta verdadeiramente apaixonada, está sempre refazendo planos, metas e trajetos. Júlia dá a impressão de ter sua vida completamente resolvida, seu cargo é mais estável e seu salário é maior do que todos os outros sujeitos dessa pesquisa, porém, ainda assim, é apenas uma impressão. Pois não se trata apenas de dinheiro e garantias, Júlia se diz numa busca constante de algo que ela ainda nem sabe exatamente o que é, ela quer se sentir absolutamente viva e desafiada, empoderada pelo seu destino. Enfim, ela quer ter uma ambição, qualquer coisa para tentar agarrar, pois assim que, de fato, agarra algo, se sente insatisfeita e quer agarrar um algo diferente. E toda vez que redireciona sua mira, seu tempo livre é sacrificado para fazer caber as qualificações necessárias à sua nova ambição. Antecipo que sua satisfação não será vista nessa pesquisa (nem mesmo em seu Epílogo), e se levarmos em consideração a teoria de Han (2015, 2018) não será vista nunca, pois é apenas mais um sintoma de nosso modelo societário.

Enfim, inicio essa narrativa no ponto que a introduzi anteriormente: Júlia conclui sua graduação, passa no primeiro concurso que presta e, influenciada pelas expectativas dos seus pais, dedica um ano inteiro estudando para mais concursos com salários e cargos melhores, quando não é aprovada em nenhum, desiste, bastante frustrada e, então, vai para o mestrado.

Dessa etapa, Júlia não comenta muito, somente que ainda está tentando fazer o artigo da sua dissertação ser publicado, já o submeteu algumas vezes, mas ainda não obteve sucesso.

Já sobre seu emprego, ela tem muito o que dizer. Júlia o odeia. Antes da pandemia, era comum ela chegar em seu cubículo e ter que limpar fezes de morcego de sua mesa e cadeira antes de se sentar para trabalhar, eles moram no forro do teto e estão ali provavelmente há mais tempo que ela própria. Com alguma frequência, também, seus colegas de trabalho são atacados por saruês que passam ligeiros correndo entre suas pernas dentro do escritório. No período da tarde, o prédio fica enfeitado de muriçocas, Júlia até chegou a fazer algumas reclamações (orais e formais) que não renderam nenhuma providência, assim, num dia em que já estava fula, ela leva uma raquete elétrica para o expediente e começa a matar as tais muriçocas e pregá-las com fita adesiva numa folha de papel, quando atinge o número de 16 vítimas expostas naquele documento que fez as vez de necrotério de pernilongo, Júlia se levanta e entrega o tal papel a seus superiores e argumenta, pela última vez, que é necessário fazer algo a respeito ou, em breve, todos seus colegas se contaminarão com alguma doença como a dengue, por exemplo. Essa foi a tentativa derradeira de Júlia porque como resposta ela é acusada de assédio moral e ameaçada de perder seu cargo.

Se esses fossem os únicos problemas, poderia pensar que o regime de trabalho remoto resolvê-los-ia todos, mas não são. E é aí que entra a especial ojeriza de Júlia pelo serviço público. Quando assumiu essa vaga, ela se convenceu de que iria trabalhar intensamente e renovar aquele ambiente, se dedicaria com o empenho e seriedade que ela acredita que alguém envolvido na área governamental deveria se dedicar e poria fim na ideia de que as pessoas ali são acomodadas e só geram despesas. Uma idealista liberal<sup>43</sup>, pronta para aplicar sua mentalidade empreendedora em qualquer oportunidade. Entretanto, suas ideias se esfurelam quando ela percebe que, para além das condições insalubres do escritório, ela também lida com demandas e responsabilidade maçantes (Júlia determina uso de dinheiro público e todo documento que assina a responsabiliza por cada centavo investido numa obra) que não parecem

---

<sup>43</sup> Creio que Júlia não me perdoaria se eu não explicasse o que significa chamá-la de liberal, dado o contexto político em que esses dados foram colhidos e o texto foi escrito. Júlia se identifica com as ideias neoliberais em grande parte, mas não totalmente. Ela está ciente das consequências degradantes do capitalismo, mas tenta conciliá-lo como se ele pudesse ser reformado e, finalmente, agir numa versão menos hierarquizante e miserável. Assim, ela crê, por exemplo, que a meritocracia faz sentido se pensada dentro dum local de trabalho onde todos partem da mesma premissa, mas, não, como valor estruturante da sociedade em que vivemos. É importante frisar esse tipo de coisa, pois Júlia não se identifica com o que é chamado de “direita” ou de “liberal” dentro da política e seus partidos e candidatos (e, pelo que a conheço, odiaria ser confundida com tais sujeitos).

valer a pena diante do salário que recebe. Seus colegas estão completamente desgastados e desmotivados e Júlia acaba assumindo a carga de trabalho de vários deles (algo que ela toma de conta por si só, pois seu chefe não delega tarefas, mas espera, de alguma forma, que haja resultados) e não se contém de tentar otimizar (ou pelo menos fazer funcionar) sua repartição.

É quando Gustavo a encontra chorando no chão da cozinha, tremendo cada músculo de seu corpo sem conseguir falar ou explicar o que se sucedeu, que Júlia compreende que ela não apenas odeia o seu trabalho, mas, também, que sua frustração e sobrecarga a adoeceram e ela precisa, imediatamente, sair dali. Entre terapia e medicações, Júlia traça seu novo e minucioso plano. Não suporta mais ser engenheira (e muito menos pretende continuar em qualquer órgão público que seja), quer trabalhar com programação e visa o doutorado na área de informática como um caminho possível. E, desse modo, acompanho sua saga para conciliar o “maldito” emprego (que não pode abandonar enquanto não tiver outro), seu investimento no doutorado e o início de cursos e atividades sem fim para anexar ao seu currículo com a ideia de que, deixando os concursos para trás, agora sua vida profissional dependerá apenas de si e do quanto de esforço ela investe nela.

Então, bastante desenrolada e segura como somente ela pode ser, se matricula na disciplina de um dos mais notórios professores da área na universidade e já nas primeiras aulas pede para conversar a sós com ele após o horário da disciplina. Eles conversam, ela pede para que ele a oriente e a auxilie no processo de ingresso do doutorado e o professor, imediatamente, recusa, dizendo que Júlia é uma reles engenheira e não poderia acompanhar o ritmo de sua aula que dirá ser uma de seus pupilos. Ela aceita a resposta no momento, sabendo que a hora certa de o convencer, virá (sua segurança é tanta que imagino não ter sido a primeira vez que se vê no meio de uma situação dessas). Júlia espera pacientemente para que o professor lhe direcione uma pergunta aleatória em sua aula (coisa que ele faz mais para constranger os alunos do que qualquer outra coisa) e, coincidentemente, a questão feita contempla exatamente um assunto que ela tratou em sua dissertação. Júlia não apenas a responde como compartilha sua tela para toda a turma mostrando sua dissertação e até extrapolando o que lhe havia sido inquirido, sem titubear ou se constranger. Vitoriosa, dessa vez é o professor que a chama para conversar após o horário da aula e a convida para ser sua orientanda.

“Mas e o tempo livre?” Alguém pode me perguntar. “Que tempo livre?” eu ousaria responder distraidamente. Os eventos da vida de Júlia me capturam e, por várias vezes, me esqueço do que estou fazendo (ou tentando fazer), e ainda, a tevê e o tempo livre são uma

mesmice comparado aos tsunamis de acontecimentos profissionais. Mas ainda não é a hora de falar disso.

Basta aceitar esse convite que Júlia é, imediatamente, incumbida de diversas atividades delegadas pelo seu, agora, orientador. Ela revisa artigos, faz reuniões com um grupo americano, se põe a par de suas publicações mais recentes, além do projeto e trabalho final da disciplina que ainda está matriculada. Tudo isso cuidadosamente costurado entre seu expediente de trabalho, seus cursos livres, seus afazeres domésticos e, ainda, Cajuzinho e Gustavo com quem ela divide algumas noites de folga e conversas profundas sobre o futuro, ela e o marido até usam seu tempo juntos para treinar para futuras entrevistas de emprego (importante frisar que ele também está insatisfeito com o próprio ofício).

Enquanto dá seguimento a tudo isso, Júlia realiza uma entrevista para o que ela espera ser a vaga ideal, que poderia, finalmente, mudar sua vida e lhe dar metas e objetivos compatíveis com seu empenho, além de ser na área para a qual ela tem se dedicado tanto para adentrar. Ela faz a entrevista e acredita ter ido muito bem. Mas os dias passam e a resposta não chega. Júlia põe o restante de sua vida em *stand by*, espera a resolução dessa tal vaga para prosseguir ou não com sua candidatura ao doutorado, para pedir ou não demissão de seu emprego atual, para iniciar ou não um novo curso na área, para pensar ou não em se mudar finalmente para a cidade de seus sogros (um desejo que eles nutrem há algum tempo e que seria possível agora com essa vaga completamente remota). Ela não acredita que tenha sido simplesmente rejeitada e que a deixarão sem um retorno e, por isso, espera. Tudo está em suspenso e a angústia de, novamente, não se ver no controle, suspende Júlia que escreve em seu diário apenas para narrar seu desconforto, sua estafa e suas noites mal dormidas.

Dias se passam e a cada um deles sem resposta, Júlia se apaga um tantinho mais, até passar horas deitada na cama pensando no que fazer. Quando conversamos, não quer falar sobre a tal entrevista, mas diz isso sorrindo com tranquilidade, como sempre. É, então, que para de escrever por mais de uma semana, algo totalmente incomum em todos esses meses de diário. E eu fico sem saber o que acontece, num mistério silencioso... Até que ela decida retornar.

Quando finalmente retorna, eu nem posso acreditar. Foi chamada para assumir a tal vaga, enfim! Ela gosta de dizer que é em uma “*startup*”, mas acho difícil chamar assim uma empresa com tanta notoriedade e presença em nosso cotidiano. Ela pede demissão do famigerado serviço público e ingressa nessa oportunidade com um discurso pronto e bem elaborado de como a iniciativa privada é superior que o serviço público, pois ali, finalmente, seria desafiada intelectualmente, teria objetivos e metas, seria promovida conforme seu próprio

mérito, enfim, o sonho empreendedor. Recebe em casa um kit de boas-vindas e um *notebook* para trabalhar, participa de *happy hours* online e até escreve textos para o *Linkedin* (nada disso é do feitio de Júlia, mas, como venho dizendo, ela sabe dançar conforme a música). Na sua primeira semana de emprego novo, tem de fazer cursos fora do expediente para poder acompanhar as demandas do trabalho. E, como era de se esperar, foi aprovada, também, para ingressar no doutorado. Assim, quando retoma sua escrita é para contar que, inicialmente, havia se ausentado por conta de uma tristeza angustiante, mas que, depois, foi apenas uma falta de tempo. Essa era a oportunidade de sua vida e Júlia não estava disposta a subestimar o esforço necessário para não a deixar escapar. Ela não teve noites de karaokê, não viu filmes ou suas séries de 20 minutos... O doutorado se tornou um atrito cordial entre ela e o professor, pois Júlia estava exausta dele ignorar completamente o fato de que ela trabalhava e não tinha todo o tempo do mundo disponível e ele, por sua vez, não admitia que a pós-graduação não fosse a prioridade dela. Obviamente, ela não falhou em seus afazeres acadêmicos, mas nada iria se entropor entre Júlia e seu novo emprego.

Curiosamente, isso durou apenas uma semana. Pois, logo em seguida, foi convocada para assumir uma vaga, novamente no serviço público, novamente fruto de um concurso... Um daqueles que ela havia se candidatado logo após a faculdade e que estava vago devido a uma morte por Covid-19. Júlia entrou em parafuso. O salário dessa nova vaga era consideravelmente maior que os anteriores, o emprego era para apenas meio período e isso martelava em sua cabeça como o encaixe ideal para ter filhos e ser presente em suas vidas, mas, ao mesmo tempo, abandonaria seu sonho de carreira, seu futuro empreendedor, seus valores meritocráticos e até individualistas e, pior, teria de contar a todos (antecipando a humilhação desse ato) que voltaria, mais uma vez, a trabalhar para o governo e, para coroar, como engenheira. Tornaria a ser a Júlia que ela amaldiçoou e descartou há menos de uma semana.

E é por isso que seu desejo de constituir família é tão importante para compreendê-la: ela largou o emprego dos sonhos e assumiu a vaga do concurso, pelos filhos que ela ainda virá a ter. Se conforma de que este será seu trabalho pelo resto da vida e abandona o doutorado que não tem mais nenhuma utilidade para sua carreira (e, segundo ela mesma, é muito trabalhoso para ser mantido apenas como um *hobby* despropositado), satisfazendo, por tabela, as expectativas de seus pais. E se desespera, qualquer coisa que não tenha propósito, inquieta a cabeça produtiva e empreendedora de Júlia.

### **6.3 Tentativas de controlar a televisão (e o tempo)**

Júlia cresceu num ambiente aficionado por televisão. Na casa de seus pais há oito aparelhos televisivos distribuídos da seguinte forma: uma tevê em cada um dos quatro quartos (o antigo quarto de Júlia, o de seu irmão mais novo, o de seus pais e o escritório), mais uma na sala (sem contar o projetor nesse mesmo cômodo que as vezes é utilizado no lugar da televisão dando ares de cinema), outra na varanda (para que possam assistir enquanto fazem alguma refeição por lá), uma menor na cozinha (para sua mãe assistir enquanto prepara as refeições) e, por último, no depósito (que é onde costumam passar roupa e deixam a tevê para se distrair durante essa atividade bastante repetitiva). Pode parecer que todas essas televisões são resultado de uma passagem, cômodo a cômodo, das antigas televisões cada vez que eles adquiriam uma nova (da sala para o quarto, do quarto para a cozinha, e assim por diante), mas não. Os pais de Júlia se planejaram para que, desde o início, a casa tivesse essa quantidade de aparelhos e estão sempre assistindo a algo, obviamente. Como não são pessoas dadas a conversas fiadas, a televisão sempre ligada (majoritariamente na Globo) ajuda a preencher o ambiente com suas luzes e sons. Quando ainda morava com seus pais, Júlia estava sempre a par das novelas (inclusive, creio que foi um dos assuntos que nos aproximou na época) da Globo, a desculpa de que a tevê nunca estava desligada em sua casa e que, com muita facilidade, era capaz de capturar seu interesse, a eximia da culpa de dedicar tanto tempo a algo que é, aparentemente, inútil ao seu aprimoramento pessoal.

Hoje já não é mais uma noveleira, ela sabe que gosta das novelas, mas há algo de negativo em renunciar a tanto tempo para uma atividade que sequer pode ser considerada um *hobby* (segundo sua própria percepção do que um *hobby* significa: um projeto a ser elaborado, aprendido, que traga desafios e que resultem em habilidades, são problemas inventados para se distrair dos problemas “reais”). Júlia acredita que não possui mais tempo para dedicar a essa frivolidade, mas rapidamente se contradiz gastando o equivalente em horas de um capítulo novelístico para atividades enobrecedoras: seus incessantes cursos, a leitura de um livro, atividade física, até assistir um filme recomendado por uma amiga ou indicado ao Oscar. Ou seja, não falta exatamente tempo. É com essa mesma justificativa que Júlia não assiste ao BBB em seu horário ao vivo todas as noites, prefere acompanhar por um canal do *Telegram* que consulta religiosamente todas as manhãs, sendo a primeira coisa que faz em seu dia após abrir os olhos, o que, provavelmente, a torna mais bem informada sobre o *reality* do que quem apenas o acompanha pela Globo. As vezes tenho a impressão de que ela cria desvios e manipulações

para que, ao mesmo, consuma-o sem, de fato, consumi-lo. Como se isso fosse possível. Enfim, para Júlia, tudo é questão de tempo, prioridade e organização.

Apesar dessa forçada recusa em se engajar com a programação que lhe era tão familiar na casa de seus pais, a televisão continua sendo sua principal fonte de lazer (sem novelas, obviamente), mas por conta da conveniência de apenas poder ligá-la e colocar em sua série da vez, dando a entender que, se pudesse, não teria a tevê como a válvula de escape do seu produtivismo acelerado. Ainda assim, não está aberta a assistir “qualquer coisa” como se sua vida não fosse rigorosamente pensada e ela se deixasse levar por esses impulsos de liberdade no tempo livre.

Antes de adentrar no que é consumido, preciso esclarecer algumas noções que Júlia tem sobre seu próprio tempo e lazer. Primeiramente, para ela, “tempo livre” é todo o período em que ela não está trabalhando formalmente dentro do expediente exigido pelo seu emprego, apesar disso, ela o preenche com diversas atividades que considera serem trabalhos também (algumas mais prazerosas que outras), como sua vida acadêmica, qualquer coisa que sirva para aprimorar seu currículo, a atividade física que não pode abrir mão por conta de um problema congênito que afeta seu colesterol, os afazeres domésticos, enfim. A segunda coisa é que, apesar do que possa parecer, Júlia não ignora o próprio cansaço e várias vezes se descreve como “exausta” ou “esgotada” e assume a necessidade de espremer pequenos momentos de lazer para que sua rotina seja tolerável. É por isso, também, que possui as tais noites de “folga” (importante dizer que final de semana não significa folga para ela) que servem como um reconhecimento dela para si mesma pelo mérito de concretizar metas antes do previsto. Terceiro, existe o consumo idealizado e planejado por Júlia e existe aquele “acidental” que se embrenha quando sua guarda baixa (como o dia que o controle remoto cai no chão e, involuntariamente, coloca a televisão na Rede Globo onde estava passando “O Caldeirão do Huck” e ela não consegue evitar de assistir por algumas horas), parece teatral, mas conforme o tempo passa, Júlia se sente mais atraída pela sensação nostálgica de reviver alguns hábitos da casa dos seus pais. Penso que todos nós sentimos ou vivemos algo parecido durante o isolamento social em algum nível.

Enfim, Júlia consome um tipo muito específico de mídia no seu cotidiano. Como dito anteriormente, são séries de comédia (viver durante a pandemia, suas notícias e mortes já é maçante o suficiente e ela tenta não acrescentar mais drama e tristeza ao que já é bastante dramático e triste) cujo os episódios duram em média 20 minutos e pequenas histórias com algum desfecho ao final (evitando o tal *cliffhanger*) e estejam facilmente (e integralmente, para não ter que se dar ao trabalho de esperar uma nova temporada ou pirateá-la) disponível em

algum serviço de *streaming*, preferencialmente a Netflix. Ela crê que esse tipo de série não exige muita capacidade mental para ser assistida e, por isso, consegue acompanhar mesmo quando está esgotada e, finalmente, pode descansar vendo a tevê enquanto carinha Cajuzinho. Além disso, por conta de sua duração, elas são facilmente encaixáveis em sua rotina: ela preza por algo “encapsulado”, usando suas próprias palavras, que ela pudesse abandonar ao final do episódio e focar em outra coisa sem ser atormentada pela expectativa do próximo episódio, o que a previne de sentir uma enorme frustração. O mesmo vale para o CS que pode ser jogado em partidas curtas e depois deixado de lado por dias sem nenhum prejuízo. São necessárias mídias efêmeras, para um lazer efêmero. Júlia descreve esses momentos como uns minutinhos para “desligar o cérebro”. Assim, ao longo dessa pesquisa, assistiu *Modern Family*, *The Good Place*, *Brooklyn 99*, um pouco de *Master of None* com seu marido e atualmente está em *Superstore*, e antes que ela termine uma, já começa a decidir qual será a sua substituta. Todas com mensagens positivas e otimistas (e, curiosamente, estadunidenses). A única exceção é a série *The Crown*, dramática e com episódios de pelo menos 40 minutos, Júlia não sabe explicar por que a incluiu em sua rotina (ela chuta que deve ser por conta da presença da família real na mídia nesses últimos tempos, com a entrevista da Meghan Markle denunciando o racismo que sofreu na realeza), mas, para não quebrar com sua organização, assiste aos capítulos uma metade de cada vez.

Nas noites de folga que decidem assistir filmes, Júlia prontamente faz uma avaliação técnica e qualitativa de cada um deles em seus diários, dando ares de seriedade ao ato de assisti-los e atribuindo até mesmo notas numa escala de 0 até 10. Geralmente assistem recomendações de outras pessoas (Júlia se diz uma pessoa bastante influenciável nesse sentido e gosta de assistir até mesmo os filmes e documentários que passam no BBB no “cinema do líder”), mas ao terem contato com o catálogo da *GloboPlay* e assistirem, por pura curiosidade, o filme “Central do Brasil” pela primeira vez, Júlia e Gustavo ficam especialmente encantados e surpresos que se trate de uma produção nacional e, então, passam a visar a aquisição de um repertório focado no cinema nacional como projeto a ser galgado (mesmo se decepcionando com “Bruna Surfistinha” alguns dias depois). Paralelo a isso, o casal inicia um novo plano para o tempo livre que é de “tempo de qualidade” em família que consiste, basicamente, de realizarem atividades juntos e conversarem mais enquanto preparam jantares elaborados, dividem uma cerveja e até assistem jogadores profissionais de CS em competições.

Quando sua vida profissional finalmente parece atingir o ponto final e Júlia já não precisa mais sacrificar todo esse tempo para trabalhos extras, pois não há um objetivo, ela relaxa

com relação a tevê e revive velhos hábitos dos tempos da casa de seus pais. Assiste ao Bom dia DF com Gustavo enquanto tomam seu café da manhã, às vezes até se rendem ao Jornal Nacional quando voltam para casa, no carro escuta *BandNews* que a faz lembrar de quando seu pai ligava a rádio no caminho para a escola e ouvia o Ricardo Boechat. Durante seu intervalo, assim que seu trabalho se torna presencial e ela passa a almoçar no refeitório, Júlia se senta em frente a tevê todos os dias e assiste à programação da Record, divertindo-se sozinha com os programas que jamais assistiria em casa e lhe parecem totalmente absurdos, apesar de redigir um longo parágrafo para expressar sua preocupação de que existam pessoas consumindo aquilo a sério e sendo influenciados por essa tevê de pouquíssima qualidade. Nesse horário, a Ana Hickman e a ex-mulher do Justus (ela não se recorda do nome) apresentam esse programa de variedades com dicas para blindar o casamento e as últimas fofocas do mundo das celebridades. O lazer de Júlia fica um tanto mais mundano quando não está ansiosa.

#### **6.4 Epílogo**

Após todas as tentativas e planejamentos, Júlia me confessa que nunca se sentiu apaixonada por nenhuma dessas coisas: os empregos, a engenharia, a computação... Chega a cogitar que talvez somente a maternidade possa dar-lhe o objetivo que tanto busca, mas ainda não é hora para esse passo. Então, obviamente que as coisas não ficariam como foram deixadas. Conversamos meses depois do fim do campo e Júlia me conta que, novamente, odeia seu trabalho, todas as pessoas são muito mais velhas que ela e, para piorar, são todos homens que a tratam com uma certa arrogância ou apatia (nem sequer assistem ao mesmo tipo de tevê e a olham com estranheza quando fala de suas séries preferidas). Ela organiza metas, novamente, separou livros indicados por mulheres empreendedoras que a inspiram para ler e estudar. Dessa vez quer entrar no doutorado de economia para mais uma tentativa de mudar de área, colocando um novo ponto de chegada nessa corrida sem fim.

## 7. “AQUELE TEMPO ALI É DIREITO CONQUISTADO!”: Rita, a autopercepção do desempenho e o manejo da culpa

“Em vez de resistir a fins e limites, vamos nos regozijar com todos nossos fracassos inevitáveis e fantásticos.”  
(HALBERSTAM, 2020, p. 245)

“Aquele tempo ali é direito conquistado!”, Rita afirma impetuosamente quando lhe pergunto sobre seu intervalo de almoço, o único momento do seu dia (e talvez da sua rotina num todo) que parece solidamente definido, irremediável e inegociável. É o descanso de quem produz, um direito logrado pelo trabalhador e do qual ela se recusa a abrir mão, mesmo quando seu ofício diz respeito ao fazer acadêmico cujo as horas não estão sendo computadas (não batemos ponto) e cujo nenhum desses direitos parecem referir-se. Afinal, mesmo na condição de bolsista, ela não possui férias, nem 13º salário, auxílio-doença ou contribuição para qualquer plano de aposentadoria (para citar alguns exemplos), o que implica numa insegurança financeira e, no caso de Rita, uma busca incessante por emprego, estudos para uma nova faculdade e alguns *freelas* para fechar as contas do mês, tudo isso em paralelo à escrita da dissertação e à pandemia (de todos os sujeitos aqui tratados, Rita é a que mais sofre academicamente com isso, pois sua pesquisa é impossibilitada quando o vírus se alastra). Assim, o mínimo que ela reserva para si é o almoço e o seu tempo conquistado, atribuindo ao seu trabalho uma seriedade (ou uma formalidade) que nem mesmo seus professores parecem compartilhar.

Rita está sempre dividida entre os dilemas de produzir e não querer se tornar um sujeito de desempenho, ela me narra sobre as pressões que exerce sob si mesma e depois as avalia criticamente, incerta de onde vem esse sentimento de insuficiência que a assombra quando pensa sobre sua própria pessoa e que causam uma sensação de culpa pelo tempo gasto. Sua rotina é um eterno cabo de guerra entre trabalhar e “viver um pouco a vida”, o que resulta em dias ímpares, bastante diferentes do dia seguinte que são bastante diferentes dos anteriores, pelo menos nos horários e frequências porque as atividades são sempre as mesmas. É como um caleidoscópio se ajeitando continuamente em desenhos distintos, porém as peças que giram dentro do mecanismo são as mesmas. Com exceção, obviamente, do almoço que é capaz de escapar até da culpa dos momentos de não-produtividade.

No meio de tudo isso, a televisão (assistida através do seu *notebook*) é companheira inseparável. Assiste-a durante o almoço e até o sono bater para a sesta, para relaxar, para se distrair da própria ansiedade, muitas vezes a deixa ligada para que o som pela casa faça com

que sinta menos sozinha, para ter o que conversar (e aceita recomendações), para socializar, por *hobby* e por curiosidade. Apesar disso, é uma tevê bastante específica, vista no seu próprio tempo e cuidadosamente selecionada (até para mantê-la ligada como companhia, não pode ser em qualquer canal ou programa), Rita a trata como um *hobby* mesmo e não tem constrangimento de usar essa palavra.

E é isso que pretendo explorar nesse capítulo: sua autopercepção crua quando se trata de tempo e saúde mental, a culpa e a frustração que escorre nas brechas da sua autoconsciência e a televisão que é, justamente, parte das suas marcações de descanso ou de “procrastinação”. Porém, inicialmente, apresento-a.

### **7.1 Reconhecendo Rita**

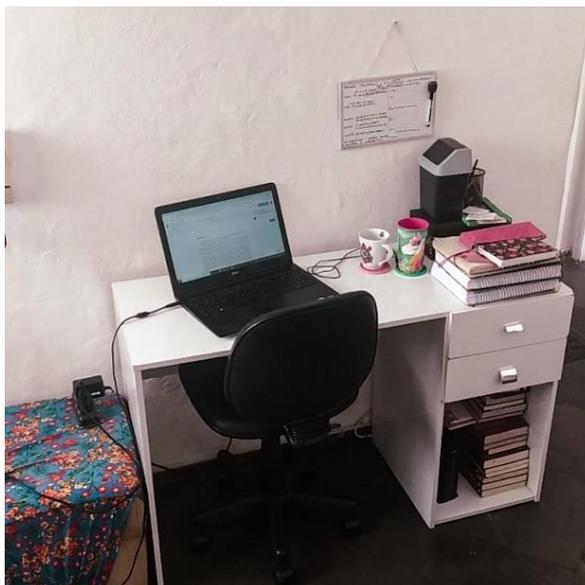


Figura 14 - Seu local de trabalho.



Figura 15 - Onde assiste "tevé".

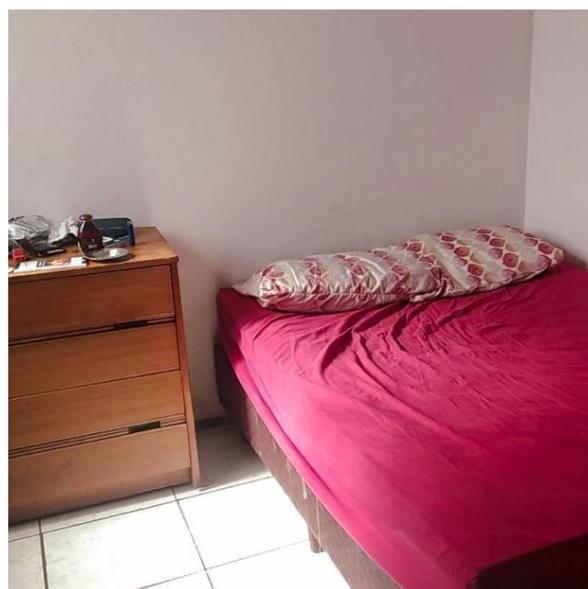


Figura 16 - Seu quarto, onde perde a hora de acordar.

Rita é, sem dúvidas, a pessoa que menos conhecia e menos convivi entre todas as que tento retratar nessa pesquisa. Isso tornou a compreensão do seu diário e a elaboração de nossos encontros um desafio à parte, afinal, eu não possuía aquele “glossário” mental que acumulamos ao longo de muitos anos de relacionamento que nos torna capaz de decifrar (interpretar) jeitos, trejeitos, modos de falar ou de silenciar e que, por isso mesmo, é uma das ferramentas que mais utilizo na hora de começar uma conversa ou realizar uma pergunta. Ainda assim, seu diário é o meu favorito, pela crueza que Rita utiliza para retratar a si mesma, caracterizada por uma honestidade direta e desavergonhada em que seus melhores e piores dias (segundo parâmetros

próprios) são igualmente importantes. Na minha percepção, sua escrita não parece tentar descrever a pessoa que ela gostaria de ser (ou suas tentativas de sê-la), mas, sim, quem ela é todos os dias quando acorda. Por outro lado, paira sob o texto a “Rita” que ela não consegue ser quando, por exemplo, se censura por não ter acordado cedo o suficiente ou por não ter escrito o quanto deveria para a dissertação, mas rapidamente se perdoa, afinal, para quem ela deve acordar cedo? E o que significa exatamente “cedo”? Para quem deve mostrar serviço? E, ao invés de perpetuar o sentimento de culpa, Rita tenta ser razoável consigo mesma e se dar o direito de ser apenas o que é, sem autocensura ou julgamento. Esse é um exercício constante, nem sempre bem-sucedido.

Conheci Rita por meio de amigos em comum, minhas primeiras lembranças dela são em uma mesa bar com seus cabelos ondulados, seus óculos e suas respostas ácidas quando entrava em alguma discussão em que parecia se sentir confiante (o que, com o tempo, percebi que não se tratava de nada pessoal). Isso, provavelmente, não tem mais do que cinco ou seis anos. Não tínhamos muito contato, apenas nesses pequenos eventos de fim de expediente ou de semana em que, por acaso, sentávamos a mesma mesa ou íamos até a mesma casa. Ali conversávamos, ríamos e depois cada uma seguia sua vida sem muito o que compartilhar. Entretanto, algumas coisas em Rita sempre me deixaram bastante curiosa. A primeira delas é justamente isso que descrevi acima: sua honestidade cortante, a segunda é que fizemos o mesmo curso na mesma universidade (apesar de nunca termos nos cruzado nessa época) e, como eu, Rita não tinha qualquer perspectiva ou plano para o que viria depois de colocar as mãos no diploma de bacharel em Antropologia. Ela decidiu tentar o mestrado um pouco antes de eu me decidir pela mesma coisa e, em mais uma coincidência, apostou em várias universidades diferentes. Por fim, como é de se esperar após a desilusão profissional causada pelas “ciências sociais”, mudou de área também. O que acabou por nos render um assunto, que repetimos e atualizamos todas as vezes que nos vemos, não há como ignorar as coincidências e nem ignorar (pelo menos da minha parte) o ensejo para compartilhar as inseguranças provenientes do nosso trajeto pouco (e em alguns momentos, nada) rentável. Foi por essa identificação um tanto cômica que pensei em Rita para essa pesquisa.

Rita tem 30 anos e é do Distrito Federal (morou e foi criada em RAs, sempre fora do Plano Piloto, como todos os outros brasilienses já descritos em seus respectivos capítulos), é a filha mais nova por parte de pai, tendo dois irmãos mais velhos com quem estabelece uma relação pautada mais pelo respeito do que pelo afeto fraternal, e filha única por parte de mãe. Seus pais “ainda” (ela usa a palavra quase que instintivamente e depois ri dessa ideia de que

todos os casamentos estão apenas esperando seu fim, como se ela mesma não fosse, para minha surpresa, uma romântica) estão casados, mas é somente com a família materna que Rita mantém proximidade. Apesar de fazer chamadas virtuais constantemente com seus pais e sentir saudade na maior parte dos dias, ela rejeita completamente a ideia de um dia voltar a morar com eles, suas diferenças chegaram num ponto irreconciliável, principalmente por conta do estilo de vida um tanto religioso (e até conservador) que eles insistem em manter e que Rita abandonou pouco depois de entrar na faculdade. Sob esse aspecto, seu ingresso no mestrado veio bastante a calhar, pois a permitiu sair de casa (e mudar inclusive de estado), o que lhe é mais caro do que qualquer resultado ou reflexão que pudesse alcançar com sua pesquisa.

Ela se formou em Antropologia na UnB no ano de 2015 (até chegou a concluir as disciplinas para a dupla diplomação em licenciatura, mas nunca buscou seu diploma que ficou retido em burocracias), dois anos depois decidiu fazer mestrado, dessa vez, na área de Educação por conta do tema de sua monografia e, também, por acreditar que seria mais produtivo profissionalmente sair das Ciências Sociais. Viajou por alguns estados para se candidatar às seleções de mestrado e, finalmente, foi aprovada na UFMG. Rita se mudou para Belo Horizonte em 2019, onde morou em cinco casas diferentes até se alojar onde me conta suas histórias e faz as fotografias (Figura 14, 15 e 16): um apartamento de dois quartos, próximo ao campus da universidade que divide com seu amigo Paulo que conheceu em Belo Horizonte mesmo e é um personagem recorrente de suas narrativas, além de seu ponto de apoio durante a enfadonha solidão do isolamento social (que ela tenta evitar a qualquer custo).

Sua semana possui alguns rituais básicos que nem sempre se repetem nos mesmos dias ou nas mesmas horas, mas sempre estão ali, cedo ou tarde. Como, por exemplo, se deitar no sofá (geralmente) aos sábados e tirar um breve cochilo enquanto espera até que toquem seu interfone para avisar que sua cesta com frutas, legumes e verduras orgânicas chegou. Depois disso, Rita pode cozinhar o seu prato da semana, ela é vegetariana há 12 anos, então não precisa de muito mais do que essa cesta, assim, ela prepara um bocado de comida e a guarda para poder apenas esquentar no almoço e no jantar dos próximos dias. Geralmente o faz no domingo, ouvindo alguma música e testando receitas novas que pesquisou ao longo da semana. O cardápio da casa dos seus pais é bastante enxuto e centrado em refeições com carne (além de que, segundo Rita, a comida de sua mãe é absurdamente ruim graças a sua má vontade de prepará-la) então, sua mudança para o vegetarianismo lhe impulsionou a dedicar criatividade e, por consequência, tirar momentos de prazer dessa hora, o que faz com que Rita descreva a culinária como um *hobby* também. Agora, morando sozinha, tem a autonomia de poder fazer

sua cozinha dentro do seu tempo com seus ingredientes e sua bagunça, come sua comida quentinha enquanto assiste ao último episódio do BBB pelo *Globoplay* (que, quase sempre, não viu na noite anterior), depois se deita para a sesta e, só então, lava as louças e organiza a cozinha numa tranquilidade bem preguiçosa (que até me contagia e, enquanto leio seu diário, quase sinto vontade de limpar minha própria pia), mais uma vez, ouvindo músicas ou um podcast. É o tipo de tempo que Rita conquistou, na casa de seus pais seria impossível manter o mais simples dos costumes como esse. Outro ritual de sua semana é a prática de exercício físico em que uma amiga, que é *personal trainer*, a orienta por chamada de vídeo. Apesar de se tratar de um treino comum e bastante popular nesse período, o que Rita gosta mesmo é de *Kung fu* que, sem falsa modéstia, afirma ser muito boa e pretende competir assim que possível, porém, mais uma vez, por conta da pandemia, teve de abandonar esse esporte e adotar algo prático (diria até que compacto) para se adaptar às possibilidades da quarentena e ao espaço do seu apartamento. Rita tem necessidade de movimentar o corpo e o faz até em alguns dias que a depressão e a ansiedade a paralisam deitada na cama por horas, se levantando apenas para cumprir com esse compromisso (que, como tudo mais, varia em horário e dia). Ela o considera importante para sua saúde mental, que já não anda lá essas coisas no meio das turbulências pandêmicas e acadêmicas.

Apesar da norma, pautada apenas em boa vontade, do isolamento social, Rita não consegue encarar a solidão por muito tempo, principalmente quando Paulo viaja, e, então, realiza encontros periódicos na casa de alguns amigos para jogar *board games*, mais um *hobby* para o qual dedica uma quantidade significativa de tempo e cuidado. Nesses dias, Rita se desprende de qualquer controle do tempo e passa longas horas imersa em partidas de jogos de tabuleiro e conversas regadas a cerveja com seus amigos, algumas vezes indo até a madrugada. São quase sempre os mesmos amigos que só abrem essa exceção de encontro presencial para poder jogar. Outras vezes o fazem de forma remota, jogando algum “*board game*” online, em mais uma dessas sociais por tela que já estamos familiarizados.

Rita também mantém sua vida romântica ativa (e até revelou uma propensão a paixões que me pegou desprevenida) e, aos finais de semana, frequentemente se encontra com alguém para conversar, assistir televisão, dividir um baseado e tudo o mais (pelo menos até um antigo ex-namorado lhe enviar uma mensagem no meio disso tudo e mudar o rumo dos seus planos, mas deixemos essa fofoca para o final).

Além disso, nos dias de semana costuma ligar para algum amigo que mora longe ou fazer chamadas em grupo, até entra em conversa online com pessoas que não conhece para falar

sobre amenidades ou compartilhar histórias curiosas sobre si mesmos. Rita se diz bastante apegada às suas amigas, gosta de conhecer pessoas, mesmo que se considere tímida (o que eu particularmente discordo) e um tanto fechada. Ela está sempre pronta para prestigiar seus amigos no que quer que seja, assistindo *lives* (nem sempre sobre assuntos que a interessam profundamente) ou ouvindo Paulo recitar o conto que escreveu para uma competição. Rita é uma presença certa e sua felicidade em fazer parte da vida das pessoas é descrita de muitas formas (e por muitas vezes), e lá está ela, mais uma vez. Dito isso, não me espanta que seus mecanismos para driblar a solidão sejam abundantes e que, mesmo assim, Rita se pegue relatando, com uma melancolia saudosa, a falta que sua família e amigos fazem nesse momento. Ela afirma que o período pandêmico se tornou uma sucessão de atividades que ela odeia e que, fora esses momentos de sociabilidade, ela não tira muito prazer de sua rotina. Para ela, ainda falta o bar e a espontaneidade dos encontros do cotidiano. Pelo menos ela consegue economizar algum dinheiro com isso.

Como dito anteriormente, Rita é grata (e enfatiza isso mais de uma vez) pela sua bolsa de mestrado, pois foi por meio dela que conseguiu sair de casa, portanto, apesar de fazer críticas quanto a falta de direitos do estudante de pós-graduação e a negligente ausência de reajuste do valor pago, ela crê que não está em posição de reclamar. Na atual situação econômica e inflacionária em que todos nos encontramos, ela está até melhor que alguns de seus amigos empregados. Assim como ela vive a dualidade de criticar-se e perdoar-se, Rita também reclama e agradece por ser bolsista. Contudo, precisa fazer algum trabalho por fora para fechar as contas (que eram ainda mais apertadas antes da pandemia, pois parte considerável de seu orçamento ia para bares e cerveja), geralmente pega pequenos serviços que consistem em regular ou validar informações para melhorar o algoritmo de algum site ou aplicativo (ao se aprofundar nesse *freela*, Rita se sente motivada a tentar mudar de área mais uma vez, agora para estatística). A demanda para tal serviço ficou menor durante o isolamento social, então foi oportuna essa economia com o bar. Suas finanças são rigorosamente controladas em uma planilha que atualiza com alguma frequência, sua vigilância é importante para que tudo esteja em dia e em perfeita ordem, podendo, assim, guardar uma parte e não ficar completamente desamparada com o fim iminente de sua renda principal. O aspecto financeiro do mestrado supera, em importância, até mesmo sua pesquisa (que não é o que Rita havia planejado e para o qual ela estava completamente despreparada e desorientada), antes de poder escrever, ela precisa comer, pagar suas contas e sustentar sua vida social e cultural, o que implica em várias horas sendo gastas na busca de emprego, já que, em breve, sua bolsa terá fim e Rita precisa encontrar algo antes que

suas reservas se esgotem. Sua pesquisa não parece mais lhe dizer respeito, ela e sua orientadora mal se comunicam, Rita diz não ter muita confiança ou certeza do que está fazendo e que a necessidade de se sustentar supera qualquer engajamento que a mobilizava ao redor do seu tema. O diploma é apenas um acréscimo para um currículo que ela espera que renda alguns frutos fora da universidade, pois, a essa altura do campeonato, acredita que não é a pessoa adequada para a carreira acadêmica.

## **7.2 A inadequação acadêmica: oscilação entre autocrítica e autocompreensão**

Seu dia está entrelaçado profundamente com a televisão, é difícil descrevê-lo sem narrar todos os momentos em que ela pausa o trabalho ou qualquer outra coisa para assistir à tevê, mas nessa sessão pretendo focar na sua relação com tempo, trabalho e culpa. Sendo assim, deixo avisado que as atividades aqui descritas quase nunca ocupam a porção majoritária da sua semana. O que é uma ironia já que Rita costuma falar que sua prioridade no dia é sempre a escrita da dissertação, e que ela serve como uma das régua que medem se seu dia foi produtivo ou não. Assim, todas as manhãs, acorda na expectativa de levantar-se cedo (pelo menos antes das 9 horas, mas, mesmo assim, nunca cedo o suficiente) para ter mais tempo disponível para cumprir com suas obrigações, quando isso não acontece, se descreve como levemente frustrada e culpada, afinal, acordar cedo é apenas o primeiro passo e falhar logo no início parece condenar o restante do dia. Rita se sente avaliada e julgada, mas não sabe por quem (várias vezes, inclusive, questiona-se sobre isso: a quem ela quer impressionar ou dar qualquer tipo de satisfação?), como uma entidade oculta contabilizando sua produtividade e condenando-a desde o momento que abre os olhos na cama, ela tenta se esquivar dessa censura dissimulada ao lembrar-se que, teoricamente, não deve nenhum tipo de satisfação a ninguém e que se não se levantou na hora desejada, talvez estivesse cansada demais ou até deprimida, o que não serve como uma desculpa, mas como um atestado de que pessoas tem limites e são mais complexas do que o sistema de produção acelerada parece prever. Ao considerar a teoria de Han (2015, 2018), poderia dizer que ela mesma é sua avaliadora e que, quando tenta acolher-se, não enfrenta apenas seu algoz, mas o sistema de desempenho por inteiro que se pautaria, justamente, na exploração de si, mas deixemos esse aprofundamento para os próximos capítulos.

Certa noite, em um de nossos últimos encontros (e após considerar suas reflexões descritas acima), enquanto cada uma de nós tomava uma cerveja em sua própria casa, emulando o que poderia ser uma conversa de bar, pergunto para Rita, afinal, o que é um dia “não

produtivo”, já que essa expressão se repete tantas vezes em seu diário e em sua fala e ela me responde que pode ser duas coisas: ou um dia que não conseguiu trabalhar no texto e na análise da sua dissertação ou, também, um dia que ela não conseguiu se divertir sem culpa. Nem mesmo o lazer está a salvo do alcance da nossa frustração. Enfim, o importante aqui, que quero registrar sobre Rita, é sua batalha constante para fugir não apenas do produtivismo acelerado, mas, também, da culpa e frustração causadas por essa fuga. Assim, senta-se para trabalhar, após o café da manhã (num dia “ideal”) e engaja no método pomodoro de estudos (ela se diz viciada em celular, então a solução encontrada para não se deixar levar completamente pela tela brilhante e as mensagens de seus amigos é delimitar o seu tempo ao invés de tentar restringir o uso completamente) que parece funcionar. Sua pesquisa é mais um tormento por si só, Rita tenta vigiar-se para não divagar pelos “e se...” que ficaram no passado. Ainda assim, não consegue esquivar-se totalmente de imaginar o que poderia ter feito de diferente, tenta pontuar onde que seu trabalho desandou, o que deixou de fazer para se encontrar agora com a corda no pescoço (prazos apertados) e a urgência de escrever um texto que não se reconhece. Viaja em pensamentos sobre sua pesquisa que virou uma análise de discurso (coisa que ela nem sequer sabia como fazer) sobre uma política pública e mesmo que ainda orbite ao redor do seu tema original, não é a mesma coisa e não foi escolhido por ela (sua orientadora mudou seu objeto para se adequar ao período pandêmico, Rita fez várias sugestões diferentes de temáticas que ainda a interessavam, mas todas foram rejeitadas pela professora). E, por isso, quando se senta para escrever, não consegue deixar de pensar que, provavelmente, a culpa é sua (de Rita) e que talvez se tivesse trabalhado mais e melhor, poderia estar animada com a produção de algo que fizesse sentido para si mesma. Mas, mais uma vez, ela tenta dissipar esses pensamentos.

Cada vez que Rita descreve essa batalha interna, ela tenta se convencer de que pelo menos entrar no mestrado a fez perceber que não é adequada para esse tipo de trabalho, e que ele serviu para se conhecer e ampliar sua autopercepção. E, para isso, ela lista um tanto de motivos: sua análise não é original, ela não tem *insights* criativos, sua escrita é mediana e sua produção não dá conta da demanda. São os mesmos motivos que ela recita para explicar o porquê da sua orientadora não a responder por meses. Rita argumenta para si (e para mim, que assisto a tudo isso) que seu não ajustamento não é, necessariamente, uma falha, é apenas a percepção de que seu perfil de trabalho é diferente e não se adequa ao academicismo. Mas quem se adequa? Não pergunto isso a Rita. Seus conflitos me fazem pensar que, sinceramente, talvez poucos de nós sejamos adequados.

Seu limite para o trabalho são as 17:00, Rita gosta de falar que ninguém (nenhum trabalhador) deveria estender seu ofício para além desse horário. E aí pouco importa se gastou a maior parte do dia vendo tevê ou procurando receitas no *YouTube*, ela só abre mão da sua noite se estiver tão arrochada ao ponto do desespero ser maior que seu idealismo proletário (o que acontece com mais frequência do que ela gostaria ou previa, mas é importante frisar que mesmo nesses dias o sagrado intervalo do almoço continua intacto). Ela tenta não se punir nos dias pouco produtivos para a dissertação, pois essa punição só o torna pouco produtivo para a diversão também. Mas, como já disse e repito, tudo é tentativa.

Nos piores dias (além de duplamente improdutivos), Rita até chora (o que é algo que não ocorre com frequência ou facilidade). São manhãs e noites de pouca atividade e movimento, passa grande parte do tempo deitada, às vezes liga para os pais buscando algum conforto ou tenta assistir algo que a distraia. Já faz alguns anos que Rita lida com a ansiedade e a depressão, tratando-as com terapia e medicações apropriadas. Elas não são uma consequência direta do mestrado ou coisa que o valha, mas nos dias que se sente enferma e abatida, Rita não deixa de pender sua balança emocional para a culpa, descrevendo-se com muito pesar ao dizer que não foi capaz de trabalhar. Quando a crise, enfim, se dispersa, tenta, como sempre, não se culpar por ela, sacudir a poeira e seguir em frente sem tentar “compensar o tempo perdido” ou qualquer coisa que a obrigue acelerar, mas esse é um caminho solitário, pois ninguém mais está interessado em nossas lamúrias.

Conforme o fim da dissertação se aproxima (no que diz respeito ao prazo e não ao trabalho a ser feito por Rita), ela passa, então, a buscar incessantemente por emprego o que ocupa a maior parte do seu dia. Pois, além de tudo, a insegurança financeira está anexa ao novo título que receberá ao fim do mestrado e como a universidade não espera, assim também não espera o mercado, o condomínio, a operadora de internet e a companhia de luz e água. Não há culpa alguma nas narrativas de Rita quando abandona a escrita para encontrar uma nova remuneração. Menos ainda quando começa a estudar para o Enem na esperança de fazer uma outra faculdade que seja mais rentável profissionalmente. Rita me diz que quando o dinheiro falta, não há espaço para ideais intelectuais e acadêmicos, está exausta das frustrações de se sentir aquém das expectativas, ela só quer poder pagar suas contas em paz e viver com alguma tranquilidade. Nesse tempo, ela tenta uma vaga de atendente numa loja de *board game*, tenta outra de teleatendimento para um site de viagens, envia seu currículo para lojas, procura em grupos do *Facebook* e no *LinkedIn*, sem qualquer preocupação de que a oportunidade seja uma carreira ou, pelo menos, dentro de sua área de formação. Passam-se dias sem qualquer menção

ao seu texto acadêmico e eu, guiada pela sua escrita através dos seus novos planos, também me esqueço do seu mestrado e conversamos agora sobre como seria bom ter um emprego com férias e 13º salário.

### **7.3 “Eu quero ver o que eles querem que a gente veja”: televisão como *hobby***

“Eu quero ver o que eles querem que a gente veja”, me conta Rita ao elaborar sobre seu gosto por jornais e canais de notícia. Ela explica que é como um *hobby*, uma tentativa de vislumbrar o “mecanismo” da própria mídia ao conhecer e colecionar seus roteiros e comentários, mesmo quando a opinião expressa não corresponde com a sua. Assim, grande parte do seu compromisso diário com a tevê é ao redor de programas jornalísticos, mesmo que apenas para ver as chamadas do dia enquanto escreve a dissertação. Mas, para isso, não serve qualquer programa. Pela manhã, quando acorda relativamente “cedo”, até assiste aos jornais matinais da Globo enquanto toma café da manhã, as notícias locais também lhe interessam (e até a fascinam em certo ponto por ser uma brasiliense que não cresceu com uma identidade local tão expressa e reforçada na mídia como acontece nos jornais mineiros, coisa que também compartilho ao comentar os jornais gaúchos), mas no resto do dia prefere o canal da *GloboNews* (tem uma especial antipatia pelo Jornal Nacional e, ainda segundo Rita, sua maneira mórbida e paternalista de noticiar, ainda assim, alguns dias se permite assisti-lo pelos dados atualizados da Covid-19, mas, de fato, esses dias são raros) que acessa pelo mesmo aplicativo que usa para assistir à Globo: *GloboPlay* (cuja assinatura pertence aos seus pais), desse modo, mesmo nos dias que não pode (ou não quer) se dedicar ao programa exatamente em seu horário de costume, Rita tem a possibilidade de assisti-lo depois como uma das funções que o aplicativo lhe oferece. Então, quase que diariamente, vê o programa *Em Pauta*. Já conhece todos os comentaristas pelo nome e sabe descrever seu perfil de opinião o que torna ainda mais fácil prever seus comentários, Rita até elege seus preferidos, por quem vale a pena interromper seu trabalho para assistir com mais atenção e adora a ideia de explorar o que é controverso. Assim, consegue mapear mentalmente a disposição da mídia com relação aos eventos que ela (a própria mídia) julga serem os principais, mercedores de serem destrinchados e discutidos, ou seja, aqueles que eles querem que a gente veja.

Para além do *Em Pauta* e da *GloboNews*, todo seu consumo de televisão (com exceção de esporádicas séries da Netflix) gira ao redor do conglomerado da Rede Globo. Durante seu intervalo de almoço, tão caro e irrevogável, Rita assiste ao episódio do BBB que deixou de ver

na noite anterior. Ela não se dá ao trabalho de assisti-lo durante a exibição do ao vivo, mas o acompanha ferrenhamente com torcida e análises aprofundadas sobre o jogo, suas estratégias e, principalmente, sobre o que a edição do *Big Brother* quer nos mostrar e sobre o que quer nos convencer (assim como faz com os jornais). Rita não era uma pessoa de acompanhar BBB, nunca assistiu uma edição sequer antes desse ano de 2021, mas acredita que com o efeito da pandemia de isolamento e mais tempo em frente a tevê, ela foi fisgada, me conta isso com alguma surpresa, como se, em condições de “normalidade”, jamais se encontraria nessa posição de audiência do tal programa e se surpreende por (não sabe como) ter sido conquistada por ele. Por isso mesmo, traça (como tantos outros sujeitos) alguns limites entre si e outros tipos de expectadores: não engaja em paredões nem se mobiliza de qualquer forma, afirma que prefere assistir ao movimento do restante das pessoas e quase não comenta o programa publicamente em suas redes sociais.

Como o BBB ocupa seu intervalo de almoço, ele também é segurado pela sacralidade daquele momento, assim, talvez seja seu consumo mais regular junto da televisão.

Seu xodó, entretanto, é o programa Redação SportTv do canal SportTv (também do grupo Globo). Rita diz que poderia assisti-lo o dia inteiro e não se cansaria. Ela é uma assídua espectadora de futebol, corinthiana que não perde um jogo sequer. Apesar disso, se retrai quando fala de futebol comigo, talvez por saber que não é algo pelo qual nutro profundo interesse, mas fica evidente que, se pudesse, falaria ininterruptamente sobre o assunto. Infelizmente não consigo corresponder às suas expectativas de conversa, pois na minha condição de leiga, acabo fazendo-a (mesmo que sem querer) me explicar obviedades ou me perdendo no meio do entendimento de campeonatos e competições. Mas conseguimos nos entender quando tratamos do futebol politicamente e em sociedade, mesmo que nossas conversas sejam apenas achismos e opiniões um tanto pessoais (talvez até senso comum?) que, mais uma vez, emulam ares de conversa de bar. Digo isso, pois é justamente o que a atrai no Redação SportTv, que, com seus comentaristas e convidados, discute eventos e notícias do esporte (principalmente do futebol) tratando-as de forma engajada e social com uma visão um tanto progressista e até inquisidora, o que Rita adora.

Apesar de ser uma fã do futebol, Rita é bastante crítica com relação ao universo desse esporte e, durante a pandemia em que os jogos foram liberados no auge<sup>44</sup> dos contágios, ela

---

<sup>44</sup> É sempre problemático quando falo de “auge”, pois tivemos vários auges e logo passávamos por um (achando que o pior chegou ao fim) e, então, a contaminação e as mortes atingiam números mais altos do que da última vez.

lamenta e se indigna especialmente com a postura empresarial dos times e discursa para mim, de forma apaixonada e crítica, sobre o pouco caso com os times menores que não possuem os mesmos recursos e com a equipe técnica que ganha muito menos que os jogadores e também estarão expostos ao vírus e, por consequência, suas famílias. Ela é contra o retorno do esporte nessas condições e amaldiçoa o capitalismo por contaminar até mesmo o futebol tornando-o apenas uma máquina de fazer dinheiro. Obviamente, o Redação SportTv não trata do assunto em termos tão marxistas, mas Rita se sente contemplada por suas provocações e opiniões, pelo menos.

Durante esses programas, Em Pauta, BBB e Redação SportTv, Rita não sente qualquer culpa pelo tempo dedicado, ela mal elabora qualquer tipo de sentimento pelo ato de assisti-los ao invés de trabalhar como se os programas fossem uma parte natural do seu dia. O que ela chama de “procrastinação” são as séries e filmes que assiste de forma irregular. Quase todas são recomendações (inclusive, ela confessa que tem um gosto especial por acompanhar o que a pessoa com quem ela está saindo naquele momento assiste) de séries estrangeiras, alguns filmes indicados ao Oscar (para o qual se prepara com um pote de pipoca quentinha ou uma bacia de guacamole), muito raramente algum anime (em nostalgia aos seus tempos de *otaku* da juventude)... Mas todos são “distrações”, não integram seu *hobby* e, comumente, são largados pela metade e até esquecidos.

Por último, Rita, em um de seus mecanismos para fugir da solidão, deixa a tevê ligada para preencher a casa, mas, para isso, também elabora uma curadoria. Segundo ela mesma, não suporta determinados programas e estes não servem nem como barulho de fundo para suas atividades, pois a irritam tão profundamente que a cansam e perdem seu propósito de apenas fazer-lhe companhia, como, por exemplo, toda a programação de domingo da Globo e outros como O Caldeirão do Huck em que despreza o próprio apresentador por conta de suas práticas políticas e declarações bastante elitistas. Assim, são barrados de sua casa e relegados a menos do que ruídos incômodos, prefere preencher o silêncio com alguma série já assistida ou com a fiel *GloboNews*. A audiência de Rita tem um “quê” de distinção.

## 7.4 Epílogo

---

Portanto, talvez esse “auge” seja mais uma sensação do que, de fato, um dado. O que posso dizer com certeza é que havia mortes, sequelas, descaso e ainda estávamos sem vacina.

Me reservo a licença de fugir um pouco do padrão dos Epílogos para narrar o desfecho momentâneo de Rita. No meio de todos esses eventos e atividades descritos acima, ela recebe uma mensagem, pelo *Instagram*, de um antigo ex-namorado e numa trama de altos e baixos, se envolvem e Rita decide que, afinal, é isso: largará Belo Horizonte e voltará para o DF. Decide-se antes mesmo de concluir sua dissertação. Assim, compra passagens para visitar os pais e, também, apresentar o novo (antigo) namorado, preparar sua mudança e se vacinar.

Em seus últimos dias de escrita, narra essa primeira ida para Brasília: ela chega cedo pela manhã, aproveita para passar na feira e comprar verduras e legumes, depois, vai até a casa dos pais e toma café da manhã com eles. Ao longo do dia, assiste entrevistas do Ney Matogrosso com sua mãe até dar a hora de pedir almoço por *delivery*, a entrega demora por ser dia dos pais e ela aproveita para conversar e contar que está namorando, o que os deixa felizes e eles a enchem de pergunta. Depois do almoço, seu irmão chega com sua esposa e filho e então todos conversam na sala enquanto a tevê exibe o jogo do Corinthians. À noite, visita seu namorado e ficam ouvindo músicas até de madrugada e aí retorna para a casa dos pais. Eventualmente, Rita volta para seu apartamento em Belo Horizonte, já decidida que se mudará de vez para Brasília, o que ocorre após a entrega de seu trabalho final do mestrado.

Conclui sua dissertação e me conta que “entregou como deu”, o trabalho que ela já não achava lá essas coisas, foi bastante rechaçado pela banca e sua defesa foi difícil (até um pouco pior do que previa). Rita me conta, ainda, que sua orientadora, após ignorá-la por meses, foi grosseira e tomou partido das críticas que seu trabalho recebeu. No final das contas, ela ainda prefere sua monografia de graduação e iniciou a busca por um emprego que contemple não apenas sua formação como antropóloga, mas sua área de pesquisa da época da faculdade. E o plano de fazer uma outra graduação é suspenso. Enquanto isso, mora, finalmente, em Brasília num apartamento com seu namorado e trabalha revisando textos em uma pós-graduação à distância.

## 8. “PARECE QUE FOI FEITA PARA MIM...”: Ícaro, a televisão nostálgica (trabalho e tempo em segundo plano)

*“I’ve seen things you people wouldn’t believe. Attack ships on fire off the shoulder of Orion. I watched c-beams glitter in the dark near the Tannhäuser Gate. All those moments will be lost in time, like tears in rain. Time to die.” (Blade Runner, 1982)*

“Parece que foi feita pra mim...”, Ícaro me diz ao comentar uma de suas séries preferidas, *Community*. Essa é mais uma daquelas frases que destaquei no meu diário de campo, a diferença é que a aprecio especialmente pelo o que ele diz em seguida: quando era criança e gostava de algo que assistia, Ícaro se imaginava dentro daquelas situações e com aqueles personagens, acredito que fizesse isso de forma aberta e verbalizada (o que me parece uma boa suposição, pois eu mesma brincava dessa forma em grande parte do meu tempo) até porque ele me confessa que mantém esse hábito até hoje, mas o faz secretamente apenas em seus pensamentos, pois não ficaria bem para um homem adulto esse tipo de devaneio. Eu acho graça, mas é por isso que escolhi essa fala: exemplifica a relação íntima que Ícaro tem com a tevê e o quanto ela remonta tempos da sua infância, além de sua excentricidade que o torna alguém especialmente interessante. É uma pessoa de referências, nostalgia e que parece sempre estar querendo chocar e embaralhar a cabeça alheia (ou, provavelmente, minha cabeça que não é capaz acompanhá-lo).

Assim, esse capítulo é justamente sobre essa televisão tão específica, seu repertório refinado, de certa forma “clássico” e bagunçado (que, no que diz respeito às trilhas sonoras cuidadosamente selecionadas para os seus dias, por exemplo, varia entre Lana del Rey e *Digimon* em questão de poucas faixas). Além dessa tevê e suas longas análises peculiares, Ícaro me deixa sem o que falar sobre tempo e trabalho, justamente porque nada disso o incomoda ou é relevante o suficiente para despertar qualquer tipo de angústia ou elaborados planejamentos. Ambiciona pouco em termos de capital (e aqui falo do capital monetário e suas possibilidades de consumo, não de capitais bourdianos). Coincidentemente, é o único sujeito de toda a pesquisa que nunca foi à terapia e nem pretende. Não o deixei por último ao acaso, o deixei porque (no que eu imagino ser um deleite pessoal de Ícaro), talvez ele sirva de contraponto a algumas coisas.

## 8.1 Reconhecendo Ícaro<sup>45</sup>

---

<sup>45</sup> No início do campo e em nossas primeiras conversas, Ícaro se dizia completamente despreocupado com questões relativas ao seu anonimato, inclusive que, se não fosse um consumidor regular de pirataria, eu poderia até usar seu nome verdadeiro (coisa que nunca pretendi fazer). No entanto, relendo seu diário, percebi que várias informações eram omitidas, especificamente as cidades em que morou e as universidades em que estudou (mesmo que essas se deixassem deduzir em outras passagens). Durante a escrita desse texto decidi consultá-lo mais uma vez e então ele me solicitou que eu, de fato, não compartilhasse esses dados, o que eu prontamente atendo ao longo do capítulo. Apesar disso, mantive minha autonomia para tratar e narrar tudo mais que me desse na telha e julgasse necessário (desde que não citasse diretamente, como disse, as cidades e as universidades). Assim, escrevo essa nota de rodapé para justificar tal diferença com relação aos demais sujeitos.



Figura 17 - Barraca que montou na garagem de sua república e que morou ao retornar para a cidade. Ao lado, sua mesa de trabalho e estudos.



Figura 18 - Sala de televisão na casa dos seus pais (visão voltada para a tevê).



Figura 19 - Sala de televisão na casa dos seus pais (visão voltada para os sofás).

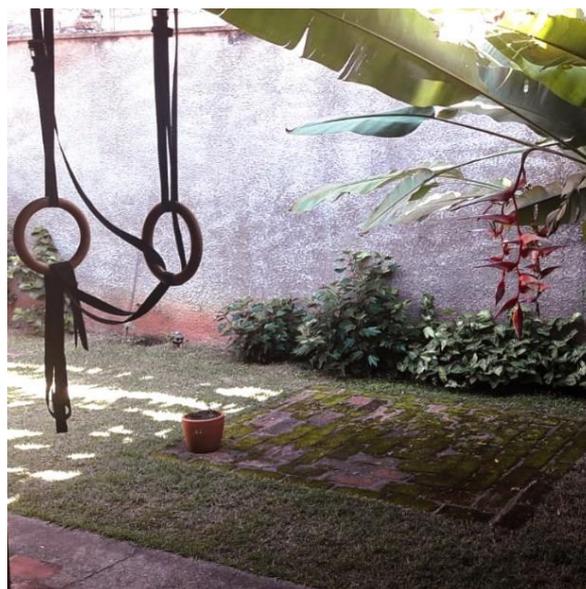


Figura 20 - Área externa da casa dos seus pais e suas argolas que usa frequentemente para se exercitar.

Conheci Ícaro em mais uma de minhas férias passada na casa dos meus avós no interior de São Paulo. Lembro-me ainda desse dia, na residência de um de seus amigos, em que fomos apresentados enquanto, coincidentemente, assistíamos a um filme que ele (Ícaro) escolheu, não sei dizer qual era o título (o enredo, elenco ou qualquer outra coisa), mas sei que o achei péssimo e me diverti com o constrangimento da situação. Isso faz, mais ou menos, 10 anos e não viramos amigos logo de cara, pois, nessa época, Ícaro já era uma pessoa aversa a ideia de redes sociais

e, por isso, tão logo eu voltava para Brasília, perdíamos qualquer contato. Depois dessas férias, eu entrei para a faculdade e ele também, Ícaro, diferente de grande parte dos recém-saídos do ensino médio que eu conhecia daquela cidade e que migravam para estudar, se mudou para uma cidade grande e começou seu curso de Direito numa universidade do mesmo estado. Pouco depois, em mais uma dessas férias, trocamos nossos números e, só então, passamos a conversar usando as esquecidas mensagens de celular que pareciam já ter sido abandonadas por boa parte das pessoas naquela época. Assim, conversávamos sobre a vida, sobre as outras pessoas, sobre a excitação do início de uma vida universitária, sobre política (era agradável falar com alguém tão alinhado com as minhas opiniões), mas creio que só criamos algum tipo de vínculo quando misturamos tudo isso ao nosso gosto por televisão e passamos a trocar recomendações de séries, filmes, documentários, até comentar o BBB, novelas e eventuais fofocas. Esse é o primeiro motivo pelo qual pensei em Ícaro para essa pesquisa.

Ele tem, agora, 27 anos, um rosto que já apresenta as primeiras ranhuras do tempo e uma pele pálida que contrasta com o negrume do seu cabelo, constantemente despenteado, e de sua barba (com a qual está sempre fazendo molduras diferentes para seu rosto). Formou-se em Direito e, ao mesmo tempo, em Letras (numa faculdade particular de forma remota). Depois disso, decidiu que a cidade grande não era para ele e me explica isso com tantos argumentos quantos forem possíveis de listar. Ícaro gosta de andar (não dirige e nem pretende) e de poder acessar qualquer ponto numa cidade a pé familiarizando-se com seus caminhos, endereços, ruas e até seus arredores; também gosta de reconhecer as pessoas à sua volta, conviver com colegas de faculdade, de trabalho, ir até o bar ou a casa de alguém sabendo que ali encontrará um rosto conhecido para conversar e beber uma cerveja, apesar de tímido (e até um pouco inseguro) em suas primeiras tentativas de falar com desconhecidos, Ícaro preenche os silêncios e, com os assuntos certos, fala sem freio (o que me rendeu alguns áudios de pouco mais de meia hora durante o campo) e admite que essa é uma de suas coisas preferidas, conversar com alguém é suficiente para que tenha um bom dia. Não menos importante, gosta da pacatez e da letargia que parecem sobrepular até os mais acelerados dias quando está no interior, e me conta que deseja terminar sua vida assim: num bar, bebendo e vendo o movimento de uma rua pouco agitada em que transitam pessoas igualmente envelhecidas e que conheceu por uma vida inteira. Desse modo, ao terminar suas duas primeiras faculdades, refaz o Enem e se muda para o interior de Minas Gerais, dessa vez para estudar História (sua terceira graduação) numa universidade federal. Aloja-se numa república masculina de estudantes e fica lá até pouco depois de ter concluído tanto o curso de História, quanto o mestrado em Literatura na mesma universidade,

que começou quando estava, mais ou menos, na metade da graduação (na verdade, seus arranjos de moradia são um pouco mais complicados que isso por conta da pandemia, explicarei no decorrer desse capítulo). É também nesse período que passa a lecionar em algumas escolas do estado, sua principal renda, já que não recebe bolsa. Por fim, com a conclusão do mestrado, Ícaro adentra no programa de doutorado em Teoria e História Literária, novamente, numa universidade estadual de São Paulo e dá início aos seus estudos de forma remota. Essa carreira acadêmica tão bem encadeada é o segundo motivo pelo qual pensei nele para minha pesquisa.

No início do campo, conversamos na casa de seus pais, já que Ícaro retorna para sua cidade natal assim que a pandemia nos obriga ao distanciamento social e, conseqüentemente, tanto as aulas da universidade quanto as aulas ministradas por ele são suspensas do regime presencial. Apesar de não morar ali há muitos anos, Ícaro ainda tem seu próprio quarto, um cômodo não muito grande cujo os únicos móveis que consigo ver são sua cama de solteiro, uma mesa em formato de “L” acoplada a parede, uma prateleira logo acima com alguns livros que não sou capaz de decodificar o título e uma cadeira simples de escritório, seu notebook está sempre na mesma posição e por isso vislumbro sempre a mesma parede: branca, sem qualquer adereço (eu assumo que seja a parede do seu quarto, mas poderia ser qualquer outra). Na casa de seus pais, há uma sala apenas para a televisão (Figura 18 e 19) e Ícaro passa algumas boas horas em frente a ela vendo, principalmente, filmes, séries e, mais esporadicamente, o BBB ou outro programa da Globo que sua mãe esteja assistindo e que ele se junta para acompanhá-la. Comumente, cai no sono ainda no sofá, principalmente quando já está enebriado pelos vinhos ou cervejas que toma ao longo do dia, o que parece quase uma habilidade, pois lembro-me de vê-lo dormir nas ocasiões e nos locais mais adversos ao sono. Dessa casa, ele também aprecia a área externa que usa para malhar (um hábito tão religioso quanto comer e dormir e para o qual dedica um tempo considerável de pesquisa) e os momentos de cozinhar com sua mãe. Nos finais de semana, pedala até a casa dos seus avós maternos, que fica numa cidade vizinha, e, ao chegar lá, nada em sua piscina. Eu diria que sua vida parece bucólica, e isso seria o comentário de uma cria de apartamento que não pode ir a pé até a casa de qualquer amigo ou parente que seja, então não direi nada.

Quando finalmente é a vez de Ícaro de tomar a vacina, por conta do seu status de professor, ele retorna para o interior de Minas Gerais e fica por lá (na expectativa de que, muito em breve, voltará a trabalhar presencialmente), mesmo tendo, também, um quarto na tal república, ele prefere montar uma barraca na garagem (Figura 17), prevendo que seus dias ali naquela casa estão próximos do fim (como ele diz, “está fazendo hora extra”), já que é uma

peessoa adulta, empregada e que sequer estuda na universidade da cidade. Assim, durante o período do campo, ele começa a procurar por apartamento na cidade vizinha, quer mudar de ares e conhecer (ou ser conhecido por) gente nova. A barraca, uma alternativa inesperada, mas, não, totalmente excêntrica, para a cama, significa mais do que apenas um local para dormir nesse meio tempo. É um dos passos concretos que Ícaro dá em direção ao seu estilo de vida ideal que consiste em possuir a menor quantidades de coisas possíveis (inclusive eletrodomésticos como geladeira ou máquina de lavar), ele acredita que um estilo de vida “minimalista” (no sentido de diminuir o consumo de coisas que exigem tempo e manutenção) seja uma forma, individualista, de combater o capitalismo e economizar tempo e dinheiro para redistribuí-los em coisas que realmente lhe dão prazer, a ideia é de que o consumo desenfreado (e despropositado) incentivado pelo modelo neoliberal vigente usurpa o tempo e o recurso que poderíamos empregar para socializar, viajar, descansar ou, no caso de Ícaro, provavelmente encontrar alguém num bar de qualidade duvidosa ou fazer uma trilha até alguma cachoeira. Assim, além da barraca, ele possui um saco de dormir, uma mochila estilo *camping* para guardar todas as suas roupas, um *Chromebook* que usa para trabalhar, estudar, piratear mídias e assistir o que lhe dá vontade e seu *smartphone* (onde comumente navega pelo *YouTube*, quase como um zapear pelo aplicativo, assistindo a programas de tevê que já saíram do ar). Ainda utiliza os eletrodomésticos da república, mas não pretende adquirir nada do tipo para o seu futuro apartamento. Importante lembrar que, nessa casa, não há televisão e que conversamos lá apenas uma única vez.

Independentemente de onde mora, sua rotina não varia de forma tão significativa, afinal seus horários de trabalho e aula se mantêm os mesmos e Ícaro se organiza ao redor deles. Pela manhã costuma acordar antes do horário de trabalho para se exercitar, em seguida se senta em frente ao computador e dá suas aulas (com exceção das quintas-feiras e os finais de semana) até pouco antes do meio-dia e, em seguida, vai ajudar sua mãe na preparação do almoço (quando está na república, Ícaro costuma se responsabilizar pelo almoço inteiro e reveza essa função com apenas um de seus amigos, já que são os únicos que cozinham na casa), após a refeição, ele se deita e assiste algo pelo *YouTube* no seu celular, como programas que um dia passaram na tevê, mas, hoje estão fora do ar, ou canais sobre o mundo fitness, ou, ainda, análises e recomendações de filmes e séries, depois de zapear por alguns vídeos, cochila. Durante a tarde, Ícaro assiste aulas, realiza leituras e escreve textos referentes ao seu curso de História (que ele conclui durante o campo) e o doutorado. No anoitecer, especificamente 18:30 (num dos únicos momentos que atribui horário fixo em seu diário), costuma iniciar sua prática de calistenia

(repete esse ritual pelo menos cinco vezes na semana, quando está na república, concentra seu treino para menos dias, mas sem alterar o volume dele) sempre acompanhado de alguma trilha sonora que ele também seleciona pelo *YouTube* e que resulta numa variedade interessante de artistas e álbuns (mas, na maioria do seu diário, pende para a trilha sonora de *Digimon*). Ele enfatiza que os exercícios já fazem parte do seu tempo livre, pois é algo que ele pratica, primordialmente, pelo prazer, sua evidente vaidade e preocupação em aprimorar o corpo (e até em prolongar os próprios anos de vida) viriam em segundo lugar. Sou um tanto cética quanto a essa hierarquia de motivos, mas meu ceticismo nada vale se não posso refutá-lo. Enfim, retomando a sua rotina, Ícaro não estende seu trabalho ou estudo para além desse “expediente” e suas noites são quase sempre ocupadas por filmes, séries, chamadas de vídeos regulares com os amigos das mais variadas cidades, um pouco de *Big Brother Brasil* (digo “pouco” em comparação aos demais sujeitos que o assistem assiduamente, pois Ícaro é uma audiência regular do programa), às vezes um pouco de cerveja também e leituras. Vai dormir sem muito horário, quando o sono bate.

Como dito anteriormente, ele não é de registrar horários em suas anotações, dando a sensação de uma fluidez e espontaneidade em seu cotidiano, mesmo quando ele se repete. O que realmente dá um efeito de “novidade” são suas longas análises sobre as coisas que assiste (num vocabulário que oscila entre a intimidade informal e o prolixo), sempre remetendo à sua infância e recitando diversas referências como diretores preferidos, obras literárias, artistas, trilha sonora e até artigos (é um leitor assíduo da revista *Piauí* há pelo menos 10 anos e gosta de adquiri-la numa banca de revista local cujo dono é amigo de sua mãe, emulando uma espécie de consumo quase ético, ou menos problemático, no capitalismo). Seus textos, enquanto arranja e rearranja tais informações, são sempre bastante reflexivos e nostálgicos e, além das predominantes séries e filmes, escreve também sobre animes e até novelas. Ícaro é uma pessoa de escrita, ele escreve diários, faz breves rabiscos, refinados artigos de opinião, poemas e, obviamente, textos científicos (até fantasia escrever seu próprio livro, algo que ele comenta rapidamente durante o campo, mas que escuto dizê-lo há muitos anos). O que lhe desperta o interesse, ele registra através de palavras. Talvez esse seja um terceiro motivo para trazê-lo à minha pesquisa, porém, com dois meses do início da pesquisa, se entedia.

Ao contrário da maioria dos demais sujeitos, Ícaro nunca se interessa em perguntar sobre o que deve escrever em seu diário ou se aquilo atende minhas expectativas, como se falar sobre si (e até registrar-se) fosse algo natural e ponto. Ele até toma o cuidado de acrescentar algumas informações que ele julga serem importantes para mim, a grande maioria não é, mas deixo-o

com essa autonomia que torna seu texto menos óbvio. Mesmo assim, sem aviso prévio, entendia-se, abandona o diário e eu genuinamente lamento, mas passamos aos áudios que ele me envia periodicamente comentando seu dia ou qualquer outra coisa (engatamos numa longa conversa sobre o uso de anabolizantes pelos atores da franquia da *Marvel*, por exemplo), um bom substituto tecnológico que Zimmerna e Wieder (1977) não poderiam prever, mas que serviu muito bem para revelar uma pessoa como Ícaro cujos repertório, opiniões e palavras parecem-lhe ocupar o corpo como um órgão.

## 8.2 Trabalho?

Ícaro tem maneiras bem específicas e bastante definidas de como valorar trabalho, tempo e produtividade. Não se preocupa com carreira ou ascensão social, não tem planos para o futuro que envolva grandes montantes de dinheiro ou alguma mudança drástica em como vive agora. Talvez, por isso, seu texto se torne sucinto nesse ponto, pois suas proposições são simples e diretas, apesar de ainda resguardar alguma distinção.

Tudo se resume ao seu estilo de vida que, como descrevi anteriormente, preza pela simplicidade. Ícaro se orienta em filosofias da antiguidade e tenta simular (ou recuperar) modos de viver inspirado em povos tradicionais, segundo ele mesmo. Eu até questiono se sua excentricidade é bem tolerada por conta de sua branquitude e seu gênero (afinal, quantas roupas e cosméticos ele precisa em comparação a quantas eu preciso para ser considerada “apropriada” nos locais que frequentamos?), ele concorda, mas argumenta que só se trata de uma “excentricidade” porque o vejo com um olhar “moderno” e que os ambientes que visitamos e participamos, inclusive profissionalmente, fazem parte da escolha de uma vida simples. O que, para ele, significa que sua profissão de professor é o encaixe ideal aos seus propósitos, mesmo que não se sinta tão satisfeito ou realizado profissionalmente (pelo contrário, me conta que ser professor é um tanto maçante, principalmente durante a pandemia, e, aproveitando da sua pouca necessidade de dinheiro, pretende diminuir a quantidade de horas e turmas para o ano que vem).

Apesar disso tudo, do minimalismo, suas filosofias, escolhas profissionais e seus aparatos argumentativos etc., Ícaro não se prolonga nessas discussões, pois trata todas essas coisas como apenas um meio para um fim: poder investir o máximo de tempo possível nas coisas que lhe dão prazer e lista, principalmente, o tempo para socializar (acrescido do bônus de não contar dinheiro quando sai para beber). Ele também afirma, num descaso tão inédito para mim que parece quase teatral, que nunca “procrastina” ou deixa alguma obrigação para

depois, tudo que faz, inclusive produzir academicamente, é por prazer (ou, pelo menos, não lhe causam nenhum incômodo em sua feitura) e, por isso, não faz sentido adiar. E se os afazeres estão sempre em dia, usufrui do seu tempo livre sem qualquer culpa e não ruma a ideia de que poderia estar fazendo algo mais “produtivo”, às vezes passa por algumas reflexões existenciais, inicia projetos e até debate planos de longo prazo, mas, segundo ele, não é nada que de fato o importune ou o comprometa. Se o sujeito do desempenho é consequência de uma auto coerção, Ícaro parece construir uma relação de si para si aversa a ideia de que ele possa ser, de alguma forma, seu próprio algoz. Pelo menos no que ele me deixa entrever.

Entretanto, ele admite que há uma espécie de “autocondicionamento” por trás da maneira que vive, é necessária disposição e autodisciplina, afinal, ele tem de se desacostumar com os hábitos de consumo tão bem intrincados em nossa vida. Seu modo de viver está em constante construção, apesar de considerar que já o vive de alguma forma, sempre há o que melhorar (ou abreviar). Por isso dedica algum tempo para pesquisar sobre ele (principalmente em fóruns da internet) e, também, para se adaptar às pequenas etapas que vai adicionando ao longo do tempo, como, por exemplo, aprender a tomar banho gelado, dormir no chão ou como conservar comida sem geladeira. O que, de certa forma, me parece um movimento que não se conclui (será que me contaminei pelo fatalismo de Han (2015, 2018)?) como um projeto ou um desafio, mas Ícaro o interpreta de forma diferente: é um movimento que se conclui e se satisfaz continuamente.

### **8.3 Televisão: o clássico, o nostálgico e o *camp***

Com tudo que narrei até aqui, é de se esperar que Ícaro inclua a televisão (o aparelho) entre os eletrônicos fúteis para sua vida. Ele diz, inclusive, que uma vida sem televisão pode lhe proporcionar tempo para outras atividades mais interessantes como, por exemplo, ler livros ou ir até o cinema local assistir uma mostra de filmes. Ele hierarquiza seu lazer constantemente, ainda assim, basta uma lida em seu diário (ou escutar um de seus áudios) para saber que Ícaro, na verdade, é profundamente ligado com a tevê e que a ausência do aparelho não o torna um consumidor menos assíduo. A única diferença que me parece perceptível é de que, na casa de seus pais (com televisão), ele assiste a alguns programas da Globo, inclusive as novelas e minisséries (ele descreve esses momentos como uma espécie de inércia), já na república (sem televisão), ele não assiste a nenhum canal da tevê aberta, preferindo os serviços de *streaming* ou pirataria.

Ícaro assiste tevê quase que diariamente, nem que seja para cair no sono no final do dia. Especialmente durante os piores momentos da pandemia em que o isolamento era feita de forma mais rígida (por ele mesmo, porque, como já disse, se trata mais de um pacto social do que qualquer outra coisa), a televisão foi uma das atividades mais constantes no seu cotidiano. Sua escolha do que assistir é sempre acompanhada de longos parágrafos (ou áudios) sobre como chegou até aquele filme, série ou anime. Ícaro faz referência a diretores, elenco, críticas que leu em algum lugar, artigos de opinião, enfim, ele acumula um repertório pessoal, bastante refinado, eu diria até, de bastidores criativos e técnicos das coisas que assiste. Após assisti-los, faz sua própria análise e comparações, mais uma vez se utilizando desse aparato enciclopédico. Exemplo:

“Tenho assistido a alguns filmes no MUBI. “O joelho de Claire” (1970), “In the soup” (1992), “Distúrbio” (2018). Fatos curiosos sobre eles: “Distúrbio”, embora um projeto independente e de pequeno orçamento, foi dirigido por Steven Soderbergh e protagonizado por Claire Foy (a rainha das duas primeiras temporadas de “The Crown - e sim, gosto muito da série); além disso, Matt Damon faz uma pequena ponta. Ah, todo o filme foi filmado com a câmera do iPhone 7. “In the soup” foi o grande protagonista do festival de Sundance em 1992, vencendo “Cães de aluguel” (filme no qual seu protagonista, Steve Buscemi, também atua). Contudo, a carreira de seu diretor não decolou do modo que se imaginava e o filme ficou longe de conseguir o apelo cult que seu concorrente adquiriria nos anos seguintes. Chegou-se ao ponto do filme (no sentido físico do termo) se deteriorar e ficar fora de circulação durante anos, até que, em 2018, uma vaquinha online permitiu que ele fosse restaurado e voltasse aos cinemas. Pouco depois de ver “O joelho de Claire”, dirigi-me a crítica escrita por Roger Ebert a respeito do filme. Curiosamente (ou nem tanto, já que Ebert é uma referência na crítica cinematográfica e leio seu trabalho há quase 10 anos), poucos dias antes havia lido outra crítica do autor, dessa vez a respeito de “Liberal Arts” (2012), filme escrito, dirigido e protagonizado por Josh Radnor (o Ted Mosby de “How I met your mother”). Os filmes possuem certas semelhanças, sendo que os dois se baseiam nas relações entre um homem e uma garota mais jovem - relações essas que são platônicas, baseadas na palavra e no diálogo, e não na relação física entre ambos. Contudo, o que mais me chamou a atenção na crítica escrita por Ebert em 2012 (e que eu li antes de assistir ao filme - na verdade,

me decidi pela película justamente por ter ousado a leitura) foi o modo como ele abriu e fechou seu texto: “Josh Radnor's "Liberal Arts" is an almost unreasonable pleasure about a jaded New Yorker who returns to his alma mater in Ohio and finds that his heart would like to stay there. It's the kind of film that appeals powerfully to me; to others, maybe not so much.” E, por fim: “There is a word to explain why this particular film so appealed to me. Reader, that word is "escapism." If you understand why I used the word "reader" in just that way, you are possibly an ideal viewer for this movie.”. Eu rapidamente me reconheci no leitor ideal de Ebert e, a partir desse momento, soube que “Liberal Arts” era para mim. Afinal de contas, até hoje não deixei a universidade - e não sei se um dia deixarei. Aliás, todo o escapismo e nostalgia que caracterizam a obra devem ter mexido muito com o crítico, que, vítima de um câncer, há alguns anos vivia sem a parte inferior de sua mandíbula, incapacitado de falar ou se alimentar (ele morreria no ano seguinte, 2013). Há duas cenas do filme que gostaria de comentar (ou apenas narrar, para ser mais preciso). Na primeira, o protagonista conversa com seu antigo professor, que está em vias de (relutantemente) se aposentar. O docente diz que nunca deixou de se sentir como tendo 19 anos, o que, ainda mais quando se leva em conta o fato de que passa a maior parte de seu tempo com pessoas dessa idade, exige que ele reiteradamente se lembre de que não é um desses jovens. Ele é um adulto - um idoso, até -, mas nada aconteceu de substancial para que ele se sentisse ou se visse como tal. Na segunda, mais uma vez o protagonista está num bar com algum mestre de seu passado. Dessa vez, contudo, se trata de uma professora; ela, diferentemente do outro docente, que se tornou um bom amigo após a formatura, sequer se recordava do personagem principal. Enquanto ele fala entusiasticamente das aulas que ela ministrava e dos autores que ela o levou a ler, a professora parece pouco se importar - na verdade, ela só está em busca de sexo casual. Há algo de mecânico na maneira como ela passou a encarar a vida de intelectual. “Você já foi a uma reunião de departamento?”, diz, diante do espanto do protagonista com seu grande desencanto.”<sup>46</sup>

---

<sup>46</sup> Trecho integralmente retirado do diário escrito por Ícaro.

Destaco essa escrita empreendida por Ícaro, pois ela realmente foi ímpar nos diários, por seu encadeamento de referências e até detalhamento das obras. E isso se repete por muitas vezes, o que me deixa quase ansiosa para que ele escreva sobre a próxima coisa.

Como é possível perceber, muito do que Ícaro consome é considerado “*cult*” ou clássico de alguma forma, inclusive essa é a proposta da plataforma MUBI, explorada por ele ao longo do período do campo (o único entre os sujeitos que a menciona, inclusive), ela tem a frase “*Assista a filmes escolhidos a dedo*” na página inicial de seu site, reforçando seu status de curadoria especializada e diferenciando-se de suas concorrentes. Ícaro até acha o discurso da empresa meio pretensioso, mas não deixa de consumi-la por isso. Para além desse catálogo especializado, ele também consome produtos que se tornaram *cult* ou clássicas pelo tempo e pioneirismo, como a série inspirada no filme de terror *trash*, *Evil Dead* (que lhe atrai por conta do diretor) e a série *Arrested Development*, ou, ainda, que assim são consideradas por um nicho, como o anime *Serial Experiments Lain*.

Muitas das suas escolhas diante da tevê são orientadas, também, pela sua nostalgia, um sentimento bastante frequente tanto na sua escrita quanto na sua fala. Ela se manifesta de diversas formas, como quando assiste programas que saíram do ar, quando procura pequenos cliques de novelas que amava na infância, quando revisita a obra de um diretor por conta de uma produção que lhe marcou a adolescência, quando apenas reassistiu um filme para poder se lembrar, enfim, Ícaro está sempre comentando sua infância, sua adolescência, as cidades que morou e as pessoas que conheceu. Tudo isso se emaranha, também, nas suas ideias de “clássicos”, afinal, algumas obras tiveram que passar pelo cunho do tempo para serem vistas de forma prestigiosa. É curioso como Ícaro se engaja pouco com o que é contemporâneo.

Por fim, há o *camp*<sup>47</sup>. Numa intenção óbvia de tentar não se render a hierarquias culturais e de gosto, Ícaro consome alguns produtos quase que de forma “irônica”, distanciando-se dos engajamentos “alienantes”, porém aproveitando ali do entretenimento e da sociabilidade consequente, são coisas que o fazem rir e que ele gosta de, teatralmente, comparar com seu repertório de clássicos (e armazená-las, mentalmente, lado a lado) e seu conhecimento acadêmico e literário. São obras de pouca qualidade criativa e inventiva e que Ícaro não gasta muito tempo escrevendo sobre, apesar de serem bastante comuns em seu cotidiano e em suas conversas. Assim funciona com o *Big Brother Brasil* e até com algumas comédias estadunidenses.

A mim, o tempo livre de Ícaro e sua televisão parecem indubitavelmente distintos.

---

<sup>47</sup> Ver página 49.

## **8.4 Epílogo**

Com o novo apartamento escolhido, papéis em ordem e data de mudança marcada, Ícaro se prepara para sair da república e, enfim, morar sozinho. Porém, às vésperas desse evento, recebe um e-mail do seu departamento de pós-graduação oferecendo-lhe uma bolsa de estudos e, após matutar sobre o assunto e conversar com seus pais e amigos, decide aceitar. Assim, do dia para a noite, pede demissão, retorna ao estado de São Paulo, numa cidade não tão pequena mais e aluga um apartamento mobiliado (só “falta” a máquina de lavar, mas Ícaro diz não se importar de esfregar suas roupas debaixo do chuveiro). Sente falta de muitas coisas, mas nada se compara à benesse de não precisar “trabalhar”.

## 9. ANÁLISES E ATRAVESSAMENTOS: O alcance e recorrência do desempenho

Finalmente, organizo num quadro comparativo alguns aspectos principais da minha proposta, a fim de ponderar a potência da sociedade de desempenho e seu enfrentamento a partir dos dados disponibilizados pelos sujeitos e da análise interpretativa desenvolvida ao longo dos últimos capítulos. Para isso, destaquei, primeiramente, três aspectos principais da teoria de Han (considerando as obras aqui trabalhadas: 2015, 2018, 2019, 2021a) para pensar os sujeitos em seus pontos comuns: auto coerção inconsciente, ausência de conclusão e individualismo/“liberdade” individual. Seguidos pelas ramificações subjetivas do desempenho e categorias referentes ao uso social da televisão e do tempo livre.

Quadro 1 - Recorrências do desempenho

<b>Pilares da teoria de Byung-Chul Han (2015, 2018, 2019, 2021a)</b>						
	Elisa	Lorenzo	Juarez	Júlia	Rita	Ícaro
Auto coerção inconsciente <sup>48</sup>						
Ausência de conclusão <sup>49</sup>	x	x	x	x	x	x
Individualismo/ “liberdade” individual <sup>50</sup>	x	x		x	x	x
<b>Aspectos subjetivos</b>						
Culpa/ frustração <sup>51</sup>	x	x	x	x	x	
Adoecimento <sup>52</sup>	x	x	x	x	x	

<sup>48</sup> Ver página 25.

<sup>49</sup> Ver páginas 25, 27 e 35.

<sup>50</sup> Ver página 24.

<sup>51</sup> Ver página 26.

<sup>52</sup> Idem.

Aprimoramento pessoal <sup>53</sup>	x	x	x	x		x
<b>Relativo ao tempo livre e à televisão</b>						
Distinção <sup>54</sup>	x	x	x	x	x	x
Utilitarismo <sup>55</sup>	x	x	x	x	x	x

Início pela “*auto coerção inconsciente*”, que é a ideia de que o indivíduo explora a si mesmo sem se dar conta da (ou criar qualquer tipo de defesa para) violência que vem de si, em outras palavras: “O sujeito submisso não é nunca consciente de sua submissão” (HAN, 2018, p. 26). De acordo com a teorização de Han (2015, 2018), essa é uma coação repleta de positividade o que nos torna especialmente vulneráveis diante dela. Ela se disfarça sob a máscara de uma suposta liberdade e autonomia. Ou seja:

“Hoje, vivemos numa época pós-marxista. No regime neoliberal a exploração tem lugar não mais como alienação e autodesrealização, mas como liberdade e autorrealização. Aqui não entra o outro como explorador, que me obriga a trabalhar e me explora. Ao contrário, eu próprio exploro a mim mesmo de vontade na fé de que possa me realizar. E eu me realizo na direção da morte. Otimizo a mim mesmo para a morte. Nesse contexto não é possível haver nenhuma resistência, levante ou revolução.” (HAN, 2015, p. 70)

E, assim, esse manejo de si como projeto viria acoplado à realização do “sujeito livre” Para esse conceito, não assinalo nenhuma das pessoas, pois apesar de todos (excetuando Ícaro) apresentarem atos de auto coerção voltados ao desempenho, isso não é feito de forma inconsciente ou de boa vontade, pelo contrário. Além dos sujeitos estarem cientes dessa pressão auto incutida, eles tentam, de alguma forma, “equilibrar” (se é que há medida ideal para desempenho ou qualquer outro aspecto de nossa vida, mesmo que a mim pareça evidente a crença deles nisso) a própria cobrança no dia a dia ou, pelo menos, amenizá-la para desviar de adocimentos e estafas. O que, muitas vezes, acaba ocorrendo por meio da intervenção de tratamentos e terapias. O que quero dizer é que eles veem essa auto coerção de desempenho

---

<sup>53</sup> Ver página 25.

<sup>54</sup> Ver páginas 37, 46 e 52.

<sup>55</sup> Ver página 37.

mais como uma obrigação do que como a expressão de uma liberdade e, sobre isso, estão bastante cientes (diria que até mesmo Júlia)

Elisa busca tratamento para seu *burnout* e estabelece pequenos limites para que não sucumba a sua própria necessidade de perfeição. Lorenzo, próximo da exaustão e frustração, decide romper com a ideia de que todo o tempo deve ser dedicado ao trabalho acadêmico, ele ainda objetiva desempenho e aprimoramento, mas está consciente de seu próprio papel nisso e tenta manipulá-lo. Juarez, em sua cidade de trabalho, para o bem ou para o mal, se arrepende constantemente da quantidade de trabalho que se propõe a fazer e admite que erra em seus cálculos de rotina, está quase sempre exausto e sabe muito bem o porquê. Júlia reclama regularmente do seu cansaço e da quantidade de coisas que se impõe quando elabora suas metas intermináveis, ela se dá folgas e pequenas recompensas, ciente de que esse morde e assopra vem de si para si. Rita, mais do que todos os outros, está sempre negociando consigo mesma esse auto perdão e autocompreensão que combata a autocobrança. Essa consciência do algoz de si é o primeiro motivo pelo qual não assinalei quadro algum dessa categoria.

O segundo é que a coerção para o desempenho, e me sinto um tanto ousada em dizer isso, parece não vir apenas de si para si. É óbvio que o indivíduo (re)produz essa violência, mas, ao mesmo tempo, são inúmeros os exemplos de quando a expectativa alheia foi o principal agente de desconforto e pressão, se manifestando por meio de orientadores, professores, chefes ou família. O desempenho parece uma expectativa geral (talvez por que nós travamos nossas próprias competições internas e acreditamos que todos os outros devem fazê-lo também?) e isso é algo completamente rejeitado por Han (2015, 2018) que afirma repetidamente que a concorrência parte do próprio eu e que o sujeito de desempenho não se submete a nenhum outro, afinal o reconhecimento de um “outro” seria, justamente, a maneira de reconstruir a coletividade. Mas o que dizer quando o tal “outro” espera que estejamos nesse movimento de desempenho? Não pretendo tornar essa análise psicologizante e conjecturar sobre os efeitos e desdobramentos da mente do indivíduo ou tentar descobrir que tipo de pressão prepondera ou dá origem a outra. O fato é que há uma expectativa geral de que todos estejam ativamente buscando desempenho, almejando objetivos, ascendendo, acumulando capitais, enfim, se otimizando, e essa expectativa deve ser satisfeita pelos sujeitos individualmente.

Quanto a Ícaro, considero que há aprimoramento pessoal em suas práticas, mas não uma auto coerção de desempenho (muito menos inconsciente), apenas uma autodisciplina (também consciente) que ele impõe a si mesmo para a construção do seu estilo de vida. Ícaro não expressa

qualquer insatisfação consigo mesmo ou seu nível de produtividade, pelo contrário, quanto menos produtivo, melhor.

Passo, agora, à “*ausência de conclusão*” e, dessa vez, assinalo todos. Essa é a ideia de Han (2019) de que tudo que se acelera, não se conclui. O tempo acelerado por nós se torna fragmentado e desconexo, somos incapazes de focar em algo e de encerrar ciclos. Esse termo que selecionei também faz referência à busca sem fim e sem resultado que Han (2015, 2018) prevê para o sujeito de desempenho e o condena a uma eterna ausência de plenitude. Desse modo, o que me parece é que os sujeitos dessa dissertação estão sempre “em aberto”, agarrando “oportunidades” periféricas, reorganizando suas rotinas sem nunca satisfazer-se com elas, escrevendo sem nunca apreciar ou dar-se por satisfeito com seus próprios trabalhos, remoendo seus empregos e esperando melhores, investindo em seus corpos eternamente, avaliando-se todos os dias quando acordam até a hora em que dormem... Tudo parece questão de encontrar o encaixe perfeito de tempo e trabalho e, enfim, a rotina fluirá com a perfeição e tranquilidade de uma brisa, mérito do próprio sujeito que soube exatamente como dispô-la e agora pode aproveitar tranquilamente seu ascender social e seu aprimoramento... Como se tal coisa fosse possível. Sou cética quanto a ideia de que a solução de tudo seria acordar mais cedo, ter se dedicado mais, ler mais livros ou ver menos tevê. Mas independente do que acredito, os sujeitos parecem acreditar num cotidiano ideal e, enquanto isso for uma possibilidade para eles, continuarão a matutar e se reorganizar almejando-o sem nunca concluir ou deixar de se lamentar.

Mais uma vez, como era de se esperar, Ícaro é a exceção. Vejo a inconclusão no seu eterno manejo do estilo de vida minimalista. Sempre há o que diminuir ou uma coisa nova a ser aprendida para aproximá-lo do ideal (que, em termos práticos e diretos, nunca realmente me descreveu do que se trata). Para isso, estuda, pesquisa e treina a si mesmo para novos hábitos. Afinal, quão minimalista podemos ser até que atinjamos um ponto do qual não podemos ou queremos passar? Por não poder responder essa questão, o assinalo ausente de conclusão.

Enfim, “*individualismo/ “liberdade” individual*”, e talvez esse seja o pilar mais fácil de argumentar e, ao mesmo tempo, o mais complexo se tratando do contexto e das técnicas empreendidas nessa pesquisa. Para Han (2018) só há liberdade real e plena na coletividade, isto é, só é possível ser feliz ao estar junto, assim, numa noção bastante marxista, a liberdade individual seria apenas uma ferramenta que serve a ludibriar: “Na livre concorrência, não são os indivíduos que são liberados, mas o capital” (MARX, 2011, p. 315 apud. HAN, 2018, p. 13). Além disso, Han (2015, 2018) prevê um indivíduo bastante centrado em si e no próprio

desenvolvimento como projeto, ou seja, não há ideia de classe ou comunidade, “cada um possui seu próprio meio de produção [si mesmo]” (HAN, 2018, p. 15). Da mesma maneira, a percepção de De Certeau (2016) com relação as ideologias liberais e o capitalismo é a de que esse sistema exacerba o individualismo e, mais do que isso, considera esse o único jeito de enxergar os conflitos e a história: como consequência de vontades individuais.

É importante lembrar, ainda, que o tempo de pandemia foi, de certa forma, solitário. Individualismo não é sinônimo de solidão, mas como ignorar o fato de que assistimos aulas sozinhos, trabalhamos sozinhos e vimos tevê sozinhos? É de se imaginar que a coletividade perca, em alguma medida, sua potência de mobilização quando as instituições responsáveis pelo laço social (relembrando Wolton (1996)) estão de portas fechadas e os mais corriqueiros encontros estão impedidos. Em segundo, eu mesma não estive em campo analisando-os coletivamente enquanto grupo, os sujeitos não correspondem a uma comunidade ou uma associação organizada, não me foram apresentados como uma equipe de interesse comum ou um objetivo coeso. São avulsos, como eu<sup>56</sup>. E essas são as razões contextuais, mas não definidoras.

O que determina o meu reconhecimento dessa categoria em quase todos os sujeitos são suas ações essencialmente voltadas para si e seus objetivos e ambições individuais. Até mesmo Ícaro, com seu estilo de vida que intenciona enfrentar o capital, o faz de forma velada (ele me diz que as pessoas do seu trabalho, por exemplo, não precisam saber que ele tem poucas roupas e nenhuma geladeira) o que o torna um tanto insignificante coletivamente e não mobiliza a construção de uma comunidade ou uma classe. Assim, os sujeitos restringem seu interesse social ao uso de *ecobags* ou alimentação orgânica, pouco (e em alguns casos até nada) é movimentado para além dos interesses individualizantes e seus projetos de si. Afinal, quem tem tempo para isso? Até mesmo Lorenzo em sua prática acadêmica ideológica está mais preocupado nos embates de autonomia e liberdade individual com sua orientadora. Tudo parece orbitar o ego.

O único que resta parece ser a intenção da prática profissional de Juarez, porém ela está em frangalhos pelo seu cansaço e pela demanda exagerada das escolas. Não sei quanto ainda resta, mas há algo de coletivo nisso se articulando com o individualismo da sobrecarga e do

---

<sup>56</sup> Essa fixação pelo “eu” parece denunciar minha imaturidade acadêmica, meu fracasso em construir cientificidade por meio da minha escrita ou minha arrogância em achar que “eu” posso gerar algum tipo de interesse ou analisar qualquer tipo de coisa. Munida de autoridade alguma. Entretanto, fico pensando: posso falar de individualismo sem admitir que, eu mesma, estou preocupada comigo e meus achismos mais do que qualquer outra coisa?

aprimoramento que apenas o impedem de trabalhar politicamente como gostaria (ou de viver o ócio e a contemplação). Não o assinalo nessa categoria, mas creio que poderia devido ao quão abatido ele se descreve, o que me leva a pensar que esse movimento de coletividade talvez habite mais a sua cabeça do que sua sala de aula. Enfim, dou-lhe o voto de otimismo que ele endereça a todos.

### **9.1 Aspectos subjetivos**

Nessa categoria reuni os desdobramentos e consequências do desempenho, ainda no âmbito da individualidade. “*Culpa e frustração*” é algo recorrente nas observações de si empreendidas pelos sujeitos, há sempre um certo arrependimento sobre o que se poderia ter feito (culpando-se pelas próprias insatisfações e escolhas do passado), remorso por um tempo gasto e mal investido, insatisfação com os mais variados resultados, disciplina para tentar remediar os efeitos das antigas frustrações... Enfim, os sujeitos estão num eterno tricotar de culpa e frustração com alguns mecanismos para desviar delas, como as terapias e as pausas indulgentes na produtividade. Para Han (2018) essa seria a maneira do neoliberalismo reforçar seus aspectos individualizantes, afinal, o problema partiria sempre do próprio indivíduo e não do sistema como um todo (o que impede a mobilização coletiva de revolução). Nesse quesito, creio que, retomando as primeiras análises desse capítulo, os sujeitos apontem diversos culpados para seus próprios sentimentos melancólicos e angustiantes de incompetência ou insuficiência, porém, é fato que isso não dissolve o principal: culpar-se e frustrar-se como se coubesse a si mesmo ter se gerenciado ou agido de outra forma.

Excetuando, mais uma vez, Ícaro.

A consequência e o acúmulo da culpa, da frustração e do fracasso, para Han (2015, 2018) é, portanto, o “*adoecimento*” que se manifesta, por exemplo, através da depressão, do *burnout* e da ansiedade. Aqui meu critério foi bastante óbvio já que a maioria dos sujeitos tiveram de tratar essas enfermidades por meio de terapia e, algumas vezes, medicamentos. Não quero afirmar que todos aqueles que adoecem devem isso ao desempenho neoliberal, mas Han (2015, 2018) é categórico em relacionar esses fatos e, tendo em vista a grande incidência no meu campo (eu inclusa), achei por bem fazê-lo.

Excetuando, novamente, Ícaro.

Para encerrar essa sessão diretamente relacionada aos conceitos de Han (2015, 2018, 2019, 2021a), o “*aprimoramento pessoal*” que nada mais é do que aquilo que impulsiona (e se

ambiciona) na assimilação de todos os conceitos anteriores ou que se esgota e origina culpa, frustração e adoecimento. O aprimoramento pessoal pode se dar de muitas formas, desde o lazer erudito e enobrecedor, o culto à estética e ao corpo, o acúmulo de atividades, títulos e recompensas, a produtividade excessiva para além do expediente, isto é, o empreendimento interminável de se tornar a melhor versão de si mesmo em quantos aspectos forem possíveis.

O aprimoramento pessoal, portanto, seria uma meta inalcançável (quando que alguém se torna “bom o suficiente”?) e uma corrida acelerada e ansiosa para a qual não há sucesso possível. Elisa, apesar de seu imposto tempo livre, precisa concluir o doutorado, precisa praticar mais atividade física, precisa investir tempo e dinheiro em suas habilidades culinárias e precisa voltar a ler livros e terminar seus artigos. Todo esse “precisar” é uma coação dela para ela mesma na tentativa de otimizar-se e “desenvolver-se”, tornando-se a melhor Elisa possível. E isso se repete constantemente nos demais sujeitos, até mesmo Ícaro, capaz de desviar de algumas categorias, controla rigidamente suas atividades para aprimorar suas condições físicas e estéticas. Assim, o aprimoramento não se encerraria ou conquistaria coisa alguma, isso porque, segundo Han (2018) ele seria apenas um dos mecanismos de funcionamento do sistema e, por isso, “fazer de si uma obra de arte é uma aparência bela e enganosa que o regime neoliberal mantém para explorá-lo por inteiro” (ibid., p. 44). Ou seja, ele é auto coercitivo, inconclusivo e, principalmente, individualista.

Dessa vez a exceção é Rita, que apesar de se utilizar de preceitos de distinção (como explicarei a seguir) e estar envolvida nos pilares principais da teoria de Han (2015, 2018, 2019, 2021a), não ambiciona mudar ou aprimorar coisa alguma. Sua terapia serve, exatamente, para aceitar-se e, apesar das frustrações e da culpa, dar-se por satisfeita com quem é e as escolhas que fez.

## **9.2 Relativos ao tempo e à televisão**

Aqui exploro categorias que associei à teoria de Han (2015, 2018, 2019, 2021a) ao longo dessa dissertação, principalmente no que tange ao tempo livre e à televisão. A “*distinção*”, para começar, é apreendida do conceito de Bourdieu (2007) com suas ideias de gosto e capital escolar que articulo com a noção de qualidade. Quando apresentei esses enlaces na teoria, eles representavam apenas uma possibilidade, porém o campo a mostrou de forma recorrente e unânime (ainda que expressas de formas diferentes), isso porque todos os sujeitos dividem a tevê entre o entretenimento de pouca qualidade que apenas “diverte” e não pode ser levado a

sério ou analisado utilizando os códigos valorativos de técnica, criatividade, originalidade etc., muito menos se dão ao trabalho de conhecer seus bastidores; e aqueles que, verdadeiramente, merecem atenção e reflexão. Ao assistir tais programas (pouca qualidade), os sujeitos traçam limites do quanto podem, de fato, se engajar neles para não se tornarem (ou serem vistos como) parte da sua “audiência” efetivamente. Apesar de nunca terem definido quem são as pessoas que compõem a dita “audiência” em seus imaginários, frases como “eu não era (ou não sou) uma pessoa de assistir ao BBB” se repetem frequentemente e demonstram que há uma distinção. Ao mesmo tempo, reservam seus comentários e análises mais elaboradas para os filmes e séries que consomem, principalmente, por meio dos serviços de *streamings*, esses, sim, merecendo cuidado e concentração no momento que os registram no diário ou que conversamos, para isso se utilizam de todo seu repertório previamente construído para catalogá-los e julgá-los, reparando, ainda, em seu elenco e diretor. Além disso, vários demonstram uma grande preocupação de que essa “audiência” (da qualidade baixa) seja composta por pessoas ingênuas e influenciáveis que, de forma passiva, reproduzirão aquilo que assistem e, portanto, a mídia (mais especificamente aquela que é facilmente acessada por meio da tevê aberta) seria uma ferramenta de manipulação e controle, mas que não atingiria esses sujeitos que narram. A preocupação é com um outro que, privado de pensamento crítico, supostamente assiste tais programas com uma seriedade que este não merece. Entretanto, qualidade (ou legitimidade) não é um valor inato ao produto, ele é atribuído pelos sujeitos e seus usos, ou seja, “o valor das artes, gêneros, obras e autores depende das marcas sociais que lhes são conferidas em cada momento” (BOURDIEU, 2007, p. 83). Desse modo, o que os sujeitos estão fazendo é atribuir um certo nível de vulgaridade para essa mídia acessível e, conseqüentemente, para a audiência dela da qual não se consideram participantes reais.

Para além desse consumo distanciado, há ainda os sujeitos que relegam a própria televisão a um local de pouco prestígio que não serve como investimento de tempo ou *hobby*, a veem apenas como uma distração passiva e inerte, incapaz de agregar ou aprimorar o indivíduo, isto é, inútil e, por isso, descartável. Ou ainda, que limitam seu tempo diante dos programas a fim de não se deixar levar por essa atividade pouco enobrecedora.

Assim, tratam a distinção como prevê Bourdieu (2007) e sua teoria do gosto (e que está intimamente ligado ao capital embutido no diploma, apesar de isso não ter sido tratado diretamente no campo e exigir, imagino eu, um estudo comparativo) que, nas observações e narrações de si no cotidiano, traçam suas diferenças e justificativas, como se houvesse uma

postura ideal a ser correspondida. Enfim, um sujeito que saberia dar valor ao que é útil ao invés de se dedicar a futilidades.

E, então, chego ao “*utilitarismo*”, uma categoria periférica para Han (2015, 2018, 2019, 2021a) que apesar de não ser tratada de forma direta pelas obras aqui analisadas, faz todo sentido quando vejo as falas dos sujeitos em campo em cruzamento com a escrita de Krenak (2020). É óbvio que existe o inútil no cotidiano (como tratarei na sessão seguinte), porém também é evidente o poder que o “útil” exerce nas escolhas e descrições do sujeito. Afinal, o que é útil, não precisa de longas justificativas. O utilitarismo no trabalhar mais, “se cuidar” mais, consumir obras e produtos que agregam culturalmente, elaborar um estilo de vida que possua um objetivo, ambições, planos, metas etc. Tudo orbita ao redor da utilidade, como se estivessem constantemente pesando o valor da serventia e do tempo gasto em cada uma das atividades.

O mesmo se estende para a televisão que, muitas vezes, cumpre um propósito bem definido como aumentar repertório e “cultura”, integrar-se aos clássicos, compreender o social (por exemplo, Rita que assiste aos noticiários para tentar entrever as entrelinhas do que a mídia quer que as pessoas vejam) ou, até mesmo, rejeitá-la por se tratar de uma mídia inútil ao crescimento pessoal, ou seja, de pouco valor e qualidade em comparação a outras atividades.

Dessas duas últimas categorias do quadro 1, não escapa ninguém. Até mesmo Ícaro embute suas práticas de autodisciplina para um fim útil traçado por ele mesmo. Acredito que são maneiras de ver o desempenho de forma expandida à teoria de Han (2015, 2018, 2019, 2021a).

### **9.3 Cultura plural: (tentativa de) corrupção do desempenho**

Após explorar o quadro de potências e ramificações do desempenho, pretendo, agora, tratar das tentativas de corrupção desse modelo societário que coexistem com sua prática. Essa é uma empreitada delicada, pois, mais uma vez, me perei em discordância de Han (2015, 2018, 2019, 2021a) já que ele argumenta que todo tempo livre gasto para atividades mais elevadas ou para recuperar a força produtiva é um tempo submetido ao capital<sup>57</sup>. Ou seja,

“Também o relaxamento é apenas uma modificação do trabalho, na medida em que serve para a regeneração da força de trabalho. A recuperação não é o

---

<sup>57</sup> Ver citação, página 34.

outro do trabalho, mas o seu produto. Também apenas a desaceleração ou lentidão não podem gerar outro tempo. Ela é, igualmente uma consequência do tempo de trabalho acelerado. Ela apenas desacelera o tempo de trabalho, em vez de transformá-lo em outro tempo” (HAN, 2019, p. 34)

Desse modo, me parece que Han (2015, 2018, 2019, 2021a) não reconhece tempos de não-trabalho (ou livres do capital) na contemporaneidade, o que me coloca numa situação de confronto a sua teoria. Afinal, quando estaríamos, então, usufruindo de tempo livre, ócio e festa? Acredito que não é verossímil crer numa ruptura tão drástica capaz de mudar completamente nossas ideias de uso do tempo (e no caso dessa dissertação, da tevê) de uma só vez sem que antes tenhamos empreendido pequenas tensões disruptivas na sociedade de desempenho. E é o que argumento ter visto no campo.

Por isso, no quadro a seguir, listo alguns dos aspectos principais das obras de Han (2015, 2018, 2019, 2021a) quanto ao enfrentamento do modelo social neoliberal do desempenho, pautada por noções que me parecem mais razoáveis e compatíveis com as formulações teóricas e os dados colhidos, através da costura com as teorias de De Certeau (2014, 2016).

Quadro 2 - Cultura plural

<b>(Tentativa de) corrupção do desempenho</b>						
	Elisa	Lorenzo	Juarez	Júlia	Rita	Ícaro
Ociosidade <sup>58</sup>					x	x
Movimento de coletividade <sup>59</sup>			x			
Festa/algazarra <sup>60</sup>	x		x			x

Início pelo “ócio” que “tem um significado de oposição à vida ativa, pois implica estar livre da necessidade de estar ocupado” (SANTOS FILHO, 2004, p. 159). Confesso que essa é a categoria mais difícil de delinear empiricamente, como já disse antes, o trabalho e sua extensão parecem tão fáceis de serem vistos em comparação ao ócio, o descanso e a preguiça...

<sup>58</sup> Ver páginas 36, 42 e 43.

<sup>59</sup> Ver página 42.

<sup>60</sup> Ver páginas 27, 29, 33, 42 e 54.

O ócio implica num tempo não apenas de pausa, mas de contemplação e acredito que é isso que o diferencia da festa e da celebração: seu caráter silencioso e privado. É o oposto do que não conclui, do que causa culpa ou do que renova as forças de trabalho. Entretanto, não se trata dum acaso, mas de uma reação política, fruto da necessidade do ócio para se viver, ao invés de apenas sobreviver sob o jugo do neoliberalismo. Semelhante a Lafargue (2003) que a compreende (por meio da preguiça) como uma força de oposição e emancipação do trabalho com relação ao capital. Enfim, é um tempo bastante subjetivo cujas descrições são simples e diretas o que deixa grande espaço para interpretações e rearranjos que façam sentido no contexto pesquisado. Para Han (2018), o ócio bebe da fonte da inutilidade, são atividades casuais e despropositadas em que reina a contemplação e que, por isso, é a origem do verdadeiro pensamento criativo. Dito isso, prevejo o ócio (ou o medo de vivenciá-lo para aqueles que não se permitem operar fora do desempenho demasiadamente) como um momento de “não desempenho” mais plausível durante a pandemia<sup>61</sup>, já que a festa, para ser possível, teve de ser transmutada e reduzida (ou até restrita). Além disso, o ócio parece navegar entre o individual e o coletivo, isso porque ele é um momento solitário de tédio e preguiça, pode ser praticado sozinho e o que o difere do descanso que serve apenas para renovar a força de trabalho é a própria maneira que o sujeito encara e vivencia aquele momento, algo demasiadamente pessoal (sorte a minha que esse trabalho de classificação se torna mais simples quando minha fonte é a observação e reflexão de si empreendida pelos sujeitos). Entretanto, como considerá-lo uma força de emancipação do produtivismo neoliberal se não agir coletivamente? Por isso mesmo, creio que o ócio só faça sentido quando é experimentado na cumplicidade dos sujeitos em subverter o trabalho. Isto é, a preguiça é um direito de classe, como defende Lafargue (2003) e, portanto, não haveria mudança social se apenas um único sujeito estiver convencido disso.

Feitas essas breves considerações e retomada de conceitos, assinalo Rita no que compreendo como ociosidade. Isso porque seu sagrado intervalo de almoço “é direito conquistado”, como ela mesmo diz, ou seja, é uma interrupção política do tempo de trabalho e que comporta apenas preguiça. Assiste ao BBB, mas, ao mesmo tempo, cochila, pausa, olha para o teto, enfim, essa suspensão não diz respeito a assistir alguma coisa exatamente ou realizar

---

61 Isso não significa ignorar a ubiquidade do trabalho na pandemia, uma potência maçante que, na maioria das vezes, oprimiu o que eu chamaria de ócio no campo. Como escreve Han (2015): “Na época do relógio de ponto era possível estabelecer uma clara separação entre trabalho e não trabalho. Hoje edifícios de trabalho e salas de estar estão todos misturados. Com isso torna-se possível haver trabalho em qualquer lugar e a qualquer hora. Laptop e smartphone formam um campo de trabalho móvel.” (p. 70)

a sesta, mas, sim, ao ato de parar (sem qualquer culpa) o trabalho. Ela não coloca condições e não barganha essas horas consigo mesma, é um momento que independe do quanto foi produtiva, ele não é útil ou enobrecedor e seu único fim é servir a isso: preguiça e despropósito. Seguido por sua única justificativa que é a de que o trabalho necessita ser pausado, é seu direito. Rita o define, portanto, coletivamente, ao dizer que é uma prerrogativa de classe. Assim, é como se evocasse um laço social e uma cumplicidade que, ao partir de um ócio individual e privado, vislumbra tanto outros sujeitos ociosamente usufruindo desse tempo. É significativo, ainda, que tal momento seja ocupado pelo programa mais recorrente dessa pesquisa, o BBB, um ponto bastante comum na vida pandêmica e que, parece, manteve vivo algum tipo de socialidade festiva, mas disso falarei mais para frente.

E, para encerrar esse breve tópico, Ícaro não narra exatamente momentos de ócio e preguiça, mas esse parece ser seu objetivo (o infiro por meio de suas descrições bucólicas de um futuro e uma velhice), talvez ele já o vivencie e minha pesquisa não tenha sido capaz de alcançar todos esses aspectos, assim, assiná-lo seu ócio como uma possibilidade de tardes preguiçosas tomando uma cerveja e noites despreocupadas de televisão.

A “*coletividade*”, ela é um oposto do individualismo que desenvolvi anteriormente e, portanto, um quadro complementa o outro, desse modo marco apenas Juarez por sua ideologia da prática docente, isso porque, como critério, resolvi considerar apenas aqueles que diretamente intentam mobilização coletiva das pessoas. Desse modo, Juarez parece ainda mais próximo das ideias de Han (2015) que preveem a verdadeira liberdade e felicidade (em oposição à “liberdade” individual que serve apenas para ludibriar) como uma consequência do bem-estar coletivo e do pensamento em comunidade. Juarez narra sua empreitada e suas inseguranças rumo a tal felicidade e satisfação pessoal e se deixa morrer na praia justamente pela opressão do desempenho que aniquila a si mesmo e faz com que prevaleça as práticas individualistas. Para Han (2019), a sociedade de desempenho desintegra o outro (e, conseqüentemente, a alteridade) e nossa relação com ele, afinal, como poderíamos ser nossa versão aprimorada se nos distrairmos com o tempo que não é apenas o tempo do “eu”? É isso que me parece massacrar a prática profissional de Juarez que, em algum momento, se intentou ideológica e comunitária. Acredito que posso, até mesmo, ousar dizer que a própria pedagogia foi assimilada pela agência do desempenho e da inconclusão, tendo em vista as demandas que Juarez recebe numa produção sem fim para estudantes que, aparentemente, também não pausam ou se mobilizam, mas isso

são apenas conjecturas<sup>62</sup>. Enfim, o assinalo nesse quadro mais pelas suas intenções do que por suas práticas. Dessa vez, numa aproximação curiosa às ideias de De Certeau (2016), no que diz respeito à sua crença na potência da docência e seu manejo como ferramenta para compreender e utilizar a informação que é adquirida fora dela (além de um certo otimismo e até paternalismo):

“De fato, entre os professores, desenvolve-se um espírito crítico. Este diz respeito, em primeiro lugar, à sua posição sociológica: é o resultado ideológico da sua situação de marginalizados. Os docentes não estão mais no centro da cultura, mas nas suas bordas. Embora ainda dependam da função de uma estrutura estática, podem encontrar assim o meio de tomar distância com relação ao imperialismo doravante vulgarizado pela publicidade ou pela televisão etc. Uma pluralidade de pontos culturais de referência pode, desse modo ser garantida.” (p. 139)

No entanto, nada disso me parece verificável para além da vontade (cansada e esgotada) de Juarez.

E, assim, chego à última categoria desse quadro e capítulo: “*festa/algazarra*”, que parece ser essa a principal forma de combater o desempenho e a aceleração inconclusiva do tempo, segundo Han (2015, 2018, 2019, 2021a). Entretanto, a utilizo nos termos de De Certeau (2016), para quem a festa é um despropósito marginalizado (isto é, inútil) que interrompe

---

62 Camozzato e Costa (2013), em seu artigo *Vontade de pedagogia*, elaboram argumentos próximos a isso. Afirmam que a pedagogia se multiplica para abarcar a pluralidade de forma que possa moldá-la, direcioná-la e educá-la às expectativas do modelo societário vigente (que, nesse caso, é o neoliberalismo). Isso significa dizer que há uma “vontade de pedagogia” que se traduz em um imperativo discursivo de aperfeiçoamento de si por meio das pedagogias contidas no consumo, nas instituições, nas mídias etc. que educam para as práticas convencionadas e fomentam a interminável procura pela pessoa perfeita neoliberal. Ou seja, a eterna aprendizagem impulsionada pelas pedagogias por meio do autogoverno. A vontade de pedagogia e a relação traçada pelas autoras com o capitalismo contemporâneo, a meu ver, se traduzem em um paralelo das facetas possíveis do capital que se reinventa para capturar os indivíduos sempre que parece esgotado, capitalizando justamente práticas que originalmente se diziam “anticapitalista” como o veganismo, o feminismo e a universidade. Assim, a pedagogia, que atua como ferramenta desse processo, também é múltipla e serve a esses propósitos capitalistas que se reconfiguram e se adaptam.

(mesmo que por pouco tempo) a norma do capital, sendo seu oposto necessário de liberdade e felicidade:

“Esse ‘luxo’ é algo sem o que não haveria experiência humana, a ‘loucura’ sem a qual não há razão. Talvez ele consista, simplesmente, para o trabalhador do Rio, em gastar a metade do seu salário anual durante o carnaval; para o apaixonado, em ‘não olhar os gastos’ para dar um presente. Para aquele que está em férias, em ‘esvaziar os bolsos’. (...) Então, malthusianismo do risco e da felicidade (que vão juntos) transfere para as férias a festa que é eliminada da vida política por motivos de rentabilidade econômica ou de segurança nacional. Então a festa se marginaliza. É reservada muitas vezes, atualmente, aos setores culturais; também eles próprios são invejados tanto quanto condenados pelos moralistas da ‘produção’ econômica ou sexual – ascetas, aliás hipócritas, pois seu trabalho obstinado é um de privilegiados, porém não confessados.” (DE CERTEAU, 2016, p. 53)

O que De Certeau (2016) faz é expandir a ideia de festa para algo mais coerente com a realidade cotidiana: um momento de sentimentos inflados, retido no presente, despropositado e malvisto pelos defensores da moral e da racionalidade plena. Nesse momento de isolamento e reclusão, opto por compreender a festa como os instantes (fisicamente privados, mas coletivamente compartilhados por meio do laço social, ainda que isso seja apenas uma característica e não o fim em si) inúteis de paixão e cólera que não comportam culpa ou cálculos minuciosos de tempo para valorá-los. Nesses instantes, arrisca-se não produzir o suficiente, não atingir metas e prazos, enfim, não corresponder às expectativas de desempenho e, principalmente, “intelectualizantes” (considerando o recorte dessa dissertação). Seu caráter popular, então, não se manifesta por meio da presença física da multidão (sequer tivemos carnaval nos anos de 2020 e 2021), mas por meio desse laço social empreendido na programação da tevê aberta que, muitas vezes rechaçada pelos sujeitos, é o ponto comum e acessível. Entendo que essa é uma manipulação teórica um tanto forçada (me defendo dizendo que qualquer ciência o é), porém, me deixo levar pelo campo e pela especificidade do momento em que vivemos, ciente de que, talvez, isso tudo se perca no retorno (ou na criação) de uma rotina que possamos chamar de “normal” e a festa passe ou volte a significar outras coisas. O fato é que se a festa é o oposto do trabalho e esse último estava em pleno vigor no isolamento social, então onde estava a festa? Ofereço uma resposta.

Assim, mesmo que Elisa justifique seu tempo livre como um fim útil ao seu tratamento, é no melodrama do BBB, que em nada acrescenta em sua formação (e por ser um tempo que, de certa forma, ainda serve a recuperar sua força de trabalho, provavelmente seria desconsiderado por Han (2019)) ou ao seu cuidadoso repertório de filmes e séries, que reside o seu tempo inútil e despropositado, do qual não abriu mão em nenhum momento, um oposto da imagem prestigiosa de acadêmica que cultivava para si. Enfim, mesmo envolto em justificativas e até de certa forma velado e cheio de limites, esse tempo junto à televisão são de pura emoção e interrupção de qualquer força produtiva que seja e, igualmente importante, sem qualquer culpa. Por merecimento, ou não, Elisa se embala na inutilidade e a consome avidamente. Juarez, por sua vez, tem a casa de sua mãe e o único tempo livre que investe sem se censurar por isso. Ao lado dela emprega um tempo sem propósito que o diverte (e algumas vezes até o irrita) em frente à tevê e passa horas imerso na novela e no BBB, os comenta e analisa, mas os deixa em sua cidade natal e volta para sua própria casa onde a televisão só tem vez por meio de clássicos. Juarez não é tão empolgado quanto Elisa ao falar desse tempo inútil, pelo contrário, acrescenta diversas reticências e críticas à cultura de massa e seu poder de manipular e desligar as pessoas. Ainda assim, se deleita com essas horas nada produtivas ou enobrecedoras. Ambos socializam animadamente ao redor desses assuntos com seus amigos.

Já Ícaro vive uma grande festa. Seu objetivo é poder ter a maior quantidade de tempo e dinheiro para gastar de forma despropositada, por isso, mesmo sendo individualista e utilitarista (a seus próprios fins), o considero uma pessoa que intenta ter a festa improdutiva como um estilo de vida por meio das tardes e finais de semana compartilhadas com amigos em bares sem contar dinheiro ou horas.

Quanto aos outros, eles organizam seu tempo (livre) por demais como recompensas de produtividade ou para fins úteis, por isso não posso dizer que se trata de festa já que são apenas uma manifestação direta do que Han (2018) descreve como *homo ludens*<sup>63</sup> (mais uma das facetas do desempenho e que acredito fazer todo o sentido nesse contexto) ou do utilitarismo que, como diria Krenak (2020), é apenas uma forma de barganhar a sobrevivência: “Nunca vai ocorrer um peixinho que o oceano tem que ser útil, o oceano é a vida” (ibid., p. 109). Assim,

---

<sup>63</sup> “Para gerar mais produtividade, o capitalismo da emoção também se apropria do jogo, daquilo que seria, na verdade, o *outro do trabalho* [destaque do autor]. Ele ‘gamifica’ o mundo do trabalho e da vida. O jogo emocionaliza e até dramatiza o trabalho, criando assim mais motivação. Através da rápida sensação de realização e do sistema de recompensas, o jogo gera mais desempenho e rendimento. O jogador com suas emoções está mais envolvido do que um trabalhador meramente funcional ou que atua apenas no nível racional” (HAN, 2018, p. 69)

mesmo não concordando completamente com Han (2019), creio que há alguma verdade de que nem todo tempo de lazer é livre dos pilares e ramificações do desempenho.

## **10. BREVE EXERCÍCIO AUTORREFLEXIVO: O peso da autoria, do afeto e da Academia**

“Estão olhando pra você, estão falando de você, a chuva é pra molhar você, a guerra é pra matar você, a reza é pra salvar você, cachorros latem pra você, estão pensando em você. Cuidado com você! (...) Olha para os outros e se vê, todos são espelhos pra você. Só pra você a vida corre, quando você dorme o mundo morre. Até você morrer.” (ANTUNES; BELOTTO; FROMER; MIKLOS, 2001)

Finalmente, após todas essas vidas vividas, reservo esse capítulo para realizar a escrita autorreflexiva proposta anteriormente, a fim de me localizar nesse campo bastante subjetivo e dependente das minhas relações pessoais. Falar de mim mesma é sempre um processo de constrangimento, é difícil entrever a linha tênue entre a análise e o ego. Mesmo assim, venho me colocando de forma bastante presente durante toda a escrita ao explorar meus trânsitos acadêmicos, histórias pessoais, afetos e, ainda, como um ponto de comparação em relação aos sujeitos. Isso porque creio que se advogo pela credibilidade da minha autoria e pela pessoalidade da produção acadêmica, devo me colocar como parte integrante desse processo dissertativo, mais um aspecto (ou uma variável) refutável.

A pandemia, em todos os seus horrores, pareceu rasurar todos os meus problemas, em meio à proliferação desenfreada do vírus e da morte, fomos aconselhados a nos isolar, cessaram as atividades presenciais, as aulas, os encontros, os trabalhos ditos “não essenciais”, determinaram medidas ainda mais restritivas aos grupos de risco (do qual eu faço parte). Isso também queria dizer que não havia mais tempo no ônibus, o cansaço das viagens a pé, acordar cedo para as aulas, o estresse do trânsito de carros e pessoas, a ressaca da vida noturna... Em muitos momentos, sequer distinguia os dias úteis dos finais de semana. O tempo passava a tomar contornos cada vez menos mensuráveis, estávamos diante de horror, morte e tédio. Afinal, estávamos em casa todos os dias, morriam-se todos os dias, assistíamos à tevê todos os dias (sou noveleira). O tempo e os desgastes da rotina, minhas maiores “desculpas” para minha inadequação acadêmica que se manifestava por meio de uma performance quase medíocre, agora assumiam formas que pareciam “ideais” ao desempenho: havia tempo de sobra e nenhum outro lugar para estar além da minha própria casa. Uma casa que eu conhecia há poucos meses,

um apartamento inteiro para mim, sozinha, que vim de uma região administrativa de Brasília (minha cidade natal) para Porto Alegre (uma cidade que eu não havia nem mesmo visitado antes disso) quando ingressei no mestrado da Ufrgs, em fevereiro de 2020. Assim, eu era um ser isolado, enlutado (e talvez coletivamente traumatizado?) preocupado em manter, não apenas uma normalidade, mas algo além disso: eu deveria evoluir, melhorar, me aprimorar... O tempo para isso me foi entregue, não havia mais a quem culpabilizar pela mediocridade. Pairava no ar a ideia de que, um dia, tudo isso ia passar e não poderíamos retornar à vida “comum” sendo a mesma pessoa mediana de antes. Não era tempo o que queríamos? Pois, então.

Ainda assim, eu não tinha do que reclamar. A pandemia abriu a ferida e expôs, de forma ainda menos polida, a desigualdade alarmante e a urgência de uma sociedade faminta e negligenciada por um capitalismo em ruínas. Eu estive confortavelmente isolada em meu apartamento, assegurada por um plano de saúde particular, com plataformas de *streaming* para me distrair, um mestrado para realizar e uma cachorrinha que adotei dois meses depois de me mudar. Não havia desculpas, era necessário produzir. Aliás, não era apenas necessário, era minha responsabilidade, nenhuma outra atividade se justificava.

Assim, é difícil não me empatizar pelas pessoas que me narram o mesmo cansaço e a mesma responsabilidade de fazer valer (ou merecer) seus privilégios. Principalmente quando elas são pessoas por quem nutro carinho e admiração. Exercitar um certo distanciamento para conhecê-las de uma nova maneira é um jogo sinuoso, afinal, como não me apoiar nas vantagens de compreendê-las por conta da intimidade e apenas replicar as impressões que acumulei ao longo dos anos? O que quero dizer é que todos os textos até aqui foram fruto de um exercício bastante reflexivo e um jogo sem cartilha ou manual para fisgar e recortar o que eram impressões minhas já construídas, do que eram práticas, do que eram apenas falas (da boca para fora), do que eram expectativas, enfim, assim por diante. Creio que esse foi um processo de elaboração e reelaboração do qual somente eu tenho controle e responsabilidade a partir do momento que os dados passam a habitar meus arquivos. Por isso, me pesa uma autoria de um trabalho irrecuperável. Sobre coisas que, obviamente, sempre vão ocupar um espaço no meu íntimo, afinal, sou tão acadêmica e cansada quanto eles. O peso da autoria será sempre uma medida em aberto.

Quando, de fato, comecei o campo, já havia voltado para a casa dos meus pais em Brasília (com minha cachorrinha, importante dizer). Não sentia mais a solidão maçante do meu apartamento em Porto Alegre, mas agora me sentia sufocada pela casa cheia (éramos seis pessoas e dois cachorros) depois de tantos meses silenciosos e arrastados com rotina e horários

pouco ortodoxos. A pandemia parece ter nos usurpado um pouco do nosso tato social e afetivo, pois iniciar uma chamada para o campo era sempre apreensivo e, posteriormente, me sentia esgotada: olhos cansados pela tela, cabeça doendo pela luz e ainda o volume de conversas depois de passar quase um ano sem falar mais do que alguns minutos com as pessoas, não estou dizendo que era ruim, pelo contrário, como senti falta de socializar. Entretanto, eu já não era mais a mesma pessoa de antes, tornei-me estranhamente introvertida e esgotada. Acrescido a isso, finalizava todos os encontros com a mente borbulhando de questões éticas e pessoais: Será que farei jus a essa pessoa? Será que escreverei apenas para agradá-la? Será que escreverei apenas para importuná-la? Como contar isso? Como escrever sem me deixar levar completamente pelos meus próprios sentimentos refletidos nessa pessoa? Não havia como. Por isso, deixei-me levar pela experiência e autonomia de etnógrafa (que não é das maiores, mas é alguma coisa). E tentei conciliar esse jogo de vulnerabilidade e compromisso acadêmico, sempre cuidando para que nos momentos que eu me extrapolasse nas palavras, isso fosse evidente: essa sou eu, dizendo coisas da minha própria cabeça.

Pois, além do pessoal, pesa em mim a recepção acadêmica de tudo isso. Afinal, como se fazer levar a sério? E o quanto eu, de fato, quero ser levada a sério? Ao escrever, exponho acadêmicos para acadêmicos, utilizo-os (e os consumo, como reflito no capítulo de Elisa) aos meus próprios fins e os moldo para caber dentro dos jargões científicos (afinal, quem disse que os textos acadêmicos são a melhor maneira de descrever pessoas?). O peso da Academia e seus prazos, me obriga a revisar constantemente o tempo que gastarei em cada uma das minhas etapas e a forma como resumirei cada vida, correndo o risco de, mesmo assim, não estar à altura. São jogos difíceis e negociações indiretas em que anseio para descobrir o quanto me validarão: professores e amigos. A quem respondo? Minha banca final ou aos sujeitos que me abriram seus lares e traumas?

Essas breves notas finais são o desenho das reflexões que acabam ficando de escanteio, pois o tempo urge e ainda não concluí coisa alguma.

## CONCLUSÃO: A televisão também, não

“A etnologia não é inocente.” (DE CERTEAU, 2016, p. 156)

Encerrar essa dissertação é tarefa penosa, pois parece ter sobrado pouco o que dizer sobre o que já foi dito e, ao mesmo tempo, muito o que contar sobre o que deixei pelo caminho. Assim, fico pensando: a que serve a conclusão além de amolar meus pensamentos? Devo revisar minha pesquisa? Dá-lhe um rumo ou uma utilidade? Talvez um ponto final para tudo o que foi escrito? Ou apenas deleitar-me com seu fim? Essas são perguntas bobas em termos práticos (mais umas das tantas que expressei em cada um dos capítulos), porém fazem todo o sentido quando meu recorte envolve justamente o sujeito acadêmico, já que encerro, aqui, não apenas meu curso de mestrado, mas o breve retrato que fiz de cada um desses pós-graduandos que estiveram tão cansados quanto eu nesse momento. Será que eles fizeram elaboradas conclusões? Ou escreveram em primeira pessoa? Será que ansiavam, como eu, concluir de uma vez por todas o seu texto para, enfim, fazerem tantas outras coisas que adiaram (mas que acabaram nunca fazendo)?

Enfim, ao longo dessa pesquisa, centrada no tema do uso social da televisão no tempo livre por estudantes de pós-graduação, tentei responder à questão de como se manifesta esse tempo livre sob a perspectiva de uma sociedade de desempenho. Para isso, me utilizei dos teóricos (nesse ponto já bastante explorados e repetidos) Byung-Chul Han (2015, 2018, 2019, 2021a) e Michel De Certeau (2014, 2016), principalmente<sup>64</sup>. O que, considerando minhas premissas de pesquisa, significou, basicamente, verificar a potência (ou a existência até) dos pontos centrais da dita sociedade de desempenho no tempo livre por meio da relação que os sujeitos constroem com a televisão e seus produtos.

---

<sup>64</sup> Há um vazio na minha análise teórica que é a carência de mais autores da área que essa pesquisa foi empreendida e concluída. Para isso, possuo algumas explicações (e desculpas). Como dito na sessão introdutória, nem sempre somos capazes de remontar a uma referência específica para dizer aquilo que nos motiva ao longo da pesquisa. Sendo assim, assumo minha limitação em mapear autores da área em questão que estivessem engajados nos mesmos interesses que eu (para além dos já citados nesse trabalho) ou nos mesmos autores e perspectivas. A segunda limitação é quanto ao tempo: muito fica para trás ou em segundo plano quando se há prazos para cumprir. Prefiro acreditar que se trata de uma incompetência minha que não pude superar dado que em algum momento eu deveria dar esse trabalho por encerrado, ao invés de apontar uma carência da própria disciplina da Comunicação. Enfim, estou ciente e partidária dessa crítica e a deixo insuperada e incompleta.

Para isso me utilizei do método etnográfico. E agora, finalmente, ao dá-lo por encerrado (será que o campo, de fato, se encerra em algum momento?) posso dizer que ele, na maneira que o empreendi e o adaptei, está pronto para ser julgado em sua legitimidade. Sobre o método, restam ainda muitas questões a serem feitas a respeito da sua indefinição, talvez eu tenha acabado por produzir breves recortes de histórias de vida por meio de análise documentais (diários) ou, ainda, tenha feito apenas um remendo de técnicas e torcido pelo melhor. São possibilidades e, provavelmente, tais questionamentos dependerão da minha habilidade literária de convencimento, mais do que das técnicas colocadas em prática ou dos dados colhidos. Ainda defendo que o que se fez foi uma etnografia, um tanto inconsequente e, em certos pontos, tão reflexivas e íntimas que quase me parecia um etnografar de sentimentos. Foi um exercício que se cair em desgraça metodológica, ao menos serviu como um registro dessa empreitada de adaptações do período pandêmico.

Para além dessas questões, o campo também foi um período de experiências e produções bastantes diferentes entre si no que diz respeito à feitura do diário. Cada um dos sujeitos apresentou um jeito próprio de lidar com a demanda que lhes foi dada, muitas vezes, inclusive, refletindo os hábitos de sua própria área de atuação na universidade, como Elisa que escreve em tópicos, semelhante a um relatório ou Júlia que, apesar de aceitar escrever em prosa, o faz de forma bastante ordenada e sistemática e até destacava algumas passagens que ela considerava que me eram úteis. Enquanto isso, Lorenzo, próximo das artes academicamente e profissionalmente, escreve de forma enigmática e poética, tudo se trata de inferências e subjetividade. Sem contar Ícaro que abandona a escrita completamente para apenas falar. Aprender todos esses dados e encaixá-los em algum tipo de modelo que eu pudesse utilizar academicamente foi tarefa difícil, afinal, quem ditará a ordem? Numa pesquisa que prevê uma sociedade individualista, num contexto de isolamento social, como emaranhar pessoas (que sequer se conhecem ou se encontraram) e depois comportá-las em categorias próximas? É como se eu quisesse enxergá-los enquanto grupo, quando, na verdade, eles nunca se apresentaram para mim dessa forma. Além de tudo isso, existe uma diferença perceptível de engajamento no diário, nos encontros e nas observações participantes de si quando traço um recorte de gênero<sup>65</sup>.

---

<sup>65</sup> Tentei empreender uma análise por meio de marcadores sociais ao longo do texto, porém essa foi a única diferença significativa que me permitiu ressaltar de forma curta e até leviana. Para as demais que aparecem de forma menos direta ou coadjuvantes do assunto principal, reconheço que lhes falta um aprofundamento, essa foi uma escolha pessoal de escrita e análise, afinal, é necessário considerar o quão breve é a duração da escrita de uma dissertação e que, por isso, limitei-me ao que cabia na minha questão norteadora e deixei para o futuro tudo aquilo

As mulheres (algumas mais do que outras, mas todas absurdamente mais do que os homens) foram assíduas e interessadas, faziam-me perguntas de volta quando conversávamos e até se preocupavam se eu estaria, mesmo, acompanhando suas escritas e jornadas (num acordo e cobrança recíproca de que eu deveria gerar algo significativo com aquilo que elas estavam produzindo atenciosamente). Até mesmo seus hiatos eram justificados e preenchidos com reflexões retroativas. Posso conjecturar alguns motivos para tal fenômeno, mas seria extrapolar minhas competências e propostas de pesquisa. O fato é que: as diferenças era gritantes (para além do recorte de gênero) e eu não tentei amenizá-las até que fosse a minha hora de narrar as histórias no papel.

Após essa percepção de que tal “grupo” se manifesta mais individualmente do que coletivamente, optei por dedicar um capítulo a cada um e, como ficou óbvio, escrever de forma que houvesse um padrão (afinal, tudo é muito empolgante, mas eu não poderia me esquecer do meu tema central), mas que ainda preservasse seus aspectos particulares, afinal de contas, essa escrita também se trata do que os sujeitos pensam de si e como querem se mostrar ao mundo. Pois bem, tentei fazer jus a isso. Ainda assim, é uma análise de leituras nas entrelinhas e inferências quase psicologizantes, isso porque da mesma forma que fui obrigada a praticar um estranhamento e desnaturalização do familiar, pude aproveitar da intimidade e dos conhecimentos prévios que me deram algumas chaves para abrir determinadas portas e portões. Creio que se trata de arranjos bastante comuns de campo, mas, de qualquer forma, bastante significativos na hora de montar o todo.

Por último, finalmente os agrupei. Uma hora teria de colocá-los lado a lado para poder dar alguma resposta ao meu objetivo de pesquisa, mesmo que seja apenas em uma tabela. Não desgastarei essa leitura replicando todos os atravessamentos já expostos anteriormente, assim, o que quero destacar é que os efeitos e desdobramentos da sociedade de desempenho são bastante presentes no cotidiano e nas práticas desses sujeitos, na forma como estabelecem prioridades, uso do tempo e, principalmente, em sua autoavaliação e autorreflexão constante. Entretanto, como era de se esperar, não são unânimes e, também, não agem da mesma forma, cada um a comporta em seu dia a dia de uma maneira própria. Quero retomar, ainda, que as ideias de Han (2015, 2018, 2019, 2021a) não são integralmente perceptíveis no domínio empírico, afinal, a coerção, além de ser bem consciente, não é feita apenas do sujeito para si, ela paira no ar através das diversas expectativas que são depositadas (ou que, pelo menos, os

---

que exigiria de mim um aprofundamento analítico e um aparato teórico para o qual não possuía o tão estimado tempo.

sujeitos acreditam que são) pelos indivíduos que o cercam, sem que esses, entretanto, os auxiliem de qualquer forma. Assim, apesar de perceber a coerção do desempenho como algo socialmente compartilhado, ainda se apoia em princípios individualistas. A pressão vem de todos, mas a produção é solitária, assim como a culpa e a frustração. E como disse Krenak (2020):

“Trata-se de uma provocação acerca do egoísmo: eu não vou me salvar sozinho de nada, estamos todos enrascados. E, quando eu percebo que sozinho não faço a diferença, me abro para outras perspectivas” (p. 104)

Ou, pelo menos, assim esperamos.

Isso me leva a crer que a coletividade continua sendo uma boa saída, como Han (2015, 2018, 2019, 2021a) prevê. Porém, é justamente na categoria do coletivo que assinalo a menor quantidade de sujeitos (apenas um e ainda com alguma boa vontade da minha parte, pois, como disse, poderia não o assinalar e ainda consideraria coerente ao meu trabalho) quando trato dos enfrentamentos e da cultura plural. É um quadro mirrado com poucas considerações sobre festa e ócio (algumas até que Han (2015, 2018, 2019, 2021a) certamente não consideraria como legítimas em seus termos), mas, mais uma vez, é necessário considerar que o desempenho pode ser, também, uma performance e que, como em qualquer prática etnográfica, é importante levar em consideração que os sujeitos estão constantemente agindo da maneira que gostariam de ser vistos e retratados. Não quero me aprofundar em caminhos teóricos que não elaborei para tal, mas, questiono-me: será que alguém quer ser visto como o sujeito da preguiça e das inutilidades? Isso se reflete na relação com a tevê, fortemente marcada pela distinção e pelo utilitarismo, ainda que bastante presente no cotidiano da maioria dos sujeitos, ela é relegada a uma atividade de segundo plano, inútil e que merece pouca atenção e reflexão (algumas vezes eu tinha a impressão de que os sujeitos se frustravam com meu interesse por tamanha futilidade ou que eu deveria dedicar esse tipo trabalho às “verdadeiras vítimas” da tevê), principalmente quando falamos sobre a programação aberta e facilmente acessível. Se há de se dedicar alguma importância a alguma televisão, ela deve ser, no mínimo, paga (pelo próprio sujeito ou por outros, já que o compartilhamento de contas de *streaming* é algo comum). Assim, a tevê não necessariamente é uma ferramenta de aprimoramento pessoal direto (ela não deixará seu corpo mais saudável, excetuando Elisa que acredita ser mais saudável por conta do tempo livre, ou lhe ajudar a conseguir uma promoção), mas de acúmulo de cultura útil e enobrecedora e composição de repertório. O tempo gasto para uma tevê inútil, aquela que “distrai”, deve ser

limitada e muito bem vigiada. Há um sentimento compartilhado de que a televisão é um espaço de passividade e manipulação e que se deve lutar ao máximo para não cair em suas garras, correndo o risco de perder tempo, dissipar a concentração, procrastinar, enfim, e tantas outras coisas que poderiam diminuir sua produtividade ou sua dedicação a lazeres mais “apropriados”. Não compartilho de suas visões nesse sentido (na verdade, só posso garantir isso quando estou atenta e analiticamente engajada com meus preceitos teóricos), mas é curioso como elas se aproximam da própria ideia de Han (2015, 2018, 2019) sobre mídia e consumo.

Pois bem, quando, de fato, se agarram a essa tevê de pouca qualidade, como é o caso do BBB, fazem questão de enfatizar que aquela não é a única tevê que assistem, que não é do seu feitio assistir esse tipo de programa e que, provavelmente, a culpa é da inércia provocada pela própria televisão ou o isolamento solitário da pandemia. Não estou contradizendo-os, não há como ignorar os efeitos da Covid-19 quando se trata de lazer e televisão, mas sempre me perguntei ao longo dos diários: qual seria o problema dessa tevê inútil? Ou da inutilidade como um todo?

Enfim, concluo minha dissertação com um retrato um tanto diferente do de Han (2015, 2018, 2019, 2021a) a respeito dessa sociedade que ele teorizou (e continua a teorizar, minha escrita mal termina e já estará defasada em comparação com a velocidade que Byung-Chul Han produz seus livros, que ironia), mas ainda bastante alinhada com seus preceitos principais, mesmo que restrita a um recorte não descrito em sua bibliografia (até agora). Dou-me por satisfeita.

## REFERÊNCIAS

#NAJANELAFESTIVAL (Plataforma YouTube - Maio, 2020) – **Sonhos para adiar o fim do mundo**, diálogo com Ailton Krenak e Sidarta Ribeiro. Disponível em: <<https://youtu.be/95tOtpk4Bnw>>. Acesso em 11 de fev. 2021.

ALMEIDA, Heloísa Buarque de. **Muito Mais Coisas**: Telenovela, Consumo e Gênero. 2001. 160f. Tese de doutorado em Antropologia Social. Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas – SP.

\_\_\_\_\_, Heloisa Buarque de. Mulher em campo: Reflexões sobre a experiência etnográfica. In: ALMEIDA, Rosely et al (Orgs.). **Gênero em matizes**. Bragança Paulista – SP: Editora da Universidade São Francisco, 2002, pp. 49-80.

ALONSO, Luis Enrique. Sujeto y discurso: el lugar de la entrevista abierta en las prácticas de la sociología cualitativa. In: DELGADO, Juan Manuel; GUTIÉRREZ, Juan. **Métodos y técnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales**. Madrid: Editorial Síntesis, 1995, p. 225-240.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Trad. José Fonseca. Porto Alegre – RS: Artmed, 2009. 138 p.

ANTUNES, Arnaldo; BELOTTO, Toni; FROMER, Marcelo; MIKLOS, Paulo. Cuidado com você. In: Titãs. **A Melhor Banda de Todos os Tempos da Última Semana**. Rio de Janeiro: Ariola Records, 2001. Faixa 16. Spotify.

ARANTES, A. A. Horas Furtadas: Dois ensaios sobre consumo e entretenimento. **Cadernos do Instituto de Filosofia e Ciências Humana**, nº 27. Campinas – SP: Unicamp. 1993.

AUGUSTO, Dante; NASCIM, Luísa; BARDO, Potyguara; NAZÁRIO, Walter. Plene. In: BARDO, Poyguara. [feat. Luísa e os Alquimistas]. **Simulacre**. Natal – RN: DoSol, 2018. Faixa 8. Spotify.

AVRELLA, Bárbara. **O Consumo Radiofônico no Ecosistema Midiático Atual: As Práticas Cotidianas de Ouvintes Gaúchos Residentes nos Ambientes Rural e Urbano.** 126f. 2021. Tese de doutorado em Comunicação Social. Escola de Comunicação, Artes e Design – Famecos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – RS.

BARRUCHO, Luis. Coronavírus: o que diz a Ciência sobre 6 pontos do discurso de Bolsonaro. **BBC News Brasil em Londres.** 25 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52041251>>. Acesso em 09 jul. 2020.

BIRMAN, Joel. Muitas felicidades?! O imperativo de ser feliz na contemporaneidade. In: FREIRE FILHO, João (Org.). **Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade.** Rio de Janeiro – RJ: Editora FGV, 2010, p. 27-47.

**BLADE Runner.** Direção: Ridley Scott. Produção: Michael Deeley. Estados Unidos: Warner Bros. Pictures, 1982.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: Crítica social do julgamento.** Trad. Daniela Kern e Guilherme João de Freitas Teixeira. Porto Alegre – RS: Zouk, 2007. 556 p.

\_\_\_\_\_, Pierre. **A Produção da Crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos.** Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira e Maria da Graça Jacintho Setton. São Paulo – SP: Zouk, 2004. 220 p.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega – Volume 1.** Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 1986. 419 p.

BRASIL. Decreto nº 10.344, de 11 de maio de 2020. Altera o Decreto nº 10.282, de 20 de março de 2020, que regulamenta a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, para definir os serviços públicos e as atividades essenciais. **Lex:** Diário Oficial da União, Brasília, edição 1, p. 1, 2020a.

BRASIL. Decreto nº 47.112, de 5 de junho de 2020. Dispõe sobre as medidas de enfrentamento da propagação do novo coronavírus (covid-19), em decorrência da situação de emergência em

saúde, e dá outras providências. **Lex**: Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020b.

CÁCERES, Luis Jesús Galindo. Sabor a ti. In: **Metodología cualitativa en investigación social**. Xalapa. Universidad de Veracruz, 1997, p. 171-190.

CAMOZZATO, Viviane Castro; COSTA, Marisa Vorraber. Vontade de pedagogia – pluralização das pedagogias e condução de sujeitos. **Cadernos de Educação**. Faculdade de Educação/PPGE/UFPEl, n. 44, 2013.

CANATTA, Fabio. A experiência da segunda tela na perspectiva do laço social. **12º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. Santa Cruz do Sul - RS, nov. 2014.

CANDIDO, Marcia Rangel; CAMPOS, Luiz Augusto. Pandemia reduz submissões de artigos acadêmicos assinados por mulheres. **Blog DADOS**. 14 mai. 2020. Disponível em: <<http://dados.iesp.uerj.br/pandemia-reduz-submissoes-de-mulheres/>>. Acesso em 09 jul. 2020.

CANZIAN, Fernando. Falas de Bolsonaro contra isolamento podem ter matado mais seus eleitores, aponta estudo. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 30 jun. 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/06/falas-de-bolsonaro-contraisolamento-podem-ter-matado-mais-seus-eleitores-aponta-estudo.shtml>>. Acesso em 09 jul. 2020.

CARLOTTO, Mary Sandra. A síndrome de burnout e o trabalho docente. **Psicologia em estudo**, v. 7, p. 21-29. 2002.

CARNEIRO, Elizabeth. Byung-Chul Han: você ainda vai ouvir falar dele. **Veja**. 03 dez. 2020. Disponível em: <<https://vejario.abril.com.br/blog/manual-de-sobrevivencia-no-seculo-21/byung-chul-han/>>. Acesso em 04 de dez. 2021.

CASOS de coronavírus no Brasil em 22 de março. **G1 Bem-estar**, 22 mar. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/22/casos-de-coronavirus-no-brasil-em-22-de-marco.ghtml>>. Acesso em 09 jul. 2020.

CASTELLANO, Mayka; MEIMARIDIS, Melina. Netflix, Discursos de Distinção e os Novos Modelos de Produção. **Contemporânea | comunicação e cultura**, Bahia, v. 14, n. 02, p. 193-209, maio-ago. 2016.

CORBIN, Alain. Do lazer culto à classe do lazer. In: CORBIN, Alain. **A História dos Tempos Livres: O Advento do Lazer**. Trad. Telma Costa. São Paulo – SP: Editora Teorema, p 59-91, 2001.

\_\_\_\_\_, Alain. História dos tempos livres. In: CORBIN, Alain. **A História dos Tempos Livres: O Advento do Lazer**. Trad. Telma Costa. São Paulo – SP: Editora Teorema, p 5-19, 2001.

CRARY, Jonathan. **24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono**. Trad. Joaquim Toledo Jr. São Paulo – SP: Ubu, 2016. Ebook.

DE CERTEAU, Michel. **A cultura no plural**. Trad. Enid Abreu Dobránszky. Campinas – SP: Papyrus, 2016. 253 p.

\_\_\_\_\_, Michel. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Trad. Ephraim F. Alves. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 2014. 319 p.

DEBIASI, Carlos Alberto. A vida em torno da TV: apontamentos para uma história cultural da televisão. Trabalho apresentado na DT 4 – Comunicação Audiovisual. **XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**, 2018.

DELEUZE, Giles. Post-scriptum Sobre as Sociedades de Controle. In: DELEUZE, Giles. **Conversações, 1972 – 1990**. Trad. Peter Pal Pelbart. Rio de Janeiro – RJ: Ed. 34, p. 219-226, 1992.

DELGADO, Juan Manuel; GUTIÉRREZ, Juan. Teoría de la observación. In: DELGADO, Juan Manuel; GUTIÉRREZ, Juan. **Métodos y técnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales**. Madrid: Editorial Síntesis, 1995, p 141-173.

DOUGLAS, Mary. O mundo dos bens, vinte anos depois. **Horizontes Antropológicos**, v. 13, n. 28, p. 17-32, 2007.

\_\_\_\_\_, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens**: para uma antropologia do consumo. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro – RJ: Editora UFRJ, 2013. 303 p.

EHRENBERG, Alain. Introdução. In: EHRENBERG, Alain. **O culto da performance**: da aventura empreendedora à depressão nervosa. Trad. e Org. Pedro F. Bendassoli. Aparecida – SP: Idéias e Letras, p. 09-14, 2010.

EPIDEMIA de coronavírus dá sinais de desaceleração na Itália e Espanha. **Exame**, 03 abr. 2020. Disponível em: <<https://exame.com/mundo/epidemia-de-coronavirus-da-sinais-de-desaceleracao-na-italia-e-espanha/>>. Acesso em 09 jul. 2020.

FANJUL, Sergio C. Byung-Chul Han: “O celular é um instrumento de dominação. Age como um rosário”. **El País**. 09 out. 2021. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/cultura/2021-10-09/byung-chul-han-o-celular-e-um-instrumento-de-dominacao-age-como-um-rosario.html>>. Acesso em 04 de dez. 2021.

FERRAZ, Maria Cristina Franco. Avaliação e performance: a era do homem avaliado. **Anais do 23º Encontro Anual da Compós**, 2014.

FRASER, Nancy. **O velho está morrendo e o novo não pode nascer**. Trad. Gabriel Landi Fazzio. São Paulo – SP: Autonomia Literária, 2019. Ebook.

FREIRE FILHO, João. A felicidade na era de sua reprodutibilidade científica: construindo “pessoas cronicamente felizes”. In: FREIRE FILHO, João (Org.). **Ser feliz hoje**: reflexões sobre o imperativo da felicidade. Rio de Janeiro – RJ: Editora FGV, p. 49-78, 2010.

\_\_\_\_\_, João. Apologias da ambição: a ética e a ciência do sucesso em VEJA e ISTOÉ. **Anais do 22º Encontro Anual da Compós**, 2013.

\_\_\_\_\_, João. Mídia, consumo cultural e estilo de vida na pós-modernidade. **Revista ECO-Pós**, v. 6, n. 1, p. 72-97, 2003.

FRIEDAN, Betty. **A mística feminina**. Trad. Carla Bitelli, Flávia Yacubian. Rio de Janeiro – RJ: Rosa dos tempos, 2020. Ebook.

GAMA, Fabiene. A autoetnografia como método criativo: experimentações com a esclerose múltipla. **Anuário Antropológico**, n. 2, p. 188-208, 2020.

\_\_\_\_\_, Fabiene. Sobre emoções, imagens e os sentidos: estratégias para experimentar, documentar e expressar dados etnográficos. **RBSE** v. 15 n. 45, p. 116-131, dez. 2016.

GEERTZ, Clifford. **Obras e vidas: O antropólogo como autor**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro – RJ: Editora UFRJ, 2009. 193 p.

GESSINGER, Humberto. Filmes de guerra, canções de amor. In: Engenheiros do Hawaii. **A Revolta dos Dandis**. Nova Iorque: RCA Records Label, 1987. Faixa 5. Spotify.

GILMOUR, David; MANSON, Nick; WATERS, Roger; WRIGHT, Richard. Time. In: PINK FLOYD. **The dark side of the moon**. Londres: Pink Floyd Records, 1973. Faixa 4. Spotify.

HALBERSTAM, Jack. **A arte queer do fracasso**. Trad. Bhuvi Libanio. Recife – PE: Companhia Editora de Pernambuco – Cepe, 2020. 258 p.

HALL, Stuart. A relevância de Gramsci para o estudo de raça e etnicidade. In: HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Trad. Adelaine La Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy, Claudia Alvares, Francisco Rudiger e Sayonara Amaral. Belo Horizonte - MG: Editora UFMG, p. 294-334, 2003.

HAN, Byung-Chul. **Bom entretenimento**. Trad. Lucas Machado. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 2019. Ebook.

\_\_\_\_\_, Byung-Chul. **Favor fechas os olhos**: Em busca de um outro tempo. Trad. Lucas Machado. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 2021a. 57p.

\_\_\_\_\_, Byung-Chul. O coronavírus de hoje e o mundo de amanhã, segundo o filósofo Byung-Chul Han. **El País**. 22 mar. 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/ideas/2020-03-22/o-coronavirus-de-hoje-e-o-mundo-de-amanha-segundo-o-filosofo-byung-chul-han.html>>. Acesso em 02 de mai. 2021.

\_\_\_\_\_, Byung-Chul. O vírus capitalista do cansaço incessante. **Outras Palavras**. 13 mai. 2021b. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/crise-civilizatoria/o-virus-capitalista-do-cansaco-inecessante/>> Acesso em 31 de mai. 2021.

\_\_\_\_\_, Byung-Chul **Psicopolítica**: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Trad. Maurício Liesen. Belo Horizonte – MG: Editora Âyiné, 2018.117 p.

\_\_\_\_\_, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 2015. Ebook.

INLOCO. **Mapa Brasileiro da Covid-19**. Disponível em: <<https://mapabrasileirodacovid.inloco.com.br/pt/>>. Acesso em 09 jul. 2020.

ISOLAMENTO no Pará é o melhor do Brasil, mas segue abaixo do recomendado; Belém chegou 60%. **G1 Pará**, Belém, 11 mai. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2020/05/11/isolamento-no-para-aumenta-mas-ainda-esta-abaixo-do-recomendado-belem-chegou-60percent.ghtml>>. Acesso em 09 jul. 2020.

JÁUREGUI, Guillermo Núñez. Byung-Chul Han, ruega por nosotros. **Nexos**. 21 nov. 2021. Disponível em: <<https://cultura.nexos.com.mx/byung-chul-han-ruega-por-nosotros/>>. Acesso em 04 de dez. 2021.

JOEL, Billy. Vienna. In: JOEL, Billy. **The Stranger**. Nova Iorque: Phill Ramone, 1977. Faixa 5, Disco 1. Spotify.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia**. Estudos Culturais: Identidade e Política entre o Moderno e o Pós-Moderno. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo – SP: EDUSC, 2001. 452 p.

KRENAK, Ailton. **A Vida Não é Útil**. São Paulo – SP: Companhia das Letras, 2020. 126 p.

KRENAK, Ailton. **Ideias para Adiar o Fim do Mundo**. São Paulo – SP: Companhia das Letras, 2019. 46 p.

LEAL, Ondina Fachel. **A Leitura Social da Novela das Oito**. 1983. 84f. Dissertação de mestrado em Antropologia Social. Curso de pós-graduação em Antropologia, Política e Sociologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS.

LEMO, Vinicus. Coronavírus: por que primeira pessoa infectada no Brasil pode nunca ser descoberta. **BBC News Brasil**, São Paulo, 26 abr. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52334034>>. Acesso em 09 jul. 2020.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação**: formulação de um modelo metodológico. São Paulo – SP: Edições Loyola, 1990. 148 p.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro – RJ: Editora UFRJ, 1997. 356 p.

MILLER, Daniel. **How to conduct an ethnography during social isolation**. Youtube, 3 mai. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NSiTrYB-0so&t=11s>> Acesso em 2 out. 2021.

MIRANDA, Fernanda Chocron. **Consumo de vídeo entre jovens**: um estudo qualitativo em dois municípios do Norte e Sul do Brasil. 2019. 380f. Tese de doutorado em Comunicação.

Curso de pós-graduação em Comunicação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e de doutorado em Ciências Sociais pela KU Leuven University, Porto Alegre – RS.

MORAIS, Olga Marmori de. **Não sou noveleiro**: recepção e uso social da minissérie “Justiça” na perspectiva da classe média. 2017. 91 f. Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Antropologia Social na Universidade de Brasília, Brasília – DF.

MORETZSOHN, Sylvia. **A velocidade como fetiche**: o discurso jornalístico na era do “tempo real”. 2000. Dissertação de mestrado em Comunicação Social. Curso de pós-graduação em Comunicação na Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro - RJ.

MUANIS, Felipe de Castro. **Convergências audiovisuais**: linguagens e dispositivos. Curitiba – PR: Editora e Livraria Appris, 2020. Ebook.

PACHECO, Paulo. PNT: Vale a Pena Ver de Novo e Malhação crescem durante pandemia. **Uol Na telinha**, 19 jun. 2020. Disponível em: <<https://natelinha.uol.com.br/novelas/2020/06/19/pnt-vale-a-pena-ver-de-novo-e-malhacao-crescem-durante-pandemia-146708.php>>. Acesso em 09 jul. 2020.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes antropológicos**, n. 42, p. 377-391, 2014.

PINK, Sarah. Doing ethnography remotely. [Entrevista concedida a] Sylvia Yanagisako. **Center for Global Ethnography**. 18 mai. 2020. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=z\\_\\_t7WkQ2c4](https://www.youtube.com/watch?v=z__t7WkQ2c4)>. Acesso em 2 de out. 2021.

\_\_\_\_\_, Sarah. **Doing visual ethnography**. Londres – UK: SAGE, 2013.

PORTER, Roy. Os ingleses e o lazer. In: CORBIN, Alain. **A História dos Tempos Livres: O Advento do Lazer**. Trad. Telma Costa. São Paulo – SP: Editora Teorema, p 19-58, 2001.

RANIERI, Jesus. Alienação e estranhamento: a atualidade de Marx na crítica contemporânea do capital. In: **Conferência Internacional Karl Marx y los desafios del siglo**, v. 21, n. 3, 2006.

RIBEIRO, Sidarta. **O oráculo da noite**: A história e a ciência do sonho. São Paulo – SP: Companhia das Letras, 2019. Ebook.

SANTOS FILHO, J. Ensaio sociológico sobre o fenômeno do lazer em Karl Marx e Paul Lafargue. **Revista Turismo em Análise**, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 150-165, 2004.

SCHMITZ, Daniela Maria. **Vivendo um Projeto em Família**: Consumo midiático, beleza feminina e o sonho juvenil de ser modelo profissional. 154f. 2013. Tese de doutorado em Comunicação e Informação. Departamento de Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – RS.

SILVA, Rodrigo Lage Pereira. **O jogo Counter Strike**: interações entre entusiastas por meio de comentários em Websites, 2017. 135f. Dissertação de mestrado em Estudos de Lazer do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer. Curso de pós-graduação em Lazer e Sociedade na Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG.

SIERRA, Francisco. Función y sentido de la entrevista cualitativa en investigación social. In: GONZÁLEZ, Jorge A.; PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **Arte y oficio de la investigación científica**: cuestiones epistemológicas y metodológicas. Quito: Ediciones Ciespal, 2019, p. 301-380.

SOUSA, Livia Silva de. **A Circulação Midiática na Base da Vida Material**: do Consumo de Marcação à Marcação do Consumo. 157f. 2017. Tese de doutorado em Ciências. Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo – SP.

SOUSA, Vítor de. Han, B.-C. (2016). O aroma do tempo. Um ensaio filosófico sobre a arte da demora. **Comunicação e sociedade**, n. 35, p. 281-286, 2019.

STOLLER, Paul. Imaging Knowledge: Visual Anthropology, Storytelling and the Slow Path Toward Wisdom. **Kritisk etnografi: Swedish Journal of Anthropology**, v. 3, n. 1, p. 9-21, 2020.

**THE DEVIL wears Prada**. Direção: David Frankel. Produção: Wendy Finerman. Estados Unidos: 20th Century Fox, 2006.

THIESSE, Anne-Marie. Organização dos lazeres dos trabalhadores e tempos roubados (1880-1930). In: CORBIN, Alain. **A História dos Tempos Livres: O Advento do Lazer**. Trad. Telma Costa. São Paulo – SP: Editora Teorema, p 363-392, 2001.

TONDATO, M. P.; BACCEGA, M. A.; ANTONACCI, A.; ROCHA, C. R. N. C.; ABRÃO, MARIA AMÉLIA PAIVA; JUNQUEIRA, A. H.; SABOIA, C. T. N.; BUDAG, F. E. Novos formatos teleficcionais e a recepção da televisão de qualidade no Brasil: um olhar para a supersérie Onde Nascem Os Fortes. **A construção de mundos na ficção televisiva brasileira**. 1. ed. Porto Alegre – RS: Editora Sulina, v. 6, p. 225-247, 2019.

TRIGO, Luciano. Pensador da moda, Byung-Chul Han ataca o neoliberalismo. **G1**. 30 out. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/blog/luciano-trigo/post/2019/10/30/pensador-da-moda-byung-chul-han-ataca-o-neoliberalismo.ghtml>>. Acesso em 04 de dez. 2021.

URIARTE, Urpi Montoya. Podemos todos ser etnógrafos? **Redobra**, Salvador, v. 10, p. 171-189, 2012.

VALIATI, Vanessa Amália Dalpizol. **“Você Ainda Está Assistindo?”**: O consumo audiovisual sob demanda em plataformas digitais e a articulação das práticas relacionadas à Netflix na rotina dos usuários. 2018. 139f. Tese de doutorado em Comunicação e Informação. Departamento de Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – RS.

WOLTON, Dominique. **Elogio ao grande público**: uma teoria crítica da televisão. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo - SP: Editora Ática, 1996. 319 p.

ZIMMERMAN, Don H.; WIEDER, D. Lawrence. The Diary-Interview Method. **Urban Life**, v. 5, n. 4, p. 479-498, 1977.